A CIGARRA
magazine

ANNO XXIII —— RIO - SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1936 —— NUMERO 35

Direcção de MENOTTI DEL PICCHIA

Editada pela Sociedade Anonyma "A CIGARRA"

MENSARIO ILLUSTRADO

Fundada por GELASIO PIMENTA

Assignaturas registradas para todo o Brasil:

Anno . . . . . . 27$000
Semestre . . . . . . 15$000

Para o Exterior:

Anno. . . . . . 48$000
Semestre . . . . . . 25$000

NUMERO AVULSO PARA TODO O BRASIL RS. 2$000

Redacção: Rua Sete de Abril, 62 — Telephone: 4-4272 (São Paulo)

Administração: Rua 13 de Maio 33/35 — Telephs.: 22-6580 e 22-6581 (Rio)

Agentes na EUROPA: Compotoir Inter. de Publicité—9 rue Tronchet — PARIS

Soc. Mutuelle de Publicité — 14, rue Rougemont — PARIS

Indice das Materias

CONTOS

NOVELLAS CURTAS

SUPPLEMENTO CINEMATOGRAPHICO

SUPPLEMENTO CRIMINAL

SUPPLEMENTO FEMININO

ROMANCE URBANO

Conto de ROYAL BROWN

Pete Emmons estava farto de gastar o seu tempo de folga dos estudos e os cobres da mezada com complicações sociaes envolvendo pequenas cretinas e escorregadias.

E naquelle sabbado, teve uma idéa differente: iria convidar uma garota das Lojas "Nada Além"... para um passeio a uma praia pouco distante. Gastaria cinco dollares em vez de cincoenta e se divertiria cincoenta vezes mais.

* * *

Mal entrou na primeira loja da lista que havia feito para explorar, deu logo com uma deusa absolutamente irreal: uma jovem loura, de feições perfeitas, tez inacreditavel.

Languidamente, ella dizia a uma quarentona oxigenada:

— Sim, minha senhora, é um optimo creme, o que eu uso...

— Deseja alguma coisa? — perguntou alguem ao ouvido direito de Pete.

O rapaz se voltou e encarou a dona daquella voz grave e ligeiramente rouquenha. Uma rapariga esbelta, de cabellos de um tom indeciso entre o louro e o cinza, olhos escuros, pelle tostada pelo sol — o nariz estava barbaramente descascado — repetiu:

— Deseja alguma coisa?

Hum... pensou Pete. Talvez aquella creatura fosse bem conveniente para um emprego modico de capital. O uniforme da loja era de mangas curtas, e os braços da possivel pechincha tinham covinhas nos cotovellos.

— Gostaria de me servir em alguma coisa? — indagou Pete por sua vez.

Ella não piscou nem sorriu.

— Se não sabe a loção, o sabonete ou a pasta para dentes que lhe possa agradar, talvez eu possa aconselhal-o acertadamente.

— Quero um presente para uma senhora.

— Uma senhora de que idade?

— Jamais pergunto a uma senhora que idade tem.

A pequena continuou firme.

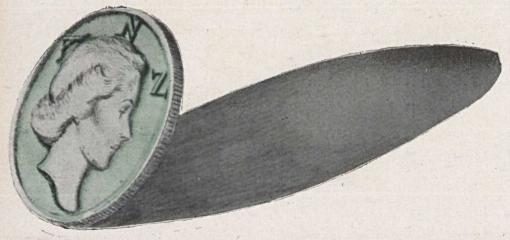
— Trata-se de um presente de anniversario?

— Hum... Bem, para ser franco, trata-se de uma cavação. Não poderia me indicar algo conveniente, e ao mesmo tempo fóra do commum?

Sim, ella tinha outras covinhas além das dos cotovellos. O sorriso foi rapido, e a resposta a seguinte:

— E' possivel que nesse caso **ella** prefira um revolver... Mas não vendemos armas aqui. Em frente, ha uma casa de armamentos.

Pete ficou encantado, mas lançou um olhar á deusa loura antes de definir a sua posição. A loura concluira a venda do pote de creme e retocava o penteado com uma indifferença que bem demonstrava o seu conhecimento de que estava sendo observada.

— Pois então vou lhe pedir um favor, — disse Pete, ignorando definitivamente a loura e fitando nos olhos a pequena do nariz descascado. — Faltam quinze minutos para as seis. Se sahir logo depois de seis, talvez ainda haja uma meia porta da casa de armas aberta. Quer me ajudar a escolher um revolver?

Quando a pequena estava sentada no automovel que Pete pedira emprestado a um collega mais aquinhoado pela fortuna, elle propoz:

— Vamos até Rever Beach dar uns mergulhos e umas braçadas?

Ella olhou-o, como se estivesse examinando uma peça de fita da qual pretendesse comprar alguns metros, pensou Pete. Mas agradou-lhe notar que ella o examinava, sem pesar de preferencia a proposta, que era sem duvida o que costumavam fazer as suas conhecidas da sociedade dita alta.

— **H-m, h-m**... — disse ella em tom de quem acceitava.

— Como se chama? — perguntou Pete.

— Anne Boleyn.

— Anne Boleyn? Ora, mas esse era o nome de uma das mulheres de Henrique VIII.

— Pois é. Vi numa fita. Todas as minhas amigas acharam graça e me chamaram a attenção para a coincidencia.

Anne Boleyn attendia na vida real ao nome de Ann Brewster. Mas percebia o plano de Pete e, tendo-o acceito não sabia bem por que motivo, pretendia agora bancar a idiota para decepcional-o.

— E você, como se chama? — perguntou ella.

— Pete... Mas, na verdade, Petersen.

— Conheci um sueco muito comprido que tinha o mesmo nome. Era meu noivo, mas foi para Chicago, aprendeu a voar e nunca mais me deu noticias.

— Meus pezames.

— Ora, não cheguei a roer as unhas por causa disso. Gosto de estudantes. O meu noivo actual é estudante.

— Ah, está noiva?

— **H-m, h-m.**

— De um estudante?

— **H-m, h-m.**

* * *

Anne Boleyn nadou quasi uma hora, com o rapaz que a fôra descobrir numa loja modesta, esperando se divertir mais do que habitualmente com menor despesa.

Depois, declarou que precisava chegar em casa ás oito horas, ou o pae não teria o que jantar.

O pae de Ann Brewster era, de certo modo, mais um filho do que um pae. Filho unico de um sujeito que possuia immoveis e tinha grandes depositos em alguns bancos importantes, mas que jurara que o filho haveria de se arrumar na vida sem o seu auxilio, até quando chegasse o momento de receber a herança. E pae de um rapaz e uma pequena que não lhe pesavam nem no bolso nem no genero de vida.

John Brewster não tinha, na realidade, muito geito para se arrumar na vida. Era desenhista de varios generos de embarcações, e bom desenhista, mas sempre tivera o defeito de dizer aos patrões successivos que ia tendo exactamente o que pensava a respeito delles. Dessa maneira, conseguira manter permanentemente uma situação incerta, sem se firmar jámais num emprego.

A mãe de Ann havia morrido quando ella e seu irmão James, o primogenito, ainda eram pequenos. James estava bem na vida. Ann imaginava que elle recebesse um ordenado equiva-

lente á metade do que dizia aos amigos e ao dobro do que dizia a ella. Todos os mezes, elle lhe enviava vinte e cinco dollares e um bilhete mais ou menos nestes termos:

Querida Ann: Segue junto um cheque na importancia de $25. E' o mais que posso fazer este mez. Comprei um carro novo e as creanças estão tratando dos dentes. Jim.

Além desses vinte e cinco dollares, Ann achou que seria conveniente ganhar vinte dollares semanaes quando soube de uma vaga na loja em que afinal se empregara.

Um pouco irritado com o genero improductivo de pequena que arranjara, Pete sentia-se no emtanto inexplicavelmente interessado. Pediu a Ann Boleyn que o apresentasse ao pae, ao que ella respondeu affirmativamente depois de um segundo de reflexão.

* * *

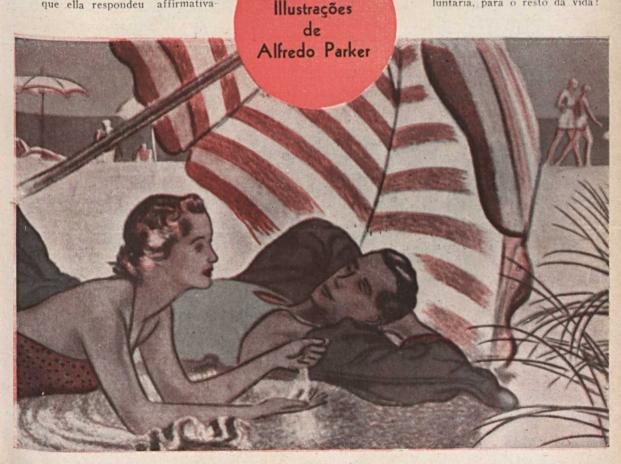
Cinco dias depois Pete Emmons sabia porque se interessava por Ann Brewster, além de ser capaz de se metamorphosear em Anne Boleyn, era ainda capaz de varias outras coisas na vida. E o noivo de que falara a Pete de facto não existia.

* * *

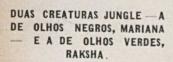
Dois mezes mais tarde, Dick Stone, o dono do carro no qual Pete levara Ann a passear pela primeira vez, estourava uma gargalhada ao receber a grande nova:

— Ah, então você vae casar com a pequena da loja "Nada Além"? Boa bola! Pretendia fazer economia e se divertir mais livremente e acaba preso e tendo que sustentar o doce lar! Por isso é que eu não acredito em "golpes"!

— Qual preso e sustentar coisissima nenhuma, meu velho. Ann me deu a idéa de explorarmos o pae della, obrigando-o a trabalhar com methodo e collocando os seus modelos. Parece que com isso faremos bons cobres. Ella tomará conta do nosso escriptorio e eu me entenderei com os armadores. E quanto a ficar preso, Ann é francamente da liberdade mais rasgada, inclusive a de mudar de rumo no amor desde que disso se sinta a necessidade. O diabo é que quando as coisas começam assim dão numa prisão roxa, embora voluntaria, para o resto da vida!

Illustrações de Alfredo Parker

UM DRAMA NA SELVA

Conto de EDISON MASHALL
Illustrações de Ralph P. Coleman

DUAS CREATURAS JUNGLE — A DE OLHOS NEGROS, MARIANA — E A DE OLHOS VERDES, RAKSHA.

Uma historia surprehendente, tendo como heroinas outra bella e outra féra.

Clark Howard não queria olhar para o que estava no chão: os restos de um homem devorado por tigre. Só imaginar o que seria o quadro, dava-lhe uma reviravolta no estomago. Mas os indigenas haviam levado, excitados e sorridentes, o seu sahib para ver aquillo. Não havia nada a fazer senão olhar mesmo.

Era estranho que um homem como elle fizesse luxos para ver um pouco de carne e ossos triturados e sangrentos. Elle já matara innumeros animaes selvagens, conservando os ossos de alguns delles para decorar as paredes de seu quarto. Um caçador de fama internacional e trinta e cinco annos de vida não deveria ter os nervos tão sensiveis. No entanto, elle sempre fôra assim. E de subito surprehendeu-o o raciocinio de que era um grande caçador não a despeito dessa fraqueza, mas justamente em virtude dessa fraqueza.

Não considerava a caça uma actividade brutal, mas sim voluptuosa. As florestas carregadas de aromas acres ou doces; os rumores da noite; o duello entre a sua intelligencia e a ferocidade dos animaes perseguidos; e sobretudo a belleza desses animaes, quando, depois de feridos, os tinha por alguns momentos entre as mãos — aquella era a vida mais emocionante que um homem póde levar. Caçar é uma arte. O prazer de matar um tigre, para elle, só era comparavel á paixão triumphante do amor.

E agora era um tigre — a femea de um tigre — quem matara.

— Aqui, Sahib, — disse um dos homens.

Elle olhou, e não se sentiu nem um pouco repugnado. O punhado de carne branca e ossos manchados de sangue teve um effeito inteiramente differente sobre a sua sensibilidade. Aquillo era tudo que restava de um jovem e esbelto indigena, Khoda Duro. Khoda Duro partira com uma manada de bufalos para a povoação mais proxima, duas noites antes. Os tigres, em geral, preferem caçar os outros animaes a caçar o homem — mas daquella vez Raksha escolhera o homem para o sacrificio.

Mais do que a Khoda Duro, Raksha sacrificara a jovem e gorducha mulher do indigena e seus filhos pequeninos.

Raksha, cuja pista era sempre facilmente identificada pelos experientes indigenas e pelo caçador branco, era uma femea de tigre que se especializara pela preferencia ao homem como alimento. Naquelle dia, Clark jurou que não descançaria emquanto não o matasse.

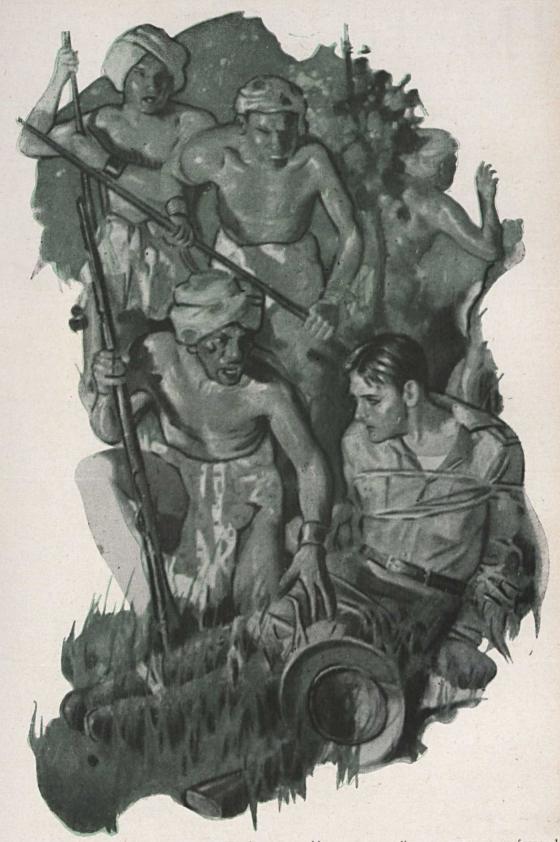
* * *

Depois de um mez de perseguição, Clark ainda não encontrara Raksha.

Um bello dia, apresentou-se a elle um homem do interior, dizendo:

— Sahib, Raksha comeu minha mulher.

E na sua meia lingua informou o caçador de que Raksha costumava frequentar periodicamente os arredores de uma aldeia cujos habitantes eram particularmente devotos de Brahma. Se o Sahib quizesse ir na proxima lua para as proximidades da aldeia e preparasse uma armadilha, era quasi certo que pegaria Raksha.

Havia uma difficuldade, comtudo. A armadilha deveria consistir de uma novilha ou um cabrito collocado em logar conveniente, para attrair o tigre; ora, os habitantes

da povoação brahmane não permittiriam que nenhuma cabeça do gado que lhes pertencia fosse sacrificada, por considerar sagrados os animaes de pasto. Só havia um remedio, e Lharan, o indigena, propoz-se a fornecel-o: um cabrito seguiria viagem com a turma de Clark.

Combinou-se a partida, e tambem que Lharan e seus dois filhos, uma menina de quatorze annos e um menino de treze, fariam parte da caravana, encarregados do transporte do cabrito.

Quando Clark viu pela primeira vez a filha de Lharan, ficou perturbado. Mara, como se chamava ella, possuia um corpo excessivamente bem feito e torneado e um olhar negro e brilhante, que se desviou perturbado dos olhos azues e fixos de Clark.

O caçador, no emtanto, conservava os preconceitos da civilização em cujo seio fôra creado. A belleza de Mara accelerava o pulsar de seu coração, mas para elle era ella apenas uma creança... No emtanto, bem o sabia, por um punhado de moedas de prata seu pae permittiria tudo.

E a pequena, elle bem via, deixava-se impressionar pelo grande Sahib, talvez mesmo pensasse no dote que elle lhe daria quando se fosse e que a habilitaria a casar com um homem de sua raça.

Naquella tarde, só os dois ficaram no acampamento. Sentada sobre os calcanhares, a pequena o olhava e de vez em quando sorria.

— Se fosses uma menina civilisada, — disse-lhe o caçador, procurando conversar para illudir o perigo, — terias os cabellos cortados pelo hombro, usarias um vestido que desceria até os joelhos e em vez de tomar conta do cabrito de Raksha irias todos os dias ouvir dos labios de uma mem-sahib coisas que te instruiriam.

— E... aquelles que precisassem de esposa não me olhariam?

— Só daqui a cinco ou mesmo dez annos... Nas férias dos estudos, isto é, quando não fosse época de aprenderes, irias para os campos e para as praias com outras de tua idade. Serias uma escoteira.

— Que é uma... escoteira?

Elle lhe disse o que era uma escoteira, que além de outras coisas deve executar uma boa acção por dia.

— Parece bom... — murmurou Mara, encantada pelo branco e suas palavras floreadas.

Clark discorreu ainda sobre diversos aspectos da civilisação, viagens em grandes transatlanticos, theatros, etc...

Mas nada que ia descrevendo lhe parecia melhor que a vida contida em Mara e que se offerecia a elle com tão grande simplicidade.

— Ouves o gongo do templo? — perguntou de subito a jovem indigena. — Meu pae diz que os homens do povoado são loucos...

— Bem, é hora de ir procurar Raksha.

— Sim, Sahib.

* * *

Meia hora depois, elle estava deitado no matto, não muito longe do cabrito. Talvez Raksha se approximasse naquella noite. Era uma felicidade que o cabrito não soubesse de nada, ou soffreria horrivelmente. Sim, um homem, em tal situação...

Um subito rumor interrompeu os estranhos pensamentos de Clark. Varios indigenas surgiram á sua frente. Uma partida de caça, sem duvida, pois estavam todos armados...

— Vimos te falar, Sahib. Foi o Guru quem nos mandou.

— Que deseja o vosso chefe? Não vêdes que estou á espera de Raksha, para matal-a, para que ella não mais coma os vossos companheiros, as vossas mulheres, os vossos filhos? Ide, ou quebrarei as vossas cabeças.

— Não quebrarás as nossas cabeças. Queres sacrificar um cabrito, e o cabrito é sagrado para Brahma e para o seu povo.

Clark ficou indeciso. E essa decisão deu tempo aos indigenas para agir. Pouco depois, o caçador estava amarrado com espingarda e tudo.

— Agora, — disse o chefe do bando, — levaremos o cabrito comnosco e Raksha te comerá. Estás condemnado por Brahma.

* * *

Quando os indigenas se foram, Clark entregou-se ao desespero. Nada podia fazer!

De um ferimento na cabeça, proveniente da luta com os indigenas, o sangue escorria. Se Raksha se approximasse, o cheiro de sangue o poria a perder.

Um tremor sacudiu Clark; talvez consequencia de ferimento, talvez de medo.

* * *

A noite foi avançando, a lua surgiu por entre os galhos das arvores.

Raksha não precisava daquella lua para achal-o. Tinha duas luas de um verde pallido, que eram os seus olhos, para esse fim.

— Meu Deus, — pensou Clark, — fazei com que Raksha siga outra trilha esta noite.

Como resposta ironica, o vento fez-lhe chegar aos ouvidos um rugido distante. Ou talvez fosse simples illusão da imaginação exaltada do caçador...

Mas logo o seu coração ficou ferido pela certeza: outro rugido, mais proximo. Era mesmo Raksha.

E de subito Clark fez uma grande descoberta: Raksha poderia vir, elle se sentia com forças para supportar a morte!

Mais um rugido — e que rugido! A fera se approximava.

Depois, os olhos phosphorescentes entre a folhagem negra. Raksha, ao alcance de um tiro facil, se elle pudesse atirar!

A femea agitou a cauda. "Vae se preparar para o bote", pensou Clark friamente.

Mas não, Lambendo com indifferença os bigodes, Raksha executou com indolencia e graça uma meia volta e se afastou. Estava farta!

Sentindo de novo a possibilidade de viver, Clark estremeceu. Que força tinha, outra vez, o seu coração.

* * *

Não saberia dizer quanto tempo passara immovel, um pouco offegante, primeiro, depois sereno, de olhos abertos, sem nenhum pensamento consistente.

Depois, novo rumor, a luz vermelha de uma lanterna. Devia

(Continúa no fim da Revista)

VARIAÇÕES DE

Uma ex-esposa que era, como uma canção antiga... conhecida, mas sempre nova.

Larry Drake era o cerebro da publicidade da transmissora Endicott. Inventava programmas e creava artistas.

Naquelle momento, pensava em reintegrar no **cast** da estação um valor perdido em consequencia de um bate-bocca infeliz: Dan Farrell, nem mais nem menos.

Sentado a uma mesa de canto de salão circular do **Cascata,** famoso club nocturno, esperava impaciente que chegasse a pessoa que havia incumbido o garçon de chamar.

* * *

O garçon voltou, seguido de Katherine Stillman, cantora da orchestra de Dan Farrell grande successo, ex-esposa de Larry Drake.

— Oh, eu não imaginei que fosse você.

Com um meio sorriso displicente, Katherine sentou-se e accommodou a capa de arminho no encosto da cadeira.

— Kit, tenho um plano.

Larry tinha sempre planos em mente.

— E' agradavel vel-o, Larry. E, a proposito, talvez, por formalismo, você devesse dizer o mesmo a mim.

— Não disse, mas pensei. E agora, ao motivo que me levou a procural-a. Trata-se do ganha-pão. Endicott e eu precisamos de Dan Farrell de volta.

— Acho que estão querendo coisa um pouco difficil...

— Difficil, mesmo. Mas sei que você tem influencia sobre elle. Bem, e agora preciso ir. Podemos almoçar juntos ama-

Illustrações de Alfred Parker

RYTHMO

Conto de OCTAVUS ROY COHEN

nhã. No Salão Rosa, ás doze e meia.

— Mas, Larry...

— Até amanhã.

* * *

Sim, Larry chegou atrazado, mas não tanto quanto Katherine pensou que fosse chegar. Chegou a uma menos um quarto.

— Prompto, belleza, cá estou eu outra vez.

— Um pouquinho atrazado, se não me engano.

— Como nos velhos tempos...

— Nos velhos tempos você ás vezes tambem se adeantava.

A referencia era transparente: Kit se havia separado delle por acreditar que elle houvesse se "adentado" muito junto a Dolly King... As desculpas apresentadas por elle é que não haviam adeantado. Amavam-se muito, e a situação creada pela duvida se tornara insustentavel. Já fazia um anno que o divorcio fôra concedido. Agora, corria que Dan Farrell e Katherine Stillman... o que fazia soffrer Larry.

— Falando em coisas serias, Larry, disse a Dan o que você pretendia.

— E elle?

— Declarou que jamais voltaria a trabalhar para Endicott.

— E que vae você fazer para demove-lo?

— Nada. Já fiz tudo que podia.

— Você nem parece me conhecer. Não se lembra que sou capaz até de chegar de madrugada em casa, só para levar a bom termo um negocio?

A allusão ao caso Dolly King era evidente.

— Agora que já passou tanto tempo: foi uma vigilia estrictamente commercial, aquella?

— Foi. Você tem grande influencia sobre Dan, todos dizem. Não vae se casar com elle?

— Interressa-lhe muito que eu responda?

— Oh, não... Mera curiosidade.

— Dan está irreductivel, Larry.

— Pode demovel-o.

— Como?

— Dir-lhe-ei logo á noite, ao jantar.

Katherine fitou-o demoradamente. Elle continuava o mesmo Larry de sempre.

— Sinto muito, mas logo não poderei jantar com você.

— Por que não?

— Porque já tenho um compromisso.

— Com Dan Farrell, accaso?

— Sim, justamente.

— Almoçamos então amanhã?

— Não. Nem faremos juntos a primeira refeição, depois de amanhã. Partimos amanhã á noite.

— Já? Isso prejudica um pouco os meus planos. Qual vae ser o itinerario?

— Vamos passar em Chicago até o Cascata reabrir.

— Isso dá bastante tempo a Dan para orchestrar o meu numero.

— Você é optimista, mas tolo. Sinto muito. Gostaria de lhe ter sido de algum auxilio.

— Ainda o será, — affirmou elle. — Dan Farrell ainda cantará para Endicott. Larry Drake sempre consegue o que quer...

Mas na verdade sentia a sua confiança em si proprio muito abalada dessa vez. Curioso, os altos e baixos da sua profissão jamais o tenham deixado tão deprimido.

Pensou em Kit. Na realidade, era-lhe difficil pensar em outra coisa. Kit ia jantar com Dan Farrell. Dan lhe proporcionara o successo de que ella presentemente desfrutava e era um bom rapaz. Que iria ella fazer?

* * *

Na noite da partida de Katherine, altas horas, elle ainda não dormia. Cretino! Não era o negocio que o preoccupava. Era ella. Continuava apaixonado, como sempre...

Levantou-se, vestiu-se, despachou o seguinte telegramma, para o trem em que Kit viajava:

ESPERO ESTE NÃO A ENCONTRE COMO ESTOU — ACCORDADO PONTO DURMA DE NOVO PONTO TIVE APENAS O IMPULSO LHE DESEJAR BOA VIAGEM.

Leu, embaraçado, o que havia escripto. Seus sentimentos transpareciam com demasiada clareza. Para disfarçar, assignou: "James Hanson Endicott".

Para Katherine, a estranha mensagem não tinha nada de transparente. Ou melhor, era demasiado transparente, tomada por outro lado: só o interesse commercial a dictara, julgou ella. E pensou ainda: "Elle quiz frizar que entre nós mais nada poderá haver".

No hotel, em Chicago, esperava-a uma caixa de gardenias. Assim, Larry não havia esquecido que a gardenia era a sua flor predilecta. Nos bons e felizes tempos da lua de mel, um ramo de gardenias havia sido sempre o melhor presente. Katherine abriu o enveloppe que acompanhava as flores, imaginando encontrar, como um anno e tanto antes, a auto-caricatura de Larry substituindo a assignatura. Em vez disso, leu:

Não desanimamos jamais. Endicott & Cia.

Katherine suspirou. Seria melhor satisfazel-o, para se livrar do martyrio daquella insistencia.

Começou a trabalhar Dan Farrell naquella mesma noite. Sabia que estava levando sobre elle uma vantagem deshonesta, procurando forçal-o a fazer o que não queria. Mas estava disposta a liquidar tudo com Larry.

— Você faz tanta questão de que eu ceda, Kat? — perguntou-lhe Dan, deante da sua insistencia.

— A proposta é vantajosa, Dan.

— Larry Drake lhe merece tanto que chega a fazer o que nunca fez: um pedido a mim?

Katherine riu nervosamente.

— A resposta póde ser tanto sim como não. Ha tempos, isso foi verdade. Você não esqueceu que fomos casados, e por algum tempo elle me fez muito feliz. Mas ha mais de um anno estamos divorciados.

— Lamenta-o?

— Absolutamente.

— Ouvi dizer que elle é um bom rapaz.

— Bom rapaz, porém, maluco.

Dan declarou mansamente:

— Não sei fazer discursos, mas quero lhe propor casamento. Tenho alguma probabilidade de exito?

Katherine collocou a mão sobre a delle:

— Será preciso responder agora?

— Preferiria. Sabe que lhe tenho um grande amor.

— E eu gosto muito de você. Você fez tanto por mim...

— Isso, eu prefiro que esqueça. Amo-a e a pretendo em casamento. Que me diz?

Katherine hesitou. Dan era admiravel, amava-a sinceramente. Bom, suave, confiavel... tudo quanto Larry não fôra. E Larry nos ultimos dias fizera questão de frizar que o seu interesse por ella era simplesmente commercial.

— Sim, Dan, eu me casarei com você.

(Continúa no fim da Revista)

O SANTO E

Simon Templar numa aventura da sua accidentada campanha contra os criminosos. (criminosos, é bom que se o diga a quem não o sabe, segundo um criterio todo seu).

O tenente Corrio sahiu sorrindo com superioridade do gabinete do chefe. Só por causa de uma innocente entrevista, que elle jurara por todos os deuses ter dado sem o saber, palestrando com um sujeito que não julgara reporter, o chefe fazia um barulhão daquelles.

Corrio era um detective que não realisava muitas capturas, mas que tinha um faro desgraçado para traçar a pista do que acontecesse ser roubado. Seus companheiros de trabalho tinham-lhe horror: pelo seu successo, o que é humano, e pela sua vaidade, o que era mais um pretexto para que o primeiro motivo não resaltasse com muita crueza.

Eis alguns trechos da entrevista de Corrio ao **New York Daily Mail:**

— Se se admiram de que tenha sido permittido a Simon Templar regressar á cidade, podem

Conto de LESLIE CHARTERS

A SEREIA

desde já ficar certos de que nada tive a ver com isso. Não acredito em bandidos com ideaes de regeneração. O Departamento de Policia já tem muito que fazer sem esses auxilios que terminam em trapalhada. E uma coisa lhe posso dizer: houve uma série de modificações no Departamento depois da ultima vez que Templar appareceu por aqui e agora elle não vae achar tão facil como antes escapar com o material roubado."

* * *

"Se esse gangster barato que appellidaram de Santo não acredita no que digo, que se ponha a agir para ver. Estou de olho nelle e basta que commetta uma simples violação das leis do trafego para que eu o metta em logar de onde não poderá mais

* * *

"O tenente Corrio", escrevia o redactor da entrevista, "é exactamente o opposto do typo popular de detective. E' esbelto, veste-se com grande esmero e poderia mais facilmente ser tomado por um astro da tela."

E adeante:

Illustrações de DONALD TEAGUE

"Mal deixei o tenente Corrio, tive a idéa de ir procurar Simon Templar. Não foi custoso encontral-o. O Robin Hood moderno dos meios criminosos, achava-se no seu appartamento do Watlington. Li deante delle as palavras do tenente Corrio, que elle ouviu com o mais languido dos sorrisos.. Depois, perguntei-lhe se tinha algo a replicar.

"O Santo ergueu da cadeira os seus pés e duas pollegadas de musculos flexiveis e em seu olhar azul brilhou uma chamma maliciosa. Mostrou-me a porta, dizendo:

"— Acho que muito breve o tenente Corrio sobrepujará Clark Gable."

* * *

— O Santo não appareceu sem mais nem menos, sem um objectivo qualquer. Olhe, ha pouco o Oppenheim adquiriu as famosas esmeraldas Vanderwoude... Quem sabe se elle...? — dissera Corrie a John Fernack, seu chefe.

— E', **quem sabe se,** — repetira o chefe de máo humor. — E quem sabe tambem se vae fazer um trabalho tão sujo que até você consiga apanhal-o. Não me disse outro dia que a Paragon Pictures quer fazer tests do seu palminho de cara? Pois pense

(Continúa no fim da Revista)

DUAS MORTES

Dr. Carrigan, criminologista põe a morte sob sua lente poderosa

CAPITULO I

TRANSFUSÃO DE SANGUE

Antes de satisfazer uns rapazes e umas pequenas que conheço, escrevendo a historia de algumas das aventuras complicadas das quaes participámos o Dr. Corrigan e eu, sempre achei que os gajos que bancam os historiadores do crime — esses gajos que se sentam com uma caneta na mão ou deante de uma machina de escrever e tecem lôas aos grandes detectives — deviam ser classificados entre pokinezes de collo e tico-ticos. Só sabem pontuar com exclamações e parecem viver permanentemente numa especie de transe.

Sempre soube que se me mettesse a narrar com **"Ahis"** ou **"Ohis"** os feitos do Dr. Corrigan e meus a serviço da Companhia de Seguros Continental cahiria num tremendo ridiculo. Um sujeito que se chama John (Rijo) Nichols, que tem um queixo de ferro e uma reputação de valentia, que passa por intelligente e exhibe uma testa ampla, não póde cahir em sentimentalismos côr de rosa, nem mesmo no interesse da literatura.

Mesmo porque aquelles que me deram esse appellido de "Rijo" poderiam imaginar que eu estivesse amollecendo. Portanto, vou pôr esta historia das duas mortes em preto sobre o branco do papel a meu modo.

A Continental me paga vinte e cinco mil dollares por anno para ser mais esperto do que os patifes que acreditam ter tutano para avançar nos dinheiros da companhia, por meio de seguros falsos, assassinatos e outras gracinhas. Sempre que chega a hora de pagar um seguro que não cheire a coisa muito perfeita, Rijo Nichols entra em scena para

Novela policial de GEORGE BRUCE

fazer jús aos cobres que percebe. Nos dez annos ultimos, como detective-chefe da companhia, já manobrei cerca de quinhentos casos pouco christãos, e não vou corar virginalmente para dizer que nenhum individuo ou individua conseguiu até hoje receber da Continental um seguro a que não tivesse direito com todos os pingos nos **ii.** E se lhes passa pela cabeça que todos elles eram bebês de collo estão redondamente enganados.

Agora deixemos de conversa fiada e entremos no miolo do caso:

* * *

— Rijo, — disse-me o chefe da secção de pagamento dos seguros, que é quem me põe em funcção, — o velho Cissel bateu a bota no Hospital Central. Está segurado por nós em dois milhões de dollares.

— Milho graúdo! — observei. — E dahi?

— O beneficiario é Lawrence Strong, um protegido de Cissel. Cissel tirou-o de um orphanato e lhe deu instrucção, carinho, tratando-o como a um filho. Depois dos estudos o rapaz passou a ser o secretario de Cissel, mandando em todos os seus negocios. Davam-se melhor juntos que presunto com ovos.

— Queres então que eu veja se o tal de Strong entopiu propositalmente o velho para entrar nos arames?

— Qual! Seu idiota, quero apenas que por uma questão de rotina verifiques as circumstancias em que morreu o velho.

— Mas não estás cheirando alguma coisa?

— Daqui a uma semana terei que assignar pela companhia um cheque de dois milhões. Não te parece sufficiente esse detalhe para que te mexas um pouco?

— Se acho...

— Não ha nada neste caso que não pareça absolutamente certo. Cissel apanhou um resfriado, teve depois uma pneumonia, foi para o hospital e, como estivesse muito fraco, levou tres transfusões de sangue. Na terceira, transferiu-se desta para a melhor. O doador de sangue foi Lawrence Strong de todas as vezes.

Fiz "Hum", que é o que um bom detective deve fazer quando recebe uma informação desse genero.

— Não te faças de batatal, — advertiu-me o meu chefe. — Não ha nada de estranho nesse angulo. Lawrence Strong foi o doador porque era a pessoa mais chegada a Cissel e o seu sangue tinha a mesma composição do de Cissel, sendo elle além disso um typo absolutamente sadio. Foi elle mesmo quem fez questão de ser o doador.

— Está certo, — declarei, — não pensarei mais nisso.

— Agora, ouve: não te pagamos vinte e cinco mil dollares por anno para que deixes de pensar em qualquer subtileza dos nossos casos, por mais imponderavel que seja.

Entenda-se um chefe como o meu!

* * *

O dr. Sylvester Corrigan, meu velho amigo, trabalha no Hospital Wiltshire, que é um lugar onde se póde morrer cercado de todo o conforto. Syl não tem nada de posudo: pelo contrario, é direitinho o Gandhi, com menos uns trinta annos de existencia, mettido num avental de cirurgião. E é o camarada mais espirituoso que já conheci na vida. Fui procura-lo e pergunteilhe logo de entrada:

— Como é que um sujeito póde morrer de uma transfusão de sangue, de uma terceira transfusão, quando os medicos não esperam que tal aconteça e o doador foi o mesmo das outras duas vezes?

— Quem foi que morreu?

— O velho Cissel, no Hospital Central, ha coisa de poucos minutos.

— Cissel, o milionario exquisitão?

— Exactamente. E a Continental vae ter que desembuchar dois milhões de dollares.

— Agora comprehendo o sentido da tua pergunta.

— Tenho que ir ao Hospital Central e fazer umas tantas perguntas, simples questão de rotina. Mas não sei que perguntas faça. Vim te pedir uns conselhos, ou então que vás commigo.

— Perca as esperanças quanto á segunda parte. Que é que vaes querer perguntar?

— Por que morre um sujeito na terceira transfusão quando o doador é o mesmo das duas primeiras vezes, — expliquei pacientemente de novo.

— Não morre, — affirmou Corrigan. — Só morre quando o typo de sangue não é indicado. Ou, se o mesmo sangue já foi doado, quando um agente chimico qualquer alterou a sua composição.

— Syl, dois milhões de dollares é coisa como diabo. Poderia ter sido veneno?

— A proposito, quem foi o doador? Algum profissional?

— Não. Foi Lawrence Strong, o...

— ...braço direito do velho Cissel, — terminou Corrigan.

Apanhou o telephone do serviço interno que tinha sobre a mesa e disse á telephonista:

— Vou sahir um p o u c o. Se acontecer alguma coisa, chame o Dr. Lane para me substituir. Em caso de necessidade, estarei no Hospital Central.

E, tirando o avental e enfiando o casaco:

— Irei comtigo até lá.

CAPITULO II

UMA SONDAGEM EM TERMOS

No Hospital Central um sujeito póde morrer cercado de ainda maior conforto que no Hospital Wiltshire. E o gabinete do director, Dr. Walter Green, é de accordo com o resto. Syl e eu ageitámos as espinhas numas

poltronas incrivelmente confortaveis.

Green é um sujeito com cara do que é. Ar importante, roupa alinhada.

— Tenho que vir importuna-lo com umas perguntas rotineiras sobre a morte do velho Cissel, — informei-o logo depois de lhe apertar a mão e apresentar Corrigan.

Pareceu-me ter visto passar uma sombra em seu olhar.

—Terei prazer em informa-lo de tudo que deseje saber, — replicou elle amavelmente.

Gosto sempre de forçar o meu interlocutor a falar em primeiro logar, e por isso fiquei calado.

* * *

— Não posso comprehender como foi, — declarou o Dr. Green depois de alguns segundos de concentração.

Eu estava pensando na magia ligada ao nome da Companhia de Seguros Continental. Aquelle gajo era importante de verdade e não abriria a bocca para informar qualquer um de incidentes no decorrer da sua profissão. Mas ia responder ás minhas per guntas, só porque eu represen tava a Continental.

— Fiz pessoalmente a transfusão, auxiliado pelo Dr. Wilson Merriott, medico particular de Mr. Cissel. Conseguimos um verdadeiro milagre vencendo a pneumonia. O paciente estava bem, e aquella terceira transfusão era mais uma precaução, poder-se-ia ter passado sem ella. Desejavamos no emtanto cercarmo-nos de todas as garantias, e Mr. Lawrence Strong fazia questão de contribuir com mais um pouco do seu sangue para o restabelecimento mais rapido de seu bemfeitor. Nada levava a pensar num desastre. A operação correu normalmente... e no emtanto elle morreu. Francamente, ainda não voltei a mim do choque.

— E a causa? — perguntei.

— Não sei, — confessou elle, de ar distrahido. — Morreu.

Olhei com o rabo do olho para Corrigan. Elle comprehendeu e entrou em scena:

— Vae fazer a autopsia, doutor?

— O Dr. Corrigan está trabahando para a Continental, Dr. Green, — menti sem escrupulos.

— Uma autopsia? No cadaver de Samuel Cissel? Mas... não tenho autoridade para faze-lo.

— Não acha que o caso é das attribuições de um medico legista? — insistiu Corrigan.

— Mas... a que pretexto?

— Não acha subita, inexplicavel... mysteriosa, a morte de Samuel Cissel?

O Dr. Green assumiu uma attitude de dignidade offendida:

— Mr. Nichols! — exclamou, dirigindo-se a mim. — Não ha nada de inexplicavel ou mysterioso na morte de Mr. Samuel Cissel. Tudo se deve á transfusão. E' coisa que já aconteceu de outras vezes, embora raramente.

— Mas chamou o medico legista... simplesmente para não deixar logar a duvidas, não? — indagou tranquillamente Corrigan.

— Naturalmente.

— E elle disse que poderia passar o attestado sem ser feita a autopsia?

— Justamente.

— Poderá me dizer qual vae ser a **causa mortis** indicada no attestado?

A voz do Dr. Green tinha um tom de exasperação:

— Choque anaphylatico!

—Hum, — gemeu Corigan. — Uma causa um tanto vaga e ampla, para dizer a verdade.

— E' claro que a morte foi causada pelo agglutinamento dos globulos vermelhos... u m a thrombosis...

— Fez o test de sangue do doador, Mr. Lawrence Strong?

— Fiz. O sangue de Mr. Cissel era do mesmo typo do de Mr. Strong. Fomos muito cuidadosos em todos os detalhes, como bem póde imaginar.

Corrigan fez um gesto de approvação. E immediatamente:

— Refez os tests anteriormente a cada transfusão, doutor?

— Confesso-lhe que não, por se tratar do mesmo doador...

— Comprehendo, e não posso culpa-lo por não o ter feito.

— Mas agora me arrependo. Afinal, isso afastaria qualquer sombra de duvida.

— Examinou o sangue do morto depois do passamento?

— Examinei. Havia uma agglutinação completa. E' incrivel!

— E fez tambem novo test do doador?

— Acabavamos de o fazer quando os senhores chegaram, — informou o Dr. Green numa voz tensa. — Talvez queiram ver o resultado dos tests, para se certificarem por si mesmos.

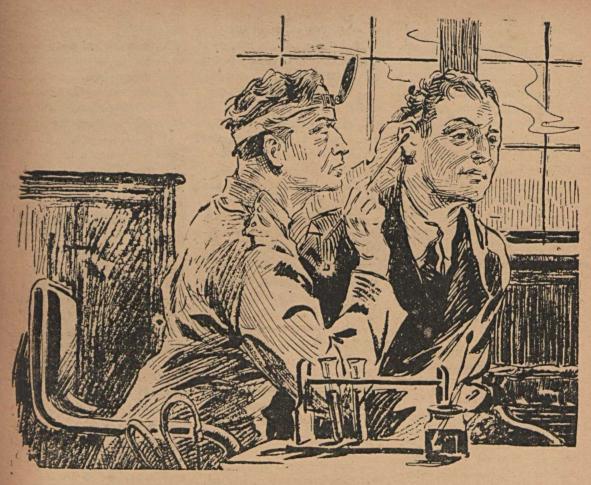
— Basta-nos a sua palavra, doutor.

— Confesso-lhes que é o caso mais arduo que já me occorreu, — irrompeu o Dr. Green, perdendo a calma e a dignidade profissionaes por um segundo. — O sangue de Mr. Strong, ha quinze minutos, continuava sendo typo Jansky 1, do mesmo typo portanto do de Mr. Cissel. E no emtanto, foi esse mesmo sangue que matou o nosso paciente. Não comprehendo!

— Mr. Strong ainda se acha no hospital?

— Ainda. Está abatidissimo. Diz que matou o homem cujo restabelecimento completo tanto almejava, justamente, e ao qual fizera questão de dar o seu sangue... com esse mesmo sangue.

— Gostaria de conversar com elle, — disse Corrigan. — Tomarei todas as precauções para não aggravar a sua dor.

Quinze minutos depois Lawrence Strong entrava no gabinete. Estava pallido e abatido. Tinha compleição de athleta, era um

bello rapaz, vestia-se com elegancia.

— O Dr. Corrigan e Mr. Nichols estão fazendo uma investigação simplesmente rotineira pela Continental, — informou o Dr. Green. — Desejam inquiril-lo. Vê nisso algum inconveniente?

— Absolutamente! — foi a prompta resposta.

— Apenas uma pergunta: quantas horas antes da transfusão fez a sua ultima refeição? — perguntou Corrigan.

A expressão de Strong era grave:

— Não comi nada depois das quatro horas da tarde de hontem até hoje á hora da transfusão.

A segunda pergunta de Corrigan surprehendeu até a mim.

— Por que? — indagou na mesma voz sem inflexões. — Alguem lhe dissera que não comesse?

— Oh! — exclamou Strong. — Não, ninguem me disse. Mas é que quando me disseram que o test de meu sangue demonstrava que poderia realmente ser eu o doador, tratei de me informar do processo das transfusões, para facilitar a tarefa dos medicos. Fiquei assim sabendo que o doador, de estomago vasio é o melhor doador, pois o que tiver comido com pouca antecedencia poderá provocar uma reacção nociva no paciente.

— Muito bem, — approvou Corrigan. — Diga-me ainda: que fez antes de vir para o hospital?

— Nada. Esperei em casa até que o Dr. Green me chamasse.

— Obrigado, Mr. Strong, — agradeceu Corrigan, sorrindo. — Acho que é tudo.

Depois que Strong sahiu, Corrigan dirigiu-se ao director:

— Peço-lhe que chame o medico legista e peça ordem para proceder á autopsia do cadaver de Mr. Cissel, Dr. Green. Gostaria que me entregassem um relatorio completo sobre a autopsia.

Depois de um momento de visivel revolta, o director deu de hombros e replicou:

— Muito bem, Dr. Corrigan. A Continental não é sopa.

CAPITULO III

UM SEGUNDO TESTAMENTO

No modesto appartamento que Syl escolheu para morar eu observei:

— Pediste uma autopsia. Aposto vinte dollares como imaginas que encontrem veneno... o que foi a minha primeira idéa.

— Rijo, — disse-me Corrigan, — és um amavel gorilla e ás vezes eu me surprehendo com algumas scentelhas de intelligencia que escapam da telha vã que é

a tua cabeça. Mas desta vez perderias os vinte dollares. Estou querendo mas é tempo, Rijinho. Quero ver se ponho alguem nervoso. Abro campo á hypothese de um super-criminoso do typo mais perigoso, aquelle cuja arma seria simplesmente a intelligencia. Não gosto de imaginar que exista um typo capaz de matar Cissel dando ao crime o aspecto simples que o caso tem. Um assassinato tão subtil seria esse que nem mesmo a autopsia conseguiria provar coisa alguma.

— Então ha uma probabilidade de que o velho tenha sido assassinado? — perguntei.

— Ha. Mas que probabilidade! Mesmo que acertassemos com a descoberta do crime, não poderiamos prova-lo. Rijo, o corpo humano póde gerar venenos mais perigosos que cyanuretos e o diabo. Mais claramente, para que me comprehendas, refiro-me ás toxinas da fadiga. Por excesso de exercicio ou fadiga os musculos derramam no sangue substancias chamadas histaminas. E até que a desintoxicação se dê o sangue ao qual foram misturadas essas histaminas é um foco de venenos mais mortaes que o arsenico.

Fez uma pausa e proseguiu:

— Se os criminosos aprendem a usar como arma as toxinas da fadiga, estaremos perdidos. Porque conhecemos pouca coisa a esse respeito, e não ha ainda uma analyse chimica que isole taes toxinas. Sabemos apenas o seguinte: se puzermos uma cobaia numa roda que a obrigue a correr incessantemente até que fique exhausta e depois injectarmos o seu sangue numa cobaia normal e repousada, a segunda cobaia morrerá. A mesma coisa acontece com os sêres humanos.

— Com duzentos mil demonios! — exclamei. — Dois milhões de dollares é coisa de verdade, sobretudo para um sujeito impaciente, que saiba em que condições deve se apresentar um bom doador de sangue!

— Rijo, quero que me verifiques as actividades de Lawrence Stroug nas ultimas vinte e qualha corrida de toda a sua vida. tro horas e me forneças uma folha corrida de toda a sua vida.

— Muito bem, Syl. — repliquei gravemente.

E metti o chapéo na cabeça, correndo para a rua.

* * *

Voltei trinta e seis horas mais tarde á presença do meu amigo, com todas as informações que elle pedira. Syl estava curvado sobre um microscopio.

— Trago-te um relatorio completo sobre Lawrence Strong, — comecei.

— Strong? Strong? — repe-

tiu elle, com uma expressão distante no olhar.

Fiquei uma féra. Depois de todo o trabalho que eu tivera, o miseravel nem se lembrava mais do caso para o qual eu pedira o seu auxilio!

— Naturalmente... Lawrence Strong, do caso Cissel, — lembrei-lhe. — Questão apenas de dois milhões de dollares, — accrescentei passavelmente sarcastico.

Elle voltou á terra, sorrindo amplamente.

— Ah, é claro: Lawrence Strong. Desculpa-me, meu velho, mas eu estava planejando uma thyroidectomia. Que foi que descobriste?

— Trouxe-te uma biographia do homem, — declarei, — apresentando-lhe um vasto relatorio escripto.

Elle afastou a pasta que eu lhe extendia com um gesto impaciente.

— Não me acho com animo de ler romances completos depois de tudo que já fiz hoje. Diz de bocca o que sabes.

— Ora, vae para o inferno! — estourei. — Faço um trabalho perfeito sobre o sujeito e tu nem ao menos finges um interessezinho razoavel.

Elle sorriu.

— Vou te buscar uma dose de calmante, — prometteu-me.

O calmante era optimo, o melhor whiskey do mundo, pois nesse assumpto Syl é exigente. Senti-me reconfortado.

— Não ha nada de ruim em toda a vida de Strong, — comecei eu. — E' o typo do sujeito que seria bom para a propria mãe, se tivesse tido uma. E foi um verdadeiro pae para o pae adoptivo, o velho Cissel. Não tem vicios. Só se interessa a largos intervallos por mulheres passageiras. Primeiro estudante da turma, saude perfeita, preoccupou-se seriamente com a molestia do velho Cissel.

— Que fez nas vinte e quatro horas anteriores á ultima transfusão?

— Exactamente o que disse. Trabalhou, foi cedo para casa e só sahiu, de taxi, no dia seguinte, quando o Dr. Green o chamou.

— Prosiga.

— Cissel tirou-o de um orphanato, em cujas escadas havia sido deposto. Era querido por todos no orphanato e muito intelligente. Cissel tomou-se de amores por elle e tratou-o como um filho. Foi jogador de football e baseball. Querido de todos os collegas e professores. Tinha sempre muito dinheiro, era generoso, mas não gastador. Terminou os estudos da Universidade como terceiro da turma, ha dez annos.

"Depois disso, Cissel entregou-lhe a gestão de seus negocios. Strong demonstrou merecer a confiança que nelle havia sido depositada.

— Não blasphemava nem bebia de vez em quando? — indagou Syl com expressão de nojo. — Está me sahindo um typo bom demais para existir!

— O rapaz é um conjunto de perfeições, — affirmei com convicção.

— Continue.

— Esteve doente duas vezes na vida. Uma fractura de craneo, que deu que soffrer ao velho Cissel, em consequencia de uma queda durante uma partida de football. Mas salvou-se e continuou a jogar football. Depois, so adoeceu depois que Cissel teve a pneumonia. Ha coisa de poucas semanas. Um resfriado, com uma bruta rouquidão e febre, que o fez passar duas semanas na cama. Preoccupado como estava com o velho, não quiz absolutamente que chamassem o medico. Ficou tremendamente abatido.

Corrigan não dava nenhuma demonstração de que estivesse ouvindo.

— Bem, acho melhor parar e ir embora, — observei agastado.

* * *

Corrigan fez um gesto com a mão.

— Continue, — disse uma vez mais.

— Durante todo o periodo da molestia de Cissel elle passou no hospital ou em casa, deixando os negocios correrem sem a sua intereferencia. Não fez nenhuma despeza. Mostrava-se abatidissimo com o estado do pae adoptivo.

— Tinha dinheiro pessoal?

— Naturalmente, com conta corrente... no Trust Chimico.

— Quanto gastou nesse tempo?

— Trezentos ou quatrocentos dollares, apenas o necessario para as despezas diarias.

— Continue, — disse Corrigan com impaciencia.

— Que se saiba, não passou dez minutos que não estivesse á vista ou ao alcance da mão. Só sahiu demoradamente uma vez, quando Cissel foi transportado para o hospital. Tomou o carro, guiado por elle mesmo, e passou fóra de casa duas ou tres horas. A governante disse que acha que fez isso para ver se se distrahia. No dia seguinte estava com o tal resfriado de que já falei.

— E é tudo? — rugiu Corrigan. — Se é vae dando o fóra: já te disse que estou muito occupado!

Sorri com delicias.

— Não dou o fóra não, bemzinho. Guardei propositalmente o melhor para o fim.

Corrigan fitou-me fixamente.

— Que tens mais a dizer? — perguntou.

* * *

— Achei que poderia ser util ir conversar com o advogado de Cissel. Era sabido que Cissel fizera um testamento deixando o que tinha a instituições de caridade, e que pretendia legar a Strong simplesmente os dois mi-

lhões do seguro. Quiz saber se o velho mudara de idéa á ultima hora.

Parei, para verificar o effeito das minhas palavras.

— Não sejas tão theatral! — indignou-se Corrigan.

— Muito bem: pois o velho mudou de idéa. Na sexta semana que passou no hospital, entregou a Lawrence Strong um enveloppe lacrado para ser levado ao seu advogado, enveloppe sobre o qual se lia: "Para ser entregue em caso de morte minha ao meu advogado, Ben Crossin". Crossin, que sabe o que vale a Continental, teve a amabilidade de me mostrar o que continha o enveloppe. E o que imagina que seja?

— Anda de uma vez, Rijo!

— Uma folha de papel, com algumas palavras a machina e assignada por Cissel. Tirei uma copia. Ei-la.

E li em voz alta:

— "Eu, Samuel Cissel, residente no Estado de Nova York, em goso de todas as faculdades mentaes, julgando-me perto da morte, declaro que este é o meu ultimo testamento, revogando todos os outros anteriormente feitos.

"Lego todos os meus bens a Lawrence Strong, meu mais que filho, meu companheiro constante e toda a minha alegria durante vinte annos.

"Peço-lhe que seja generoso para com todas as instituições de caridade que amparei em vida, acreditando que os fins dessas instituições sejam melhor defendidos dessa maneira.

(Ass.) Samuel Cissel."

Fez-se um pequeno silencio. O olhar de Corrigan brilhava.

— Gostaria de ver esse documento, — disse depois de algum tempo.

— Arranja-se.

— E gostaria tambem de falar a Strong, sob qualquer pretexto. Poderás traze-lo aqui ás tres horas?

— Feito.

CAPITULO IV

INVESTIGANDO

Encontrei Strong no escriptorio do advogado, onde estava sendo feita a leitura do testamento.

Ficou muita gente de cara verde depois da leitura, o que é natural quando se cheira uma fortuna de trinta e cinco milhões de dollares e não se lhe póde deitar a mão.

— Então, rapaz, — disse-lhe eu, — parece até que acertou no double zero da velha roleta da vida. Trinta e cinco milhões não é comida de passarinho.

Elle olhou-me com expressão gelida. Não estava gostando do meu tom aereo naquelle momento. Eu o estivera observando emquanto Crossin lia o testamento; elle nem piscara. Vendo-o, eu pensara num bloco de gelo. Apenas seu olhar ficara humedecido e um bolo se movera, em seu pescoço.

— Isso é que é ser calmo, — disse eu. — Se alguem me desse uma noticia dessas, era...

— Não foi surpreza para mim, — replicou Strong com ar sombrio. — Se o senhor comprehende, fui eu proprio quem escreveu o testamento. Papae ditou-o para mim, numa tarde em que estava passando mal. Levei o rascunho para casa e copiei-o á machina. Elle assignou na manhã seguinte, lacrou o enveloppe e disse-me que o entregasse a Mr. Crossin.

Fitei-o. Elle se abria sem a menor desconfiança.

— O senhor não comprehende? Odiarei sempre esse dinheiro! Lembrar-me-ei sempre de papae na mesa de operação, recebendo o meu sangue, sorrindo para mim, pensando que eu lhe dava a força de que elle necessitava, imaginado que pudessemos em breve estar juntos em casa... e de repente a luz se extinguindo em seus olhos, morrendo. Então acha que o dinheiro me apagará esse quadro da memoria? Eu não precisava do dinheiro, tinha tudo quanto queria.

Tomámos um taxi e fomos para o Wiltshire. Elle parecia demasiado abatido para procurar saber para onde eu o levava.

Corrigan recebeu-nos de avental operatorio. Olhou para o rapaz e foi logo dizendo:

— Vejamos, Mr. Strong, assim o senhor não póde continuar... Animo!

E examinou as duas mãos de Strong, que tomara nas suas. De subito, disse:

— Deixe-me ver essas narinas! Ah, Mr. Strong, o senhor não sabe o que é um resfriado! Os bobos sempre pensam que é coisa sem consequencias, mas enganam-se.

E arranjou geito de enfiar um **speculum** nasal pelas ventas do rapaz.

— Ora! — exclamou, fazendo o exame á luz forte de algumas lampadas. — Ainda ha traços de inflammação!

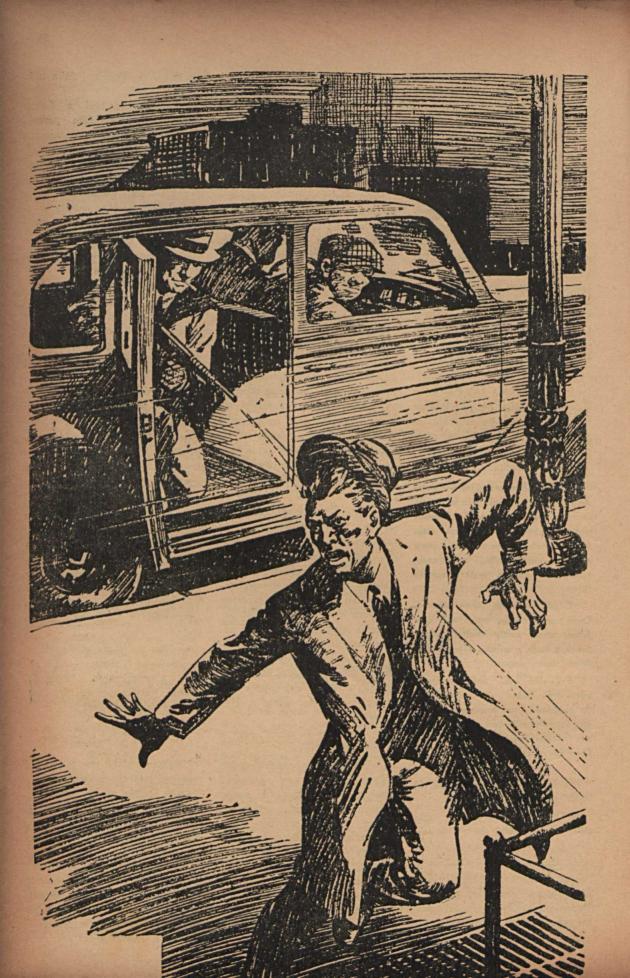
Passou ao exame dos ouvidos.

— Sabe que muitos casos de perfuração do tympano e surdez advêm do que o senhor está fazendo... descuidando-se do tratamento necessario depois de uma infecção como a que teve? Vá immediatamente procurar o seu medico e peça-lhe que o trate.

— Não me sinto mesmo bem, — confessou Strong. — Cansaço e aborrecimento. Obrigado, doutor. Farei o que me diz. Mas, que me desejava dizer?

* * *

Corrigan olhou-me. Olhei-o tambem, sem saber o que fazer.

— O senhor provavelmente se aborrecerá de saber o que é, mas se pedi a Mr. Nichols que o trouxesse é por ser o trabalho aqui muito intenso e eu ter pouca folga. Interesso-me muito pelas pesquizas de cancerologia. O senhor não poderia nos auxiliar, na sua verba de beneficencia? Sim, porque auxiliar a sciencia é auxiliar a humanidade.

Strong fitou-o, atrapalhado.

— Doutor, eu me sinto na verdade tão confuso ainda... Não fiz nenhum plano. Mas cumprirei o desejo expresso por papae, e darei ás instituições uteis todo o dinheiro que puder.

* * *

Depois de reconduzir o rapaz, resolvi ir para casa e espichar um pouco para repousar. Mas logo o telephone tocou:

— Então, "seu" Sherlock, assim é que se trabalha? Dormindo, no minimo!

— Syl, por favor, vá amolar o outro.

— Rijo, tenho curiosidade de saber como vive um sujeito que herda trinta e cinco milhões. Vamos fazer uma investigaçãozinha?

— Não. Você está cutucando atôa em formigueiro sem formiga. Antes de me deitar resolvi que amanhã daria lá na companhia parecer favoravel ao pagamento do seguro do velho Cissel

— Meu velho, vaes me fazer o que peço: ás duas horas quero a residencia do fallecido limpa de pessoas, para nós dois darmos por lá uma batida socegada.

— Está certo. Não adeanta te dizer que não.

* * *

No dia seguinte arranjei que Strong e todos os empregados da casa compareceressem ás duas horas aos escriptorios da Continental, sob o pretexto de um inquerito puramente formal, mas indispensavel.

Corrigan e eu não parámos no andar terreo, pois era elle quem dirigia o serviço e não achou necessario. Corremos tambem varios quartos do andar superior, até chegarmos ao de Strong. Syl exclamou:

— Hum! O scenario das "nossas" actividades criminaes.

E começou a olhar e cheirar tudo: armarios, gavetas, roupas, sapatos. De alguns ternos e de um par de sapatões esportivos retirou com um aspirador portatil todo o pó possivel.

— E' uma pena que estas coisas tenham sido limpas, — murmurou.

CAPITULO V
CIMENTO E FLORES DO CAMPO

Na garage, encontrámos tres carros: uma sedan, um carro grande aberto e uma victoria conversivel.

Corrigan se ajoelhou e examinou attentamente os pneus da victoria.

— Lavados! — exclamou aborrecido.

Mas applicou o aspirador aos pneus e ao assento do carro.

Puxou uma lanterna de pilha do bolso e revistou o interior da caixa do automovel.

Depois de alguns minutos, declarou:

— Minha curiosidade está satisfeita.

Voltámos para o apartamento de Corrigan. Sobre a mesa, o microscopio estavá prompto para entrar em funcção. Corrigan preparou varias laminas com o que havia trazido da residencia de Strong e depois me perguntou:

— Quer ver uma coisa interessante?

E mostrou-me uma chapa de raio X.

— Que diabo de pintura surrealista é isso? — perguntei.

— Rijo, isso ahi é a chapa da fractura que Strong soffreu durante o jogo de football. Bonito, não?

— Onde diabo arranjaste isso?

— Tenho um amigo no hospital da Universidade. Elle teve o trabalho de rebuscar a chapa para mim. E agora, Rijo, não achas exquisito que um rapazinho comportado e pacifico como Strong ande ás voltas com limo, cimento e pollen? Pollen de pinheiros, pollen de diversas flores campestres.

— Não estarás maluco, Syl? — perguntei, seriamente impressionado.

— Qual, Rijo, flores e cimento: uma mistura exquisita.

— Mas onde foste descobrir essa mistura?

— No nariz e nos ouvidos de Mr. Strong. Ou pensavas que tudo aquillo fosse carinho meu pelo rapaz?

A cera do ouvido, por exemplo, é uma materia que conserva por muito tempo particulas diversas, areia, sal, etc.; é como se contasse por onde o homem andou. Agora, presta attenção: pollen de flores e pinheiros, cimento, tudo isso nos ouvidos de Lawrence Strong. E' uma combinação dos diabos. Daria varios dollares para poder rasparlhe as unhas, mas achei que seria perigoso, que elle poderia desconfiar. E agora, não me importunes, Sherlock, vou entrar em transe e me communicar com o invisivel. Deita-te por ahi e espera.

* * *

Corrigan agitou-me freneticamente não sei quanto tempo, depois. Acordei sobresaltado e fitei-o.

— Vamos! Disse elle. Temos que falar ao advogado de Cissel. Se não me engano, o tal testamento é falso.

CAPITULO VI

O TINTOMETRO

Corrigan indagou:

— Reconhece como verdadeira a assignatura neste testamento?

Crossin respondeu:

— Perfeitamente. E essa é tambem a opinião de varios graphologos, conforme Mr. Nicholson sabe.

Estavamos no quarto de Corrigan. Eu não previa ao certo o que elle nos preparava.

— Vou photographar o testamento, — declarou o meu amigo.

Depois de revelada a prova photographia, Corrigan levou-a para a sua mesa e examinou-a com auxilio de um instrumento curioso, que eu via pela primeira vez.

— Este instrumento é um tintometro, — disse-nos então elle. — Registra a tonalidade da tinta. Ha tres typos de tinta: de anilina, de madeira e de noz de galha. O defeito da tinta de anilina é que desbota com o tempo e com a agua. A de mad‿ira se evapora ao ar e descansa o papel. A melhor é a de noz de galha, á base de noz de galha e vitriolo verde. E' a tinta usada nas repartições do governo. Jamais pode ser inteiramente apagada. O microscopio a denunciará quando não appareça a olho nu'. A assignatura deste testamento foi feita com esta ultima qualidade de tinta.

" Mas não foi unicamente a assignatura o que se escreveu com tinta de noz de galha sobre este papel. Oh, não. O resto, foi descorado com um producto chimico. Mas o tintometro, que não falha, denunciou esse resto.

— Então Strong é um falsificador! — exclamei.

— Que duvida!

E Corrigan sorriu.

— Se assim é, — declarou Crossin, — estou satisfeito de não ter ainda executado o testamento.

— Pela côr da tinta da assignatura, ella tem pelo menos dois annos. A tinta de noz de galha e vitriolo verde vae adquirindo com o tempo um tom cada vez mais escuro, — continuou Corrigan. — O tintometro revelou o que havia neste papel, antes de ter sido mettido na machina, além da assignatura. Trata-se de uma breve ordem: *"Tenha a bondade de entregar ao portador, Mr. Lawrence Strong, as acções P. R. R. que estão em seu poder."* O destinatario era o caixa do First National Bank.

" Não só o conteúdo original foi revelado pelo tintometro, mas ainda as marcas digitaes daquelles que pegaram a folha de papel. Rijo, trate de impedir o pagamento do seguro e veja que tirem com geito as marcas digitaes de Strong. E depressa, pois precisamos fazer uma visita á casa de verão do fallecido Cissel, em Westchester.

CAPITULO VII

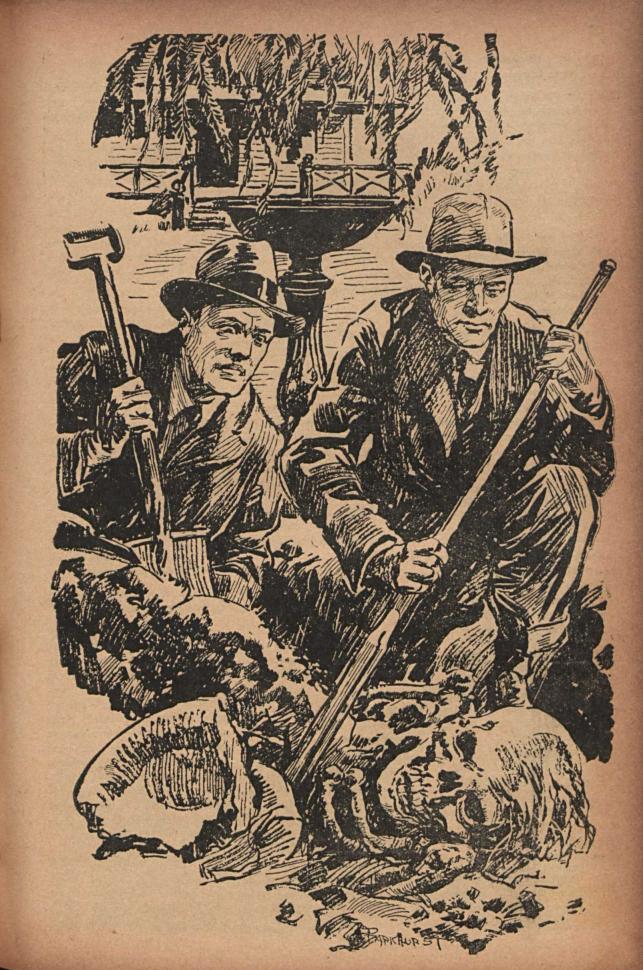
NO CAMPO

A residencia de veraneio de Cissel era bella, mesmo vista assim aos primeiros albores da madrugada. Serenidade em torno. Florestas não muito distantes da casa.

Enfiando o carro pela alameda de cascalhos, Doc aspirou com força e me chamou a attenção:

— O aroma tão caracteristico de pinheiros, Rijo!

— Gostaria era de saber porque estamos aqui, — repliquei de máo humor.

Como quasi sempre, elle não me dera a confiança de informar das intenções que o haviam levado áquelle scenario de opereta.

Doc sorriu simplesmente, e saltou do carro. Segui-o.

E então elle deu inicio a uma das suas minuciosas investigações. Depois de perambular pelo jardim, dirigiu-se para uma pequena construcção nos fundos da casa — um deposito de ferramentas e quinquilharias diversas. Interessou-se particularmente por uma picareta e uma pá.

Assobiou, satisfeito, e sahiu, deixando aberta a porta que arrombara. Eu o seguiu, com a humildade forçada de um cão que não tem outro remedio senão metter o rabo entre as pernas.

Encaminhou-se para um repuxo deante do qual já estivera antes, olhando, apenas, as mãos enfiadas nos bolsos, com o ar de quem resolvesse os mais graves problemas financeiros do planeta. Dessa vez, elle abriu sem hesitar o ralo para dar vasão á agua contida na bacia de cimento e fechou a chave da agua.

Esperou que a agua escorresse completamente e se curvou sobre o fundo de cimento.

— Ah! E' o que eu pensava. Trabalho feito ás pressas. Rijo, meu bom filho, vae arranjar aquella picareta que andei examinando lá no deposito. Vamo squebrar eslá no deposito. Vamos quebrar estermos em maiores considerações.

Sob o cimento, a terra havia sido recentemente revolvida. E sob a terra havia um cadaver: o cadaver de Lawrence Strong, o verdadeiro, conforme Doc me provou pela fractura do craneo.

CAPITULO VIII

O DUPLO ASSASSINATO

Doc e eu estavamos sentados um de cada lado da mesa do quarto do meu diabolico amigo,[a] deante de dois copos de whisky.

Haviamos trazido para a cidade o cadaver, que estava no momento sendo examinado pelo medico legalista.

— Sabes, Rijo — disse-me Doc, com uma luz distante no olhar, — a vida é muito engraçada e a imaginação humana é ao mesmo tempo a força mais constructiva e mais destruidora da existencia. Constroe e destroe as coisas mais incriveis. Partindo de um pequeno ponto, o espirito humano envereda por uma successão de ideaes que não se sabe onde poderá dar.

"Certa vez Lawrence Strong foi a um determinado logar e uma determinada pessoa o viu... viu-o como se estivesse vendo num espelho. Talvez Strong não tenha visto essa pessoa, mas o espirito desse homem enveredou por uma successão de idéas que levou a resolver a eliminação de Lawrence Strong.

— Estou ouvindo, — murmurei interessadissimo.

— Esse homem, ao ver Strong, teve curiosidade de saber quem elle era e, depois de saber, ficou dominado pelo desejo de passar a ser quem elle era. Na sombra, cuidou de imitar os seus gestos, de repetir as suas attitudes. Appareceu nos mesmos logares frequentados por Strong e foi com elle confundido. Isso o assegurava da praticabilidade do seu plano.

"Chegou a imitar a assignatura de Strong, descontando cheques da conta corrente que Strong tinha no banco.

"Era um individuo ousado e decidido, de intelligencia segura, o mais perigoso typo de criminoso."

— Não gabes tanto o homem, — disse eu, sorrindo, a Doc. — Está sendo pouco modesto... porque, afinal, sempre o apanhaste.

Corrigan disse-me com ironia:

— Não o *teriamos* se elle se tivesse contentado com os dois milhões do seguro. Mas elle quiz agarrar tudo...

Tomei de um trago o resto do whisky que havia no meu copo. Doia-me a possibilidade de chegar a commetter um engano, depois de tantos annos sem permittir brecha na defesa dos interesses da Continental.

Corrigan proseguiu:

— Provavelmente, o nosso homem assassinou Lawrence Strong logo depois da primeira transfusão de sangue do velho. Levou o cadaver para a garage, escondeu-o na trazeira da barata e sahiu porta afóra da residencia de Cissel, já no papel de Lawrence Strong!

"Passou, então, segundo nos informou a governante, muitas horas fóra de casa. No dia seguinte, Lawrence Strong estava grippado e ficou duas semanas de cama. Comprehendes?"

— Não sei o que queres que eu comprehenda.

* * *

Pacientemente, Doc destacou as palavras:

— Precisava daquellas duas semanas para ficar sabendo de certos detalhes da vida de Strong na intimidade e para não chocar ninguem com differenças de gestos e de tom de voz, que nos primeiros dias seriam mais sensiveis e perigosos.

— Não tinha pensado nisso.

— Disse-te que se trata de um criminoso do typo mais perigoso.

— Quando me lembro que por um triz elle nos illudia a todos!

— Quando soube do passeio de Strong, dados os seus antecedentes, estranhei. E a descoberta de vestigios de limo, cimento e pollen na barata levou-me a pensar nos campos frios onde o cimento, o limo e o pollen sempre se reunem. Nesse ponto do meu raciocinio, a casa de campo de Cissel surgiu aos meus olhos como um terreno propicio para as estranhas actividades do impostor. O resultado do exame feito em seu nariz e em seus ouvidos só veiu tornar mais fortes os meus motivos.

— Sim, vou comprehendendo tudo.

— Agora, o testamento. No pé em que estavamos, o testamento só podia ser falso. Foi o que ficou

sem duvida nenhuma provado pelo tintometro.

Dei um murro formidavel na mesa de Doc, fazendo espirrar o resto do whisky que havia em seu copo:

— E pensar que o assassinato do velho Cissel foi commettido em plena luz de uma sala de operações, com testemunhas daquellas ao redor!

* * *

— Realmente. O impostor andou lendo um livro sobre transfusões e se inspirou nessa leitura para commetter o assassinato do velho: com algumas horas de exercicio violento de banheiro, conseguiu o seu objectivo, com um minimo insignificante de risco de ser descoberto. Só mesmo um profissional seria levado a suspeitar. De onde se vê que não será demais que os dectetives que pretendam ser realmente grandes se mettam a estudar medicina.

Está provado que a maioria dos grandes crimes, aquelles que as policias de todo o mundo deixam em branco. com insoluveis, são inspiradas em obras scientificas. A chimica dos venenos subtis está em primeiro plano depois da medicina. No que se constata tambem que as policias devem estar sempre ao par das ultimas descobertas no mundo da sciencia.

"Agora, — terminou Doc com um longo bocejo, — falta-nos apenas a identidade do impostor. Mas isso conseguirás facilmente depois da sua prisão."

Levantou-se e foi se estirar no sofá. Comprehendi que ia dormir. E sahi para tratar da vida.

* * *

Aqui estaria virtualmente terminado este episodio. Quando se dispunha a repousar é que não havia mais mysterio algum a aclarar. Mas toda a historia tem seu epilogo.

Corrigan tinha razão. Preso o sosia do infeliz Lawrence Strong, não tardámos a identifical-o: era um falsario escrachado, de nome Henry Milne, que cursara uma grande faculdade de medicina do Oeste, até o terceiro anno.

Espirito inclinado a pesquisas, cedo descobrira que não daria para salvar a humanidade de seus males, e deixou a carreira em meio, para servir-se dos são conhecimentos bebidos nos bancos de escola, para applical-os ao crime.

* * *

Henry Milne foi condemnado a ir para a cadeira electrica. O que vem mais uma vez provar que não ha possibilidade de passar a perna numa companhia de seguros como a Continental, pelo menos emquanto eu for o chefe dos seus dectetives e contar com a amizade de Doc Corrigan.

Espera que no futuro algum criminoso mais habil de que Milne não venha algum dia destruir com seu genio esta minha affirmação...

Illustrações de

MARCUS FLOOD

A ALMA

Os bens que Christophe Alexandre Pellett possuia eram os seguintes: o seu nome, que fizera por conservar impoluto; uma roupa de linho branco, que não largava de dia nem de noite porque era o seu unico agazalho; uma sêde inextinguivel de alcool, e um par de suissas ruivas que conservava orgulhosamente.

Tinha tambem um amigo. Nenhum homem pode ser amigo de outro, nem mesmo nas suaves ilhas da Polinesia, senão em virtude de alguma qualidade particular. Força, bom humor, perversidade... O individuo deve mostrar qualquer condição sobresalente que faça despertar a admiração.

Como explicar, então, o affecto dedicado a Christophe Alexandre Pellett por Karaki, o "boy" da companhia de navegação? Ahi é que está o mysterio.

Pellett não era máo. Nunca procurava brigas. Nunca se zangava, nunca mostrava os punhos cerrados, nunca ralhava com ninguem. Parecia não saber, nunca ter sabido que o homem branco tem os pés para afastar os indigenas do seu caminho. Nunca dirigiu insultos a ninguem senão a si mesmo e ao mestiço chinez que lhe vendia cognac; e isto explica-se, porque o cognac era pessimo.

Esta ausencia de maldade não significava que houvesse em Pellett coisas muito

RECUPERADA

Conto de JOHN RUSSELL

boas. Perdera ha muito tempo todo o gosto pelo trabalho, e tambem toda a aptidão para mendigar. Não sabia rir, nem dansar, nem entregar-se a nenhuma dessas amaveis excentricidades que ás vezes tornam sympathicos os bebedores.

Em qualquer outra parte do mundo, te-

ria acabado os seus dias na inércia e na indolencia. Mas, quem sabe que acaso o levou até áquellas praias, onde a vida é tão facil como uma cantiga? E o seu destino deparou-lhe um amigo. Assim continuou, sem que lhe succedesse nada de notavel: contentou-se em viver como um pedaço de carne conservado em alcool.

O seu amigo Karaki era um pagão, um cannibal de Bouganville, desse paiz onde assam as pessoas para comel-as. Em Fufuti consideravam-no tão estrangeiro como um branco, porque Karaki era melanesio e da côr da tinta de Nankin. Era um homemzinho muito grave, de olhos encovados; tinha um tufo de cabellos pretos e completa ausencia de expressão. Usava um panno de algodão vermelho enrolado na cintura, e um annel de cobre pendurado no nariz.

Um chefe poderoso, na sua ilha natal, tinha vendido Karaki á companhia de navegação por tres annos, recebendo em paga tabaco e bugigangas.

Expirado esse prazo, Karaki voltaria a Bouganville — a oitocentas milhas de Fufuti — e desembarcaria tão pobre como antes, menos em experiencia. Era esse o costume.

Entretanto, Karaki podia ter os seus projectos pessoaes, á margem destas normas invariaveis.

Raramente se encontra, nessas raças negras do Pacifico, algumas das virtudes que dignificam os povos sujeitos á escravatura. A fidelidade e a obediencia podem-se exigir noutras cores, desde o moreno até ao achocolatado. Mas o negro continua sendo o selvagem indomesticavel. Dahi o assombro de Fufuti, quando Karaki se consagrou áquelle despojo que usava o nome de Christophe Alexandre Pellett.

— "Hy toy", Johny! — chamou Moy-Jack, o chinez mestiço. Vem buscar o teu amo. Já bebeu demais!

Karaki deixou a sombra do galpão de copra, onde esperava ha mais de duas horas, e adiantou-se para receber a massa que lhe atiravam da porta do "bar". Agarrou-o sabiamente pelos pulsos, e arrastou-o até á praia. Moy-Jack, em pé no umbral, contemplava-os com cynico interesse.

— "Hy toy"! — gritou. Para que diabo te preoccupas tanto com esse amo beberrão? Trazeme a mim as perolas que arranjares. Eu t'as pagarei a peso de ouro.

Era uma coisa que incommodava Moy-Jack, ter de servir ao homem branco a sua ração de alcool em troca das pequenas perolas que elle levava sempre. Karaki é que mergulhava nas aguas, para dar aquellas perolas a Pellett. Moy-Jack poderia enriquecer tratando directamente com Karaki, e recebendo as perolas em troca de um pouco de tabaco.

— Por que dás essas perolas ao bebado? — tornou a perguntar o chinez. De qualquer maneira, elle não tardará muito a dar com os ossos na sepultura.

Karaki não respondeu. Nem siquer olhou para Moy-Jack, e o mestiço concluiu o seu discurso num murmurio. Um relampago estranho passou pelas pupillas de Karaki...

O negro conduziu o fardo humano para a praia, pondo-o ao abrigo das folhas de "pandanus" que lhe serviam de tecto. Deitou Pellett numa esteira, mettendo-lhe uma almofada de palha sob a cabeça, borrifando-o com agua fresca e limpando-lhe a lama dos cabellos e da barba. As suissas que Pellett usava eram ruivas, côr de cobre dourado pelo sol. Karaki alizou-lhas com um pente de madeira. Depois, sentado, munido de um leque, enxotou as moscas do rosto congestionado do ébrio.

Pouco antes do meio-dia, qualquer coisa o fez sahir precipitadamente do seu abrigo. Karaki estudava o tempo ha duas semanas. Sabia que ia produzir-se uma mudança quando o vento alisio do sueste começasse a soprar sobre o estreito. E agora, olhando, via umas sombras distinctas correrem ao longo da areia, e um véo começava a encobrir o sol...

Toda a população de Fufuti dormia. Os "boys" das casas dos brancos e dos negocios dos mestiços repousavam nas varandas trazeiras.

Resguardado pelo seu mosquiteiro, o administrador sonhava beatificamente com enorme scarregamentos de copra. Moy-Jack dormia entre as suas garrafas e galões.

Ninguem se atreveria a sahir, naquelle meio-dia consagrado ao repouso. Ninguem, a não ser Karaki, o negro indomavel, que pouco se importava com os costumes e sonhos daquella gente. O rumor de seus passos perdia-se entre o fragor das ondas batendo nos rochedos. Foi deslizando como um fantasma; e emquanto toda Fufuti dormia, entregou-se ali a uma estranha e curiosa tarefa...

Karaki tinha informações precisas sobre dois pontos de capital interesse: sabia onde estava a chave do deposito de mantimentos, e onde estavam guardados os fuzis e as munições. Abriu o galpão e apoderou-se de tres peças de panno, algumas facas, duas caixas de fumo e uma machada pequena. Havia ali muitas outras coisas que Karaki podia levar, mas elle era homem de gostos simples, e não costumava afastar-se por nada dos seus propositos.

Com a ajuda da machada abriu o armario dos fuzis e tirou uma "Winchester" e uma caixa de cartuchos. Com a mesma arma conseguiu entrar no deposito das canoas. Uma vez ali, arrombou o fundo da baleeira e de dois balandros, de maneira que não pudessem ser logo utilizados.

Na praia encontrava-se uma solida piroga como as que usavam os compatriotas de Karaki em Bouganville, com a proa erguida, dando-lhe um aspecto de meia lua. Karaki empurrou a embarcação para a agua, e metteu nella o producto da sua expedição furtiva.

Teve de escolher rapidamente as provisões. Tomou um sacco de arroz e outro de batatas. Embarcou tantas nozes de coco quantas pôde levar num sacco em tres viagens. Tomou tambem um barril de agua e uma caixa de bolachas.

Succedeu então uma coisa estranha.

Quando procurava as bolachas, Karaki tropeçou com a provisão de alcool pertencente ao administrador: uma duzia de garrafas de "whisky" irlandez. Deitou-lhes um olhar e desdenhou-as. Não ignorava o que continham... mas desdenhou-as.

Mais tarde, quando soube disso, Moy-Jack fez esta prophecia extraordinaria: nunca conseguiriam apanhar vivo o negro Karaki.

Terminados os preparativos, Karaki voltou ao seu abrigo de folhas e despertou Christophe Alexandre Pellett.

— Eh! Patrãozinho! Venha commigo!

Pellett soergueu-se e passeou em redor um olhar meio espantado.

— Já é tarde... — disse. A venda está fechada. Boa noite a todos. Eu... eu vou me deitar.

E tornou a cahir de costas sobre a esteira.

(Continúa no fim da Revista)

Contractei um cantor desempregado. As valvulas de radio andam tão caras!

Patrão, esta moça servirá para tomar conta da casa enquanto a patroa anda na Europa?

CINE-MAGASINE

Correspondencia de MARIUS SWENDERSON

HOLLYWOOD—Janeiro 1937.

Quando o director William Wyler chama Simone Simon ao telephone e ha gente por perto, ella fala francez. Quando não ha ouvintes Simone se serve mesmo do inglez.

Chega a parecer qualquer coisa — mas Simone passeia e se diverte com tanta gente!

* * *

Antigamente ellas e elles compravam Rolls Royces vermelhos, castellos mouriscos ou italianos, construiam cavallariças e canis, quando Hollywood lhes dava gloria e fortuna. Mas Jane Wyman, recem-chegado de Chicago, mandou abrir no terreno da sua residencia... um lago! E justifica o seu capricho da seguinte maneira: uma piscina serve só para mergulhar e nadar, ao passo que ella gosta de aquaplano e tem uma lancha com um motor formidavel.

* * *

Ha duas estrellas em Hollywood que são presentemente consideradas as mais felizes da cidade.

De uma dellas Clark Gable disse:

— Gosto de Carola Lombard pela sua naturalidade. Carole não é dada a affectações. E' sincera no que pensa, diz e faz.

Da outra Robert Taylor disse:

— Gosto de Barbara Stanwyck pela sua rectidão. Ella jamais promette coisa nenhuma a homem nenhum "até á morte", não se mostra de accordo com coisa alguma com que realmente não esteja, só para se fazer agradavel. E' a sinceridade com que vê a si mesma e ao mundo que a tornam admiravel.

* * *

O senhor duque de Warwick chegou a Hollywood para fazer films sob a legenda do leão. Uma pequena assanhada foi logo arrelial-o:

— Oh, meu caro Duque, é verdade que vão obrigal-o a mudar de nome?

Elle respondeu que sim.

Como escolher? Todas são bonitas e Dave Gould se vê realmente atrapalhado para resolver qual dessas pequenas entrará para seu proximo film.

match de tennis em plena chuva. A agua corria a valer, os jogadores estavam encharcados, mas nem por isso demonstravam pouco enthusiasmo pela partida.

E quando elles entraram afinal no salão, sorridentes e molhados até á medulla, os frequentadores do hotel cahiram das nuvens: tratava-se de Paul Lukas e Ralph Bellamy.

* * *

"O Nosso Amor e o Nosso Lar" parece ser o titulo da nova canção que Dick Powell e Joan Blondell não se cançam de entoar. Esse par já devia estar sahindo da lua de mel, mas recusa-se ainda a sahir de casa.

Dizem os dois que o mal dos casaes de Hollywood é se metterem em muitos forrobodós e descuidarem das suas vidas intimas. E se declaram dispostos a evitar por todos os meios que o seu casamento resulte em fracasso, como tantos outros.

* * *

Numa cidade em que os cidadãos se levantam da cama ás seis da manhã para trabalhar dez horas e á noite lutam para esquecer o dia — e essa cidade é Hol-

Nelson Eddy é um apaixonado pela musica e passa a maior parte de seu tempo tocando orgão. — A' direita, "Rembrandt", interpretado por Charles Laugton.

— Oh, é horrivel, horrivel! E o senhor, tambem soffrerá alguma alteração?

— Naturalmente. De hora em deante, serei cobaia.

A pequena assanhada deixou cahir o queixo:

— Como?

— Naturalmente, vão me fazer passar por diversas experiencias. E quem passa por experiencia não é cobaia?

Como se vê, o duque de Warwick chegou a Hollywood e foi logo dando prova do seu "humour" britannico.

* * *

Os frequentadores do selecto Desert Inn Hotel em Palm Springs, divertiam-se muito recentemente, assistindo a um

"O Crepusculo dos Deuses" é o ultimo film em que entram juntos dois dos maiores artistas de Hollywood que vemos ao lado — Paul Muni e Luise Reiner.

lywood — o gag é uma coisa de summa importancia. E sempre levado a serio.

Por occasião da inauguração do seu Theatro Chinez, Sid Grauman — antigo Colosso hollywoodense que está se transformando numa Tragedia — pediu a Bill Powell e Myrna Loy que imprimissem as marcas de seus pés e mãos no cimento molle da entrada do novo estabelecimento.

Quando os dois conhecidos artistas saltaram do automovel, porém, na noite do acontecimento, Sid olhou para os pés de ambos e se desfez em lagrimas.

— Oh, Bill! — lamentou-se. — Esta noite é a mais solemne da minha vida. Você não me póde fazer uma coisa destas!

— Sentimos muito, — desculparam-se os dois artistas ao mesmo tempo, — mas são os unicos sapatos que temos.

Bill e Myrna haviam comparecido com umas "lanchas" de clown! Afinal, depois de varios lenços de Sid Brauman torcidos, empapados e novamente torcidos, os dois cederam e foram calçar os seus sapatos, que haviam deixado no interior do automovel.

* * *

Jimmy Stewart inventou um divertimento para as noites em que elle e a pequena se sentem tão cançados que não se animam a sahir das respectivas residencias.

Installou um apparelho de televisão nas duas casas e assim os dois se vêem e conversam, sem se abalarem do sofá ou da poltrona.

Mas o diabo é que o apparelho de som está atrazado e ainda

Binnie Barnes goza as delicias de sua piscina na residencia que construiu recentemente em Baverly Hills, a collina das casas das "estrellas".

Luise Reiner numa nova encarnação — viennense... como ella é realmente.

não sahiu da fabrica, de maneira que a parte da conversa fica um pouco trabalhosa: é preciso que os dois executem com os dedos o complicado alphabeto dos surdos-mudos ou escrevam numa lousa negra.

* * *

Anda correndo uma estranha mania pelos sets da 20th Century-Fox, e quem a iniciou foi Connie Bennett.

Connie resolveu distribuir relogios de lapella entre os auxiliares de **Mulheres Enamoradas**. Barbara Stanwyck resolveu batel-a, presenteando o grupo de "Banjo On My Knee" com relogios de platina que deixaram todos no studio de bocca aberta.

As coristas, resolvendo entrar na competição, presentearam o director choreographico, George Haskell, com uma peça de relojoaria realmente admiravel. Mas por emquanto o record cabe a Arline Judge, que distinguiu a chefe dos guarda-roupas com um relogio pulseira que lhe custou a ninharia de quatrocentos dollares.

E ainda não é tudo. Murmura-se que todo o **lot** se reunirá para condecorar um tal Mr. Zanuck com um super-super-relogio.

Onde, oh, onde irá parar essa mania?

Appareceu um circo em Hollywood e, recordando-se da infancia, Spencer Tracy resolveu ir ao seu primeiro espectaculo.

Antes dos numeros da pista central. Spencer passeava pela alameda das funcções isoladas e viu o retrato d'**A Mulher Selvagem da Abyssinia.** ..

Nunca tinha visto uma mulher selvagem da Abyssinia e resolveu entrar.

A mulher estava dentro de uma jaula, rugindo e se atirando contra as grades. Spencer Tracy divertia-se immensamente quando — palavra — a "selvagem" interrompeu a representação e exclamou subitamente em inglez de puro sotaque yankee:

— Mas é Spencer Tracy! Não quer me dar o seu autographo?

* * *

Rosalina Russel mora perto do Boverly Hills Brown Derby e ha poucas semanas, estando sua cazinheira adoentada, almoçou

Martha Eggerth prepara-se para filmar... dentro de uma banheira, sob a direcção de Bruno Duday — "Hofkonzert".

tres dias successivamente no Derby.

De todas as vezes levava o seu cãozinho e deixava-o no automovel.

Talvez não devessemos ter feito, mas afinal, a porta estava aberta...

Parámos. Jean Harlow estava sentada deante do espelho, conversando com **alguem.** Não conseguimos ouvir a resposta da voz masculina, mas de subito Joan voltou a cabeça e disse com vehemencia:

— Pois aposto mil dollares contra um que só me casarei depois dos trinta annos!

O que bem parece dar ao propalado romance Powell-Harlow um ar de platonicismo. Ou dará mesmo?

Chevalier parece que não voltará mais para Hollywood, pois está fazendo grande successo nos estudios francezes. A' esquerda apparece ao lado de Marie Glory em "Avec le Sourire".

No quarto dia não podia achar o cão em parte alguma e depois de se cançar de procurar, tomou o carro para ir almoçar ainda outra vez no Derby.

E lá estava o pomponzinho que era á distancia o pequeno cão, esperando-a, á porta do club.

— Nunca deu antes nenhum signal de intelligencia, — declarou Rosalind, estupefacta.

* * *

A Metro teve um trabalho enorme para arranjar um novo argumento a ser filmado pelos irmãos Marx e acabou não conseguindo nada. E' uma difficuldade inventar sempre originalidades especialmente para cada um dos tres impagaveis comicos.

Afinal, Chico Marx perdeu a paciencia e declarou:

— Qual, só eu mesmo fazendo!

E alguns dias depois apresentava um argumento que, infelizmente, tambem não foi approvado.

Billy Barrud, Jean Rogers e Doris Nolan, tres recrutas do elenco notavel da Nova Universal, na praia de Malibu'.

MEU

ELLA CONCENTROU NO FILHO TODO O AMOR DE SUA

(*Um conto cine*

Nasci no sul dos Estados Unidos. Filha unica, meus paes me crearam com todas as vontades.

Jel Harvey foi meu companheiro de infancia e aprendeu desde muito cedo a me amar. No emtanto, eu preferi Dave Allen, de quem me tornei noiva.

Mas estava escripto que o meu casamento com Dave não se realisaria. Poucos mezes antes da data fixada para a ceremonia, chegou á pequena cidade onde residiamos uma moça da cidade, que desviou por algum tempo as attenções de Dave. Despeitada, depois de uma troca de palavras exaltadas, perguntei a Joel se gostaria de se casar commigo.

A principio, Joel tentou dissuadir-me. Mas eu soube como me portar e no mesmo dia á tarde casámo-nos.

Quando demos publicidade ao facto, meus paes não se aborreceram: sempre haviam tido um fraco por Joel. Dave, no emtanto, partiu immediatamente para uma outra cidade onde residiam uns parentes seus.

* * *

Naquelle tempo, mesmo nos Estados Unidos, o casamento era uma coisa indissoluvel. Um anno depois da minha resolução precipitada nasceu o meu filho.

Joel sempre foi muito bom e paciente e conseguiu mesmo me

FILHO

VIDA. MAS AQUELLE AMOR EXAGERADO O LEVOU A...

***matographico*)**

dar uma certa felicidade. No entanto, nunca pude amal-o, falta de que procurei me recompensar adorando o nosso filho, Donald.

Criei Donald com todas as vontades, permittindo-lhe todos os caprichos, encorajando-o mesmo nas suas exigencias mais absurdas. Quando Joel procurava me abrir os olhos, irritava-me e tinha ataques, o que o fazia se calar.

E quando Donald se preparava para entrar para a Universidade, Joel falleceu subitamente, victima de um mal do coração que ninguem desconfiava que elle tivesse.

* * *

Passaram-se varios mezes e um filho prodigo voltou á nossa cidade: Dave Allan.

— Maisie! — exclamou elle ao me ver. — Qual, não póde ser, deve ser a filha de Maisie: esta jovem cuja mão tenho nas minhas não póde ter mais de dezoito annos.

Corei. Dos seis annos até os primeiros annos da minha mocidade me habituara a não dar importancia a ninguem mais desde que Dave Allen estivesse presente. Senti que a velha sensação se repetia.

— Onde está a esposa, Dave? — perguntei rindo, para disfarçar o meu embaraço.

— Não ha esposa, Maisie, — disse-me elle gravemente. — Desde que me pregaste aquella feia peça, castigando-me de uma loucura momentanea, nunca mais houve uma mulher em minha vida, embora por ella, naturalmente, tenham passado muitas.

* * *

Nessa tarde, quando Donald chegou, encontrou Dave na varanda commigo. Meu filho cumprimentou seccamente o desconhecido, com visivel hostilidade.

— Bem, até amanhã, Maisie, — despediu-se Dave com familiaridade.

Foi esse o inicio da segunda corte de Dave, muito mais ardente do que a primeira.

A expressão de Donald, no emtanto, quando elle estava presente ou lhe era feita alguma referencia, preoccupava-me.

* * *

— Oh, Dave, não posso me decidir ainda... Tenho que pensar no meu filho.

— Maisie tolinha, não vês que Donald é um homem? Não precisa mais de ti e se ainda não comprehende em breve comprehenderá o que se passa comnosco. Gosto do rapaz, Maisie, mas não gosto de que elle se interponha aos nossos planos!

E um dia, como eu ainda não cedesse:

— Maisie, deixa-me falar ao rapaz. Parece-me que elle anda um pouco ciumento. Mas nós nos entenderemos.

— Não, não! — protestei horrorizada. — Donad é muito... brusco, ás vezes. Eu mesmo lhe falarei antes.

— Muito bem, mas não me faças esperar muito. Não vês que não posso, querida?

* * *

Varias vezes nesse dia tentei falar a Donald, mas sempre a coragem me faltava ao ler o resentimento em seus olhos. Elle costumava ser tão carinhoso e aberto commigo mas passou a se retrahir e fugir quando me via. Presenti enormes contrariedades para resolver o meu segundo casamento.

Passou-se assim um mez. Dave cada vez mais impaciente. Afinal, uma noite, elle me disse:

— Onde está Donald? Vou falar com o patifezinho agora mesmo. Não podemos esperdiçar a vida por causa do capricho de um menino.

— Não, por favor, Donald... Prometto-te que falarei com elle, ainda esta noite. Desta vez, seriamente.

Quando Dave sahiu, subi ao quarto de Donald.

Encontrei-o de luz accesa, deitado, o olhar fixo no tecto, martyrisando com as mãos nervosas o travesseiro.

— Vim te communicar uma coisa, filhinho, — comecei.

— Não te preoccupes, — replicou elle. — Até me surprehendo de que te recordes que eu existo.

Fingindo não perceber o seu sarcasmo, contei-lhe da melhor maneira possivel a historia do meu amor por Dave.

— Ah, é assim? — indagou elle, saltando da cama. — Pois fica sabendo que prefiro te ver morta a que te cases com esse homem! Prefiro me matar!

— Meu filho, por favor não digas essas coisas! Por favor, meu filho!

Na manhã seguinte, escrevi a Dave pedindo-lhe que passasse uns dias sem me procurar, até que Donald se mostrasse mais calmo.

Mas Donald continuava irreductivel. Dois mezes terriveis se passaram.

Escrevia diariamente a Dave. Via-o uma vez ou outra, fóra de casa. Mas tinha vergonha de lhe contar a verdade integral a respeito de Donald.

Donald passava por estados diversos, indo da melancolia mais aguda, de horas e horas, aos surtos mais ardentes de carinho por mim. Emagreceu, ficou pallido, cada manhã as suas olheiras roxas eram mais profundas.

Quanto a mim, entre aquelles dois amores que me dilaceravam, tornei-me uma sombra do que fôra.

* * *

Afinal, Dave entrou uma manhã em minha casa, quando Donald não estava, e disse-me serenamente:

— Maisie, venho te dizer que hoje resolveremos o nosso caso. Não podemos continuar assim. Para satisfazer o capricho de um rapaz doentio estás estragando as nossas duas vidas.

"Ha vinte annos, num momento de rancor, inutilizaste o nosso futuro. Casaste-te com um homem melhor que eu, indiscutivelmente. Mas sabes que nos pertencemos, tu e eu. Não podemos viver bem um sem o outro. Não deixes que escape esta nossa segunda opportunidade, querida. Ainda somos jovens, dentro do padrão actual da vida. A vida póde nos dar ainda tanta coisa — amor, conforto, viagem. Consegui ganhar algum dinheiro. Posso ganhar ainda mais, mas juro-te que o dinheiro de nada me vale sem ti.

"E' preciso que te resolvas, querida. Parte esta tarde para o Texas. Se não fores commigo, nunca mais nos veremos."

Extendi-lhe ambas as mãos, chorando. Elle me abraçou com ternura e disse-me ao ouvido:

(Continua no fim da revista)

COMO ENVELHECI

Que planos maravilhosos para o futuro fizemos na nossa viagem de nupcias para as Phillippinas! O lar e os filhos seriam sempre a nossa primeira preoccupação, jurámo-nos mutuamente.

Meu marido procurou me fazer sentir como é difficil a um official do exercito collocar o lar e a familia á frente dos seus deveres sociaes. Assegurei-lhe que poderiamos construir o nosso lar em qualquer logar que elle tivesse que servir e que o amor dos nossos filhos nos compensaria de tudo quanto nos faltasse.

Quando chegámos ao posto, encontrámos os nossos moveis desengradados e a casa completamente arrumada. Até as camas estavam feitas. Dois creados efficiantes moviam-se de um lado para outro, silenciosos, attendendo aos ultimos detalhes. Ficámos desapontados, pois fazia parte do nosso projecto arrumarmos nós mesmos a nossa casa. Mas todos haviam sido tão gentis que não tivemos coragem de dizer nada. A nossa vizinha mais proxima disse-me:

— Um dos creados cozinhará e fará as compras. O outro servirá a mesa e limpará a casa.

Protestei que isso não seria possivel, que o soldo de meu marido não dava para taes luxos e que eu teria prazer em tratar do meu proprio ar.

AOS 25 ANNOS

Qual seria o poder daquelle demonio do amor que a levou a tão desesperados extremos?

(UM CONTO CINEMATOGRAPHICO)

Ela replicou:

— Mas os empregados aqui são tão baratos e competentes... Farão tudo melhor que você propria. E leva-se aqui uma vida tão descuidada e tão cheia de compromissos sociaes...

O facto de eu chegar recem-casada ao posto, serviu de pretexto para uma serie de bridges, cocktails e festas. A' noite, o luar romantico de Manila illuminava os nossos loucos passeios.

O primeiro anno passou rapidamente. Dansei até quasi o mo-

mento em que nasceu meu filho. Mas a estadia no hospital deu-me tempo para reflectir. Planejei tornar-me a melhor mãe do mundo. Bons creados podiam se encarregar dos serviços da casa, mas o meu filho só por mim seria cuidado.

Quando cheguei á casa, depois de duas semanas de hospital, felicissima pelo braço de meu marido, carregando o nosso filhinho, fomos recebidos á entrada pelos dois servos fieis. Com elles estava uma chinezinha. Um dos creados disse:

— Arranjei uma ama. Ella trata bem patrãozinho.

Procurei explicar que não precisava de uma ama; que eu me occuparia do patrãozinho. Mas antes que tivesse tempo para terminar a primeira phrase gritos e exclamações encheram a casa. E como por magia, bandejas de **hors d'oeuvres** e de copos e taças appareceram. Acclamações partiam de todas as boccas.

Quando a confusão amainou um pouco, procurei nervosa onde estaria o bebê. O creado me disse:

— Creança boa. Ama levou creança. Ama boa, gosta creanças.

Corri para o quarto que haviamos mobiliado de vime para o nosso filhinho: era a unica peça de toda a casa que ficou realmente ao nosso gosto.

O nenen dormia serenamente e a pequenina ama estava sentada ao lado da sua cama. Ao me ver, sorriu, levou um dedo aos labios e com a outra mão me fez signal para que me afastasse. Sentia-me ainda fraca e a recepção barulhante me fatigara, de maneira que gostei de poder ir me deitar e descançar.

* * *

Meu marido convenceu-me de que devia ficar mesmo com a ama, pelo menos por algum tempo, para me ajudar a vencer as primeiras difficuldades.

Os mezes foram se passando, porém, e eu ia perdendo o animo de despedir a chinezinha.

A REUNIÃO ERA ALEGRE E FORAM TROCADOS NUMEROSOS BRINDES

Afinal, chegou o momento de voltarmos para os Estados Unidos. Não haviamos feito economias: sempre tinhamos tantos objectos exoticos que comprar, coisas que valeriam uma fortuna no nosso paiz! Assim, o dinheiro que deram a meu marido como ajuda de custo para a viagem mal dava para as despesas da partida e para as passagens.

Quiz falar á ama, dizendo-lhe que ella ficaria. Mas a vi tão longe de imaginar que isso acontecesse, que me faltou coragem.

Pedi a um dos creados que lhe falasse.

— Eu não deixo meu filho, — foi a resposta da chineza.

* * *

O navio em que iamos embarcar levou cinco dias no porto. E foram cinco dias de festas.

Minutos antes do navio largar, já a bordo, despedi-me da ama, que fizera questão de ficar com a creança até os ultimos momentos. Disse-lhe que quando pudesse lhe escreveria e que talvez mesmo a mandasse bus-

car. As lagrimas corriam pelas faces pallidas da chineza.

Logo me vi cercada pelos amigos que me queriam abraçar mais uma vez. Gritos, ordem de desembarque para as pessoas que não seguiriam viagem, confusão.

Quando o navio foi largando, ouvindo a musica cada vez mais distante da banda no caes e correspondendo aos adeuses daquelles que deixavamos, tive um aperto no coração e pareceu-me que eu ia sentindo se afastar a época mais feliz da minha vida.

Receiosa de que o ruido houvesse acordado meu filho, corri para o camarote. O nenen dormia profundamente, mas sentada no chão ao lado do leito estava a ama.

Sombriamente, ella disse:

— Não deixo meu filho!

Fiquei horrorizada. Não tinha passaporte para ella e portanto não a poderia fazer entrar nos Estados Unidos. Não havia accommodação para ella no nosso apertado camarote. Corri a contar o que acontecia a meu marido, que se dirigiu immediatamente ao commandante e lhe explicou o facto. O commandante arranjou-nos um outro camarote e disse que em Honolulu encontrariamos um navio com destino ás Phillippinas, no qual a ama poderia ser embarcada.

* * *

Expliquei á chinezinha o melhor possivel, o transtorno que estava nos causando e disse-lhe que a teria que mandar de volta

CONCLUE NO FIM DA REVISTA

Simone Simon

Infant gatée de Hollywood

Chronica de DORIS DELAGE

Hollywood - Janeiro de 1937

Simone Simon nasceu sob o signo de Taurus, no dia 23 de abril do anno em que teve inicio a grande guerra. Para que ninguem se fatigue sommando pelos dedos, ella vae fazer vinte e tres annos em abril proximo. A 20th Century-Fox investiu um milhão de dollares na figurinha personalissima de Simone Simon, com o desejo de fazer della uma estrella de fulgor incomparavel — e por emquanto, tiradas as differenças, tudo que ella tem dado á 20th Century-Fox é uma grande dor de cabeça.

Sem duvida, Taurus mantem um preconceito qualquer contra os agentes de publicidade e prohibe a sua influencia de dar muitas informações a esses cacetões de marca maior, que se vingam falando em passeios da beldade de ar candido-pueril-sabidissimo com dois leopardos favoritos, pelas florestas de Madagascar e em outras aventuras do mesmo quilate. Sim, porque Simone Simon já viveu em logares romanticos como Madagascar, Budapest e Paris, tendo até agora levado uma existencia tão colorida como a Avenida Rio Branco em dia de carnaval.

Simone Simon chegou ao studio no dia do seu anniversario e se mostrou muito lisonjeada ao ver que o ambiente era festivo.

— Festejamos um anniversario! — disseram-lhe — Shirley Temple faz annos hoje.

Os graudos do studio resolveram dar-lhe o papel de Cigarette em **Sob Duas Bandeiras.** Ella era ideal para o papel. Simone Simon podia facilmente tomar uma expressão mais ingenua que a de um cherubim, quando os homens da Legião Estrangeira se engraçassem, e uma attitude de cortezã ultra-experiente quando elles não quizessem pagar o que houvessem consumido. Tudo parecia muito certinho, mas Simone Simon começou a fazer das suas: nunca se viram **scenas** tão incriveis como as que ella fez logo de inicio, para ir pondo aquelles que deviam trabalhar com ella ao par do seu temperamentozinho de vibora.

* * *

Não sou **temperamental,** — affirma Simone Simon, batendo com o pé para não perder o habito. — Eu só mudo de opinião,

Filmando "Dormitorio de moças".

nada mais. E não posso me impedir de mudar.

Os desentendimentos em torno da francezinha, começaram a crescer como cogumellos venenosos. Simone não se animava a falar inglez, locomovendo-se pelo studio sempre acompanhada de um interprete. Numa recepção á imprensa, simulou não entender o que lhe diziam, replicando em phrases confusas, num inglez intelligivel. Acontece, porém, que um dos jornalistas descobriu que ella podia falar o inglez perfeitamente — e desde então Simone Simon passou a ser considerada capaz de tudo.

Sua reputação de **temperamental** espalhou-se com rapidez. Hollywood não póde deixar de achar graça em muitas das peripecias que envolveram a caprichosa estrella, sobretudo na que se segue:

Simone, dizia-se, chamara ó productor para resolver uma questão entre ella e o director.

—Chamou-me de mentirosa! — accusou ella com calor.

— Ah, foi disso que a chamei? Ora, pois agora, vou dizer o que penso reamente a seu respeito...

E o director passou logo da ameaça á sua execução. Esse episodio é interessante, se é que é verdadeiro, mas talvez concorra mais para a reputação de **temperamental** do director do que da propria Simone Simon.

Assim, não nos fiemos muito nas apparencias e aprofundemos mais o estudo da personalidade de Simone.

Simone foi filha unica, creança solitaria. Sempre viajando de um lado para outro, não lhe sobrou tempo para se achar a si propria. Lembra-se de ter frequentado onze collegios. Sem ter amizades, vivia num mundo exclusivamente de sua imaginação.

— Minha mãe não sabia o que fazer commigo, — diz ella. — Eu era tão timida que não gostava de falar com ninguem. Escondia-me, pelos cantos, como um animal arisco, fugindo de todos e no emtanto desejando chegar perto, para ver se me fariam mesmo algum mal.

Esta explicação esclarece consideravelmente o mysterio que é Simone Simon. Não admira que pareça ás vezes agir de maneira tão absurda! Aos vinte e dois annos, ainda não venceu a sua infancia solitaria e prejudicada.

— A's vezes, quando vejo muita gente em redor da camera, olhando-me, fico com medo, — conta ella. — Passo de novo a ser a creança que fugia do contacto com as outras pessoas... e custo a me dominar. E quando não o consigo, dizem que sou **temperamental.**

* * *

Foi Tourjansky, do Theatro Artistico de Moscou, quem a descobriu, ou pelo menos quem fez o bicho desconfiado sahir da concha. Tourjansky estava dirigindo em Paris quando a viu e quiz tirar um test. Simone resolveu acceitar.

O resultado foi excellente e seus papeis nos films francezes foram crescendo sempre de im-

portancia. Com Jean Aumont, foi sensacional numa pellicula firmada num entrecho de Vicki Baum. Quando a 20th Century-Fox a contractou ella era uma grande figura de tela européa.

Em Hollywood, no emtanto, passou a ser ninguem. Simone não podia comprehender essa brusca transição, e, muito naturamente, rebellou-se.

Depois de **Dormitorio de Moças,** comtudo, ficou em posição de tirar vingança, se vingança era o que almejava. E é certo que pelo menos divertiu-se muito.

Antes do film ser lançado ella passava todas as noites em casa, abandonada, esquecida. Depois da estréa, tendo se collocado acima de astros do valor de Herbert Marshall e Ruth Chatterton, Simone passou a ser a pequena mais procurada em toda a cidade.

Quando o studio requisitou-a para entrevistas e poses, então, foi que ella se divertiu de verdade. Os representantes do studio ouviram da creada que ella estava ameaçada de pneumonia, em observação para uma possivel operação de appendicite. No emtanto, nessa mesma noite, os chefões do 20th Century-Fox a viram dansando no Trocadero! No dia seguinte, quando procurada por telephone pelos productores, mandou dizer que não podia se mover, pois tinha torcido um pé e estava de perna estirada. No emtanto, á tarde, era vista jogando tennis, e á noite no previw de **Dodsworth!**

Em peno jogo de esconde-esconde, Hyman Fink, o photographo phantasma de Photoplay, bateu uma chapa sua, durante uma das suas mais graves affecções, jantando com um aviador conter-

(Continúa no fim da Revista)

Outra scena de "Dormitorio de moças", de Simone Simon.

VENTOS DE MORTE

Conto de PHILLIPS OPPENHEIM
Illustrações de J. GUSTAVSON

Diz Norman Greyes: Pouco familiarizado com o estudo da psychologia, nunca comprehendi nada acerca dos phenomenos que se relacionam com esta sciencia tão complicada; não é de estranhar, pois, que as sensações que experimentei durante o outomno seguinte, ao voltar da capital da França, permaneçam para mim inexplicaveis e inexplicadas. Não obstante, permittir-me-ei apontal-as aqui, uma vez que fazem parte da minha historia.

Sempre fui de natureza robusta, são de corpo e de espirito, mas, apesar de achar-me naquelle outomno nas mesmas condições e levar uma vida de repouso e ar livre numa localidade pacifica, entrou subitamente em minha alma um medo estranho, fazendo-me acreditar num horrivel desastre que se formava sobre a minha cabeça. De manhã, quando punha a espingarda ao hombro para ir caçar perdizes, como á tarde, quando me preparava para fazer uma excursão em "auto", sentia o presentimento de algo terrivel; e não é que perdesse forças, não: atirava com a boa pontaria proverbial em mim, jogava o golf com a mesma destreza e guiava o "auto" com pulso firme e inalteravel. Não obstante, sentia rondar-me o perigo. Recordo que no transcurso da noite despertava bruscamente, julgando ouvir ruido de passos e preparava-me para a defesa.

A' vista disto, modifiquei meu tratamento, enviei-o a meu notario e dispuz tambem varios assumptos relacionados com o arrendamento de varias fazendas.

Tinha só um inimigo no mundo e era naturalmente impossivel que se achasse na Inglaterra. Não obstante, sentia soprar á volta de mim ventos de morte.

Vivia eu então em Greys Manor, numa casa de campo bastante agradavel, embora não muito grande, que passára ás minhas mãos com a herança do baronato. Compunha-se o serviço domestico, em primeiro logar, da minha governante, mistress Foulds, que passára a vida inteira a serviço de meu defunto tio e era mulher de uns sessenta e quatro annos. Pessoa absolutamente agradavel e de bons principios, era merecedora de toda a estima; vinha depois Adams, seu sobrinho e meu mordomo, que tinha ás suas ordens um rapazito, tambem natural do paiz. Depois, o cocheiro e tres criados, que eu via poucas vezes. Outro membro da casa era Simpson, a secretaria, contractada por mim numa agencia muito co-

nhecida em Londres e a quem ditava, varias horas no dia, materia para um livro criminalista que eu começava a escrever ao abandonar meu posto da Scotland Yard. Simpson apparentava cincoenta annos e era a unica filha de um clerigo de Cambridgeshire. De estatura baixa, com seu cabello escuro penteado com uma risca ao meio e muito liso, era a imagem personificada da discreção. Uma vez por semana vinha comer á minha casa, mas fóra desse dia extraordinario só a via nas horas de trabalho, ou á distancia, quando ia dar seu passeio quotidiano de bicycleta, pelo parque e seus arredores. Quanto ao serviço exterior, compunha-se de Benjamin Adams, o guarda-bosque, irmão do mordomo, e de Wilson, o "chauffeur", rapaz honrado e ingenuo que procedia do Devonshire e possuia excellentes referencias. Era este o grupo que me rodeava e com o qual eu estava em continua relação. Nenhum dos que o formavam podia alimentar má vontade contra mim e, não obstante, não me sentia tranquillo.

Certa manhã, sahi para um longo passeio acompanhado do guarda-bosque e de dois cães de caça. Tinha chegado ao limite dos meus dominios, quando nos lembrou mettermo-nos num campo de trigo para procurar uns faisões que perseguiamos. A' minha direita havia um precipicio escarpado, coberto de abetos que cresciam muito apertados. Eu estava um tanto afastado de Adams, pensando em meus faisões, quando ouvi o sibilar de uma bala e um leve rumor que partia do desfiladeiro. Depois vi um orificio redondo recortado nitidamente no meu chapéo.

— Meu Deus! — gritou Adams. Que ha?

Mostrei-lhe o chapéo e o bom homem ficou olhando-o de bocca aberta. Nenhum ruido tornou a sahir do desfiladeiro, excepto o da agua cahindo no fundo. Ali era impossivel haver alguem.

— Adams, vamos para casa — disse ao meu companheiro.

— Com certeza é algum tratante que se esconde por ahi — tartamudeou o meu companheiro, olhando para o alto com ar temeroso.

— E o peor é que nos vê, ao passo que nós não podemos vel-o; por isso acho que o melhor é voltar.

———

Adams queixava-se de dores rheumaticas sempre que eu o fazia andar depressa, mas dessa vez estava cem metros distante de mim quando chegamos á estrada. Pelo caminho, disse-me com desenfado:

— Creio que nos arredores do campo que acabamos de deixar estão meu sobrinho Jayme e William Crocombe lavrando suas terras. Os dois são incapazes de matar uma mosca, mas talvez algum rapaz da granja lhes haja apanhado o rifle que usam para matar passaros.

— Ha algum estrangeiro na casa delles? — perguntei.

Adams não soube responder-me.

Naquella tarde tomei o "auto" e sahi a fazer indagações. Nenhum fazendeiro das proximidades tinha recebido em casa estrangeiro algum, nem visto alguem de rifle ao hombro. A unica arma que pude achar depois de tanta visita mostrava que ha um anno não tinha sido descarregada. Da ultima granja encaminhei-me para o posto de policia do condado e deixei aviso ao inspector. Este senhor veiu visitar-me mais tarde, assumindo um ar solemne e importante e de absoluta indifferença. Depois de ouvir o que acontecera naquella manhã, disse-me em tom desdenhoso que o tiro devia ter sido disparado por um moço que se entretinha a caçar coelhos.

Mostrei-lhe o buraco no meu chapéo.

— Os moços dos arredores, que eu saiba, não caçam com rifles que disparam balas deste tamanho. O inspector coçou a cabeça. O assumpto parecia complicar-se mas, pelo menos apparentemente, não lhe interessava. Por fim, em tom sentencioso, fez esta observação:

— Os rapazes são rapazes e, portanto, travessos e maliciosos.

Vendo que nada podia tirar delle, offereci-lhe o imprescindivel refresco, que acceitou sem cerimonia e despedi-o. Novas pesquisas que fiz pela vizinhança deram o mesmo resultado; isto é, nenhum.

Alguns dias depois lembrei-me de ir em "auto" visitar um amigo que morava bem distante de Greyes Manor; mas apenas tinha percorrido uma milha, quando a engrenagem do volante se desfez em pedaços e fui arremessado violentamente, indo cahir dentro de uma valla. Felizmente, escapei sem grave perigo. Não precisei escutar o pobre Wilson para me convencer de que elle não tinha a culpa do accidente. De qualquer modo, a lesão do joelho me obrigava a ficar recluso em casa por varios dias e pensei em mudar minhas horas de trabalho. Entrei inesperadamente no quarto da senhorita Simpson para lhe communicar esta resolução e achei-a escrevendo á machina. Sem a menor suspeita, pensando que tratava do meu trabalho criminalista, inclinei-me sobre o seu hombro. A senhorita Simpson escrevia em seu diario, terminando um relatorio do dia anterior.

"N. G. trabalhou esta manhã durante duas horas. Jogou o golf até o almoço e á tarde sahiu no seu automovel de dois assentos. Soffreu um accidente e não poude voltar á casa por seu pé. Suas lesões não são de cuidado e mal nos falou dellas. Está convidado para uma partida de caça, em Woolhanger, na terça-feira. Provavelmente voltará ao anoitecer, através as montanhas."

Ao chegar aqui, a senhorita Simpson percebeu minha presença e immediatamente collocou a mão sobre a pagina escripta.

— E' o meu diario particular, sr. Norman.

— Estou vendo. Que interesse tem em annotar meus actos, senhorita?

— Um interesse puramente pessoal. Supplico ao senhor, por sua honra de cavalheiro, me permitta conservar este diario.

Confesso que fui fraco. A idéa de uma discussão com aquella dama de placido aspecto ou uma luta para me apoderar daquelle livro pareciam-me coisas repugnantes. Estendi a mão e fiz soar a campainha.

— Vou ordenar que preparem o "auto" para conduzir a senhora a Bamstaple. O trem parte dali ás cinco.

Ella poz-se de pé e, segurando fortemente o livro, olhou-me fixa:

— Despede-me? Posso saber por que?

— No correr desta semana houve dois attentados contra a minha vida, e assim não estranhará que suspeite de uma pessoa que annota cuidadosamente todos os meus movimentos.

A senhorita Simpson continuava a olhar-me através dos oculos com ar de incredulo assombro.

Por fim, deu meia volta e sahiu silenciosamente do quarto. Desde então, não tornei a vel-a.

Naquella mesma tarde voltava eu da villa, onde acabava de pôr uma carta no correio por minhas proprias mãos e ao chegar a casa vi, parado á porta principal, um "auto" de viagem, côr de aço e coberto de barro. Adams vem ao meu encontro para me annunciar que um cavalheiro me esperava no escriptorio. Julgue-se da minha surpresa e satisfação ao ver que aquelle cavalheiro era Rimmington! Apertei-lhe fortemente as mãos, dizendo:

— Neste momento puz no correio uma carta para você.

— Ha alguma coisa por aqui? — perguntou elle, rapido.

— Mais do que eu quizera — respondi.

E logo perguntei ao meu amigo:

— Como é? Vae tomar um "whisky and soda" ou prefere uma chavena de chá?

Rimmington optou pelo chá e fez um grande consumo de torradas de pão com manteiga. Emquanto comia, explicou:

— Vim em linha recta de Basingetoks, pois o chefe é quem me envia.

— Vejamos, vejamos. Conte-me o que ha.

— Oxalá pudesse explical-o!... Supponho que lê os jornaes londrinos.

— Com effeito.

— Que terriveis successos em Nova York! Onze assassinios em dez dias e milhões de dollares roubados. A policia novayorkina tem estado a trabalhar muito para descobrir os autores de tantos delictos, mas tudo em vão, até á semana passada em que se poude dar um golpe. O resultado foi bastante proveitoso: nada menos de seis prisões. Mas o chefe da quadrilha conseguiu fugir.

— E' pessoa conhecida?

— Creio, sem a mais leve duvida, que é Thomas Pagsley ou James Stanfield ou Miguel Sayers, como prefira. Segundo a policia norte-americana, esse homem desappareceu da superficie do globo e tudo quanto se tem feito para descobril-o, tem sido em vão. Sómente se encontrou a segunda pagina de uma carta. Nessa pagina fala do senhor. Tenho aqui, uma copia.

Rimmington tirou do bolso do casaco uma carteira e desta um pedaço de papel, que me entregou solemnemente. Comecei a ler devagar, palavra por palavra:

"Este estado de coisas, como é natural, chega ao fim. A ultima quinzena foi muito productiva, mas não se póde continuar do mesmo modo. Não obstante, para que eu volte a Londres, não ha de certa pessoa atravessar-se no meu caminho. Já sabe de quem falo. Todos os dias espero noticias da dita pessoa; mas não quero que me falem de mais fracassos. Quanto á mulher, procure que seja cuidadosamente vigiada. Será tão leal como você julga, mas ha momentos em que tenho as minhas duvidas. Podia ser que N. G..."

Aqui terminava a pagina.

— Muito interessante! — exclamei. Devéras! E a quem era dirigida essa carta?

— A' firma social de uns corretores de couro em Bermondsey, e estava escripta sobre o papel de cartas de uma casa conhecida como das mais perigosas de Nova York.

— Não ha a menor duvida de que esta carta é de nosso amigo. Justamente attentaram duas vezes contra a minha vida nestes dois dias e acabo de despedir minha secretaria porquê annotava escrupulosamente todas as minhas acções.

Depois de falar uma hora a este respeito, Rimmington concordou commigo que tomaria a seu cargo a tarefa de enviar um policia para fazer averiguações na vizinhança e prometteu-me tambem procurar os antecedentes da minha secretaria na agencia que a recommendára. Tambem me pediu que voltasse com elle á capital. Mas esta idéa não era muito do meu agrado.

Mas o meu amigo não abandonou facilmente o seu proposito.

— Escute, Greyes, — disse-me com grande seriedade: — ali poderá tambem jogar o golf, escrever o seu livro sobre a historia do crime. Além disso, estará mais seguro do que neste logar tão pouco vigiado. A' parte isto, egoisticamente falando, precisamos de você em Londres, sir Norman. A coisa cessou em Nova York, Paris está tranquilla e o nosso chefe receia que esta tranquillidade de máo agouro seja procursora de uma reabertura de operações na Inglaterra. Esse pedaço de papel que lhe mostrei confirma-o. Eu mesmo estou firmemente convencido de

que dentro de algumas semanas estalará a tormenta.

— Quando querem que eu parta?

— Esta mesma noite — respondeu Rimmington. Eu tambem volto esta noite para Londres. O meu "chauffeur" conhece o caminho palmo a palmo; além disso, haverá lua cheia. Se quizer, podemos sahir de Greyes Manor immediatamente depois do jantar e chegaremos á capital de manhã.

— Muito bem. Pedirei que nos sirvam o jantar mais cedo que de costume.

Eu tinha contado ao meu amigo tudo quanto me succedeu naquelles dias, sem falar nos presentimentos que me assaltaram durante aquelle tempo e que se tinham realizado de modo tão insolito.

Atravessando a planicie de Exmoor, recordei este pormenor e tive a mesma surprehendente sensação de temor. Enchi meu cachimbo e recostei-me num canto do "auto", procurando lutar contra aquellas idéas sinistras, mas não era facil. Toda a noite fui perseguido por crueis allucinações. Os arbustos pareciam-me homens e o silvo de uma longinqua locomotiva, o signal de perigo immediato. Num logarejo proximo a Taunton, achava-se um homem junto á porta de sua casa, olhando para fóra. Lançou-nos um olhar penetrante quando passámos e voltou-se. Pelos vidros sem cortinas da sua janella vi um telephone sobre a mesa. Em Wiveliscombe, um individuo que se apoiava numa motocycleta inclinou-se como para ver bem o numero do nosso carro. Ao cabo de dez minutos corria diante de nós, emquanto seu apparelho fazia vioentas explosões e perdia-se entre as sombras. Ao chegar a Salisbury Plain e depois a Stouchengue, soprava um vento tão frio que meu companheiro e eu nos embrulhámos em nossas capas e bebemos varios tragos de um frasco que eu levava, de precaução. Mais longe, numa encruzilhada, e na parte que ficava na sombra, adivinhava-se um automovel de aspecto sinistro, que esperava com as luzes apagadas. Deixamol-o atraz, sem que o seu unico occupante se dignasse sequer,, olhar-nos. Depois atravessámos Amesbury, Andover e, por ultimo, Basingstoke, com uma velocidade de cincoenta á hora. Percorriamos agora maravilhosos caminhos. A lua empallidecia por momentos, cedendo á alva, e em linha recta, diante de nós e sobre nossas cabeças, uma longa franja de prata que illuminava as nuvens, ia-se tornando lentamente de um purpura apagado.

Antes que o notassemos, achamo-nos nos suburbios de Londres e corriamos mais devagar, na incerta claridade do novo dia. Em Islewoorth, ao passar sob a arcada da via-ferrea, senti que o "auto" parava bruscamente.

Metti a cabeça pela portinhola e vi que tinhamos sido ·ic·tidos por um reforçado policia que, de carteira em punho, falava com os de outro automovel parado a um lado. O policia viu a portinhola aberta e approximou-se de mim.

— Os senhores vão a Londres?

— Sim. Que ha? — respondi.

Apenas disse estas palavras, comprehendi que caira num laço. Comprehendi-o a tempo de sal-

var a vida, dando um socco com toda a força no revolver já encostado ao meu rosto. O tiro partiu; senti no hombro uma dor aguda e o revolver resvalou dos dedos do policia. Estendi os braços para segural-o pela garganta, mas elle afastou-se a tempo. Depois saltou dentro do automovel que passara lentamente ao nosso lado.

O capacete que levava ficou abandonado no pó do caminho. Um terceiro individuo, que parecia surgir de sob o nosso carro, sahiu correndo e saltou para a trazeira do mesmo auto. Depois este desappareceu entre nuvens de pó. Rimmington, pelo tubo de communicação, gritou ao chauffeur que os perseguisse. Lançamo-nos á frente a toda velocidade; mas, depois de uma serie de saltos, acabamos por parar de novo. Saltei em terra. Os dois pneumaticos das rodas posteriores tinham sido crivados de punhaladas e, diante deste desastre vimo-nos obrigados a permanecer inactivos, emquanto o outro automovel dobrava uma curva do caminho, ao longe, e ouvimos o silvo estridente da sua sereia perder-se em direcção de Londres.

———

Diz Janet: Em meiados de outubro recebi, afinal, noticias do meu esposo. Minha má sorte fôra desesperadora. Perdi todo meu dinheiro. Meu aspecto tinha mudado por completo por causa das privações que soffria e os meus vestidos estavam deploraveis. E, no emtanto, perdia successivamente minhas collocações. Nem a propria Helena de Troya poderia recordar que eu recebia declarações dessas que geralmente põem um termo ás relações usuaes entre patrão e empregada. Graças a este estado de coisas, meus bons propositos debilitavam-se cada vez mais e estava prestes a fazer uma loucura, que teria findado uma vida mais ou menos honrada, quando certa manhã entrou no meu quarto a senhoria acompanhada por um moço.

Eu, que estava de máu humor, fiquei furiosa com elles por este descaramento.

— Que quer o senhor? — perguntei ao rapaz. Aqui não é logar proprio para visitas!

— Traz-me aqui um assumpto urgente, senhora — respondeu o rapaz, sem se alterar por tão pouca coisa. A senhora é mrs. Janet Stanfield?

— Assim o creio.

Então abriu a carteira e foi contando eté mil libras, que collocou sobre minha mesa. Soltei uma exclamação de surpresa e fiquei olhando as notas com ar aparvalhado.

— O gerente do banco me encarregou de entregar-lhe esta somma com as suas respeitosas saudações — disse o joven quando acabou. E poz o chapéo, fazendo menção de retirar-se.

Eu detive-o, perguntando:

-Mas quem manda este dinheiro? De que banco falla?

— Do conhecido pelo nome de Fé, Esperança, Caridade — respondeu elle, sorrindo. Passe bem!

Antes que eu pudesse sahir de minha surpresa e abrir a bocca para dizer alguma coisa, o rapaz tinha sahido do quarto.

Desde que chegaram a meus ouvidos algumas noticias vindas da America, procurava eu viver sem o auxilio do meu esposo. Ainda mais: sem que eu mesma comprehendesse porque, cheguei a pensar em romper relações com elle e seus amigos. Mas esta tentativa de independencia fracassava ante a necessidade de dinheiro. Desta forma, quando me vi só, vi a liberdade em perspectiva, apanhei as notas an-

siosamente, paguei a senhoria e fiz-lhe presente da minha roupa usada. Antes da hora do "lunch" estava installada num commodo mobiliado, sito em Albemarie Street. Vestia de accordo com a minha nova posição; tinha, além disso, um vestido e uma capa sobresalentes e só me faltavam as joias que perdera depois da nossa aventura de Paris. Mas á uma menos cinco estava sanada esta falta. O porteiro subiu para entregar-me um embrulho que um desconhecido deixara para mim. Abri-o e achei meia duzia de estojos de varias fórmas e tamanhos, que me eram muito familiares. Parte das minhas joias estavam em minhas mãos quando eu não contava recuperal-as! Agora, era para mim tão claro como a luz do dia que meu esposo tinha voltado ou preparava-se para voltar á Inglaterra. Não obstante, apesar desta supposição, decorreram tres dias sem receber noticias. Que tres dias deliciosos passei no meu lindo commodo! Não pensar senão em meus vestidos, gozar um banho diario e perfumado, comer bons manjares e saborear vinhos deliciosos tal era a minha vida daquelles dias! Sentia-me renascer, sentia de novo o sangue correr por minhas veias. Durante aquelles tres dias nada me obrigaria a deixar minhas commodidades e preferia commetter um crime a voltar á minha antiga pobreza.

Ao quarto dia, sahia eu de uma barbearia de Curzon Street, quando vi sir Norman Greyes, que dobrava a esquina da rua Clarges, em direcção contraria. Até passar junto a mim não me reconheceu. Ainda estremeço de prazer quando recordo o brilho do seu olhar, de ordinario tão grave e impassivel. Sem duvida, alegrava-o ver-me.

— Bons dias, sir Norman! — exclamei, estendendo-lhe a mão. Pelo que vejo, achando-se tão despreoccupado, já não ha criminosos no mundo, pois dedica-se a descansar.

— Estou cansado de dar caça a criminosos — respondeu. Além disso, os tempos mudaram. Agora são elles que me dão caça.

— Devéras? Isto me indica que o meu marido volta á Inglaterra!

— Alguma coisa se diz a seu respeito. E a senhora; móra por aqui perto?

— Em Albemarie Court. Sabido isto, pode ordenar que me vigiem, pois se mister Stanfield voltar, será ali a sua primeira visita.

— Eis uma idéa luminosa! — respondeu Greyes com um brilho particular nos olhos affectuosos. Se é capaz de entregar-mo, offereço-lhe uma boa recompensa.

— Quanto? Justamente trataram-me muito mal nestes ultimos tempos.

— Vá jantar hoje commigo e discutiremos.

Estou convencida de que Norman Greyes e inimigo de meu marido e meu e de que o odeio. Mas tem sobre mim uma influencia especial que não posso analysar. Ao pensamento de jantar sózinha com elle, correu por mim um estremecimento. Elle, no emtanto, contemplava-me sorrindo.

— Acceito — respondi.

— Minha casa, que ponho á sua disposição, tem o n. 13 da rua de Clarges. Espero-a ás oito.

— Convida-me para a sua casa? Porque não a um restaurante?

— Por consideração á senhora — respondeu elle, vivamente. Seus movimentos são vigiados pela associação dirigida por seu marido e se jantar commigo num logar publico, poderiam acreditar que se passa para o inimigo.

— Vejo que pensa em tudo — repliquei, com toda a ironia que pude dar á minha voz. — Nesse caso, irei.

Meu interlocutor sorriu com ar complacente e despediu-se. Contemplei-o um instante. Naquelle momento odiava-o com toda minha alma; era a unica pessoa que tinha o poder de me irritar. Eu odiava o seu sorriso penetrante, sua tez limpida e queimada e até as rugas ironicas que lhe rodeavam os olhos.

De Curzon Street voltei para casa e puz-me a escrever umas linhas impulsivas. Nellas pedia-lhe que escolhesse o restaurante mais do seu agrado, mas que não me obrigasse a ir á sua casa.

— A's tres e meia da tarde recebi aviso para apresentar-me nos escriptorios de Younghusband, Nicholson & Comp., advogados.

A' minha entrada, ergueu-se um continuo que estava por detrás de uma meza e fez-me sentar numa cadeira de páo muito dura, emquanto elle desapparecia para avisar mister Younghusband da minha chegada. As paredes do escriptorio estavam cobertas de tapetes pendurados e uma fileira de grandes cartazes annunciando a compra e a venda de fazendas por intermedio da casa Younghusband, Nicholson & Comp.

Já começava a cansar-me de esperar, quando o continuo voltou, chamou-me e conservou a porta aberta para que eu passasse.

— Pode entrar, senhora; — mister Younghusband terá o prazer de recebel-a.

———

Fechou-se a porta atráz de mim e achei-me diante de um senhor alto, de idade avançada, que se levantou para me saudar com ar distrahido. Vestia desordenadamente. Usava oculos de estylo antigo que naquelle momento descansavam sobre a sua testa e seu collarinho e seus punhos estavam fóra da moda. Innumeras filas de caixas de estanho amontoavam-se no escriptorio até o tecto; havia, além disso, uma grande estante cheia de livros e a mesa estava tam-

(Continúa no fim da Revista)

O ARMEIRO DE SATAN

Conto de GEORGE R. MILL
Illustrações de AUSTIN BRIGGS

A arma era uma obra prima de mecanica. O cano original havia sido substituido por outro mais longo. A coronha tambem fôra trocada por outra maior. As modificações haviam sido feitas sem prejuizo para o equilibrio da arma.

O armeiro trabalhara unicamente com um objectivo: maior facilidade de manejo e mais eficiencia. Assim, duas placas de madeira haviam sido accrescentadas á coronha. E os pentes continham agora cincoenta balas em vez de dez.

Nessas condições a pistola se transformara numa sub-metralhadora portatil, magnifica ou sinistra, segundo o ponto de vista.

O director do Bureau Federal de Investigações, dependencia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, apanhou a arma de sobre a lamina de crystal que forrava a sua mesa. E no seu rosto de bellas feições se reflectiu um sentimento de desgosto. Revirou nos dedos a etiqueta presa ao resguardo do gatilho e rugas de preoccupação enquadraram sua bocca.

A arma, conforme informava a etiqueta, pertencera a um tal Skip Dakris, que operava pela zona de Syrport. Skip tivera que fugir dos agentes federaes e largara a arma atraz de si.

— Bonito brinquedinho, — murmurou o director.

——

Outro homem que estava sentado do lado opposto da mesa tomou a arma das mãos do director e examinou-a com interesse profissional. Era um homem de expressão muito intelligente. Usava oculos de lentes grossas. O avental branco que vestia accentuava a impressão de que devia ser um technico de laboratorio. A maneira por que tocava na arma fazia lembrar um habil musicista experimentando um instrumento admiravel, mas estranho.

Menos de doze individuos dos

meios criminosos conheciam de vista aquelle homem. No emtanto, todos aquelles que estavam fóra da lei já tinham ouvido falar nelle e o temiam. Para elles, o nome de Carl Sherman, chefe do grande laboratorio mantido pelo Departamento de Justiça, era assim como a cruz para o diabo. Aquelle homem, trabalhando com tubos de ensaio e microscopios, realizava milagres. Ora, a ralé social aprecia pouco, taes requintes scientificos — e todos os milagres de Carl Sherman eram de molde a serem aproveitados no terreno pratico pelos agentes federaes, para a captura dos criminosos.

Carl Sherman dizia:

— Bonito trabalho... Feito a mão. Um artista, tanto no trabalho de metal como no de madeira.

— Quantos homens ha no paiz capazes de realizar um serviço desses? — perguntou o director.

Carl Sherman reflectiu. Tinha as mãos abertas, as pontas dos dedos unidas, deante do rosto, mas não tirava o olhar da pistola que repuzera sobre a mesa.

— Nas fabricas...

O director interrompeu-o com um gesto de irritação.

— Tem razão. Não é trabalho que possa ter sido feito em fabrica.

E mergulhou novamente em reflexão.

— Dois... — declarou. — No maximo tres. Entre a gente que nos interessa.

— E quanto tempo é preciso para fazer uma arma assim?

Carl Sherman pegou a arma, examinou-a, largou-a de novo.

— Como esta, pelo menos duas semanas. Mas de um outro typo igualmente efficiente, a metade do tempo.

O director inclinou-se mais para a frente...

— E haverá algum motivo que impeça uma arma dessas de ser produzida em serie?

Carl Sherman pesou a pergunta. E pouco depois respondia:

— Nenhum... desde que elles possam arranjar trabalhadores competentes e um chefe como o que fez esta pistola.

O director teve um sorriso cynico.

— O dinheiro consegue muita coisa, Carl.

O sorriso do scientista foi de uma estranha suavidade.

— E' verdade... Mas nem tudo.

* * *

O director parou de fazer rabiscos sobre uma folha de papel e se poz de pé. Sua voz martellou as palavras:

— E' isso que elles farão! Transformarão todas as pistolas automaticas em sub-metralhadoras! Os criminosos ficarão todos, assim, perigosamente armados. Não adeanta mais que impeçamos o contrabando de metralhadoras portateis!

Carl Sherman estudava mais uma vez a arma que provocara a discussão.

— O trabalho, em madeira é admiravel, o que põe de lado um sujeito em quem eu estava pensando, — disse.

Tocou uma campainha e deu uma ordem rapida ao funccionario que attendeu, o qual voltou pouco depois trazendo diversas fichas com photographias de criminosos. Essas fichas eram completas: diziam das preferencias dos bandidos por comida, por mulheres, a aversão de um tal por perfume de violetas, o gosto de outro por certa fruta exotica.

Carl Sherman passou uma rapida revista nos cartões e puxou um delles, que mostrou ao director.

— Luke Bravic, — disse. — Já trabalhou como mestre armeiro para o exercito. Serviu tres annos em San Devlo. Esculpia em madeira nas horas vagas e tres peças suas foram premiadas numa exposição. Acho que Luke Bravic é o nosso homem.

O director apanhou a ficha das mãos de Sherman.

— Tem razão. Está escripto aqui que opera em Syrport e em Wilton. Não será difficil de apanhar.

Carl Sherman observou:

— E' um dos maiores artistas do genero, no mundo, actualmente. E' uma pena que dedique ao mal o seu talento. Mas agora o que importa é que elle fabrica um producto que quer vender. Devemos nos apresentar como consumidores.

O director serviu-se do telephone de mesa:

— Ligue para o nosso departamento rural de Druton, — ordenou, — e diga ao chefe local que me envie immediatamente o agente especial James Ashby, por avião.

Carl Sherman approvou o acto do director com uma inclinação da cabeça. E comparou mentalmente a força dos dois adversarios. O facto de gostar de Ashby como de um irmão não o tornava de maneira nenhuma parcial.

— Duke Ashby é homem para o que queremos, — disse. — Mas em primeiro logar precisamos de um pretexto para que elle se apresente como comprador. Duke se encarregará do resto, apesar de que terá que se medir com um homem perigoso.

O director e Carl Sherman se curvaram para examinar as fichas de criminosos que estavam sobre a mesa.

* * *

Red Blake, reporter de primeira grandeza d'O GLOBO, de Syrport, recebeu a noticia telephonica com indifferença perfeitamente simulada, mas logo depois correu para falar ao secretario:

— Temos uma noticia para a primeira pagina: a cidade está atulhada de agentes federaes. Duke Ashby, Carl Sherman, emfim, os pesos-pesados. Irão para a primeira pagina. Provavelmente estão aqui por causa do caso do First National... A informação é de reporter-amador, mas

FOR SALE
FOR SAL

deve ser verdadeira. Vou já ver na agencia do Departamento de Justiça.

* * *

Reinava uma serenidade suspeita na agencia quando Blake entrou. Um agente especial dos mais jovens estava de dia e protestou não saber de nada. Mas uma porta que dava para o interior da agencia se entreabriu e o reporter viu alguns agentes carregando caixas de transporte de metralhadoras portateis e outros armamentos. As caixas estavam abertas e vasias.

Blake sorriu e soltou a lingua:

— Já se sabe de tudo. Vão tratar do caso do First National. Ashby, Sherman e os grandes batutas estão todos aqui para isso. Não vamos publicar a noticia, por emquanto. Mas talvez tenhamos que publicar. Agora que nos entendemos, para onde foram elles?

O agente especial custou a se dominar para não sorrir.

— Sabe mais do que eu, — declarou. — Chegou realmente um esquadrão de Washington esta manhã. Vi Mr. Sherman entre outros, mas não conheço Duke Ashby, de maneira que não posso affirmar que tambem tenha vindo. Sahiram ha meia hora. Tive ordem de sentar aqui ao lado do telephone e não dar nenhuma informação.

O sorriso tanto tempo reprimido appareceu finalmente, e o rapaz accrescentou:

— Gosto do meu logar e não quero perde-lo.

Blake deixou-me cahir numa cadeira e accendeu um cigarro.

— Agora somos dois esperando que esse telephone toque, — annunciou.

Os dois já haviam exgottado a situação esportiva e discutiam politica quando a campainha do telephone tocou. Depois de uma rapida troca de palavras o agente especial se voltou para o reporter:

— E' com você. Não occupe muito tempo a linha.

O secretario do jornal de Blake tinha a voz tremula:

— Vá já para a esquina da rua Trinta e um com a Rua Sul. Deram uma batida por lá e as coisas não correram bem para os agentes. Parece que um delles foi ferido. Ande depressa, só temos vinte minutos para apromptar a edição.

O reporter pendurou o phone no gancho e parou um momento para dizer ao policial:

— Um dos seus foi ferido!

— Não sabe quem? — perguntou o agente, preoccupado.

— Não, — disse Blake, correndo para a rua.

Na esquina indicada, a confusão era grande. Blake dirigiu-se para o centro de um grupo e viu um agente especial, com sangue escorrando pelo rosto. O medico de uma ambulancia estancava o sangue.

— E' coisa série, Roberts? — perguntou o reporter.

O agente sorriu.

— Apenas uns ferimentos de estilhaços de vidro. Acha que a minha belleza vae ser prejudicada?

— Que foi que houve?

* * *

O agente especial Roberts hesitou e depois apontou para um homem que estava proximo. Esse homem usava occulos de lentes espessas e tinha uma expressão de amargo desapontamento.

Bake resolveu arriscar:

— Mr. Sherman.

Carl Sherman voltou-se:

— Que é?

— O que houve tinha alguma coisa que ver com o caso do First National, não tinha?

O chefe de laboratorio do Departamento de Justiça conservou-se silencioso.

— Quem era que procuravam apanhar? — insistiu o jornalista.

Carl Sherman pareceu tomar uma rapida resolução.

— Não é nenhum segredo... Blaze Horkus.

— Nunca ouvi falar nesse nome, — disse o reporter.

Sherman sorriu com amargura.

— Pois eu tambem desejava que nunca houvessemos ouvido falar nelle. Passe depois pela agencia que lhe darei uma photographia e o pedigrée do sujeito.

— Elle foi ferido?

Carl Sherman hesitou.

— Penso que sim, — disse então. — Saltou muita ameixa na direcção delle. Não que houvesse nenhum atirador hoje aqui digno de menção, — accrescentou sorrindo tristemente.

— Para onde fugiu elle?

Carl Sherman apontou com todos os dedos da mão a cidade inteira de Syrport.

— Rompeu o cerco antes que tivessemos os nossos homens nas posições. Não pretendo que isso seja uma desculpa para o que aconteceu, é preciso que saiba. E depois sumiu.

O funccionario do Bureau Federal de Investigações apontou logo depois para o edificio mais proximo.

— Todas as casas dessa zona são verdadeiros labyrinthos. Póde ser que ainda esteja occulto numa dellas, apesar da busca que demos, mas o mais certo é que tenha ido para longe. Só nos resta esperar melhor sorte para outra vez.

Blake correu immediatamente para o telephone, seguido por um curioso morador do bairro.

— Que camarada para atirar! — ia dizendo o homem. — E que arma formidavel: um pequeno revolver automatico que não parava de despejar bala! Parecia até fita de cinema. E eu que pensei que os G-men fossem mesmo batutas...

— Guarde o resto da historia para amanhã, — aconselhou Blake, entrando para a cabine telephonica.

* * *

Paul, de serviço por traz do balcão do Commodoro, um botequim sombrio do bairro perigoso de Syrport, aproveitava as ultimas horas da tarde para esfregar, não com muita energia, a superficie de madeira do balcão. O Commodoro não tinha freguezia para a hora que é a do cocktail nos pontos elegantes, pois os seus frequentadores preferiam só apparecer depois do cahir da noite.

Paul tomava todo o cuidado para que o panno molhado e nada limpo não encostasse no grande brilhante que tinha no dedo. Paul tinha um fraco pelas coisas grandes: grandes carros, camisas de listas largas, roupas de xadrez graudo. Mulheres grandes, se possivel louras.

Gostava tambem de ter parte, embora pequena, em grandes emprehendimentos. E o que elle chamava de grandes emprehendimentos não faltava a seu redor. Com uma intelligencia de pinguim, Paul se acreditava um genio que só graças a tal conseguisse se misturar a gangersters, politicos, jogadores, pessoal de jornal, emfim, gente sabida, de genero de vida um tanto mysterioso e arruinado.

Quando um pequeno jornaleiro entrou com as ultimas edições dos vespertinos, Paul deixou c panno molhado de lado para ler as noticias. Um sujeito como elle não podia deixar de estar em dia com os acontecimentos.

* * *

A manchette principal se referia ás occorrencias da vespera na esquina das ruas Trinta e Um e Sul. Paul ficou radiante com o fim da historia. Tinha pouco amor aos G-men e gostava de vê-los batidos.

Acompanhava a descripção dos insuccessos policiaes uma photographia de Blaze Horkus, o heroe. Paul estudou attentamente as feições do sujeito.

Nesse momento entrou no bar um desconhecido, que não parecia bebado mas ainda assim cambaleava. Tinha a barba crescida e Paul pensou que um banho não lhe faria mal.

— Whiskey.

Paul apanhou uma garrafa e collocou-a deante do homem.

— Bonito dia, — observou.

O desconhecido encheu o copo e perguntou:

— Para que?

Paul ergueu as espessas sobrancelhas num gesto que a mulher loura que era a sua dos ultimos mezes costumava dizer "excessivamente comico". Observou attentamente o individuo que tinha em sua frente. Aquelles olhos...

E Paul sentiu uma onda de sangue subir ao rosto ao se certificar de que o homem era o mesmo cuja photographia apparecera no jornal. Sentiu um certo receio, mas resolveu agir á altura de um camarada de tão formidavel tutano. Sorriu de maneira que lhe pareceu capaz de inspirar confiança ao sujeito.

— Imagino que não seja daqui. Veio para assistir ás corridas?

— Vim a negocio, — corrigiu o homem. — De Philadelphia. Philadelphia, Carolina do Sul.

Paul reflectiu um momento.

— Imaginei que Philly fosse na Pennsylvania.

— E é, — affirmou o homem, — Isto é, se não a transportaram para outro logar.

Paul meditou de novo, e dessa vez profundamente. Depois de alguns segundos, um sorriso de sincera admiração appareceu em seus labios.

— Comprehendo. Está muito bem, desconhecido. Não queria falar fóra da vez.

O freguez, agarrando-se ao balcão para não continuar a cambalear, pareceu fitar o botequineiro pela primeira vez. Sua expressão se adoçou um pouco.

— Você me parece um sujeito decente. Tem um ogar ahi onde possa me lavar um pouco?

Paul indicou uma porta de molas que ficava ao fundo do estabelecimento. O homem foi em direcção a ella, tirando ao mesmo tempo o casaco. E então cambaleou fortemente, quasi cahindo, e um gemido se escapou de seus labios.

Paul foi immediatamente para seu lado. Tirou o casaco do braço do homem, para allivia-lo do peso, e amparou-o.

— Melhor?

— Sim, — disse o sujeito. — Foi uma caimbra.

— Talvez alguma coisa que tenha comido, — avançou o diplomatico Paul. Uma expressão afflicta passou pelo seu rosto. — Não vae me morrer nos braços?

— Com todos os diabos, não! — exclamou o desconhecido, soltando-se e atravessando a porta.

Paul ficou com o casaco. Examinou-o. Encontrou um nome bordado a alinhavos, por dentro da golla, provavelmente durante a estadia em alguma lavanderia: "Horkus". Paul sorriu.

Quando o homem voltou encontrou o casaco dobrado direitinho sobre o encosto de uma cadeira. Sentou-se e pouco depois Paul se approximou com um copo e uma garrafa.

— E' uma coisa horrivel, soffrer de caimbras, — disse o homem.

Paul fez um gesto de assentimento.

— Já procurou um medico? — perguntou.

— Não gosto de medicos.

— Ha medicos e medicos, — sentenciou Paul. Fez uma pausa para observar o effeito da phrase. — Ha alguns que são barbeiros. Mas outros... Eu, por exemplo, conheço um...

— Bom nessa historia de **caimbras**?

— Fabuloso. Trata da maioria dos que apparecem por aqui. Foi elle quem cuidou de Skip Dakris. Skip soffreu um bocado de... **caimbras.**

— E' uma idéa, — admittiu o desconhecido. — Você conhece bem o bairro, não?

— Um pouco, — concordou Paul modestamente.

— Como poderei arranjar um quarto? Um quarto socegado?

Paul raciocinou o mais rapidamente que poude. A loura tinha um quarto vasio em sua casa. E aquelle sujeito devia ter dinheiro para pagar bom preço.

— E', esta cidade é um bocado barulhenta. Um quarto socegado custa caro.

O desconhecido exhibiu uma nota de dez dollares.

— Tome isto para telephonar. Pergunte quaes são as condições.

Paul se afastou e pouco depois estava de volta.

— Arranjei. Mas vae lhe ficar por vinte dollares diarios.

O homem apenas sorriu em resposta.

— Quer que lhe chame um taxi? Um taxi de confiança?

O homem fez um signal affirmativo. Tirou do bolso um maço de notas.

— Pago a você ou a elles?

Paul era a figura mesma da innocencia.

— Pague a elles... **a ella.** Eu não seria capaz de explorar assim um camarada.

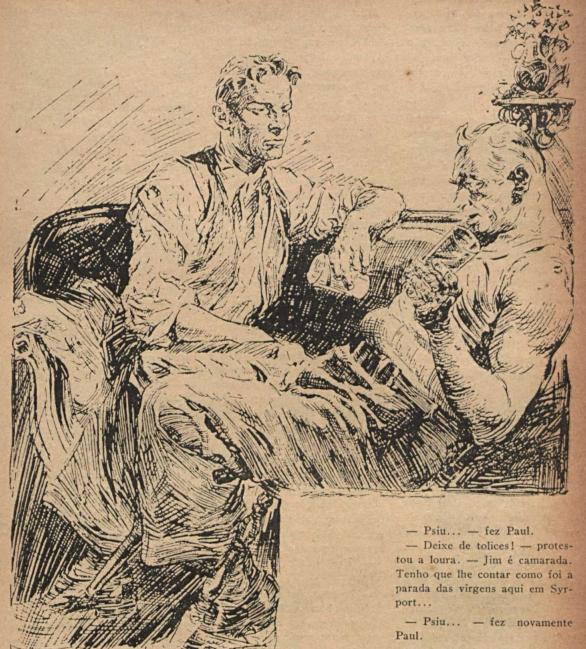
O homem parou na soleira da porta.

— Ainda o verei, — disse.

Paul sorriu.

— Algumas vezes. Eu e a senhora em cuja casa vae se hospedar... bem, somos amigos velhos.

* * *

Encontraram-se de novo na madrugada seguinte, quando Paul, largando o serviço que o fizera atravessar quasi toda a noite, appareceu em casa de Daisy Morphee uma mulher grande e loura que assumira de bom grado o papel de hospitaleira alugadora de quartos. Contando

com a sua parte dos vinte dollares diarios, levava uma garrafa de excellente whiskey. O homem do mysterio, para não ficar por baixo, encommendou outra igual. Miss Morphee não quiz passar por menos, só por ser mulher, e mandou vir uma terceira garrafa.

Com a successão de "doses", a cerimonia foi se quebrando e tanto Daisy como Paul começaram a insinuar que conheciam a verdadeira identidade do desconhecido. James Collins era o nome que elle havia dado. Mas quando as garrafas iam ficando vazias o desconhecido passou a ser simplesmente "Jim".

A chegada de uma quarta garrafa, offerecida por Mr. Collins, encontrou Miss Morphee já a todo o panno.

— E' uma pena, Jim, meu velho, que você tenha chegado um pouco tarde para o negocio...

— Psiu... — fez Paul.

— Deixe de tolices! — protestou a loura. — Jim é camarada. Tenho que lhe contar como foi a parada das virgens aqui em Syrport...

— Psiu... — fez novamente Paul.

— Feche essa bocca antes que a Daisyzinha lhe ponha os mimosos dedinhos sobre ella... — replicou a mulher. — Então não posso contar a Jim como foi a parada das virgens? Que, afinal, nem chegou a ser, porque uma das pequenas torceu o tornozello e a outra não quiz marchar sozinha... Queriam que eu...

Miss Morphee procurou erguer o copo, vacillou e escorregou para baixo do sofá. Um silencio embaraçado se fez entre cs dois senhores, silencio que

Paul foi o primeiro a quebrar:

— As mulheres não têm resistencia para beber. Por mais requintadas que sejam, não aguentam. — Suspirou. — Aposto que Daisy vae tentar cortar os pulsos quando souber de tudo que fez.

Mr. Collins foi ao encontro das necessidades do momento com o tacto de um **gentleman:**

— Eu sei. Como uma dama que conheci em Baltimore. Requintada e tão bella que parecia irreal. Um bello dia me arrisquei e levei-a a um club de gente minha.. A pequena bebeu um bocado e depois subiu a uma mesa, gritando: "Estou vendo tudo vermelho: Vou cahir na onda e escolho-o, Blaze Hork..."

Mr. Collins interrompeu-se subitamente. Paul foi o tacto em pessoa. Desenhou com a ponta do pé um arabesco no tapete.

— Pois foi isso, — disse Blaze Horkus.

— E' assim mesmo, — reforçou Paul, Daisy e eu somos de confiança, Mr. Blaze.

— E dessa maneira conquistei a pequena, — admittiu Horkus.

A quinta garrafa, ainda e sempre offerecida pelo gentil Blaze Horkus, acabou com os ultimos recatos de consciencia do casal que abrigava o fugitivo.

Paul, sentindo que o véo tinha sido erguido, teceu sabios e apreciativos commentarios sobre a technica empregada no assalto ao First National Bank. Mr. Horkus exprimiu-se modestamente quando se viu alvo de um elogio pelo seu comportamento durante o cerco das Ruas Sul e Trinta e Um.

— Ora, não foi nada de extraordinario... O que aquelles sujeitos de Washington têm é mais fama do que qualquer outra coisa. Tive que interromper depressa a brincadeira porque o meu canhão exgottou a munição e elles não me davam tempo para carregar de novo.

O interesse demonstrado por Paul foi todo profissional:

— Que arma é a sua?

Mr. Horkus rebuscou por dentro da cintura das calças. Paul sorriu com approvação. Não ha melhor logar para se carregar uma arma. Horkus pruduziu um 38 automatico.

— Só dez, hein?

— Só dez.

No olhar de Paul brilhou a satisfação de se poder mostrar superior.

— Ora, pois eu conheço um sujeito que é um bicho para fabricar e aperfeiçoar armas. Dá um geito nesse seu bicho ahi que elle passa a espirrar cincoenta balas de cada vez. Leva uma semana e pouco, e nesse tempo, em segurança, na companhia de Daisy e na minha, não vae precisar de fazer fogo.

Mr. Horkus pareceu pesar a suggestão.

— O diabo do sujeito não é bom em mais nada, mas tambem nisso é incomparavel. Tem mãos de santo. Posso apresental-o. Elle é quem dirá se lhe quer fazer o serviço ou não.

Paul ergueu-se, um tanto vacillante, e apanhou o seu chapéo. Observou Miss Morphee, que cahida ao chão, de bocca entreaberta e respiração offegante, não estava absolutamente nos momentos de maior brilho dos seus vastos encantos.

— Vae dormir tres horas. Vamos.

— Podemos dar um passeio de algumas horas. Não ha sujeito que goste de ser importunado a essas horas matinaes.

Paul fez um gesto vago.

— Temos que apanhal-o agora. Trabalha toda a noite, e dorme todo o dia. Um covarde. Mas eu gostaria de ter as suas mãos.

———

A cabeça de Luke Bravic, immensa para o seu fragil corpo, inclinava-se para um lado, como a de um passaro caçando um verme, emquanto Paul lhe fazia a apresentação dithyrambica do seu novo amigo.

Luke interrompeu o botequineiro com um gesto da mão erguida.

— Dê o fóra! — ordenou o armeiro. — Você é um pedaço de asno!

O olhar de Paul foi de um homem para o outro. Blaze Horkus sorria. Era um sorriso sarcastico, esse, que irritou o amante de Daisy muito mais ainda que as palavras de Luke.

— Muito bem, — rugiu Paul.

Abriu a porta e sahiu para a rua. Parou um momento, aspirando com força o ar refrescante da madrugada, para se desintoxicar da raiva que o asphyxiava. Luke era um fraco e um medroso. Mas o outro... Depois de tudo que havia feito por elle!

Resmungou uma praga. E seguiu o seu caminho.

No interior da casa que elle abandonara, Luke proferiu uma unica palavra:

— Venha.

Guiou o visitante para os fundos da casa, abrindo e fechando portas, apagando luzes, e finalmente deteve-se deante de uma porta que se abria sobre uma escada que descia para o subterraneo.

Fez um signal para que Horkus passasse em sua frente, atravessou tambem a porta e fechou-a explicando:

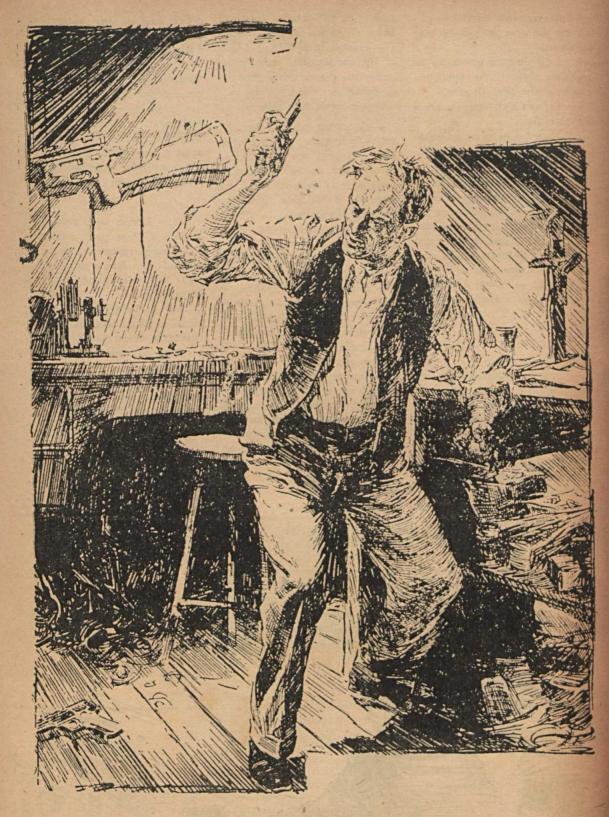
— O som não a atravessa.

O subterraneo, que uma illuminação profusa tornava claro como o dia, havia sido transformado numa fabrica de armamentos.

— A arma, — pediu Luke.

———

O visitante tirou o automatico do bolso, sopesando-o na palma da mão aberta, acariciando-o com amor. O armeiro, a seu lado, com a cabeça inclinada suggerindo de novo um passaro attento, não fez nenhuma tentativa para pegar a arma, mas teve um gesto de approvação.

— Sim, são mãos feitas para manejar uma arma. Movimentos

ageis e o controle necessario para uma pontaria firme.

Havia calor na sua voz, a admiração de um sujeito notavel por outro não menos notavel. Indicou um alvo pendurado á parede e accrescentou:

— Atire.

— Horkus atirou uma vez e a bala fez um furo branco no circulo preto ao centro do alvo.

— Continue, — ordenou o armeiro.

Blaze Horkus obedeceu e elle foi contando até chegar a dez.

— Pontaria admiravel, — observou, em tom normal de conversação.

E se dirigiu para uma mesa de trabalho, distante do ponto em que estava o seu visitante.

— E agora está com a arma descarregada.

Apanhou um revolver de sobre a mesa e apontou-o para o outro homem.

— Foi o seu primeiro erro, — declarou. — E receio que esse erro lhe seja fatal. Estamos separados por uns bons vinte passos. Quanto tempo levará para vencer esta distancia? Sabe com que rapidez uma bala se desloca no espaço? — Atirou uma folha de papelão para Horkus. — Faça o calculo. E' um problema arithmetico bem simples.

Suspirou profundamente, e continuou:

— Todos os problemas da vida, inclusive a morte, podem ser reduzidos aos termos precisos de uma equação. O mundo não comporta a nós dois. Portanto, um terá que morrer. Qual dos dois? Aquelle que estiver com a arma descarregada, naturalmente. Estou certo de que concorda commigo, Mr. Ashby... se não me engano no nome.

O agente especial James (Duke) Ashby sorriu.

— Tem razão, — disse, inclinando-se ao inevitavel.

O outro havia sido mais intelligente. Não adeantava continuar a farça. O instincto, mais que a razão, fez no emtanto com que Duke procurasse ganhar tempo!

— Ganhou a partida. Felicito-o. Eu, um humilde trabalhador, inclino-me deante de um homem de genio, victorioso.

Bravic sorriu com prazer.

— A derrota nunca é agradavel, — proseguiu o agente. — Mas o respeito por um adversario de valor suavisa o choque. Aquelle botequineiro! — Uma expressão de despreso pintou-se em sua physionomia. — Chego a me sentir envergonhado de o ter vencido. Com você...

Dessa vez foi Luke Bravic quem sorriu.

— A lisonja, Mr. Ashby, é uma arma poderosa. — A arma em sua mão mudou ligeiramente de posição. — Mas a intelligencia annulla o seu effeito. — O sorriso accentuou-se. — E' humano querer adiar o inevitavel. Você é um vencido elegante, serei um victorioso magnanimo. Pelo menos, magnanimo ao ponto de satisfazer a sua curiosidade. Afinal, temos tempo para isso.

Ashby não deixou cahir a opportunidade!

— Como soube?...

— Sabia que mais cedo ou mais tarde haveria de me procurar. Imaginei que a armadilha que me preparasse seria forçosamente muito bem feita. Quando vi as manchettes dos jornaes de hontem, comprehendi logo. Que um homem houvesse travado tiroteio com os seus companheiros, Mr. Ashby, e conseguisse fugir illeso me pareceu absurdo. E a escolha de Paul como isca tambem era uma coisa que tomei como provavel. A maneira pela qual segurou o automatico me esclareceu as ultimas duvidas. Para você, como para mim, uma arma é um objecto de arte. Nenhum gangster experimentaria o mesmo sentimento."

* * *

Luke Bravic riu, um riso amargo, e olhou para o relogio.

Um ruido repentino, no emtanto, fe-lo voltar a cabeça: haviam dado um golpe contra a porta da escada:

Duke Ashby aproveitou o momento e atirou com segurança a sua arma descarregada, mirando a cabeça do armeiro. Luke Bravic cahiu.

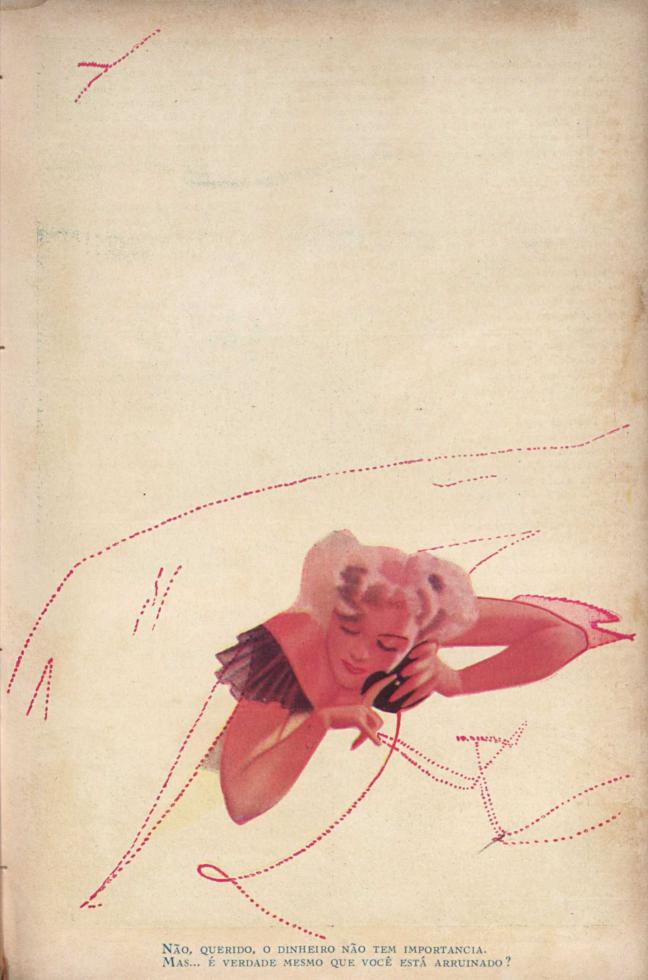
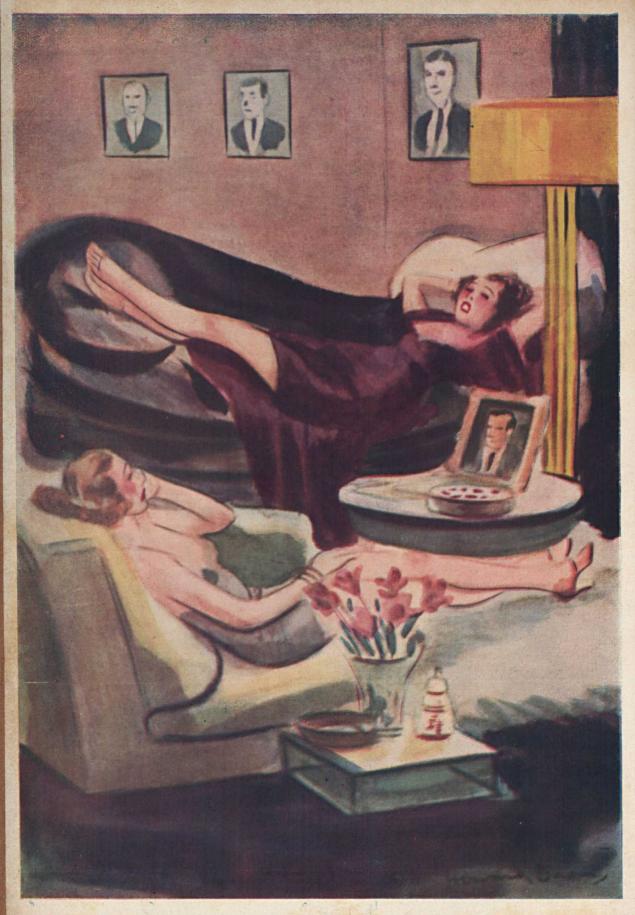
Ashby desferiu-lhe um socco, para maior segurança, tirou-lhe a arma e foi abrir a porta.

— Carl! Como é possivel?

— Facilmente, Duke. O botequineiro não se conformou com a sua attitude e appareceu na agencia para denunciar Blaze Horkus. O official de dia chamou-me immediatamente. E aqui estamos.

Curvou-se para o homem cahido:

— E' uma pena, um homem empregar para o mal tanto talento. Chamem uma ambulancia para transportar o armeiro de Satan!

Não, querido, o dinheiro não tem importancia.
Mas... é verdade mesmo que você está arruinado?

SABES? TENHO 4 APAIXONADOS NA LEGIÃO ESTRANGEIRA PRCCURANDO ESQUECER-ME

Hauptmann morreu innocente?

Hauptmann não foi o autor dos bilhetes que negociavam o resgate! Essa pelo menos é a surprehendente declaração de Jesse W. Pelletreau, criminologista que se especializou em graphologia e ballistica, tendo servido no Departamento Postal dos Estados Unidos, no Departamento do Thesouro, nos departamentos policiaes de Buffalo e Erie, e em outras repartições do governo norte-americano. Foi encarregado pelo governador Harold G. Hoffman de investigar certos angulos do caso Lindbergh-Hauptmann e os factos que conseguiu desvendar foram tornados publicos pela primeira vez no presente artigo, dado ao povo norte-americano em fins do anno de 1936 e agora traduzido para a CIGARRA-MAGAZINE.

Não foi Hauptmann quem escreveu os bilhetes que tratavam do resgate do menino Lindbergh!

Conheço a identidade do homem que os escreveu! E igualmente a conhecem as autoridades de New Jersey!

As provas que descobri são de tal maneira indiscutiveis que o governador Harold G. Hoffman teria ordenado a prisão immediata do culpado, se infelizmente aquelles que estavam encarregados officialmente de fazer justiça não houvessem empenhado a sua reputação na affirmativa de que Hauptmann era o criminoso unico e, para empregar as proprias palavras do governador, "não tivessem medo de que surgisse um cumplice", o que os levaria a "usar da sua influencia official para provar a innocencia desse cumplice, em logar de condemnal-o".

Jesse W. Pelletreau, o autor do presente artigo.

O enveloppe da carta recebida pelo dr. Hudson, o primeiro documento que Pelletreau identificou como tendo sido escripto pelo autor dos bilhetes de negociação do resgate. Reproducção da segunda carta anonyma enviada a Lindbergh

KINDLY FOLLOW INSTRUCTION IN NEXT LETTER. BABY IS SAFE WELL TAKEN CARE OF DONT WORRY. IF ANY HARM COMES TO US HARM. WILL COME TO BABY. (FOL[illegible] INSTRUCSTION CAREFULL)

O coronel H. Norman Schwarzkopf, antigo rapaz de recados de um armazem de seccos e molha-

BABY SAFE
INSTRUCTIONS
LATER
ACT ACCORDINGLY

Prova A, estudo comparativo da letra dos bilhetes de resgagate e da carta enviada ao dr. Hudson, escripta normal de X (S) em documentos descobertos pelos investigadores. Notar a pontuação de reticencias, os KK, os RR. Ao lado, bilhete enviado a Lindbergh contendo uma phrase muito usada por X nos documentos descobertos : "Act accordingly".

dos, actualmente superintendente da Policia do Estado, entregara ao governador Hoffman, já em abril de 1932, um mez depois do rapto da creança, as provas de suspeita contra o homem que a minha especialidade me apontou como sendo o verdadeiro autor dos bilhetes. Mas Schwarzkopf preferiu perder contacto com esse homem para acompanhar os passos de duas figuras dos baixos meios criminosos e assim permittiu que elle escapasse, isso logo depois de Jafsie ter pago os cincoenta mil dollares de resgate, por um cadaver. Agora, o homem passeia livremente pelas ruas de Nova York e Chicago, e muita gente sabe disso.

A execução de Hauptmann não foi o ultimo capitulo do crime do seculo.

O homem que escreveu os bilhetes que tratavam do resgate de Charles Lindbergh Jr., ou simplesmente "o homem" como preferimos a elle nos referir, será um personagem marcado no presente artigo pela letra "X", já que não é conveniente que o seu nome seja por emquanto desvendado. O verdadeiro nome, no emtanto, e varios outros de que elle se serve, acham-se num documento que ficou em mãos do governador Hoffman. E' elle um russo, na casa dos quarenta, intelligente, vivo, astucioso, que já confessou deante de uma commissão senatorial de investigações ser um falsario consumado. Prestou serviços na G. P. U. e mais tarde em Scotland Yard. Revelado afinal na Inglaterra como patife da peior especie, installou-se nos Estados Unidos pouco depois de 1920 e se collocou numa agencia particular de detectives, com séde em pleno Manhattan.

Desde então, tem feito o diabo — agindo como chantagista, fabricando cosmeticos, servindo de espião internacional e fomentando perturbações trabalhistas em Nova York e em Nova Jersey. Residia no Bronx quando o menino Lindbergh foi raptado e frequentemente passava perto do

cemiterio de St. Raymond, onde se realizou o pagamento do resgate. Num episodio difficil, empregou um chauffeur de taxi para fazer a entrega de um bilhete, detalhe que se repetiu no caso Lindbergh durante as negociações do resgate. Tres annos antes do rapto, executou um trabalho importante para Dwight W. Morrow, futuro avô do menino raptado. As coisas não correram suavemente entre Morrow e elle, que se queixou a amigos de que Morrow lhe ficára devendo cincoenta mil dollares — a somma exacta do resgate pago por Lindbergh —, affirmando que ainda haveria de "ajutar contas com o miseravel".

Tudo isso o prepara muito bem para o papel de raptor do caso Lindbergh. Permittam-me agora que recue á época das minhas primeiras ligações com esse famoso caso, para que possa ir revelando passo a passo como fui chegando á convicção da culpabilidade do homem.

Em setembro de 1934, quando Hauptmann foi pilhado depois de passar uma das notas pagas no resgate, numa estação de gazolina do Bronx, os reporters de tres jornaes de Nova York — **Post, Journal** e **Daily News** — foram procurar em seu escriptorio o graphologo August Hartkorn, a maior autoridade no assumpto, para saber se a letra de Hauptman era do mesmo punho que traçára o bilhete de resgate encontrado no quarto do pequeno Lindbergh. Hartkorn andava ás voltas com um testamento, em Scranton, na Pensylvania, mas eu estava fazendo uns trabalhos em seu laboratorio e a secretaria do meu collega informou-o de que tambem eu era graphologo.

Os jornalistas tinham varios exemplares da calligraphia de Hauptmann e photographias do bilhete encontrado no quarto do menino. Queriam que eu dissesse se uns e outros eram ou não do mesmo punho. Declarei que precisaria de tempo para um estudo sério antes de responder áquella pergunta.

Mais tarde um dos reporters voltou a me procurar, entregando-me um livro com a assignatura de Isador Fisch, o amigo

O coronel Lindbergh, cujas affirmações são contestadas por Pelletreau. Ao lado, a prova B; as linhas marcadas "Q" são dos bilhetes enviados a Lindbergh, as linhas marcadas "S" dos documentos escriptos por X — nessa prova se estuda a terminação "ary" e o methodo de lançamento da escripta.

fallecido de Hauptmann, que, segundo esse ultimo, lhe dera o dinheiro do resgate para guardar. O reporter insistia para que eu estudasse a letra de Fisch e dissesse se seria elle o autor do bilhete.

Fiz um exame superficial e declarei que era possivel que tanto Fisch quanto Hauptmann houvessem escripto o bilhete, mas que uma resposta segura só poderia ser dada se eu tivesse á minha disposição para um estudo grande quantidade de manuscriptos de um e de outro.

O reporter do **Post** perguntou-me se, considerando o facto de Hauptmann ter comsigo tão grande parte dos cincoenta mil dollares, eu o julgava culpado. Repliquei que desconhecia as provas circumstanciaes da apprehensão da importancia, mas que Hauptmann ou qualquer outro que apparecesse com o dinheiro pago por Lindbergh teria muito que dizer a respeito do crime. O **Post** publicou a minha opinião de então, que conservo até hoje. Não tenho a menor duvida de que o carpinteiro executado estivesse enterrado até o pescoço na trama criminosa. Mas não é isso que me interessa dizer. O que quero frizar é que houve pelo menos mais dois implicados no caso Lindbergh.

Acompanhei o desenrolar das investigações, no começo. Fui procurar no archivo de Hortkorn as photographias de dois cartões postaes relacionados ao caso e que haviam tido grande publicidade. Um delles era endereçado a "Chas. Lindbergh, Princeton, N. J.", tendo sido carimbado em Newark á 1.30. a 2 de março, um dia depois do rapto. Dizia:

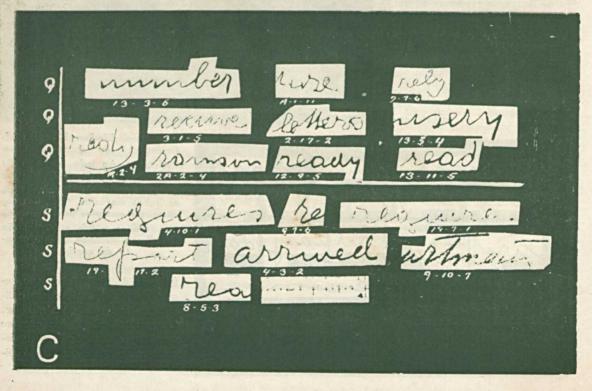
Creança em segurança
instrucções
mais tarde
aja de accordo

Notem as palavras "aja de accordo" (act accordingly"), que haveriam de saltar a meus olhos e me impressionar profundamente quatro annos mais tarde.

O segundo cartão postal, endereçado ao "Col. Charles Lindbergh, Hopewell, N. J.", havia sido carimbado na agencia postal de Elizabeth, New Jersey, ás 6 horas, no dia 3 de março. Dizia:

Tenha bondade seguir instrucções contidas proxima carta. Creança em segurança e bem tratada, não se preoccupe. Se alguma coisa nos acontecer, alguma coisa acontecerá á creança. Siga cuidadosamente as instrucções.

Na occasião em que haviam surgido esses postaes a policia os considerara obra de farçantes. Anonymos, ambos, e escriptos a tinta. Eu já concluira por estudos previos que ambos provinham do mesmo punho, punho

Hauptmann não foi autor dos bilhetes de pedido de resgate do caso Lindbergh. Em baixo, a Prova C. estudando os "rr" dos pedidos de resgate (Q) e da calligraphia normal de X (3).

de farçante ou não. Comparei a letra dos postaes com a de Hauptmann, servindo-me para isso da reproducção estampada num jornal da licença de motorista preenchida pelo carpinteiro. O facto de que Hauptmann não houvesse escripto os bilhetes de resgate não teria importancia no caso Lindbergh, não fosse o que descobri no periodo em que o allemão vivia os seus ultimos dias.

No dia 15 de outubro, o advogado James M. Fawcett, de Brooklyn, que havia sido encarregado da defesa de Hauptmann, telephonou-me marcando um encontro no Pensylvania Hotel, de Nova York, ás 7 horas da manhã.

Conferenciei durante seis horas com Fawcett, no dia marcado. Hauptmann estava soffrendo um processo de extradicção no Bronx, pois em New Jersey anseiavam por processal-o por crime de morte. Mr. Fawcett queria que eu testemunhasse a favor de Hauptmann, dizendo que os bilhetes de pedido de resgate não eram do seu punho, se tal fosse a minha honesta opinião. Repeti a Fawcett o que já dissera aos jornalistas, isto é, que para um estudo seguro da questão eu necessitaria do prazo de duas ou tres semanas. Fawcett suggeriu então que eu assistisse ao julgamento do pedido de extradicção no Bronx, para ficar ao corrente do testemunho do perito graphologo Albert D. Osborn e de alguns outros, apresentados pela promotoria, e talvez para suggerir perguntas a serem feitas pela defesa.

No dia seguinte eu me sentava na mesa da defesa, na sessão do fôro do Bronx. Bruno Richard Hauptmann estava sentado a meu lado. Eu me occupava do exame de algumas paginas escriptas por elle a Fawcett, comparando-as á collecção completa de photographias dos quinze bilhetes que negociaram o resgate.

Sentia uma curiosidade enorme a respeito de Hauptmann. Considerava-o culpado de participação no crime, mas não me parecia que fosse possivel ás autoridades de New Jersey provar

New-York, Jan. 1st 36.

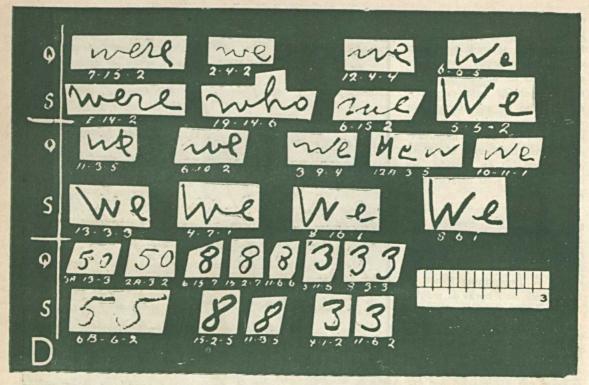
To his Excellency
the Governor of the State of N.J.
Mr. Harold G. Hoffman.

Sir: As the Zero hour in the Hauptmann Case draws near, I feel impelled to direct these few lines to your Excellency in order to dispel the preconceived idea of the guilt of Hauptmann or rather to sustain and affirm you in your own and rightly so formed idea of his innocence. In spite of all the confusion and artificially created hateful atmosphere attending his trial you seem to have been the only person, who was capable of preserving an objective view of the case notwithstanding all the animosity and antagonistic feeling and outside pressure which factors combined were able to sway a Jersey Jury of twelve good but spineless people to return a verdict of guilty against an innocent man in a capital case on purely superficial - fea - artificially created evidence. Hauptmann, an expert carpenter, made the kidnap ladder, the work of which an

Having done my duty as I see it before me and assuring your Excellency of my highest regards and my firmest belief in your highest integrity, who will know now how to act in matters Hauptmann

I am closing
most respectfully

J J Faulkner

A carta enviada ao governador Hoffman pelo mysterioso J. J. Faulkner, que serviu á ultima hora para orientar Pelletreau na pista do verdadeiro autor dos bilhetes anonymos.

A prova D ainda não existia quando o jury decidiu que os bilhetes de negociação do resgate do menino Lindbergh haviam sido escriptos por Hauptmann. Pelletreau diz que os "ww", tanto maiusculos como minusculos, falam por si mesmos. A semelhança dos algarismos dos bilhetes anonymos e dos documentos de "X" é innegavel.

que elle houvesse estado no quarto do rapto, a não ser que existisse nesse sentido alguma prova sensacional que estivesse sendo guardada para ser exhibida mais tarde, como uma bomba de effeito, no decorrer do julgamento.

Notei que elle se curvava para o meu trabalho, o qual apparentemente o interessava mais do que o que se passava no banco das testemunhas. Quando me voltei bruscamente para o fitar da primeira vez, elle se mostrou a principio embaraçado e depois sorriu mansamente. Sua attitude me pareceu mais a de quem se interessasse por uma coisa que para elle constituia novidade do que propriamente de medo das descobertas que eu pudesse fazer.

Sempre que é possivel, gosto de ver as pessoas cuja letra estudo no acto de escrever. Todos nós temos uma maneira peculiar de segurar a penna ou o lapis. Falei a Fawcett e no primeiro intervallo o advogado disse ao seu cliente que eu gostaria de o ver escrevendo.

— Muito prazer, — disse Hauptmann sorrindo e apertando-me a mão ao sermos apresentados.

— Imagino que vá me dizer que não foram traçados pela sua mão os bilhetes de instrucções para o resgate, — repliquei.

O sorriso desappareceu da physionomia do processado, que se tornou grave, e elle me disse em voz serena:

— Só sei dos taes bilhetes pelo que vi nos jornaes.

Sentou-se e, com a mão esquerda algemada, foi escrevendo com a direita o que eu lhe ditava, escolhendo as palavras que mais facilitassem o meu estudo. Fiquei impressionado com o desinteresse que Hauptmann demonstrava pela prova, como se não o preoccupasse a possibilidade de se comprometter.

Quando completei o estudo das provas assim conseguidas, Hauptmann já estava em Flemington, tendo sido concedida a sua exbalanço e rythmo da escripta, eram os autores dos bilhetes, concluira eu.

Neste ponto, devo explicar quaes os factores que contam para uma analyse graphologica: balanço e rythmo, da escripta, estylo, gráu de pressão da penna, collocação da penna e firmeza e velocidade, ou methodo de producção. O disfarce e a falsificação são visiveis pela hesitação ou demora que o technico venha a descobrir no methodo de producção. Os documentos do caso Lindbergh haviam sido escriptos por quem tivera o cuidado de disfarçar a letra. No emtanto, mesmo numa escripta propositalmente alterada encontram-se sufficientes caracteristicas da letra normal de quem escreve, o bastante para identifical-o, se para isso o technico empenhado nessa tarefa tiver a sua disposição o material necessario para um estudo.

Em primeiro logar, eu comparei o bilhete encontrado no quar-

to do pequeno Charles aos outros quatorze que Lindbergh havia recebido e verifiquei que todos haviam sido escriptos pela mesma pessoa. A evidencia mais impressionante do que affirmo são os "kk" desses documentos: peculiarissimos. Parecem formados por um "v" ao qual se ligasse um "3". Quem se der ao trabalho de pegar num lapis e traçar um "k" como habitualmente o faz e depois tentar imitar o "k" dos bilhetes de resgate do caso Lindbergh, verá quão importante é esse detalhe. A letra "k" é de uso não muito frequente: apparece apenas cincoenta e quatro vezes entre as mil e setecentas palavras de toda a correspondencia criminosa que negociou o resgate da creança raptada. Estudando a calligraphia de Hauptmann e a de Fisch não pude encontrar a menor semelhança entre os "kk" de ambos e os do autor dos bilhetes.

Outra caracteristica muito singular desses bilhetes é o emprego arbitrario de pontos na pontuação. Ha muita gente que completa uma phrase inacabada com um traço ou que substitue as virgulas pelos mesmos traços; mas é raro encontrar quem empregue pontos para os mesmos fins.

Fui procurar Fawcett e informei-o das minhas descobertas. Elle me pediu que o acompanhasse a Flemington, afim de me entender com o seu cliente. Mas algumas horas depois declarava-me que havia sido afastado do caso. Não quiz entrar em grandes explicações commigo, dizendo-me apenas que a familia de Hauptmann contractara os serviços de Edward Reilly para a defesa. Essa troca de advogado é um dos aspectos mysteriosos e suspeitos do processo. Muita gente pensa que o conservador Fawcett cedeu o logar ao espectacular Reilly por estar convencido da culpabilidade de Hauptmann, mas a verdade é que Fawcett estava firmemente confiante de que jámais poderiam provar a culpabilidade de Hauptmann no rapto e decidido a ir até o fim quando se viu supplantado por Reilly.

Imaginando que as conclusões que tirara de meus estudos pudessem interessar Reilly, telephonei para o seu escriptorio. A pessoa que me attendeu disse-me que comparecesse no dia seguinte ao escriptorio. Fui e então me communicaram que Reilly estava demasiado occupado para me receber. Fiquei irritado e berrei que quando Reilly precisasse de mim poderia mandar me procurar como se procura agulha em palheiro. Meu objectivo tentando lhe falar havia sido unicamente o de ver feita justiça.

Se narro esse incidente não é por ser elle importante em si mesmo, mas por ser um exemplo das muitas irregularidades que aconteceram no decorrer das investigações. Parece-me que muita gente e pouco respeitavel mereceu attenções exaggeradas das

FEDERAL RESERVE BANK
OF NEW YORK

CASH DEPARTMENT

DEPOSITED BY

J J Faulkner 537 W 149

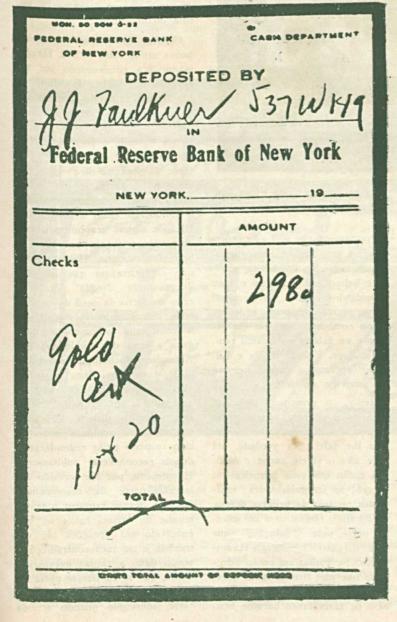
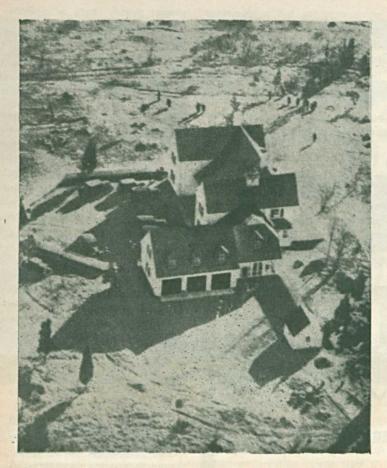
IN

Federal Reserve Bank of New York

NEW YORK ______ 19 ____

	AMOUNT
Checks	2980
Gold Cert 10 x 20	
TOTAL	

Reproducção da famosa ficha do deposito de J. J. Faulkner, um dos enigmas do caso Lindbergh. Pelletreau affirma que J. J. Faulkner é o senhor "X" e que este por sua vez foi quem escreveu os bilhetes enviados a Lindbergh com instrucções para o resgate do menino raptado.

A residencia do casal Lindbergh, de onde foi raptada a criança.

autoridades e da defesa, ao passo que pessoas idoneas e bem intencionadas como eu iam sendo postas de lado. Não sou um sentimentaloide, e o facto de que Hauptmann tenha ido parar na cadeira electrica não me faz dores de cabeça nem me provoca insomnias, mas estou convencido de que o publico precisa ter conhecimento de certas coisas.

No terceiro dia do julgamento de Flemington, procurei Frederick A. Pope, do conselho de defesa, e declarei-lhe que, depois de estudos cuidadosos, achava-me prompto a prestar juramento no banco das testemunhas e provar que não havia sido Hauptmann o autor dos bihetes que negociavam o resgate. Encontrei em Pope um homem cortez e intelligente, que se mostrou impressionado por diversos detalhes que lhe apontei para corroborar as minhas affirmações — eu havia então completado estudos minuciosos, com varias provas de laboratorio, por conta propria.

Pope levou-me ao escriptorio de C. Lloyd Fisher, outro membro do conselho de defesa, e Fisher achou tambem que o meu testemunho seria indispensavel e que eu seria chamado a depor. Ficou combinado que no dia seguinte eu falaria ao mesmo tempo a Pope, Fisher, Reilly e Edgar Rosecrans, o quarto membro do conselho de defesa.

Reilly, o principal defensor, recusou-se a tomar parte nessa conferencia. O resultado foi que não lhe falei. Na verdade, até hoje não o vi em carne e osso. Foi então que pela primeira vez percebi as irregularidades existentes no seio da propria defesa. Reilly foi o responsavel em grande parte pela "solução" que teve o caso Lindbergh-Hauptmann. Se Fisher ou outro advogado que não fizesse tanta questão de atirar improperios ao jury nem de fazer tanto barulho houvesse defendido o carpinteiro este teria sido muito mais feliz. Quando Reilly chamou ao banco das testemunhas os elementos irresponsaveis que se sabe, ninguem se surprehendeu mais do que Fisher, Pope ou Rosecrans, que jámais sabiam qual seria o proximo passo do seu collega.

Foi então que tive a minha attenção desviada para o exame de um importante testamento, ficando absolutamente sem tempo para me occupar do caso Hauptmann. Quando o julgamento estava terminado, porém, e o allemão esperava na penitenciaria estadual o dia da execução, atirei-me com enorme interesse á leitura do processo.

Conclui que nesse processo houve muita coisa errada. Hauptmann fôra condemnado por ter entrado no quarto do filho de Lindbergh, raptando-o e matando-o mais tarde. Mas até hoje não vejo em que provas pode se ter baseado o jury para chegar a uma tal conclusão. Um terço do dinheiro do resgate havia sido encontrado em poder Hauptmann; os bilhetes enviados a Lindbergh eram attribuidos a elle por alguns graphologos, mas outros contestavam que elle os houvesse escripto. Havia provas que comprovavam que um dos degraus da escada fôra tirado do forro da casa do carpinteiro; Hauptmann foi identificado como sendo o homem que rondava a casa dos Lindbergh por Amandus Hochmuth, um velho que estava quasi cégo na occasião em que dizia ter visto o accusado, e por Millard Whited, que primeiro dissera á policia que não vira nenhum desconhecido suspeito pelas redondezas e depois reconhecera subitamente Hauptmann, por lhe ter sido offerecida parte da recompensa. Ah, sim, houve tambem o testemunho de Jafsie. Jafsie se viu envolvido em situações tão estranhas e em taes contradicções, sendo dado a tantas excentricidades, que se eu fizesse parte do jury não o poderia ter levado a serio, sobretudo quando a vida

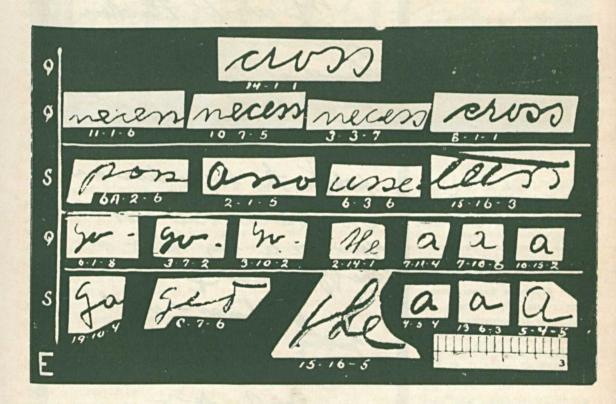
de um homem pesava na balança.

Ora, o facto de que parte do dinheiro do resgate fosse encontrado em casa de Hauptmann não provava, na minha maneira de pensar, que houvesse sido elle o raptor da creança. O facto de que só um terço desse dinheiro houvesse sido encontrado em seu poder parecia indicar, justamente, que o preço do resgate havia sido dividido por tres e que portanto duas outras pessoas se tinham envolvido no rapto. Quanto ao famoso Degráo Decimo Sexto da escada — o degráo que se dizia ser um pedaço do forro da casa do carpinteiro — não me admiraria que um dos homens interessados em sera "Hey, Doktor!" a Condon, na noite em que o pequeno cadaver havia sido resgatado. Como poderia Lindbergh ter certeza de reconhecer uma voz depois de tanto tempo, continua sendo para mim um dos grandes mysterios do processo. Muita gente diz que o processo de Flemington foi o processo das furias desencadeadas contra o Inimigo N° 1, e eu estou de accordo.

E essas foram todas as provas colligidas contra Hauptmann. Que lhes parece?

E quanto a marcas digitaes? Se Hauptmann esteve no quarto da creança, se escreveu todos os bilhetes, se tocou nas roupas de Jafsie, no cemiterio, então deve ter deixado marcas digitaes em algum logar! Jofsie não disse que o John do cemiterio usava luvas, um detalhe que não teria perdido, elle que tomava nota de tudo sobre o homem. Cerca de quinhentas marcas digitaes foram encontradas na escada: nenhuma era de Hauptmann. A policia tomou moldes dos passos de John no cemiterio e depois que Hauptmann foi preso ninguem ouviu mais falar nesses moldes. Qual, para mim não ha duvida de que erraram quando condemnaram Hauptmann como unico culpado nesse crime.

Oito peritos graphologos testemunharam pelo Estado, attribuindo a Hauptmann a autoria dos bilhetes que pediam o resgate. Mas eu tambem sou technico nesse assumpto e posso falar. Em primeiro logar, elles não teriam comparecido para apoiar a accusação se não estivessem dispostos a dizer o que disseram. Sim, assim é que as coisas são de facto. Muitas vezes tenho sido chamado pelas autoridades para dar o meu veredicto sobre se um homem prestes a entrar em julgamento é ou não o autor de determinados documentos compromettedores.

Prova E, do archivo colligido por Pelletreau: os "ss" das linhas "Q" (bilhetes de resgate) e "S" (documentos redigidos por "X" sete annos antes do rapto) foram escriptos pelo mesmo punho.

resolver o caso Lindbergh houvesse forjado essa prova. E' preciso não esquecer a recompensa de cincoenta mil dolares, nem que coisas peiores tem sido feitas por menos dinheiro. E houve ainda o testemunho do coronel Lindbergh, a sua identificação da voz de Hauptmann como sendo a do homem que dis-

Quando a minha resposta é affirmativa eu deponho pelo Estado, quando é negativa eu sou despachado.

Osborne, o graphologo que compareceu com o testemunho mais importante no caso dos bilhetes, tem um livro intitulado "Documentos Refutados", no qual se refere a casos em que tanto ha semelhanças como differenças entre a letra dos documentos refutados e a calligraphia habitual do homem suspeito de ter forjado os documentos. Ora, no caso dos bilhetes enviados a Lindbergh, houve um esforço visivel para disfarçar a letra. O problema era, portanto, ver se havia sufficientes semelhanças e differenças entre os bilhetes e a letra de Hauptmann.

Não acredito que alguem possa dizer com segurança, de sã consciencia, que os bilhetes incluidos no processo de Flemington tenham sido, sem a menor sombra de duvida, traçados por Hauptmann. As differenças entre as duas escriptas são innumeras e marcadas, sendo que os "kk" e os pontos dos bilhetes constituem caracteristicas muito accentuadas, que levariam á descoberta de seu autor, desde que deste se pudesse examinar um documento qualquer escripto com naturalidade.

E num caso como o de Hauptmann, em que o criminoso é preso e depois se procura comprovar a sua culpa, mesmo os peritos mais responsaveis se sentem influenciados, e procuram sobretudo as semelhanças, descuidando-se de salientar as differenças calligraphicas.

Em plena campanha legal para salvar a vida de Hauptmann, o Dr. Erasmus Hudson, famoso criminalogista de Nova York, dedicou-se com grande actividade á causa da defesa. Uma semana depois do crime examinou o quarto da creança raptada e a escada levada pelos criminosos, encontrando numerosas marcas digitaes, sem que entre ellas se achasse uma só do carpinteiro allemão.

O dr. Hudson, em setembro de 35, fez com que eu me communicasse com Ellis H. Parker, detective chefe de Burlington County, Nova Jersey. Desde o inicio Parker affirmara a sua convicção de que Hauptmann não era o homem que entrara no quarto da criança e se interessaria, portanto, por qualquer informação que levasse á contestação das hypotheses armadas pela promotoria.

Muita gente pensa que Paul Wendel foi preso sem nenhuma razão de facto, simplesmente porque o governador Hoffmann queria ganhar tempo. Nada menos verdadeiro. Wendel metteu o nariz no caso Lindbergh sem ser chamado. Telephonava constantemente a Parker, sem dar o nome, transmittindo informações de peso. Parker conseguiu afi-

My dear Dr. Hudson
You whant know about
Lindbergh boy [illegible]
or got to [illegible] 440. 1st
Brooklyn [illegible] not tell
police the boy is dear an
ist Blonde blue eyes
you see a big man in
the Basement
Hauptman is is
getty
a friend of
Dr. [illegible]
[illegible]

O texto da carta recebida pelo Dr. Hudson e immediatamente entregue para estudo a Pelletreau. Os "kk", segundo o eminente graphologo das repartições publicas dos Estados Unidos, levaram-no facilmente a conclusões logo comprovadas.

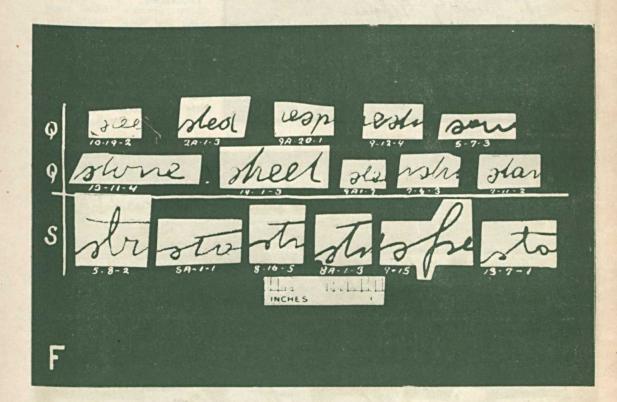
nal localizar o mysterioso informante e assim é que Wendel foi preso. Paul Wendel confessou depois desmentiu a confissão, sendo finalmente posto em liberdade.

versação, notei que elle estava admiravelmente informado de todos os detalhes do processo. A sua convicção de que Hauptmann não havia sido o unico culpado era profunda.

mara para testemunharem a nossa palestra e disse:

— Rapazes, Pelletreau chegou a resultados muito serios!

E logo me perguntou, apertando os olhos:

A prova F, de estudos comparativos dos "ss" em ligação com consoantes longas, que tanto impressionou o governador Hoffman. Esta prova poderia ter feito parte do processo, se o coronel H. N. Schwarzkopf não a houvesse excluido por julgamento proprio.

Em seguida á minha conferencia com Parker, este se communicou com Hoffmann, que me mandou chamar. Encontrei-me com o governador pela primeira vez no dia 8 de novembro de 35, no seu apartamento de um hotel de Trenton. Antes desse encontro, eu compartilhava da opinião geral, julgando que Hoffman se houvesse interessado pelo caso Lindbergh com objectivos politicos. Comecei a duvidar da minha convicção, no emtanto, desde o momento em que me foi aberta a porta do apartamento do governador.

Hoffman é um dos homens mais humanos que conheço. Quando toquei a campainha, foi elle em pessoa quem me abriu a porta. Estava em mangas de camisa e tinha os pés enfiados em commodos chinellos. Logo nos quinze primeiros minutos de con-

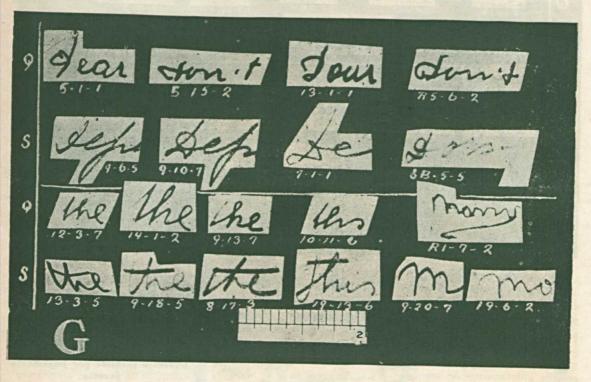
— Ellis Parker declarou-me que o senhor está certo de que não foi Hauptmann o autor dos bilhetes, — disse-me o governador — Imagina quem possa ser o verdadeiro autor?

— Não — repliquei.

E observei-lhe então que se me cahisse sob os olhos um exemplar qualquer de escripta em que se encontrasse os "kk" dos bilhetes e a singular pontuação de pontos saberia que tinha deante de mim uma pagina do homem que disfarçara a letra para escrever os bilhetes de instrucções para resgate do menino raptado. Mostrei ao governador as mesmas provas que illustram o presente artigo. Quando terminei a minha exposição, Hoffman, que ouvira com extraordinaria attenção, ergueu o olhar para os homens que cha-

— Que acha de J. J. Faulkner?

J. J. Faulkner era o mysterioso individuo que depositára 2.980 dollares de notas pagas no resgate num banco de Nova York, não sendo identificado. Mesmo os graphologos que depuzeram pela promotoria declararam que a assignatura que apparecia ao alto da ficha do depositante desconhecido não era do punho de Hauptmann. A policia localizou todos os Faulkner que se sabia residirem no paiz e não conseguiu descobrir o homem que fizera aquelle deposito. O en-

Enveloppe da carta enviada por Faulkner ao governador Hoffman em vesperas da execução de Hauptmann. Em baixo, a prova G, reproduzindo palavras que faziam parte dos bilhetes (Q) e parte dos documentos officiaes escriptos por X (S).

dereço dado por elle havia sido 537, Rua Cento e Quarenta e Nove, Manhattan, e nenhum Faulkner residira jámais naquella casa. Para mim, essa era uma das provas mais fortes de que Hauptmann não era o unico culpado, de que havia pelo menos mais uma pessoa envolvida no crime.

— Não, não sei quem é Faulkner. Apenas, pelo estudo que fiz da sua assignatura, sei que não é nem Fisch nem Hauptmann.

— Acha que pode ter sido elle o autor dos bilhetes?

— Não posso dar uma resposta satisfatoria a essa pergunta, contando sómente com a assignatura do deposito para um estudo. Se encontrasse um trecho razoavel escripto por Falkner, então sim, seria differente.

— Talvez aconteça qualquer coisa... — murmurou o governador Hoffman, preoccupado e esperançoso.

Passou-se mais de um mez. No dia 14 de dezembro recebi um telephonema da secretaria do dr. Hudson.

— O dr. Hudson recebeu uma carta que imagina que o possa interessar, — disse-me ella.

Corri para o escriptorio de Hudson e Miss McGill passou-me uma carta escripta a tinta, em papel commum, nos seguintes termos:

Importante.

Carta.

Prezado dr. Hudson. O senhor deseja saber do menino Lindbergh Por favor venha a 440 1ª Brooklyn por favor não diga nada a policia O menino é bonzinho louro e tem olhos azues Verá um homem alto no andar terreo

hauptmann não é culpado
um amigo do Dr. Condon
John

A principio, a carta deu-me a impressão de ser um gracejo de máo gosto. Tel-a-ia posto de lado se não fosse uma linha accrescentada a um canto: guarde

segredo desta carta (em inglez: keep it to yourself). Toda a carta é escripta em pessimo inglez, em phrases inacabadas O "k" lembrava o "k" dos bilhetes!

Notei então, immediatamente, a assignatura: Jhon. Nos bilhetes juntos ao processo se dera a mesma transposição do "h" (o certo é John).

Examinando o enveloppe, constatei que a carta havia sido posta na Estação V de Brooklyn, na tarde da vespera. Muitos dos bilhetes enviados pelos criminosos haviam tido a mesma procedencia.

O meu primeiro cuidado foi investigar a casa cujo endereço a carta indicava. Foi uma investigação vã: residia lá uma familia italiana, sem nenhuma ligação possivel com o caso. Affirmaram-me que não tinham a menor idéa de quem pudesse ter escripto a carta e eu acabei acreditando na sua sinceridade.

Fiz um estudo comparativo da carta enviada a Hudson e dos bilhetes e exemplares da calligraphia de Hauptmann, Fisch e Faulkner, não podendo no emtanto chegar a um resultado seguro.

Passaram-se varios dias. E então recebi um chamado do governador Hoffman, que se achava hospedado no Hotel New Yorker, em Manhattan.

Portão da residencia de Lindbergh onde se deu o sensacional rapto.

Muito nervoso, Hoffman entregou-me uma carta, dizendo:

— Veja o que acha disto... Eis a carta:

New York, 1 de Janeiro de 1936

A' Sua Excellencia
O Senhor Governador do Estado de New Jersey

Sr. Harold G. Hoffman:

Ao se approximar a Hora Zero do caso Hauptmann, sinto-me na obrigação de escrever estas linhas a Vossa Excellencia, de maneira a desfazer a idéa preconcebida da culpabilidade de Hauptmann, ou melhor, a sustentar que Vossa Excellencia acertou quando o disse innocente. Apesar da confusão e da atmosphera de odio creadas durante o julgamento, o senhor conseguiu conservar um ponto de vista objectivo. O jury deu o seu veredicto condemnando um homem innocente, baseando-se em provas superficiaes e além disso falsas.

Não posso deixar de admiral-o, por ser a unica pessoa de alta situação que teve a coragem de manifestar lisamente a convicção de que o julgamento não havia sido bem conduzido.

Hauptmann não é culpado do crime pelo qual o fazem responder.

Tudo de quanto elle é culpado é da sua loucura por dinheiro, que o levou a arriscar mil dollares que lhe pertenciam na esperança de se fazer monetariamente independente. Arriscando ainda a vida, que espero lhe será poupada depois desta minha carta.

Vossa Excellencia comprehenderá que por motivos pessoaes não posso chegar a maiores detalhes e que tambem estas linhas não foram ditadas pelo desejo de prestar informações.

Tudo que faço é seguir a linha que me traça a minha consciencia e prestar assistencia a Vossa Excellencia para que o Estado de New Jersey não incorra num assassinato legal.

Vossa Excellencia ainda é relativamente moço e poderá viver

até um dia em que toda a verdade será desvendada.

No que se refere a Condon... Será melhor tomar com certa desconfiança o que vem delle, que tem suas razões.

Estando certo de ter cumprido o meu dever e assegurando a Vossa Excellencia as provas de alta consideração e fé na sua integridade moral, que o fará agir como convem no caso Hauptmann, aqui termino, respeitosamente.

J. J. Faulkner

Examinei a carta durante cinco minutos sem falar. Por duas ou tres vezes notei que o governador me observava attentamente. Afinal, disse lentamente:

— Senhor governador, gostaria de fazer uma analyse completa desta carta. A letra está parcialmente disfarçada, mas contem o sufficiente para que possa ser feita uma comparação entre ella, a assignatura de Faulkner na ficha do deposito bancario, a carta de "Jhon" endereçada ao dr. Hudson e os bilhetes.

A carta fôra escripta em papel branco commum e enviada de uma agencia de Nova York. Nas ultimas linhas o autor recorrera aos pontos tão caracteristicos.

Depois de varias provas, cheguei á conclusão de que o Faulkner do deposito e o da carta eram uma só pessoa. Entre as minhas constatações estavam a de que o homem era um falsario consumado, permittindo no emtanto que aqui e ali, inconscientemente, apparecessem caracteristicas essenciaes da sua escripta nos diversos documentos. O "J" do Janeiro da carta ao governador era extremamente semelhante aos "JJ" da assignatura do deposito e ao "J" de Jhon. O "l", o "a", o "u" e o "r" tambem eram reveladores.

Passei depois á comparação da carta de Faulkner com os bilhetes que negociaram o resgate do pequeno Charles. E ao cabo de alguns dias declarei ao presidente que, para mim, o autor de uma e de outros era o mesmo individuo.

Chegou o dia 15 de fevereiro, o dia rubro do julgamento do caso Lindbergh, no que se refere a mim. Gus Lockwood, o inspector de vehiculos que auxiliava as investigações para a solução do caso, telephonou-me do escriptorio de uma agencia importante de informações, pedindo que eu fosse ao seu encontro.

— Bill, acho que descobrimos o autor dos bilhetes, — disse-me elle assim que lhe apertei a mão.

— Como!

— Veja isto.

E mostrou-me alguns relatorios de um empregado da agencia, escriptos a tinta e a lapis, em 1925, sete annos portanto antes do rapto.

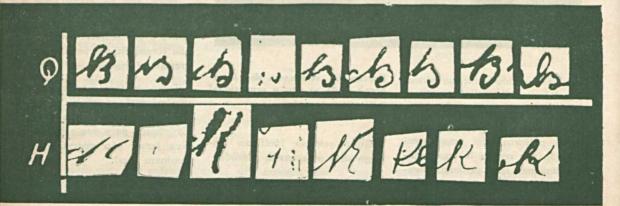
— Esse homem... — começou Gus.

— Um momento, meu caro, — interrompi-o, — prefiro não saber nada a seu respeito até terminar o estudo da sua letra.

Gus comprehendeu: eu queria ficar livre de qualquer influencia, impressão leve que fosse.

A primeira coisa que me chamou a attenção foi a semelhança de tom dos relatorios e dos bilhetes. (N. da R. — Aqui, no texto inglez, o autor do presente artigo transcreve um trecho de um dos relatorios e um dos bilhetes. Na traducção portugueza esse confronto é quasi impossivel. O autor dos relatorios e dos bilhetes conservava não só o mesmo estylo nuns e noutros documentos, como tambem escrevia sem razão de ser certos substantivos em letra maiuscula e repetia frequentemente a expressão "act accordingly", que significa "aja de accordo").

Os relatorios de "X" foram a chave do mysterio. Haviam sido escriptos em calligraphia natural e estabeleciam uma ligação indiscutivel entre a assignatura do deposito feito no Banco de Nova York, os bilhetes que tra-

Os peculiarissimos "kk", primeiro indicio que saltou aos olhos de Pelletreau, dos bilhetes enviados a Lindbergh e diversos "kk" da calligraphia de Bruno Richard Hauptmann, que o jury deu como autor dos bilhetes anonymos mas que Pelletreau innocenta dessa accusação.

tavam do resgate, a carta enviada a Hudson e a outra recebida pelo governador Hoffman.

As phases mais interessantes desse estudo comparativo illustram este artigo, acompanhadas de explicações sufficientes para o esclarecimento do leitor.

—

E agora, passemos ao nosso homem, "X". O chefe da agencia em que "X" estivera empregado enviara um mez depois do rapto os mesmos relatorios que mostrara a mim e ao chefe de policia do Estado de New Jersey, Schwarzkopf. E este os devolvera, dizendo não haver ponto de semelhança entre a letra dos relatorios e a dos bilhetes!

Começamos a procurar a pista de "X". Nesse interim, Hauptmann foi executado. Poucas horas antes um individuo preso por crime de furto mandou dizer ao governador que tinha declarações a fazer sobre o rapto do menino Lindbergh. Este homem, no interesse da justiça, será por nós designado como "Z".

"Z" conhecera "X" em 1927, quando ambos cumpriam pena, o primeiro por furto e o segundo por bigamia. Fizeram boa amizade e entre outras propostas X perguntou a "Z" se não queria tomar parte num golpe visando o senador Morrow, com um lucro possivel de cincoenta mil dollares. Sahindo da prisão, haviam executado juntos varios "trabalhos", até que "X" voltou a falar no caso de Morrow. O senador, no emtanto, morreu. "X" affirmou o desejo de vibrar o mesmo golpe contra sua filha. "Z" não queria se metter num caso de rapto e tirou o corpo fóra.

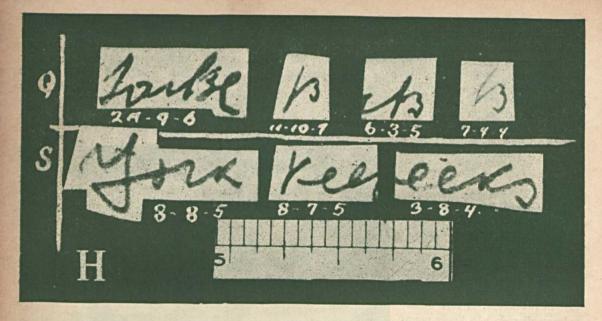
Ora, "Z" residia com sua mãe nas proximidades do cemiterio de St. Raymond, onde "X" o ia visitar frequentemente, inclusive na época em que se realizaram as entrevistas do cemiterio.

O governador Hoffman está convencido da culpabilidade de "X". Mas tem as mãos atadas. "Z" assignou uma declaração escripta contando tudo o que sabe sobre "X", decaração da qual foram tiradas tres copias, uma das quaes ficou em poder de Hoffman. Mas, suspeito ou

Ao alto, a senhora Lindbergh com o seu segundo filho, na Inglaterra. Ao lado, reproducção de um dos enveloppes transmittidos pelo correio ao celebre aviador.

não, "X" continua a andar livremente pelas ruas de New York e de Chicago, pois o Departamento de Justiça do Estado de New Jersey deu por encerrado o caso Lindbergh. "X" continuará em liberdade a vida toda se o Departamento de Justiça dos Estados Unidos não resolver entrar em acção.

Nota da Redacção — Estavam escriptas as linhas acima quando, para surpresa de muitos, mas não daquelles que conhecem intimamente a pertinacia do governador Hoffman. Quando se vê impossibilitado de agir de uma fórma, procura realizar seu objectivo de outra, mas sempre teimando em provar a verdade de que está convencido.

Imaginava-se que tendo o departamento de Justiça encerrado o caso Lindbergh, nada mais

A prova H, uma das mais significativas de quantas Pelletreau colligiu, de estudo do lançamento da escripta mostrando semelhanças de graphia de letras differentes.

restasse fazer. Mas muito ainda restava fazer... O caso das notas ainda não estava completamente elucidado, constituindo inquerito aparte.

Desde que fossem encontradas algumas das notas, a policia teria obrigação de voltar a investigar a culpabilidade de seu possuidor. Ora, as notas foram descobertas!

Noticias recentissimas de Trenton annunciam que um policial do Estado de Jersey acaba de descobrir num esconderijo, 21.650 dollares em notas ouro, que segundo todas as probabilidades são parte do resgate dado pelo Coronel Lindbergh por interferencia do dr. Condon.

De accordo com o mesmo jornal, o governador Hoffmann prometteu annunciar para muito breve a descoberta das pessoas que acredita serem os verdadeiros sequestradores do infortunado baby, assim com possibilidades de identificar os mesmos.

Temos, portanto, o famoso "Crime do Seculo" em evidencia. Poderão ser descobertos os criminosos, mas demasiadamente tarde! Hauptmann não se aproveitará mais desta verdade...

A historia de uma invenção

A lampada electrica é mais antiga do que geralmente se crê. A primeira idéa, ou melhor, a primeira realização da idéa da lampada incandescente, se deve attribuir a um norteamericano. W. Starr, que em 1845 fabricou uma lampada com um fio de carvão encerrado em uma campanula de vidro privada de ar. Fez 26 exemplares desta lampada e todos funccionaram perfeitamente. Foram accesas juntas, como um symbolo da Confederação Norte-Americana, que se compunha então de 26 Estados. Pouco depois, Starr morreu e sua invenção foi votada ao esquecimento.

Doze annos mais tarde, um engenheiro francez, de nome Changy, que tinha iniciado suas experiencias em 1844, antes de Starr, fabricou uma lampada constituida por bastõezinhos de carvão, encerrados em um globo de vidro privado de ar. Mais tarde encontrou o meio de preparar filamentos, fiando um mixto de plombagina, argilla e fibras vegetaes calcinadas. Apresentou sua invenção á Academia de Sciencias em 1858. A Academia nomeou uma commissão com o fim de estudar o invento e pedir informações precisas a De Changy. Este não quiz proporcionar nenhuma explicação antes de obter a patente de invenção. Então um dos membros da commissão, o sr. Despretz, declarou que, visto De Changy querer tirar proventos de sua invenção, a Academia nada tinha que ver com elle. A desdenhosa declaração de Despretz desalentou tanto a De Changy que este abandonou sua iniciativa e suas experiencias.

Vinte annos depois, Edison encontrava ou apoderava-se da idéa; não pediu conselhos a ninguem; dedicou-se a explorar sua invenção, que lhe produziu fama e riqueza.

UM

GRANDE DIA

CONTO de *JACQUES LACRETELLE*
Illustrações de *George Homer*

E se escondessemos a caixinha sob o seu guardanapo para fazer-lhe uma surpresa?

— Não. Chamal-o-ei á parte e entregando-lhe o relogio direi: "Henrique, eis o presente que tua avó e eu te offerecemos pelos teus doze annos". Vês, é preciso não o tratarmos como criança. Isto aborrece o homemzinho. Notei-o bem da ultima vez.

O avô passeava em volta da mesa prompto para o almoço e tudo inspeccionava com cuidado. De repente parou, e, apontando accrescentou:

— E' como esta taça... Porque não lhe daremos um copo grande?

— Não a reconheces? E' a taça com que Luiza se servia em pequena. Julguei dar-lhe prazer. Além disso elle verá que pensamos em sua mãe e que ainda a amamos.

Tinha pronunciado as ultimas palavras quasi em voz baixa, voltando um pouco a cabeça. Elle não deu resposta e recomeçou a andar. Era um casal de velhos que se pareciam extraordinariamente. Tinham a mesma altura e eram igualmente definhados, com o rosto coberto de rugas e o olhar turvo. Diz-se-ia que o tempo havia gasto igualmente suas feições primitivas.

Todavia, pela agitação, pelo modo particular de erguer o pescoço, reconheciam-se nella faculdades proprias de força de vontade e de energia para combater. Elle, ao contrario, caminhava pausadamente, com ar socegado e absorto, abanando methodicamente a cabeça como se estivesse calculando uma somma sem fim. A's vezes, parava, collocando as mãos verticalmente de cada lado do rosto como antolhos e chegava-as á fronte por um rapido gesto, para melhor concentrar a sua visão.

Ella tinha apanhado a taça e virava-a entre os dedos olhando a data gravada no metal.

Quando Luiza esteve doente e que mal se alimentava era por aqui que tomava o succo da carne! Lembras-te? Vejo ainda inclinado sobre esta taça o seu rostinho tão magro, tão magro...

Elle abanou a cabeça, abaixou as palpebras e continuou o seu passeio á volta da mesa.

— Será possivel, proseguiu ella, contemplando a taça como num sonho — que o ente que hoje nós odeia e se compraz em atormentar-nos seja o mesmo que esta criança? Algumas vezes, quando reflicto, parece-me impossivel! Por exemplo, porque prohibir-nos de ir esperar Riquet á estação esta manhã?

Ella substituiu a taça pelo copo. Fez-se na sala um curto silencio.

— Como! — disse de repente o avô, — para que puzeste a almofada na sua cadeira? E' inutil, elle é mais alto que tu', minha querida.

— Oh! deixa-me preparar as coisas como desejo.

— Repito-te que um rapaz não gosta de todos estes cuidados que o diminuem.

Replicou com doce insistencia, erguendo symetricamente as duas mãos, conforme o seu gesto habitual.

— Um rapaz, um rapaz... mas é uma creança e uma creança de que ninguem se occupa, que está privado de qualquer affecto e mesmo de todo o cuidado... Quando elle vem aqui é preciso que encontre a ternura que sua mãe não lhe dá desde que só tem olhos para o miseravel.

— Sobretudo não digas taes palavras deante delle.

— E porque? Crês que o outro deixa de caçoar de nós e de nos insultar?

— Não ha duvida, disse elle suspirando, mas nós não o devemos imitar. A ultima vez, quando disseste a Henrique que seu padrasto tinha fallido e que pouco faltou para ir para a cadeia, elle corou, e vi bem que lhe foi desagradavel ouvir falar no assumpto. Hoje, peço-t'o, modera-te.

Ella fez um movimento brusco de hombros e retorquiu:

— Sim, sim, ceder sempre, aceitar tudo... é teu methodo. Se, quando Luiza partiu com esse homem, evitassemos pedindo aos tribunaes a tutella de nosso neto, Riquet não seria creado nos bastidores dos theatros por um empresario viciado. Elle viveria comnosco e eu saberia bem dar-lhe educação apesar da minha ternura que ridicularizas.

— Eu não te digo isso, minha amiga, mas apenas que é preciso não envolver Henrique nos tristes factos que nos fizeram brigar com nossa filha. Elle vae tornar-se um homem, e aprenderá por si mesmo a distinguir o que é honesto do que é indigno. Tenho confiança.

O avô impertigou-se. O seu queixo tremeu. Ella olhou-o com ternura e falou então num tom suave:

— Sim, eu bem sei Antonio. Deixei-me arrebatar... perdoame... somos tão infelizes... e hoje sinto-me tão nervosa... Ha mais de 5 mezes que não o vemos. Pensa nisto. Não é um crime impôr-nos esta separação?

Sua voz era tremula. Levou seu lenço aos olhos que se tinham humedecido. Elle tomoulhe as mãos e apertou-as nas suas.

— Acalma-te. Hoje seremos felizes. Fará um bello dia, olha...

Falava-lhe com grande ternura, levando-a insensivelmente para a porta que estava aberta dando para o jardim. Na varanda, pararam e ergueram a cabeça. O céu estendia-se azulado, pallido e limpido. Não se via uma nuvem. Uma mesma esperança transpareceu nos seus olhos pestanejantes e ennevoados. Sempre de mãos dadas repetiram devagarinho quasi em unisono:

— Um grande dia!

Pareciam dois companheiros de prisão allumiados pelo mesmo raio de luz.

A casa era apenas de dois andares e rodeada de jardins graciosamente traçados. O que ficava na frente, descia em declive até uma estrada, deante da qual, mais lisa se avistava: o Marne. O jardim dos fundos era guarnecido de canteiros separados por arbustos cuidadosamente aparados formando pequenas aleas. Uma grande moita de lilazes, encostada ao muro, estava toda florida. Ao longe, avistava-se uma chaminé de fabrica, e mais além, uma solida construcção em tijolos indicando um arrabalde de Paris. A pouca distancia, um grande viaducto lançado sobre o rio, cortava o quadro.

— Preciso ir á cozinha, disse a avó. Vou verificar se Clotilde acertou com a sobremesa.

Ficando só, elle desceu com precaução os degráos que conduziam ao jardim, approximouse dos lilazes e com as mãos atraz das costas aspirou os cachos. Parecia satisfeito e acariciava a barba grizalha. Depois, apanhou o ancinho guardado debaixo da escada e começou a alisar a aléa. De tempos a tempos parava, e emquanto permanecia immovel, sua physionomia deixava transparecer uma dupla visão de felicidade e resignação. De vez em quando abaixava-se para arrancar uma herva ou retirar uma pedra. Cada um de seus simples. Parecia um santo rustico.

Partiram vozes da cozinha. A avó appareceu á janella da dispensa.

— Que horas são, Antonio? — gritou ella. — O relogio de Clotilde está marcando meio dia.

Elle tirou o seu e acenou com o dedo negativamente.

— Meio dia menos treze minutos. Olha, o rapido está passando.

E apontou na direcção do viaducto.

Um trem pequeno e luzidio corria no alto, desapparecendo.

A avó retirou-se da janella e foi encontrar-se com o marido no jardim.

— Fiz bem em ir á cozinha, — disse ella, — o creme estava branco demais.

Ella tentou pôr de novo o relogio no cinto, mas os seus dedos enredaram-se na corrente. Irritou-se e puxou-a com impaciencia.

— Só temos mais um quarto de hora, — disse, — e elle aqui estará.

— Não te agites assim, minha pobre amiga. Ainda não cessaste de te fatigar desde manhã.

Ella suspirou demoradamente como se, com effeito, estivesse muito cansada. Depois, fez um gesto de indifferença e apertando energicamente o braço do marido disse, num tom profundo onde transparecia toda a sua angustia.

— Vês, Antonio, só peço uma coisa: viver ainda um pouco, até depois da maioridade de Henrique. Então elle terá escolhido o seu lar! Virá morar comnosco, e os nossos ultimos dias serão os mais bellos de nossa vida.

— Porque sua mãe não o ama, — continuou ella insistentemente. — Se assim não fosse não o arrastaria, como faz de hotel em hotel, seguindo as companhias theatraes de seu marido. A felicidade de Henrique, o seu futuro, não contam para ella desde que se enamorou deste homem. Ah! sem duvida, eu não me entendia sempre bem com o primeiro marido de Luiza... Mas o pobre rapaz gostava do seu filho e occupava-se delle.

Elle ouvi-a com o olhar vago e fixo em qualquer ponto distante. De repente interrompeu-a:

— Quando penso na carreira de Henrique e vejo que esta má educação impedirá, talvez, nosso neto, de se tornar um homem honesto... Ah! Vês, sinto-me capaz de tudo... Sinto-me capaz de ir estrangular esse canalha.

O sangue subiu-lhe á cabeça calva e encanecida. Seus dedos tremulos crisparam-se ameaçadoramente como a estrangular. Ella viu todo esse esforço inutil.

— Ah! Antonio, como amas Riquet!

E apertou-lhe as mãos, agradecida.

— Vamos esperal-o á porta, accrescentou.

Subiram a escada e atravessaram a casa. A porta da cozinha estava aberta. A cozinheira ou-

vindo seus passos ergueu a cabeça. Era uma rapariga bastante forte, já madura, a quem os olhos azues e as sobrancelhas negras e cerradas davam um aspecto ao mesmo tempo sensivel e genioso:

— Então? O senhor Henrique não deve tardar agora! — gritou-lhes com uma voz rude.

Elles sorriam.

O jardim da frente reflectia o sol do meio dia. O gramado coberto de relva verde e viçosa, resplandecia de luz. Os dois velhos pararam na varanda e começaram a olhar obstinadamente o pequeno gradil da entrada do jardim. Não falavam. Um longo momento passou. Com um gesto tremulo ella tornou a tirar seu

relogio e viu as horas. Então, com voz calma mas que soava mal num impeto de inquietação e contrariedade:

— Elle não virá, — exclamou. — Presinto-o. Elles não o mandaram... sim, foi ella, foi Luiza quem decidiu isso á ultima hora, sem razão, só por espirito de contradicção... Ah! conheço-a bem! Desde criança que é assim. Desobedecia-me só pelo prazer de contrariar, sem dó pelo pezar que me estava causando...

Seu marido tentava acalmal-a, mas ella não o deixava falar.

— Sim, conheço-a melhor que tu'... Porque impedir-nos de ir ao encontro de nosso pequeno esta manhã, senão pelo prazer de estragar a nossa alegria? "Henrique estará em vossa casa ao meio dia. E' inutil ir á estação". Eis o que ella escreveu, es a filha voluntariosa e sem co ração.

A velhinha endireitou-se, fremente, como se estivesse enfrentando uma inimiga.

De repente parou. Seu braço ficou suspenso. Por um movimento instinctivo inclinou-se para o caminho onde, comtudo, nada se distinguia. Uma expressão pungente transpareceu no seu semblante.

— Eil-o, — disse com vivacidade.

E um instante após, um menino, seguido por uma mulher, appareceu por traz das grades do portão.

Era alto, mas magro e sem vigor, dir-se-ia, pelo modo como abriu o portão, que o esforço lhe foi pesado. Vinha cabisbaixo O seu rosto oval, cahido para a frente era pallido e não tinha nenhum traço accentuado. Para saudar seus avós, seu rosto ergueu-se. Elle não era feio, mas seu modo languido não attrahia. Sua avó correu pelo gramado ao seu encontro, abraçando-o:

— Riquet, meu Riquet... —

Correspondeu primeiro aos seus beijos. Em seguida, deixou-a expandir-se sem se mexer, olhando distrahidamente para o outro lado. Depois chegou a vez do avô, que num gesto grave e terno, tomou entre as mãos a cabeça do neto beijando-o na testa. A mulher que acompanhava a creança permanecia um pouco atraz. Trajava de preto muito curto e justo ao corpo. O pescoço estava nu' e seu rosto pintado. De relance a avó apercebeu-se desta faceirice. Entretanto, fez um gesto gracioso com a cabeça e disse:

— Obrigado por ter trazido o nosso neto. Espero que isto lhe não roube o seu dia de sahida.

— Oh! não senhora, — respondeu a criada. — Tenho justamente uma tia que móra em La Varenne e que irei visitar se a senhora o permittir.

— Naturalmente, — disse a avó. — E virá buscar o menino pelo trem das 6.

— Madame Louise recommendou-me para partirmos ás 4 horas.

— Mas se fôres á La Varenne depois do almoço, pouco tempo lá poderás estar, — disse a avó, com um ar quasi cumplice e supplicante.

A criada esboçou um sorriso de connivencia e dirigiu-se para a cozinha.

— Riquet, como cresceste! — disse a avó, braçando-o pelo pescoço. — Vês, não tenho mais os braços compridos. Sabes que ha perto de seis mezes que não te vemos! Pensaste um pouco em nós?

Respondeu sem abrir a bocca, por uma inclinação da cabeça.

— Passou o dia de teus annos e não pudemos dar-te o nosso presente... Mas não o esquecemos. Não t'o quizemos enviar. Teu avô vae dar-t'o agora. Antonio...

O avô pegou na caixinha, abriu-a e collocou-a na mão estendida da criança. Elle agradeceu, pegou no relogio, examinou-o e dentre suas pestanas que eram longas e recurvadas, lançou um olhar de alegria para os velhos.

— Agrada-te? — perguntou a avó, com ansiedade.

— Oh! sim... E' de ouro?

— Certamente, — respondeu o avô — é um verdadeiro relogio de homem.

Sem largar a prenda offerecida pelos avós o pequeno adeantou-se e deu-lhes um beijo.

A avó reteve-o, e, acariciando-o amorosamente, começou a interrogal-o:

— Meu pequeno, meu filhinho, conta-me tudo o que tens feito. Que tal a vossa casa em Marselha? Tens um bonito quarto?

Elle respondeu meio embaraçado, deixando pender preguiçosamente os braços. Não gostava de Marselha, disse, mas em Nice onde tinha passado um mez, tinha se divertido muito, assim como em San Remo, em Rapallo... Falava lentamente e sem fazer um gesto. Seu rosto permanecia immovel, apenas seus labios se moviam. Era a avó que olhando com avidez o movimento de seus labios, fazia a mimica da conversa. Seu velho rosto enrugado transbordando de enthusiasmo e paixão amuava-se ao ouvir o nome de Marselha, acclamava alegremente San Remo e a Italia. E no entretanto, apesar desta expansão, lia-se no fundo de seus olhos a inquietação e a dor.

O avô tinha-se afastado dois passos e esfregava as mãos com ar complacente e discreto. A cozinheira appareceu na porta da casa e em tom familiar annunciou que o almoço estava prompto.

— Para a mesa, para a mesa! — gritou o avô batendo palmas.

— Riquet, senta-te aqui em frente da janella para te vermos melhor, — disse a avó entrando na sala de jantar.

A creança sentando-se no logar designado, estremeceu como se a luz o incommodasse. Seu rosto assim exposto, chamava attenção pela immobilidade dos traços. Em nenhum de seus movimentos se notava qualquer das expressões vivas e ingenuas communs ás creanças de sua idade, e ainda menos, timidez. Virava a cabeça lentamente e de todo para a pes-

(Continua no fim da revista)

Ninguem sabia do fim que levara B. L. Sebold. Eu tambem não sabia. Foram Tankovitch Danilo e Old Vrag, meus antigos companheiros de fundição, que um dia me contaram a verdade, só delles conhecida.

mas tambem, trabalhava mais do que qualquer um.

Belzebuth, era o appellido que lhe haviam posto. E só esse appellido já diz muito do que pretendo narrar. E' verdade que de B. L. Sebold para Belzebuth a imaginação

Sete annos antes do mysterioso desapparecimento de Sebold, que não permittia que elle fosse situado nem entre os vivos nem entre os mortos, chegou á Fundição Susquehanna o rapagão mais guapo e de coração mais bello que se possa

BELZEBUTH!

Conto de R. G. KIRK

Illustrações de L. R. Gustavson

B. L. Sebold viveu uma vida de homem, como poderão attestar muitos trabalhadores do aço. Pois bem, morreu como um homem, tambem, posso affirmal-o aos trabalhadores do aço; como homem acima do commum, penso muitas vezes. Quando recordo o que Old Vrag me contou, uma palavra me vem á mente — "Gotterdammerung", onde desappareceram os grandes deuses pagãos da antiguidade, entre chammas e fumaça.

Vingança, era no que pensavam aquelles que julgavam conhecer melhor B. L. Sebold. Numa fundição de aço era facil fazer desapparecer o cadaver de um homem, ossos e tudo. E quem tinha affeição a B. L. Sebold? Conseguia que os seus homens trabalhassem simplesmente graças ao dominio que tinha sobre elles. Força e cerebro, era a receita que Sebold dava para o successo. Saber dar ordens, fazer com que fossem compridas, mais nada. Sentimentalismos? Bah!

Quando se tem força e cerebro não se necessita dos bons sentimentos de ninguem.

Usava atravessada, no collete, uma corrente de relogio de aço. Detalhe muito caracteristico — aço polido, quando outros homens preferem o ouro e a platina. Aço, o metal mais precioso de todos, por certo. Ninguem fazia isso ou aquillo por L. B. Sebold porque lhe tivesse affeição. Mas era impossivel não ser leal com elle. Obrigava os homens a trabalharem demais; não tivera um caminho muito grande a percorrer; mas não só a essa semelhança devia o cognome. Fez por merecel-o. Uma fundição de aço é um verdadeiro inferno. E que principe dos demonios era B. L. Sebold! Seis de cincoenta homens que o teriam gostosamente atirado para dentro de um caldeirão, mais de uma vez — quarenta e nove outros e eu.

Mas não se tratou de nenhuma vingança. Old Vrag me contou, e elle sabe.

imaginar. Chamava-se Jimmy Doan, ou melhor, James Bledsoe Doan, e vinha de Valley Tech, onde conquistára um diploma de engenheiro

metallurgico e partira em busca do perigo, indo dar justamente onde o perigo era mais certo — na Fundição Susquehanna. Eil-o deante de Belzebuth em pessoa, separados os dois apenas pela fragil carcassa de madeira de uma secretaria.

Sebold, o olhar de gelo, mediu da cabeça aos pés o insensato joven e finalmente perguntou-lhe:

— Acha-se prompto para trabalhar?

Do primeiro encontro dos dois gigantes, sahiu logo faisca:

— Depende... Quanto paga?

Qualquer um que chegasse identificaria immediatamente os dois como formidaveis antagonistas. E nem poderia ser de outra maneira: Jimmy Doan era um coração aberto ao amor dos seus semelhantes, Sebold um triturador de homens.

— Quanto acha que póde valer para mim? — foi a prompta replica de Belzebuth.

Jimmy disse-lhe.

— Pagarei o que você vae ver quando receber, — disse Sebold. — Mas se daqui a um anno ainda continuar aqui, passará a ganhar o dobro da quantia que mencionou. Apresente-se a Steve Takacs.

— Obrigado.

E Jimmy Doan deu as costas a Sebold para ir se apresentar a Steve Takacs.

Steve era um magyar "come-fogo", que tomava sempre a peito a reeducação dos jovens diplomados que appareciam na Fundição. Em geral, elles não duravam um mez. Jimmy, no emtanto, acceitava tudo quando Steve lhe dava para fazer e pedia mais. Em seis mezes era chefe de Steve. E, o que é mais, Steve lhe tinha um bruto amor e só jurava por elle. Ora, quando se consegue fazer amizade com um hungaro, um legitimo magyar, faz-se uma amizade de verdade.

Jimmy Doan tambem sabia fazer os homens trabalharem satisfatoriamente; mas os seus methodos eram diametralmente oppostos aos de Sebold. Os homens trabalhavam para Jimmy porque gostavam delle. Não castigava, como Belzebuth. Quando os homens eram avessos ao trabalho, elle os despedia.

Belzebuth estava encantado com o auxiliar que arranjára para matar a sua fome de aço e mais aço.

Um anno depois de ter o seu diploma e estar na Fundição Susquehanna, Jimmy passára de chefe de officina, a sua primeira promoção aos seis mezes de trabalho, a mestre mecanico.

E foi então que Helena Petrovitch chegou a Ironville, Pennsylvania.

Helena quasi provocou uma congestão do trafego ao atravessar o Pike. Porque Helena tinha tudo que é necessario para fazer parar o trafego em qualquer cidade do mundo. Era robusta, como são em geral as montenegrinas. Tinha sido feita para dar ao mundo uma raça forte — para continuar a raça dos guerreiros montanhezes de perto de dois metros de altura. E no emtanto era esbelta. Nem se notava que tivesse bacia tão ampla, como na realidade tinha. O que se notava eram os hombros largos, as costas direitas.

Acima da cintura admiravel, que prendia o olhar, o busto era alto, dando a impressão de volumoso, o que no emtanto não era. E ahi se aninhava ainda a adolescencia, promessa deliciosa. O homem que a conquistasse teria muitas mulheres ao passo que ella fosse chegando, através do amor e da maternidade, á maturidade. Quando caminhava, era com a segurança e a graça que só tem a gente das montanhas.

Sob os olhos immensos e bem separados, de um cinza calido, o rosto era largo, afinando um pouco bruscamente para o queixo, bem differente do rosto oval das madonnas da Italia, que nascem á margem do Adriatico, opposta áquella em que teve a sua origem a familia Petrovitch. Mas — caracteristica typicamente slava — nesse rosto a bocca era rubra e polpuda, ao mesmo tempo que firme. Uma bocca mais sensitiva do que sensual. Uma bocca ao mesmo tempo apaixonada e forte.

Sua admiravel cabelleira côr de ouro, ella a penteava bem lisa e esticada para a nuca. Jimmy Doan olhou primeiro para a cabelleira de Helena Petrovitch. E isso, affirmo-lhes, foi um grande tributo que prestou á belleza dos cabellos da montenegrina. Porque Jimmy costumava olhar primeiro para os tornozellos — á mesma dona da cabelleira pertencia o par de tornozellos mais caprichados que podem ser fabricados nas montanhas, região de tornozellos bonitos, torneados na subida e descida das encostas, nos longos percursos pelas estradas sinuosas. Ligados a esses tornozellos, pés arqueados, que poderiam servir de modelo a uma joven nympha. Mas, assim mesmo, Jimmy, como faziam sempre todos os homens que viam pela primeira vez Helena Petrovitch, olhou em primeiro logar para a cabelleira dourada. E sentiu um nó na garganta, nó que até hoje não se desfez.

Quando Jimmy a viu, Helena Petrovitch atravessava o famoso Pike de Ironville ao lado de Dan Tankovitch, sem chapéo. Dava prova assim de ser duplamente sabia — não fazia questão de parecer o que não era e tomava a precaução de se prover de uma boa escolta, capaz de dissolver todos os embaraços do trafego que ella provocasse expondo-se aos olhares dos conductores de vehiculos.

O Pike é uma via importante que passa entre a Fundição Susquehanna, de um lado, e Ironville e Bohunkville do outro.

Helena era afilhada de Tankovitch e ambos haviam sahido da pequena casa onde residiam em Bohunkville, para um passeio.

A moça havia chegado das montanhas e precisava conhecer a região. O Pike é polyglotta. Margeiam-no igrejas de diversas crenças, estabelecimentos commerciaes dirigidos por individuos de diversas nacionalidades. Helena ia ao lado de Tankovitch, numa cidade onde as mulheres geralmente caminham atraz dos homens.

Jimmy sahia da fundição, e sahia sujo de graxa até a raiz dos cabellos. Parecera-lhe uma perda de tempo fazer uma limpeza superficial na officina, quando em casa entraria num grande banho; sim, naquelle dia nem poderia ser de outra fórma, pois á noite haveria festa na casa de Imbro Zelanjak, que mandára buscar noiva na terra e festejaria então o noivado.

Haveria muito "pivo", bebida montenegrina, bolos croatas, indumentarias camponezas maravilhosas de confecção e colorido. Haveria esposas gordas e sorridentes, com as quaes Jimmy valsaria. Haveria moças slavas, algumas nascidas já na America, mas parecendo recem transportadas das montanhas, com os seus "staras". E haveria tambem a noiva de Imbro, que Jimmy já vira — côr de leite, figura de Cores, de nome Soforonia Matosovitch. Custava um dollar cada dansa com a noiva. Um dollar para auxiliar Imbro e sua Cores a construirem o seu lar.

Assim, Jimmy ia para casa, tomar um banho e depois partir para a festa de Imbro, pensando em dansar tantas vezes com Soforonia quantas fossem necessarias para que o par comprasse um fogão, ou talvez uma cama. Mas, se o pensou, não chegou a fazel-o. Porque no Pike Jimmy viu Dan Tankovitch e Helena Petrovitch.

Será melhor dizer, talvez, que elle viu apenas Helena Petrovitch. O sol se escondia, mas parecia ter deixado um outro sol na cabeça de Helena Petrovitch. E aquelle outro sol offuscava Jimmy Doan.

Jimmy encaminhou-se directamente para Helena, apertou a mão de Dan, que vira de soslaio, sem desviar o olhar dos olhos cinzentos da mulher mais feminina que já encontrára na vida. As pestanas de carvão — sem pintura — não se baixaram sobre os olhos cinzentos. E o busto de Helen ondulou sob um rythmo mais apressado.

Jimmy disse-lhe:

— Sempre soube que "isto" me aconteceria assim... á primeira vista. E sabia tambem que você seria bonita; mas não tanto. Dan me conhece. Como se chama?

— Jelka, — disse a moça.

— Jelka, — repetiu Jimmy, de uma maneira tão doce, tão possessiva, que a joven corou.

Com graxa e tudo, Jimmy Doan tinha o ar de um perfeito astro cinematographico que por accaso não fosse cretino. Foi isso que lhe disseram os olhos cinzentos. E os labios da moça se moveram deliciosamente sobre a dentadura branquissima:

— Jelka Petrovitch.

— Jelka Petrovitch, — repetiu Jimmy. — Pois ouça, Jelka Petrovitch: se você fala inglez, nós nos entenderemos muito depressa. E se não fala, tambem nos entenderemos, e não menos depressa.

A moça se voltou para Tankovitch e falou com elle em sua lingua natal. Depois, atirou a Jimmy um sorriso devastador.

Dan sorriu tambem e explicou:

— Ella diz que qualquer mulher, em qualquer parte do mundo, entende a linguagem dos seus olhos, rapaz!

Foi assim que Jimmy se apaixonou: cégamente, sem reservas, como acontece a um homem forte no alvorecer da mocidade.

De modo muito differente apaixonou-se B. L. Sebold. Não foi Sebold quem se atirou ao amor, foi o amor que veiu a Sebold, com a força de uma convicção profunda. Sebold tinha mais dez annos que Jimmy, e mais dez annos de trabalho com o aço, o que altera de muito a significação do intervallo simplesmente temporal.

B. L. Sebold era um guerreiro: o aço era a sua luta. Para os guerreiros, primeiro a guerra, depois o amor.

B. L. Sebold apaixonou-se quando viu Helena de Uigosh.

A aldeia de Njgosh, nos Balkans longinquos, é o berço de uma linhagem real que governou por muitos seculos o pequeno paiz que recebeu de seus filhos o nome de Terna Gora — Montanha Negra — Montenegro. Houve quem chamasse essa região rochosa e selvagem de Ninho de Aguia. A liberdade existiu ali pelo espaço de mil annos, defendida por guerreiros decididos contra todas as ameaças externas.

Dessa aldeia, Njgosh, partiu para a America um joven descendente daquelles que haviam patriarchalmente dirigido os destinos de Tarnagora: Mirko, representando uma antiga linhagem de chefes guerreiros. Com Mirko viajou para o estrangeiro uma irmã: Jelena.

— Vim de longe para lhes falar, — disse o bello e robusto Mirko de Njgosh a B. L. Sebold e outros capitães de industria que compareceram á conferencia por elle pedida. — Não porque sejam poderosos, mas porque os julgo honestos. Um dos meus conterraneos me escreveu, tal affirmando. E elle trabalhou durante muitos annos para Mr. Sebold.

Falava vagarosamente, aquelle rapagão de olhos claros; não por ser insufficiente para que se exprimisse o seu inglez, mas por descender de uma raça mais habituada a agir do que a falar. E os que agem muito falam reflectidamente. Um grupo de homens dos mais poderosos do mundo ouvia o que elle dizia.

— Venho lhes offerecer um emprego ideal para o seu capital, — declarou Mirko de Njgosh. — Um bilhão de dollares para financiar uma nova nação. Nação que poderá ser designada como a U. E. B., ou a União dos Estados dos Balkans.

O interesse se pintou em todos os rostos.

— Vou sentar e fumar, — proseguiu Mirko. — Quando um homem fica de pé, parece que vae fazer um discurso. E eu quero conversar. Como sabem, dos Alpes de Carmiola ás praias da Bulgaria se extende uma região habitada por slavos do sul, cerca de quinze milhões de almas irmãs. E no emtanto os povos slavos sulistas vêm lutando uns contra os outros, encharcando o seu sólo de sangue. Odios, demagogos e diplomatas, chefes ávidos de poder, têm conseguido atirar os croatas e os montenegrinos contra os seus irmãos ser-

vios e os servios contra os bulgaros; esmagado entre elles, outro pequeno povo lança ao mundo christão o mesmo grito de muitos seculos atraz: "Vinde á Macedonia, e ajudae-nos! Agora mesmo, a idéa da creação da União dos Estados dos Baekans desencadeia a revolução por aquellas regiões. O capital que lhes peço servirá para evitar guerras e construir uma paz duradoura. Será o capital que financiará o Plano Balkanico dos Sete Annos. Em vez de confiscar capitaes, recorremos ao meio mais seguro e pacifico de um emprestimo. Nem um só dinar será empregado em armamentos, mas em trabalho; trabalho e mais trabalho.

"Os slavos do norte fazem a experiencia de um regime não capita-

lista. Queremos provar ao mundo, em sete annos, que com o capital conseguiremos muito mais que elles. Interessam-lhes as minhas palavras, senhores."

O emprestimo foi realizado.

B. L. Sebold viu Jelena, a irmã de Mirko, umas seis vezes. E vendo-a comprehendeu que ella era a mulher para recompensal-o da luta, a que lhe daria novas forças para novas lutas.

Estava escripto, porém, que Jelena não seria de B. L. Sebold.

Quando Mirko partiu para Europa, Jelena não o acompanhou.

Sebold estava no cáes.

— E Jelena... sua irmã? — perguntou Sebold.

Officialmente, Sebold ali estava para um ultimo entendimento com Mirko.

— Os Balkans estão cheios de perigos para os da nossa familia, — disse Mirko. — Jelena ficará na America, sob incognito. Os velhos odios europeus atravessam o oceano. Viverá em maior segurança assim. Não a procure, por favor.

Sebold passou muito tempo sem vel-a. Quanto mais tempo se passava, entretanto, maior vulto ganhava a recordação de Jelena de Njgosh, bella e forte.

Mas se não podia falar com ella, investigar por meio da conversa as profundezas de seu cerebro e de seu coração, Sebold podia ao menos trabalhar para ella. A União dos Estados do Balkans era um sonho ainda mais de Jelena que do irmão. Descendente de guerreiros, Mirko pensara em batalhar, batalhar, até o ultimo montenegrino. Havia sido Jelena quem o convencera de que no mundo moderno um estado pequeno como o Montenegro não poderia sobreviver: a U. E. B. era um sonho maior e mais sereno.

Quando Jelena, Sebold e os outros haviam examinado o plano da reconstrucção economica dos Balkans, Jelena dissera:

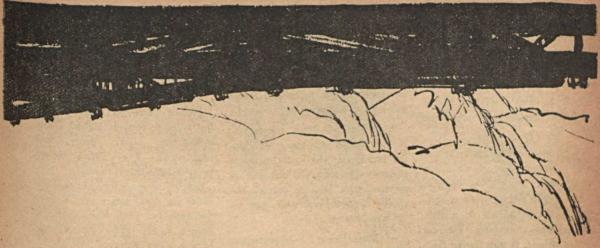
— Quando uma ponte for construida aqui, sobre o abysmo de Krvev, então o nosso povo terá paz. No fundo do abysmo corre o rio Krvav, limite natural, que muitas vezes se tingiu do sangue de slavos e turcos. Mas é triste confessar que muitas vezes se tingiu tambem de sangue de slavos feridos por slavos. Ha mil annos que esse rio separa irmãos de sangue. Uma ponte trará communicação, entendimento, paz. Poderá construir essa ponte, Mr. Sebold?

Sebold entregou o problema a engenheiros competentes. Uma ponte? Calculos, calculos... Não, Sebold não poderia construil-a: Não havia aço que aguentasse. Mas então, era uma questão de aço? Ora, com o aço se entenderia elle proprio, Sebold... Chamou technicos. Que resistencia tinha o aço fabricado em Susquehanna? E para ter mais...

Semanas, mezes de trabalho. E depois, a victoria. Os technicos concordaram. Os engenheiros tambem. A ponte de Krvav seria construida.

Sim, era uma senhora. Mas uma senhora que não podia deixar de ser admittida no escriptorio inteiramente vedado aos estranhos: Mrs. Ferdinand Obermann Jr., irmã de Sebold.

— Surpresa encantadora em meio á estafa, Justinia, — recebeu-a Se-

bold, amavelmente. — Carlton, o livro de cima, por favor| Sim, de conta corrente.

— Não, Benton, — protestou a dama, — desta vez não venho importunal-o com as minhas obras de caridade... E' assumpto mais serio que aqui me traz. Trata-se de Margot.

Margot era a "encantadora" filha da dama...

— Aquelle rapaz que trabalha para você... James Bledsoe Doan, que futuro tem?

— James Bledsoe? Sim, é possivel que sejam esses os primeiros nomes de Doan. Bem, Doan é o homem de mais futuro que trabalha commigo.

— Não acha que seria um bom casamento para Margot?

— Hum... Quando elle chegar á casa, depois do trabalho, provavelmente não estará com disposição para fazer fitas em sociedade... se não fôr obrigado a voltar outra vez, por parte da noite, para a fundição.

— Não importa. Se você garante o ordenado, Margot se encarregará sozinha das obrigações sociaes.

— O ordenado, garanto, pois sei que o rapaz trabalhará.

— Neste caso, meu caro, você me fará o favor de falar ao rapaz... Não, não a proposito do casamento. Tratarei disso eu mesma, com geito. Mas é que elle anda por toda a parte com uma camponeza recem chegada da terra... Uma grande e loura.

— Pois não, minha irmã, conte commigo na medida do possivel... Isto é, na medida em que o rapaz queira me ouvir por bem.

E Sebold, louco para se livrar do perfume adocicado da irmã, que elle detestava, acompanhou-a até á porta.

Chamado á presença de Sebold, Jimmy sentou-se na poltrona que o outro lhe apontava e esperou.

— Rapaz, — começou Belzebuth, — tenho a lhe communicar que, em vista dos meus esforços, tenciono fazel-o chegar progressivamente aos mais altos postos da Fundição. Mas julgo conveniente dar-lhe um conselho: ouvi dizer que é notado frequentemente em companhia de uma joven estrangeira... Bem, eu gosto que os meus chefes se associem aos operarios, sempre que possivel, em seus divertimentos; ganham assim a sua confiança, a sua amizade, passam a contar com maior boa vontade para o trabalho. Mas não me parece que um dos directores da Fundição possa muito facilmente apresentar em sociedade uma esposa camponeza...

Jimmy ergueu-se:

— Mr. Sebold, peço-lhe que se cale. Desde hontem estou casado, e acontece que minha esposa é uma camponeza.

Sebold suspirou de allivio.

— Calma, calma, rapaz... Estava falando só por falar. Comprehende, minha irmã veiu aqui me pedir que o fizesse, e prometti tudo quanto pediu. Por causa do perfume que tinha. Um perfume detestavel! Quiz vêl-a o mais rapidamente fóra daqui. Felicidades, Doan.

Mas Sebold, como o proprio Jimmy não sabia quem era de facto a joven esposa. Jimmy só o soube algum tempo depois, e manifestou-se da seguinte maneira:

— Então, Jelka, princeza, hein? Não quizeste me dizer? E pensas que isso me arrefeceria, querida? Mas que tolinha! Pois ainda foi lma decepção, sempre acreditei que fosses deusa.

Um beijo como só Helena Petrovitch sabia dar foi a resposta que teve.

Sebold, este, passou mezes sem o saber. Mas um dia, grande data montenegrina, havia festa no club da Fundição e elle resolveu comparecer com uma turma de amigos curiosos. Os presentes estavam quasi todos com as suas roupas typicas.

Entre todas as mulheres distinguia-se Helena Doan, dansando nos braços do marido. Sebold fitou-a e empallideceu: Jelena de Njgosh!

Quando Mrs. Ferdinand Obermann Jr. soube, tornou a incluir o nome de James Bladsoe Doan na lista de pessoas das suas relações, de onde o havia riscado. Casado com uma princeza, realmente!

No dia que se seguiu á festa, entretanto, começou a verdadeira odysséa de Jimmy Doan. Sebold chamou-o ao escriptorio e promoveu-o de posto — com um accrescimo de responsabilidade e de trabalho, naturalmente, ao mesmo tempo que com o augmento do ordenado.

A perseguição durou seis annos. Nos primeiros seis annos de casado, Jimmy se viu constantemente promovido, e sempre o trabalho ia augmentando. Dias de dezeseis horas de fundição, tres noites por semana no batente.

— Mas, Jimmy! — protestava Helena. — E tua mulher... não tens pena?

Jimmy beijava-a, mas jámais se deixava prender quando era preciso ir assumir o seu posto. E era duro não se deixar prender por uma mulher como Helena Petrovitch, Jelka, Jelena de Njgosh.

O plano de Sebold era inutilizar Jimmy para a esposa, arrancar delle o maximo de energia para o aço. Helena, comtudo, descendia de uma raça em que as mulheres aguardavam os seus homens que passavam mezes e mezes nas guerras, e sabiam recebel-os ao voltarem. Tudo Jelka soffreria por amor do seu Jimmy.

———

Helena Petrovitch, que seis annos antes se tornara Helena Doan, estava mais linda. Jimmy, mais apaixonado. Dois filhos faziam maior a felicidade do casal.

Sebold, perseverante, não desistia. Doan era duro, mas o aço de Susquehanna era ainda mais duro. E duro o queria Jelena de Njgosh, para a ponte Krvav.

———

— Jimmy, querido, estás prompto?

Era Helena, á porta do quarto de Jimmy, um Jimmy sem manchas de graxa, preparando-se para enfiar a casaca e ir com a sua deusa ouvir Tschaikowsky.

Os tempos haviam mudado, subira o sufficiente para poder exigir um pouco mais de folga. E o dinheiro entrara largamente.

— Prompto, linda, mas não sei se não preferiria ficar... Nós dois, sozinhos: haverá coisa melhor?

— Oh, Jimmy! Mas prometteste...

A campainha do telephone. Jimmy precipitou-se. Tirou o phone, respondeu, sorriu.

— Muito bem, — declarou ao apparelho, — irei immediatamente.

E depois, tomando a esposa nos braços:

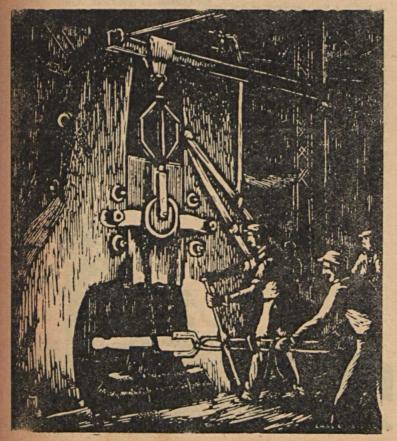
— Querida, é Sebold... Uma greve. Ha seis mezes que eu a via se annunciando. Preciso ir.

* * *

A greve começara a ameaçar seis mezes antes. Jimmy esperara seis annos que chegasse aquelle momento.

Sebold esperava-o no escriptorio, de cotovellos fincados na mesa:

— Doan, os homens pararam...

Jimmy cruzou os braços e riu com gosto.

— E o senhor quer que eu os faça trabalhar, hein? Ao senhor, não ouviriam... Sempre os maltratou e despediu por qualquer motivo ou sem motivo! A mim, no emtanto, que vim do meio delles, que nunca deixei de trabalhar com elles, em quem elles sentem um amigo, ouviriam, por certo... Mas, se eu quizesse lhes falar. Pois não falo. Não falo, e não somente porque ache que tenham razão. Mas pelo seguinte:

"O senhor poz os olhos em minha mulher. Desejou-a. Procurou-me matar, ou pelo menos inutilizar, de trabalho. Para depois obtel-a. Acreditou que eu não comprehendesse. Fique sabendo que desde cedo comprehendi. Apenas, resolvi acceitar a luta. Sabia-me mais forte. E agora, Mr. Sebold, considere-me despedido. Boa noite.

* * *

E o caso teria ficado assim, se não fosse Helena. Helena de Njosh ouviu a confissão do que se passara dos labios de Jimmy. E ella queria a sua ponte: a ponte de Krvav, que daria paz a dois povos, se não, talvez, ao mundo inteiro.

* * *

Sebold continuava sentado á sua mesa, com a cabeça cahida sobre os braços cruzados, quando ella entrou. O Belzebuth do aço, vencido, ergueu os olhos e murmurou, como se estivesse sonhando:

— Jelena!

Um tumulto se apoderou delle. Jelena, ali! Como, por que? Amol-o-ia, talvez?

Mas essa esperança louca se dissipou logo. O olhar claro e os labios polpudos e rubros se dirigiram a elle:

— Jimmy me contou tudo. Não creio que o senhor haja feito propositalmente. Não creio que o tenha querido matar de trabalho.. Pelo menos, não porque me amasse. Quando se ama de verdade, dá-se tudo ao ser amado, não se tira nada. E todos sabem que amo Jimmy. Trouxe Jimmy. Elle está lá embaixo, com os homens. Não me agradeça. De qualquer maneira o traria: não quero que a ponte de Krvav tenha a sua construcção interrompida.

* * *

Depois que ella se foi, Sebold ainda se sentiu zonzo por muito tempo. E quando desceu, a greve havia terminado. Jimmy resolvera tudo.

Um desastre occorrera, no emtanto. Um desprendimento de monoxydo, o terrivel gaz que leva á loucura e á morte.

— Doan! Onde está Doan?

Operarios com mascaras transportavam os companheiros atacados pelo gaz tremendo. O serviço de soccorro já entrara em actividade, com a presença do medico.

Ninguem respondeu a Sebold.

— Doan! Onde está Doan?

De novo, nenhuma resposta. Mas Sebold comprehendeu, simplesmente pelo olhar dos homens que se calavam.

Lá, no inferno de fumaça, onde ninguem ousava mais penetrar, lá devia estar Jimmy Doan. Uma phrase occorreu-lhe: "Quando se ama de verdade, dá-se tudo ao ser amado, não se lhe tira nada." E atirou-se.

Os homens não o puderam impedir, elle foi mais rapido. E

CONCLUE NO FIM DA REVISTA.

A FALHA

Conto de VALENTIM MANDEKSTANN
Illustrações de MARIO COOPER

Era por um calmo entardecer de Julho, na rua Michel-Ange, em Anteuil, o bello arrabalde parisiense. A maioria, senão quasi todas as casas tinham as persianas das janellas cahidas porque os seus habitantes veraneavam, tendo ido para as aguas, para o campo ou para as praias, segundo o gosto de cada um.

Uma serenidade enorme dominava, turvada de quando em quando pelo apito estridente dos trens que passavam ao longo da estrada de ferro ou pelo businar fonfonante dos autos, cujo ruido parecia atroar naquella atmosphera pesada e quente.

A' varanda de um segundo andar debruçava-se em amena palestra um casal: ella, muito moça. de modos gentis, morena e com uma linda cabeça, por assim dizer, espiritual e airosa. Vestia, com elegante simplicidade, uma blusa de linho e uma saia de tecido beije revelando o bom corte da modista. Elle era um joven de cabellos muito pretos, lisos e lustrosos, de tez morena, pallido e de rosto todo barbeado.

Os traços do mancebo, embora de uma regularidade quasi perfeita, tinham uma expressão doentia e ao mesmo tempo felina.

Fumava, fleugmaticamente, um charuto.

A sua companheira parecia examinar-lhe o rosto com uma ternura profunda. A's vezes contrahia-se, parecia percorrel-a toda um arrepio e não podia suster um curto suspiro, mordendo os proprios labios, como se faz ás vezes, para reter as censuras, que sabemos antecipadamente, ser inutil proferir.

Tinham encetado uma conversa cujo assumpto elle desviara. Depois fez-se um curto silencio.

Elle acabou de fumar o seu charuto e logo accendeu outro. Mas ella não se podia conter mais e perguntou, num fio de voz carinhoso:

— Foste hontem ao medico como me prometteste, Luciano?

Elle respondeu apressado como quem foi apanhado em delicto e procura defender-se. A sua voz tinha uma modulação calma, cariciosa e indolente:

— Naturalmente que fui! Juro! Estive lá bastante tempo. Porém, não foi possivel demorar-me mais nem esperal-o porque não quiz faltar á reunião da Maison-Laffite· Tu sabes...

Ella esboçou um gesto de contrariedade.

— E' isso mesmo! Por causa das taes corridas de cavallos esqueces tudo... Forte mania!

E elle procurando ainda desculpar-se:

— E' que a sorte tem-me sido favoravel.

Tenho estado na maré de ganhar... Ainda hontem — insistiu elle — ganhei uma bôa quantia!

Ella parecia não se commover:

— Oh! Sim! E' isso! Todos os jogadores são iguaes... Iguaes até na maneira de dizer da sorte... Ganham sempre... salvo quando perdem. Com isso, não poderás impedir, se te não tratares já, que as tuas crises cardiacas se tornem mais frequentes. Acho-te com peor parecer de ha dias a esta parte. Ora dize-me: Tu não me affirmaste outro dia que teu pae falleceu aos trinta e cinco annos em virtude de uma endocardite? Pois olha! Isso devia servir-te de lição. Pelo menos, não devia fumar tanto!

Luciano d'Arbois poz-se a rir, com um riso lento e abafado, procurando defender-se:

— Ahi estás tu com a eterna cantilena. Eu já esperava que voltasses á carga. Mas, vejamos querida Huguette. Essas coisas distrahem-me... E depois, comprehendes, só se morre uma vez!...

Depois, como Luciano afagasse carinhosamente a mão de sua noiva, Henrique Davrelles apenas murmurou:

— Estás hoje insupportavel!...

E callou-se.

Ella amava profundamente este rapaz que conhecera quasi no principio da sua vida de actriz e por elle renunciara sem pezar a todas as perspectivas duma dourada existencia.

Luciano d'Arbois, provinha de uma boa familia martiniquesa e possuia limitados meios de fortuna, — o sufficiente para viver com cautelosa mediania.

Apesar disso frequentava assiduamente o **turf** e as rodas elegantes, pretendendo não ter senão que louvar-se sob o ponto de vista financeiro.

De quando em vez, nos seus momentos de ocio, pintava quadros de **sport** que se vendiam muito bem.

Huguette morava numa andar sito nas proximidades do Bois;

e elle habitava um rez-do-chão mobiliado na rua Lubesk. Isso porém não impedia que ambos se vissem quasi todos os dias.

Deviam mesmo casar-se terminada que fosse a época theatral. Entretanto era-lhes aprazivel conversar acerca da viagem que projectavam realizar á Italia, logo que se casassem.

Quatro horas cairam lentamente do relogio da Igreja de Auteuil.

— Espera lá — disse subitamente Huguette. — Madame Plan não saiu ainda hoje do seu quarto!

Ha pelo menos dois dias que os cortinados da sua janella se não erguem... Que terá a velhota?...

— Qual Mme. Plan? — perguntou tranquillamente Luciano.

— O que? Já te não lembras? E' natural. São tão raras as vezes que aqui vens a estas horas!...

— Ah! Sim.... Já sei. Referes-te á velhota que mora ao lado e que eu via todas as tardes a fazer renda á sua janella, o anno passado, quando estive doente e vinha descançar, respirar e distrahir-me para a tua janella...

Então ella afogueou-se toda pela recordação, e aproximando-se de Luciano começou:

— Lembras-te della, lembraste?... Ambos, tu e a velhota, acabastes mesmo por fazer uma boa camaradagem. Ella parecia gostar de ti. Cumprimentava-te muito amavelmente com a sua cabeça de passaro depennado...

Huguette interrompeu-se subitamente, e, achegando-se cariciosamente a Luciano:

— Nem tu' podes imaginar o que tenho pensado por causa da velhota. Não calculas!... Tenho até medo! Penso que esta velha, que passa na visinhança por avarenta e rica, e que vive miseravelmente, sosinha, sem creada e sem cão, isolada de todos, acabará um dia por ser assassinada!... Que horror!...

Luciano d'Arbois encarou bem de frente o rosto de Huguette, dizendo-lhe com ar de brincadeira:

— E' curioso! Pensava justamente nisso emquanto me falavas.

E continuou, como modo trocista:

— Mas tu és uma grande leitora dos casos do dia e dos folhetins· Não ignoras, portanto, que a maior parte dos jornaes enchem grandes columnas com essas historias espalhafatosas...

— Sim! Isso é verdade! Mas afinal é sempre a mesma coisa: um antigo creado despedido ou algum sobrinho **apache**. Quer um, quer outro acabam, sempre por ser apanhados em flagrante ou presos pouco depois.

Afinal de nada lhes aproveita o crime. Os malfeitores raramente escapam de serem descobertos e presos... E é bem feito!...

Luciano d'Arbois puxou machinalmente uma grande fumaça do cahruto que acabara de accender de novo.

— Oh! Isso é outra questão.. Tu já conheces a minha theoria: — todo o crime executado segundo principios verdadeiramente scientificos, terá uma probabilidade enorme de permanecer impune...

— Deixa-te disso, meu caro. Ha sempre um vestigio, uma **falha**...

Elle approvou, um tanto pensativo.

— Sem duvida! As mulheres, o vinho, o jogo, a ancia de brilhar, de fazer figura... Mas eu disse: **— se não houver falha**...

Neste momento Huguette teve a vaga impressão — que se experimenta algumas vezes — da presença de alguem. Ergueu os olhos e notou, no andar superior, debruçado sobre o peitoril da janella um homem de aspecto robusto, cabello grisalho, com um espesso bigode já embranquecido, o qual, logo que ella o viu,

(CONTINÚA NO FIM DA REVISTA)

A MODA DE PARIS

PARIS (*Correspondencia especial de "CIGARRA MAGAZINE"*)

Apresentadas as grandes collecções para o verão, os grandes costureiros insinuam bem claro, que a "grande estação" continua no estio.

AS TUNICAS ESTÃ[O] EM MODA, MAS S[Ó] PARA AS ALTAS.

Dois conjuntos se destacam entre os novos modelos: Um de piqué brando e outros de "shantung" bem claro. Ambos poderiam resumir essa moda do "duplo effeito", tão linda e pratica para as mulheres a quem é dif-

ficil trocar o vestido muitas vezes ao dia.

Um complemento ligeiro, mas perfeito, na hora da cidade, póde cobrir um vestidinho de praia. Um trajo com jaqueta de tecido verde, com "pois" vermelhos, por exemplo, sobre um vestido

muito decotado, de seda branca.

Um vestido de "shantung" natural, com cinto de couro marroquin castanho, é escolhido pela linha moderna, de saia curta e ampla. E um "tailleur", feito de linho quadriculado, aberto sobre uma blusa de cor alaranjada, mostra o detalhe surprehendente do cinto ajustado que sobrepassa o boléro, de um lado.

Sob a fórma de jaqueta ou de um corpete com aba, a tunica tem preferencia no gosto feminino. Dos graciosos estylos apresentados, um é em crepon espesso, de seda vegetal, branco, "clo-

qué" e outro de piqué branco, imprimée, com minusculos desenhos persas. Confecciona-se tambem o mesmo typo de tunica, de "shantung", crepon, etc., mesmo de estampadas com flores em tons fortes.

Cada anno, nesta época, retornam os louvores aos estampados e talvez nunca esses louvores sejam tão merecidos como no presente. E o mais agradavel é que o seu emprego se renova, completamente. Já não é apenas o vestido, mas o casaquinho, a tunica, que são realizados em "imprimée", nesse caso acompanhando vestidos lisos. Isto originou um verdadeiro florescimento de pequenos agazalhos estampados, a maioria delles com grandes ramalhetes ou ramagens soltas, emfim uma variedade bonita. São "smockings", "paletots", largos e curtos, é a tunica, com aba comprida, "em fórma", é o corpete com aba curta e franzida... Tudo isso tem alegres tonalidades sobre fundo branco ou sobre fundo preto.

Uma saia preta e casaco de cor... chega a ser um modo ty-

pico de vestir-se. E' a nota simples que convem a qualquer circumstancia e temperatura. Um notavel exemplo desse estylo, offerece um casaquinho de crepon impresso, com aba bordeada de pelle, sobre saia de crepon negro.

O "tailleur", de tecido estranho e bello, é outra fórma predilecta para a tarde. Pode-se escolher "faya" preto para o traje de casaquinho que levará bolsinhos e botões amarellos e ornado simplesmente com uma enorme flor, de musselina côr de limão.

Os vestidos para a tarde seguem flexiveis, com um pouco mais de roda na saia, sejam em crepon unido ou impressão multicor.

Os chapéos são muito grandes ou muito pequenos. Os pequenos, muito carregados de tule, de passaros, de fitas, de flores...

As palhas amarellas, côr de trigo maduro, de superficie irregular, mesmo grosseira, modificam, emfim, o aspecto do eterno panamá branco, tão preferido e até se affirma que as luvas corresponderão. O amarello, desde o inicio da primavera, está fadado a essa preferencia.

Vemos poucos vestidos de estylo, pois os corpetes são simples, francamente decotados na frente e atraz, descobrindo a garganta, as costas e os hombros, guarnecidos sómente com um volumoso ramo de flores, na cintura ou no busto.

As elegantes que apreciam o "tailleur" estão de parabens. Poderão leval-o durante todo o estio. O "tailleur" de verão figura em logar de destaque em todas as novas collecções de verão. Ha casaquinhos inteiramente bordados de lantejoulas rosadas e verdes, feiticeiros conjuntos, de ar muito simples e joven, guarnecidos com um motivo só e que póde ser um largo cinto bordado a perolas ou confeccionado de vistoso taffetá. A saia, recta, alarga para a base, bruscamente, evocando o estylo hespanhol. O casaco, rente ao talhe, possue mangas curtas, avultadas.

* * *

Ao lado das grandes linhas, surgem os mil detalhes que a moda offerece com encanto e fantasia. Cada casa parisiense a interpreta ao seu gosto e cada elegante de accordo com a sua personalidade. Certas fantasias podem parecer grotescas si o bom gosto e a sobriedade não as refreia.

Existem fivelas para cintos que representam cifras, ferraduras, cadeias, chaves, quadrantes, motivos esses que facilmente cahem no ridiculo. Mas, em troca dessa originalidade estulta, existem cintos de couro bi-color, verde e vermelhos, violeta e amarello, laranja e azul, que são muito bellos sobre um trajo escuro.

O relogio toma uma "fórma

semelhante a um a "boutonnière" rodeada de crystal, de metal ou couro, conforme o gosto e o momento. Tambem a fantasia apresenta relogios no centro de uma rosa, de uma camelia, de um cravo...

As carteiras voltam á sua fórma rectangular. O antilope e a camurça são bastante usados, de côr ou preto.

Para a noite está em moda a "mignonnette", de metal, com tudo que é necessario ao "maquillage". Entre as fórmas novas, está a ferradura da boa sorte, feita em camurça e ornada em suas bordas de grandes cravos de aço.

Aquella profusão de joias falsas, cahem em desuso. Levam-se placas de brilhantes com engastes modernos, pedras preciosas e joias antigas, da época das avózinhas, camapheus, medalhões, relogios cinzelados, filigranas, sobre o vestido, pondo-lhe uma nota solemne ao brilho do setim. Tambem surgem os antigos collares de ouro, bem ajustados á garganta.

A influencia do "tailleur" é preponderante. Inspira-se, para a silhueta nova, no corte do seculo XVIII para os fracos. Vendo ainda o vestido comprido, de duas faces, alto na frente e decotado atrás, vestido esse que rivaliza com o curto, de fórma classica, que só dá uma impressão de "para a noite", pelo tecido em que é realizado, entretecido de ouro e prata.

Sóbe ligeiramente a linha do talhe. Lauvin nos offerece uma linha Imperio. A roda é disposta de varios modos, mas a mais preferida é o pregueado atrás ou drapeados, mesmo laços, que dão á silhueta um certo ar de "pouffes", evocação de cincoenta annos atrás.

Molyneux conserva sua predi-

lecção pelos vestidos todos envolventes, modeladores do corpo. Nas suas collecções exhibem-se

vestidos de cintura baixa, com a saia em prégas, de setim, misturado com tule, ás vezes em dois tons.

Os agazalhos são immensamente amplos, que envolvem como "echarpes", deixando entrever a vestido.

Vionnet, conserva ainda a sua linha esculptural, á grega, seu thema predilecto. Além disso nos offerece vestidos de talhe ligeiramente alto, cuja amplitude nos recorda a graça imponente de Mme. Maintenon. Esses vestidos majestosos são em setim brocado, em lamés magnificos, em sedas como a "Jabi-Jobi" de Colcombet.

Maggy Rouff tambem prefere a linha nitida. Assignalaremos como uma novidade de suas collecções, o bordado de contas e perolas, ha tempos abandonado.

Assim vimos um vestido de setim carne, entretecido com "rhodia", de reflexos phosphorescentes e adornado com magnifico bordado de perolas, em toda a roda da saia.

Um outro, de Patou, para a noite é bem marcante de sua preferencia: Em "crépe de Chi-

ne", preto, com tiras de tule, que saem da cintura, dando-lhe amplitude.

Os "tailleurs" para a noite se completam com blusas de setim branco, de encaixes e de lamés em fórma "chemisier" ou decotados e sem mangas, o que transforma notavelmente o vestido ao ser retirado o casaco.

As photographias de Sarah Bernard, em sua juventude, mostram bem os penteados que Paris offerece agora, naturalmente modernizados...

Os penteados do momento são reminiscencias de épocas passadas. O enchimento ao redor da cabeça ou na nuca, cede seu logar aos bucles chatos ou a outros arranjos que tendem a tornar pequena a cabeça. Conforme se vê em Paris, os cabelleireiros voltam ao gosto dos penteados de 1880: o cabello repuxado, penteado, escorrido para cima e arrematado em bucles.

Verdadeiras surpresas surgem no momento elegante. Vemos vestidos, ao mesmo tempo, estreitos e largos, ajustados no busto, no talhe e nas cadeiras, mas com grande amplitude na base. Algumas tentativas se farão para collocar a cintura mais acima que a natural, mas será discretamente. Os hombros, invariavelmente largos e quadrados, com profusão de tecido na parte superior. Os decotes continuarão sendo altos, mas demonstrando uma tendencia nova, não só em sua fôrma de V como nas guarnições, geralmente encaixes, tules, musselinas. As mangas tomam toda attenção, por sua originalidade nos drapeados, pences franzidos. Vestidos destinados ás horas ultimas da tarde ou ás primeiras da noite, seguem o gosto dos de passeio, ostentando saias mais curtas.

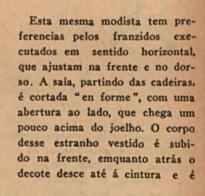
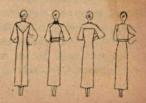
Estes vestidos podem ser usados para pequenas festas intimas. São confeccionados em preciosos tecidos, bem modernos, laminados, cloqués, bordados a ouro ou a prata, com encaixe ciré em setins laqueados. Suas saias chegam, apenas, ao tornozello.

Entre todos esses tecidos prendem a attenção, por sua grande

elegancia e belleza, alguns de extrema originalidade. Têm a superficie matte, apresentando no emtanto um brilho suave e de exquesita flexibilidade Os encaixes conservam o velho encanto e attracção para as damas desejosas de effeitos delicados, plenos de graça feminina. São numerosas, em quasi todas as collecções, os modelos executados com pontilhas, que são dos mais afamados fabricantes do genero — de Chantilly, rebordadas de fios de metal: de Malines, de formosa finura e mseus desenhos; em lã feitas á mão, em fino ponto tricot, especialmente para as blusas, que completam o conjunto "tailleur". Evidencia-se então uma grande preferencia pelas côres tenues, como o azul celeste, o rosa pallido, o amarello claro, o verde Nilo, o violeta rosada...

EFFEITOS DE AMPLITUDE — Uma das fórmulas favoritas, mais aceitas para as toilettes da noite, está na amplitude levada para trás, nas saias. Este deta-

lhe dá uma silhueta fina na frente e nos lados, ficando atrás todo o effeito da guarnição. Em outros modelos, esses franzidos se repartem todos ao redor da cintura, como vimos num modelo deliciosamente simples, de Jenny, realizado em fino e flexivel jersey mousseline, de côr mostarda, franzido tanto no corpo (partindo desde a gola), como na saia, de grande amplitude em sua base. Entre os formosos modelos de Maggy Rouff, encontramos um, bastante original, com sua saia perfeitamente lisa na frente, emquanto atrás ostentava fileiras de franzidos, em fórma de bicos, dispostos em descida, dando amplitude á saia sómente atrás.

Esta mesma modista tem preferencias pelos franzidos executados em sentido horizontal, que ajustam na frente e no dorso. A saia, partindo das cadeiras, é cortada "en forme", com uma abertura ao lado, que chega um pouco acima do joelho. O corpo desse estranho vestido é subido na frente, emquanto atrás o decote desce até á cintura e é

retido nos hombros por estreitas "bretelles" do mesmo tecido.

A amplitude, levada para trás, transforma tambem as tunicas que continuam no sabor da elegante. Esta nova tendencia produz tunicas mais curtas na frente, com amplitudes de "godets" atrás. Outros modelos para a noite, abrem na frente, notando-se ahi um pequeno movimento mais curto, sobre o pé, o que lhes dá nova graça. Consegue-se esse movimento por meio de um babado extremamente franzido, que se colloca sobre a saia ajustada ou por meio de uma abertura praticada no proprio vestido. Algumas grandes casas abrem varios de seus modelos em fórma quadrada na frente e sobre uma saia de côr differente.

* * *

Os grandes renovadores da moda parisiense, neste momento, dão destacada preferencia ao preto, mas sempre acompanhado de outra côr, contrastante, principalmente no chapéo que, constantemente, é todo preto, com detalhes de qualquer tom vivo e alegre. Lélong opta pelas cores sobrias, como o verde escuro, o azul purpura, o vinho.

Chanel é pelo vermelho claro, pelo castanho. Lanvin, pelo vermelho ócre, o verde mirto, purpura azul. Schiaparelli, pelo verde escuro, pelo azul purpura, pelo vermelho vinho. Vionnet, pelo vermelho amarellado, pelo ouro velho. Malyneux, pelo castanho e as cores que se denominam "cabeça de negro", azeitona e ameixa. Maggy Rouff, pelos vermelhos antigos, pelos verdes, os azues, os tons violaceos e o verde vivo (este ultimo para blusa). Bruyere, pela côr de vinho, pelos verdes escuros, "beije", "to-

mate" e vermelho escuro. Piguet, pelo violeta dos jardins, pelo grenat, pelo verde escuro...

Essas são as cores preferidas para os chapéos, por seus creadores, naquelle detalhe de côr que alludimos.

A moda é mais que nunca feminina... As autoridades no assumpto notam, com prazer, que a moda se faz dia a dia mais mulher e por tanto mais bella, elegante, encantadora.

Os accessorios do momento, os que recebem mais attenção, são os tules; as luvas, os cintos, as carteiras. Schiaparelli não se conforma com um só véo, pois colloca um sobre o rosto e outro cahido sobre a nuca.

Talbot considera que tudo nesse assumpto moda deve ser creado com um proposito definido. E o vestido tecido é um eleito para as quatro estações. E' ideal para uma viagem, para qualquer momento, semelhante, pois não se enruga e tambem não é pesado.

As joias dão vivacidade aos vestidos. Acostumamo-nos á importancia dos accessorios, fazendo-a maior que a do proprio vestido.

Em Paris, os vestidos são, pode-se dizer assim, a base para as jaqueta e para a joias.

O corte é simples, em crepon ou seda ou velludo, motivos esplendidos que farão destacar melhor os fios de perolas, os broches de ouro e brilhantes.

Os vestidos com jaquetas são, como os modelos encantadores de Schiaparelli, pretos, lisos e severos e a jaqueta sem mangas, de laminada de ouro e bordados nas bordas.

Os cintos recebem uma attenção especial. Schiaparelli apresenta-os de velludo bordado. Vionnet, de couro recortado, e Maggy Rouff, largos e franzidos.

Um logar apropriado para o "clip", segundo Lelong, é a casa da gola do "tailleur". Mas estes "clips" são geralmente de ouro ou prata e se distinguem dos que já conhecemos e usamos por sua forma comprida e estreita. São "replicas" de instrumentos musicaes, são flores ou motivos chinezes e outros excentricos motivo.

Os fios de perolas voltam ao seu auge de antes, como ha annos, seja um, dois ou tres fios.

Os vestidos pretos obrigam ao uso dos collares e dos aros de perolas. Os collares de tres a cinco fios, tambem são muito usados. Os damascos, de ricos lavores e os brocados de tapeçarias, foram lançados em Paris, para grupos de jaquetas, blusas e tunicas. Os desenhos variam, des-

de as flores immensas ás pequenas, que cobrem todo o fundo do tecido. Nesses desenhos apparece sempre a côr creme, a cor de vinho, o azul esverdeado.

No que diz respeito aos vestidos de festa, bailes, ceias, etc. Paris é um ambiente de lentejoulas... O velludo domina. E para as ceias festivas notam-se jaquetas de tecido metallico, mais preferido esse tecido que o setim e o crepon rugoso. O taffetá leva sua preferencia tambem. O gosto pelos brilhos, pelas scin-

tillações é uma demonstração do favor que gosam as lentejoulas, que apparecem como adorno, formando desenhos raros, cobrindo todo um boléro, e continuando pelo vestido.

Os vestidos para a noite modelam a figura, mantendo uma linha estreita até á roda.

Ha exemplos de vestidos para essa hora que conservam amplas saias. Entre os materiaes de grande exito, encontra-se um "chiffon" recoberto de lentejoulas, um velludo com "nervuras" do setim "ciré" e braçados que combinam os tons pastel com ouro e prata. O tule com lentejoulas, para um vestido de baile, é um feliz achado, um vestido de corpete cingido e saia muito vaporosa.

Mesmo quando os vestidos não sejam decotados ou que apresentem tons sombrios, Paris dá á moda nocturna mais distincção, mais elegancia que nunca."

Blusas de todos os estylos como estão em moda este verão

UM DRAMA NA SELVA

(Conclusão da pagina 9)

ser Lharan, ou um outro dos seus homens.

— E's tu, Lharan? — perguntou Clark, quando a luz estava perto.

Tremula, mas clara, foi a incrivel resposta:

— Não, Sahib, é apenas Mara.

— Volta depressa para o acampamento, agitando a lanterna. Raksha não está longe.

— Não posso, Sahib.

E Mara surgiu deante delle, os olhos muito grandes de pavor, mas decidida. Trazia além da lanterna uma faca e com ella cortou as cordas que prendiam o caçador.

— Não te afastes de mim, Mara, vamos matar Raksha.

* * *

Aquella madrugada viu o fim de Raksha, a devoradora de carne humana.

Depois do feito, Clark carregou a sua pequenina heroina nos braços, até o acampamento.

Ahi chegados, elle a deitou no chão do lado de fóra da barraca e perguntou:

— Porque me salvaste, Mara?

— O' Sahib, não sabes?

— Sei que enfrentaste sozinha a floresta com todos os seus demonios, e Raksha, por mim.

— E estou contente.

— Por me teres salvo a vida?

— Porque hoje comecei a ser escoteira... não fiz uma boa acção? Agora, Sahib, não me podes mais tratar com crueldade.

E Mara sorriu mansamente. Em Clark, de subito, todas as duvidas se desfizeram. A civilisação tem as suas leis, a floresta tambem. O coração de Mara não continuaria ferido...

Variações de Rythmo

(Continuação da pagina 13)

O olhar do homem adquiriu um brilho extraordinaroi:

— Kat, não sabe como me sinto feliz!

E o desejo de ser generoso venceu-o:

— E por isso vou desistir da minha teimosia. Conversarei com Larry Drake quando voltarmos a Nova York. E agora, falemos de nós.

* * *

Katherine preferiu não telegraphar a Larry para lhe dar conta do seu successo. Achou melhor que elle ficasse sabendo de tudo pelo proprio Dan.

No escriptorio de Endicott, Turner, o seu secretario, observou:

— O rapaz parece que perdeu o miolo.

— Larry?

— Sim, Larry.

— E o motivo...?

— A cavalheira com a qual elle foi casado.

— Como sabe?

— Por causa de certas despesas que elle andou fazendo. Telegrammas e flores. E não descontou nada da companhia.

— Quando Dan Farrell acceitar a nossa proposta elle ha de descontar.

— Larry já deixou ha muito de pensar no nosso interesse em recuperarmos Dan Farrell.

— Ah, sim?

— No que elle pensa é na cavalheira.

— Meu Deus! Será verdade?

— E' verdade. E se ella lhe der um contra...

— Talvez ella o acceite de novo.

— Acceitaria o senhor, se o mais famoso dos jovens regentes de jazz o assediasse para receber o "sim"?

— Não sei.. Mas do que disse se tira um bom titulo para uma canção.

No Cascata. Dia da reabertura. Larry, nervoso, fumava muito e bebia um pouco, a uma mesa de canto, fazendo rabiscos a lapis na toalha branca.

Ainda não falara com Kit.

Agora, lá surgia ella no palco. Vestida de branco. Sensacional, com discreção. Dan fizera della uma das primeiras cantoras do genero em todo o paiz.

Quando ella se approximasse, elle se levantaria e a faria sentar-se. Depois, sem lhe dar tempo de proferir uma palavra, com receio de perder a coragem, dir-lhe-ia tudo que tinha a dizer.

Pouco depois, findas as palmas, ella se approximava:

— Como vae, Endicott?

Larry replicou.

— Sente-se.

Ella obedeceu e logo perguntou:

— Que ha, Larry?

— Tenho alguma coisa a lhe dizer...

Como estava rouco:

— Então temos os dois o que dizer um ao outro. Dan Farrell concordou, como um favor especial feito a mim, em trabalhar novamente para Endicott. — Uma pausa. — Não está satisfeito?

Elle procurou reflectir sobre o que ella dissera. Mas o tumulto da sua pulsação não lhe permittia calma.

— Ouça, Kit, tenho que lhe dizer que...

— E eu tambem tenho que lhe dizer que vou casar com Dan Farrell, — lançou ella em tom de desafio.

Essas palavras explodiram no cerebro de Larry. Kit ia casar com Dan Farrell! Toda a sala girou ao seu redor. Levantou-se, sem poder dizer nada. Pareceu-lhe que ella franzia a testa, numa expressão perplexa. Deu-lhe as costas e procurou a sahida.

As mesas deviam estar proximas demais. Esbarrou numa dellas e uma voz reclamou:

— Não vê o que faz?

Outra voz, mais suave:

— Deixe, querido, elle está bebado...

E era verdade. Estava bebado de desapontamento, de miseria. Procurou o bar quasi deserto e sentou-se num dos bancos altos.

— Whisky.

Katherine acompanhara-o com o olhar. Comprehendia, agora. Ficou immovel, o coração agitado, com uma sensação ao mesmo tempo de felicidade e receio.

* * *

Alguem se sentou na cadeira abandonada por Larry. E Dan disse serenamente a Katherine.

— Então são esses os seus sentimentos em relação a Larry, hein?

Ella fez um gesto affirmativo.

— Parece... Eu não sabia...

— Sei que não sabia. Mas agora sabe. Vá procural-o e diga-lhe que sabe.

— Mas Dan! E o nosso compromisso?

— Esqueça-o. E acho melhor que vá logo procurar o seu Larry antes que elle commetta alguma loucura.

* * *

Katherine passou por entre as mesas e se metteu no bar. Ouviu Larry dizer:

— Outro whisky. E depressa.

— Dois whiskys. E não faço questão da pressa.

Larry quiz fital-a, mas não pôde.

— Kit — pediu — vá embora.

— Por que?

— Porque vae me dizer que não me embriague e eu vou mandal-a para o inferno.

— E então... — a voz della rememorava suavemente — ... eu direi: "Você vae acordar com dor de cabeça e me dar trabalho..."

— E eu responderei: "Não preciso que ninguem tenha trabalho commigo".

Voltou-se e fitou-a afinal, com expressão desesperada:

— E, oh, Kiti! Estarei mentindo.

A mão della pousou sobre a delle.

— Não faz mal, Larry. Eu nunca acredito, mesmo, em você.

O Santo e a Sereia

(Continuação da pagina 16)

nessas coisas, rapaz, que talvez lhe convenham mais.

E com essa subtil ameaça Fernac dera por encerrada a reprimenda ao seu subordinado.

* * *

Simon Templar ia caminhando distrahido, de volta á casa, já tarde da noite, quando Janice Dixon esbarrou de encontro a elle.

A primeira idéa que occorreu a Templar foi a de que ella devia estar bebada, mas o halito da moça não tinha nenhuma insinuação de alcool. Era bonita,

mas de impressionante pallidez, com grandes olheiras roxas sob os olhos claros.

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou elle.

— Não... nada, obrigada, — replicou a moça. — Em pouco tempo estarei de novo bem. E' só descansar um pouco...

— Vamos entrar em algum logar para que possa descansar.

E Simon Templar levou Janice Dixon para o restaurante mais proximo. Ahi, elle comprehendeu o que se passava com ella: silenciosamente, avidamente, a pequena devorou um sandwich, uma porção reforçada de ovos com bacon e uma fatia de torta.

— Gostaria de ter o seu appetite, — observou Templar.

Ella sorriu pela primeira vez, um pobre sorriso melancolico.

— Ha dois dias que não comia. E ha muitos dias que não fazia uma refeição forte como esta.

Templar pediu café para os dois e offereceu a Janice um cigarro.

— Sem emprego?

— Não, ainda não. Mas tenho que me contentar com uma dieta permanente e forçada. Trabalho para o usurario Oppenhaeim.

— E elle não lhe paga?

— Paga. Mas o senhor já deve saber como elle é. Sou bordadeira. Trabalhamos, eu e minhas companheiras, dez horas por dia, seis dias na semana. As mais habilidosas e rapidas fazem dois jogos por dia. Pagam-nos meio dollar por jogo, e os jogos são vendidos por quatro ou cinco dollares. Na semana passada, fiz seis dollares.

Templar sentiu-se moido pelo sentimento de não ter sabido da existencia e do genero de vida de Oppenheim muito tempo antes.

— E um sujeito miseravel desses, — continuou a bordadeira, — compra por uma fortuna espantosa umas pedras verdes e frias que têm o nome de esmeraldas. E eu vi essas esmeraldas. Sim, como sou das mais perfeitas no trabalho, fui trabalhar em

casa delle para apromptar o enxoval de sua filha. Todas as noites passa lá um detective de uma agencia particular, velando pelas esmeraldas.

— Pois vou roubar essas esmeraldas do usurario e lhe ceder parte do producto do roubo.

— Não!

— Vou, sim. Nunca ouviu falar nesse que chamam de Santo? Pois sou eu, em pessoa.

— Ah, não é possivel!

E depois de um momento de assombro e reflexão:

— Pois não seria nenhum crime que o senhor fizesse isso. O velho Oppenheim bem merece um castigo. E se o senhor é realmente o Santo, sei que fará o que diz:

— Farei. Será simples. Apparecerei uma noite destas, digamos, sexta-feira, em logar do tal detective. E' facil uma desculpa em caso como esse: o outro póde ter ficado debaixo de um automovel, ou qualquer coisa assim. Por precaução, vou leval-a agora á casa e depois não nos veremos mais antes de sexta.

* * *

Sexta-feira, comtudo, approximando-se inesperadamente de uma janella da residencia de Oppenheim, Simon Templar ouviu uma voz feminina pronunciar ao telephone o nome de Corrio. Cautelosamente, como havia chegado, partiu. E nunca mais Janice Dixon o viu.

Sabbado, explodiu a noticia: as esmeraldas Vanderwouds, adquiridas por Oppenheim, haviam desapparecido! Um outro detective que não o de todas as noites se havia apresentado sexta-feira ás oito horas, com documentos em ordem, dizendo substituir o collega, o qual teria sido victima de um accidente. Suppunha-se que com elle houvessem as esmeraldas deixado pela manhã a residencia do millionario.

Corrio foi, triumphalmente, procurar Fernack:

— Não lhe disse? Foi o nosso homem! Agora, quero ver se me deixa afinal agir.

— Qual agir coisa nenhuma! Se as esmeraldas Vanderwouds foram roubadas, quem tem que tratar do caso sou eu mesmo.

E depois de uma ligeira hesitação:

— Em todo caso, venha tambem commigo. Quero ver se se justifica em parte a sua prosapia, futuro astro.

* * *

Oppenheim estava uma fera. Berrava com um detective da agencia, que fôra informar que o seu collega havia sido encontrado amordaçado no quarto onde morava. Berrava com o representante da companhia de seguros, por não querer a companhia pagar o seguro das esmeraldas, baseando-se no facto de Oppenheim não as ter collocado sob a fiscalisação de um funccionario da companhia, confiando em vez disso a sua guarda a uma agencia independente. Berrava com todos que delle se approximavam.

— A sua companhia não me paga? — rugia contra o representante da companhia de seguros. — Muito bem! Suspenderei os meus outros seguros, comprarei a companhia e o despedirei! Darei meio milhão... não, cem mil dollares a quem descobrir para mim as esmeraldas!

— O senhor está disposto a fazer por escripto essa promessa? — perguntou immediatamente Corrio, apresentando papel e tinta ao millionario. — Escreva e assigne.

Oppenheim assim fez, apesar do furor impotente de Fernack.

Depois, emquanto o seu chefe ficava na casa de Oppenheim procedendo a investigações e interrogatorios, Corrio afastou-se displiscentemente em direcção á Broadway.

* * *

No dia seguinte, Simon Templar descia despreoccupado a 5.ª Avenida, vestido com sobria elegancia, um chapéu escuro puxado sobre um olho. Na mão esquerda, carregava um pequeno embrulho de papel pardo. De subito, Fernack e Corrio surgem á sua frente, apontando armas.

— Boa tarde, amigos, — disse Templar bem humorado. — A que devo o prazer deste encontro?

— Vae já saber, espertalhão! — exclamou Corrio.

E tomando o pacote das mãos de Templar:

— Imagino que aqui esteja o que procuramos, chefe.

Abriu o embrulho, e ficou rubro ao ver o que continha: um boneco com uma cara que não é estranha a nenhum **fan,** tendo pendurada ao pescoço uma etiqueta onde se lia em letra minuscula: "Clark Gable, modelo encommendado pelo tenente Corrio".

Uma expressão de alegria se espalhou pela physionomia até então carrancuda do chefe Fernack. Corrio estava fulo.

— Onde estão? — perguntou, approximando ameaçadoramente o revolver do estomago de Templar.

— Onde estão? Não entendo!

— Onde estão as esmeraldas Vanderwoude, miseravel?

— Oh, as esmeraldas! — repetiu o Santo. — E' estranho que seja você quem faz a pergunta. Em todo o caso, eu vou responder, mas vou responder ao chefe aqui presente. Fernack, meu velho, as esmeraldas foram roubadas por um cumplice do nosso amigo Corrio e se acham numa bolsa occulta no encosto da poltrona do quarto de dormir do mesmo admiravel Corrio. Ah, e se elle disser que fui eu quem as poz lá, procurem um dictaphone que colloquei em baixo da mesma poltrona, para apanhar as conversas mantidas no appartamento.

* * *

Quando Fernack poz para funccionar o dictaphone, estremeceu ao som da voz muito conhecida do tenente detective, aspirante a astro cinematographico:

— Bom trabalho, Leo... As esmeraldas vão nos dar um bom dinheiro.

A outra voz era desconhecida:

— Foi facil. O esconderijo era mesmo onde você disse. Mas vae botar a culpa para o tal sujeito? Como?

De novo a voz de Corrio:

— Não será difficil. A minha amiguinha vae lhe pedir que apanhe um embrulho na estação da estrada de ferro e o leve a um logar por mim indicado. Dentro do embrulho estarão algumas das esmeraldas. Arranjarei as coisas de modo que Fernack esteja presente ao flagrante.

— Mas vae arriscar perder algumas das esmeraldas?

— Não se preoccupe. Só a esse preço poderemos dispor livremente das outras.

* * *

A carreira cinematographica do ex-tenente detective Corrio terá o seu inicio adiado para quando elle saia das grades.

O Santo continua em liberdade, á cata de aventuras.

A Alma Recuperada

(Continuação da pagina 32)

— Desperte, patrãozinho! — insistiu Karaki, sacudindo-o. Gosta de rhum? Bem... Venha commigo e tomará rhum como nunca tomou em toda a sua vida.

Nem com este magico chamado conseguiu despertar Pellett.

Karaki ajoelhou-se junto do amo, e mettendo-lhe um hombro ergueu-o como se fosse um sacco de farinha. Pellett pesava cento e cincoenta libras. Karaki não pesava mais de cem. Mas o homemzinho negro levou o seu fardo até á praia. E, o que é mais, conseguiu embarcal-o na piroga. Pellett quasi se afogou, e a piroga esteve em risco de naufragar. Mas Karaki conseguiu o seu proposito.

Ninguem os viu partir. Fufuti continuava dormindo. E antes que o administrador acordasse, babando-se de colera ante o espectaculo da sua ruina, a curiosa embarcação em forma de meia lua afastava-se até se perder de vista, impellida pela briza favoravel.

Entraram na região das calmarias. Mas a briza tornou a empurral-os docemente, e continuaram navegando para o oeste, sob um céo tão brilhante como o bronze pulido.

Sempre que se apresentava occasião, Karaki encostava nas minusculas ilhotas que são frequentes nas alturas de Santa Cruz, e tratava de cozer o arroz e as batatas numa caçarola de alluminio.

— Para onde me levas nessa maldita canoa? — perguntou Pellett.

— Para Balbi — respondeu Karaki, empregando o termo indigena para designar Bougan-ville.

Pellett emittiu um assobio. Uma excursão de oitocentas milhas numa embarcação descoberta, é empreza arriscada. Isso provocava no branco um sentimento de respeito por Karaki.

Por muito estranho que tal pareça, todas as recordações da sua vida em Fufuti se lhe apagavam na memoria, á medida que o veneno do alcool lhe ia deixando o corpo livre. O homem que por fim se mostrou era o Christophe Alexandre Pellett de outrora: uma criatura humana e intelligente.

Os dois homens formavam uma estranha tripulação: um simples selvagem e um bebedo convalescente... Mas nunca se apresentou a questão de saber qual delles era o commandante. Tornou-se isto mais visivel no decorrer da terceira semana, quando os viveres começaram a escassear e Pellett notou que Karaki se abstinha de comer durante um dia inteiro.

— Eh! Que fazes? Dás-me a ultima noz de coco...

— Não me apetece comer — respondeu Karaki seccamente.

Christophe Alexandre Pellett teve tempo, durante as horas ociosas da travessia, de passar em revista muitos assumptos. A's vezes a sua fronte enrugava-se dolorosamente. Não gostava muito de se pôr em contacto com as suas recordações. As recordações nem sempre são uma companhia agradavel. Mas não havia meio de livrar-se dellas tão facilmente como dos fantasmas do delirio. De modo que Pellett deu-lhes batalha e venceu-as uma a uma.

Quando contavam vinte e nove dias sobre o mar, só lhes restava das suas provisões um pouco de agua. Karaki distribuia-a, humedecendo uma fibra de coco e dando-a a Pellett, para chupar. Apesar dos espalhafatosos protestos de Pellett, o negro negava-se a tomar a sua parte. Aos trinta e seis dias de navegação, avistaram a grande muralha verde de Choiseul, que se esfumava no occidente.

Uma vez ao abrigo daquelles alcantilados, Karaki poderia deixar-se levar pela alegria do

triumpho, mas não o fez. Pelo contrario: olhou ansiosamente para o levante...

O vento mostrara-se caprichoso desde manhã. Um barometro teria suggerido inquietantes predições; Karaki adivinhou-as de certo, porque se apressou a desapparelhar a embarcação. Depois amarrou solidamente o carregamento nos bancos, e desenvolvendo todas as forças que lhe restavam dirigiu-se para uma ilha pequena, perto da costa.

Chegou até elles o primeiro rugido do furacão.

Pellett não podia reagir, mas Karaki fez o que pôde.

Como e por que se salvaram, é coisa que nunca ninguem poderá dizer. Talvez porque estava escripto que depois do alcool, da loucura e da fome, o homem branco se salvaria mais uma vez, das aguas vorazes, com a ajuda do homem negro. Quando desembarcaram na ilhota, estavam exhaustos, mas vivos.

Ficaram ali uma semana. Pellett engordando entre uma verdadeira montanha de nozes de coco, e Karaki tratando do arranjo da piroga. O indigena interrogou um pescador, e soube que a sua ilha natal ficava muito perto...

— Balbi é acolá? — perguntou Pellett.

— Sim.

— Que sorte! — exclamou o branco, com sincera alegria. Lá se acaba, rapaz, a soberania ingleza... Estamos salvos!

Karaki sabia-o muito bem. Se alguma coisa temia no mundo era a Côrte Suprema dos Fidjii e o seu commissario, residente nas ilhas Salomão do sul. Para cá do estreito de Bouganville, Karaki estava sujeito ás penas da justiça pelo roubo e pelo contracto violado. Mas nunca — e esse ponto é que era importante — nunca poderiam castigal-o pelo que fizera nem pelo que fizesse na sua ilha natal, em Bouganville. Karaki estava contente.

Christophe Alexandre Pellet participava da alegria do negro. O seu corpo estava são, e conseguira afugentar do espirito os demonios. O sol e o ar tinham-lhe feito bem, physica e moralmente. A unica coisa que não podia comprehender, era aquelle affecto do negro selvagem. Por que razão se lhe dedicava tanto? Seria amizade? Sympathia?...

— Eh! Karaki!... Por que não te ris, como eu? Accaso te preoccupa o delicto que commetteste? Não te afflijas; direi que quem roubou fui eu...

Karaki limitou-se a resmungar qualquer coisa que o outro não entendeu, e sentou-se para limpar a sua "Winchester" com um trapo e umas gottas de azeite.

— Eh! Não mexas nisso! — gritou-lhe Pellett. Mas... gostaria de saber o que pensas... Dize... Não somos amigos, Karaki?

— Sim — respondeu Karaki.

E mais nada. Olhou para Pellet, e depois olhou para os lados de Bouganville.

— Sim — repetiu.

E continuou limpando a carabina.

O desenlace desta historia deu-se dois dias depois, em Bouganville.

Numa madrugada deslumbrante, entraram na bahia engalanada por todas as glorias da natureza. Pellet saltou logo em terra, para se extasiar diante de tantas maravilhas.

Entretanto, o negro Karaki, o homemzinho simples e corajoso, occupava-se methodicamente das suas coisas. Desembarcou as peças de panno, o tabaco, as facas e o resto do seu furto. Desembarcou a caxa de cartuchos, a carabina e a machada. Os generos estavam um pouco estragados pela agua do mar, mas as armas haviam sido tratadas carinhosamente.

Pellett dispunha-se a improvizar uma ode á natureza, quando ouviu atraz dele uns passos furtivos. Voltou-se, surpreendido, e viu Karaki, em pé, com a carabina ao hombro e a machada na mão.

— Eh! Velhote! — exclamou Pellett alegremente. Que queres?

— Quero a tua cabeça — disse Karaki com os olhos a reluzir.

— Que cabeça?... Que cabeça?... A minha?

— Sim — respondeu simplesmente Karaki.

Era essa a razão de tudo. Estava ali todo o mysterio. O selvagem prendera-se da cabeça do seu amo, e Christophe Alexandre Pellett havia sido trahido pelas suas funestas suissas ruivas...

No paiz de Karaki, a cabeça de um branco é mais cobiçada do que o amor das mulheres, a riqueza ou as terras. Não havia em todo o paiz de Karaki uma cabeça como a de Pellet. Por isso Karaki trabalhara para obtel-a, com paciencia de Job. Por isso elaborara os seus planos, por isso esperara e commettera o delicto de roubo; por isso tratara, vigiara, alimentara e salvara o seu homem; por isso; para ficar com a sua cabeça no logar onde pudesse tirar-lha tranquillamente, saboreando a sua victoria sem perigos.

Pellett comprehendeu tudo isso num abrir e fechar de olhos, comprehendeu até onde um branco pode comprehender certas coisas. E ali, em pé, com toda a sua força e lucidez, sob a promessa radiante da manhã, Pellett soltou uma gargalhada que ecoou por sobre as aguas e espantou os passaros; uma gargalhada profunda, de homem que reconhece e acceita a ultima e a maior pilheria da vida.

Porque, feitas as contas e segundo a lista corrigida, as posses de Christophe Alexandre Pellett eram agora as seguintes: o seu nome sempre impoluto, os restos da sua roupa de linho branco, as suas bellas suissas ruivas, e mais uma alma nova, recuperada, limpa, reanimada, restaurada pelo bom amigo Karaki.

E então, o irlandez gritou, sempre a rir:

— Atira, atira de uma vez! Pelo que te devo bem posso dar a cabeça!... Agora morro contente!

Karaki não esperou que elle tornasse a falar.

Meu Filho

(Conclusão da pagina 43)

— Estás levando Donald muito a serio, querida. Elle não passa de uma creança mimada. Quando vir que o nosso casamento é um facto consumado, voltará ás boas. Em um mez tudo terá passado.

Não, eu não tinha forças para perder Dave uma segunda vez. Preparei-me apressadamente e deixei o seguinte bilhete a Donald:

Meu filho adorado.

Dave e eu vamos nos casar. Partimos esta tarde para o Texas. Algum dia terás uma esposa e comprehenderás que ha logar num coração para mais de um amor. Adoro-te agora tanto quanto sempre.

Mamãe.

No automovel de Dave, sentime subitamente feliz e descuidada. Os meus receios passados me pareceram pueris.

Recordei que tinha feito a mesmo percurso, quasi vinte annos antes, com Joel. Mas Dave affagava-me a mão e o tempo se desvanecia: eu era de novo uma adolescente.

* * *

Quando chegámos, notei com surpreza que o carro de Donald estava ali. Dave saltou para ir tirar a licença.

Fiquei no carro, sem saber o que pensar, aturdida. Quando Dave descia as escadas, sorridente e acenando com a licença para mim, Donald surgiu pelas suas costas, descabellado, e atirou.

Corri para avisar Dave. Mas era tarde. Antes que eu dissesse qualquer coisa o tiro partiu e elle cahiu.

Desmaei. Quando voltei a mim, deram-me a noticia da morte de Dave.

Como envelheci aos 25 annos

(Continuação da prgina 47)

á ilha no primeiro navio que encontrassemos.

Ella fez uma reverencia, sorriu e disse:

— Obrigada, senhora, eu não deixo meu filho.

Sentiamo-nos felizes, meu marido e eu, de volta á nossa terra depois de dois annos de ausencia, levando para os nossos parentes um filho que era uma creança adoravel.

A bordo, todos se habituaram a admirar o nenen e a sua jovem ama chineza. Esta usava sempre encantadoras tunicas de seda azul, de collarinho aberto dos lados, comprida até os joelhos, sobre largas calças que deixavam a descoberto os chinellinhos de palha. O menino andava caprichosamente vestido com roupas confeccionadas por ella, com perfeição e carinho.

O mar parecia fascinar a chineza. Ella se debruçava sobre a amurada, rindo e lhe falando como se dirigisse a um ser vivo. Erguia a creança nos braços para que ella visse o rasto espumante do navio.

Comecei a me arrepender de não ter resolvido leval-a commigo. Poderiamos ter, de inicio, arranjado emprestado o dinheiro para a sua passagem, como fomos afinal obrigados realmente a fazel-o. E teriamos então o seu passaporte, sem o qual ella não poderia desembarcar nos Estados Unidos.

Na vespera de chegarmos a Honolulu disse-lhe que teria que voltar dali, explicando-lhe que a falta do passaporte não nos permittia agir de outra maneira. Ella se tornou sombria e declarou mais uma vez:

— Não deixo meu filho!

Preoccupada, falei a meu morido. Elle me disse que puzesse o coração á larga, que talvez nos fosse possivel dar um geito de arranjar o passaporte em Honolulu.

Havia baile á fantazia a bordo nessa noite. Vesti um costume chinez que a ama havia confeccionado. O salão estava encantadoramente ornamentado e eu ganhei o premio para a fantasia mais original: uma bella taça de jade.

* * *

Brincou-se até tarde. Eu me esforçava por me mostrar alegre,

O POÇO DE ADEN

OS BANHOS NA ANTIGUIDADE E NOS TEMPOS MODERNOS

Os recentes acontecimentos internacionaes puzeram em evidencia a importancia da cidade de Aden, no golpho do mesmo nome, no Mar Vermelho. Como é natural, isto chamou a attenção dos jornalistas do mundo inteiro para aquella curiosa região.

Uma jornalista ingleza, que procurou entrar em contacto com os notaveis do centro urbano de Aden veiu a saber que, a alguns kilometros da cidade nova, ainda se podiam vêr os restos de um poço de origem mysteriosa.

Trata-se, na verdade, de um poço antiquissimo, perfurado por ordem do rei Salomão, destinado a fornecer agua exclusivamente para o banho e para a irrigação dos jardins da famosa Rainha de Sabá.

Disto se infere o quanto era laboriosa a operação do banho, em tempos remotos. Poder-se-ia, por ahi, estabeecer um parallelo entre civilizações antigas e a civilização moderna, pondo-se em flagrante relevo o conforto de que goza a creatura contemporanea. O banho, em nossos dias, além da operação simples, é incomparavelmente mais agradavel e hygienico graças ao uso de sabonetes como o Gessy, puro e neutro, cujo emprego proporciona evidentes beneficios á pelle.

mas a expressão da ama, sombria, me voltava sempre á memoria. Resolvi ir procural-a no camarote em que dormia com o bebê e lhe mostrar como me ficara o costume que ella havia feito.

A porta resistiu ao meu impulso e imaginei por um momento que estivesse fechada a chave, o que no emtanto não acontecia nunca. Pouco depois, porém, consegui abril-a e vi que o que se oppunha ao meu esforço era a força do vento que entrava pela vigia aberta. Accendi a luz.

O camarote estava vasio!

A ama e a creança não puderam ser encontradas em logar algum.

Levei muitas semanas atacada de febre cerebral. Quando me vi fóra de perigo meus cabellos estavam brancos. A vida não existe mais para mim.

O copeiro de bordo contou que quando levou o jantar para a ama ella chorava e murmurava:

— Não deixo meu filho! Não deixo meu filho! .

Simone Simon

(Continuação da pagina 50)

raneo no Clover Club. E Simone, brejeiramente, piscou um olho para Fink! Foi mais que uma piscadella, foi um desafio irreverente.

Depois de publicada essa photographia, o studio resolveu emprehender a educação definitiva de Simone Simon.

* * *

Quando Darryl Zanuck toma a peito a publicidade de uma estrella ou de uma producção, não tem meias medidas. O triumpho de Simone Simon foi por elle espalhado, com a devida antecedencia á apresentação do film, pelos quatro cantos do mundo. Magazines e jornaes estamparam a figurinha do tufão francez acompanhada de descripções de levantar um morto do tumulo.

"Simone Simon", frizavam as publicações de lingua ingleza, "pronuncia-se **Si-moan Si-moan**!

Simone franziu o narizinho, — arrebitado ao ler essa advertencia — tanta complicação — disse, — quando teriam pronunciado certo o meu nome se o lessem na minha certidão de nascimento: **Simonne.** Simonne é um nome tão commum na França quanto Yvonne, por exemplo. E' facil: **Simonne!**

Para os americanos, entretanto, a pronuncia franceza nasal da ultima syllaba do nome da jovem estrella é bem difficil.

Quando foi destacada para trabahar em **Mulheres Enamoradas,** Simone Simon já havia lido da primeira á ultima pagina um Manual do Bom Comportamento. de maneira que a fimagem se passou sem novidades.

Para reduzir ao minimo a possibilidade de crimes, pugilatos e outros feitos de hostilidade no studo, foram prohibidas as visitas quando estivessem trabalhando as quatro estrellas — Janet Gaynor, Loretta Young, Constance Bennett e Simone Simon. Mesmo aos reporters foi impedido o recurso de olhar pelos buracos das fechaduras, o que é excepcional.

A verdade é que nada aconteceu.

— Nem cheguei a ver Janet Gaynor e Loretta Young, — diz Simone Simon. — Não tinhamos scenas em commum.

Aquelles que esperavam puxões de cabellos e coisas semelhantes ficaram desapontados. Depois da estréa do film, Hollywood se dividiu em tres campos. Os pró-Gaynor declaravam que o film havia sido de Janet. Outros affirmavam que Constante Bennett era a primeira senhora absoluta da producção. Os **fans** de Loretta attribuiam-lhe o melhor desempenhor.

Eonde ficava a pobrezinha da Simone?

E' triste confessar, mas Simone ficou quasi perdida na confusão. Os papeis de maior relevo couberam ás tres outras estrellas. O milhão dispendido em publicidade da franceza deve ter doido por essa occasião consideravelmente no vasio deixado nos cofres da 20th Century-Fox.

Mas para fazer justiça a Simone é preciso confessar que ella tirou o maximo partido possivel do seu papel; que fosse um papel de menor relevo que os outros, ella não tem culpa.

* * *

Contam que depois de **Dormitorio de Moças,** quando se espalhavam por toda Hollywood os cartazes da pronuncia figurada do nome de Simone Simon em

inglez, Herbert Marshall attendeu a um telephonema no studio dizendo:

— Aqui é Herbert Marshall... pronuncia-se Simone Simon!

* * *

A 20th Century-Fox annunciou que Simone Simon fará a seguir **Setimo Céo,** o film que tornou famosa Gaynor. A propria Janet não deseja refazel-o.

Estamos certos de que Simone será um successo no papel de Diana. Por esse motivo e varios outros era necessario que a estrellinha tivesse chegado a Hollywood. Simone Simon restaurou o colorido e o imprevisto em Hollywood, cidade que ia se tornando cacete pelo comportamento commedido e **business-like** de suas estrellas.

Felicidades, Simone. Esperemos muito de você.

Ventos de Morte

(Continuação da pagina 56)

bem literalmente coberta de papeis.

O advogado offereceu-me uma cadeira e tornou a sentar-se, desocando um grande volume que tinha diante de si. Depois, cruzou as pernas e olhou-me fixamente.

— Falo com a sra. Morrison? — principiou, usando um nome com o qual eu costumava apresentar-me então.

— Sim, senhor. Venho aqui por um aviso telephonico que mandava que viesse hoje á noite.

— Assim é... bem, bem, — murmurou Younghusband em tom vago. Vejamos — proseguiu, revolvendo uns papeis.

— Seu esposo foi cliente da casa varios annos, mas a minha memoria... Oh!... aqui está! — interrompeu, puxando para si um pedaço de papel. Instrucções por cabogramma de Nova York mandaram-me entregar á senhora a quantia de mil libras. Creio que recebeu essa quantia.

— Não só recebi, como já gastei a maior parte dessa somma.

— Oh!, oh! — exclamou o bom homem, olhando-me com expressão pouco benevola. Isto me parece bastante extravagante!

— Não estranhará tanto quando souber que eu precisei do mais necessario durante varios mezes.

O homem coçou a barba, com ar perpexo.

— Segundo creio, seu esposo tem estado em Nova York occupados em assumptos um tanto delicados (o mundo financeiro tem seus segredos tambem); mas estes assumptos acabaram. Sabe que seu esposo já chegou á Inglaterra?

Meu coração deu um pulo; não poderia dizer se a sensação que experimentei então era de temor ou de alegria.

— Está a salvo? — exclamei.

— A salvo? — repetiu o advogado, com ar distrahido. A salvo... que quer a senhora dizer?

Reinou um momento de silencio no escriptorio e, emquanto Younghusband reflectia, com expressão de assombro, sobre estas incomprehensiveis palavras minhas, eu permaneci muda.

— Agora entendo! Por um momento foi-me impossivel alcançar o significado da sua pergunta. Nova York é uma cidade de tão especial... Comprehendo, comprehendo!... As operações financeiras de seu esposo, sra. Morrison, embora proveitosas — talvez por isso mesmo — podem haver-lhe creado inimigos. Justamente, voltou da America com um nome supposto. Tenho-o aqui... deixe ver...

E tornou a remexer papeis.

— Não encontro... Caso estranho! Se não ha uma hora tinha-o na mão? Ah! Aqui está!... Senhor Ricardo Peters.

Estou autorizado por seu esposo, senhora, a notificar-lhe que agradeceria muito a sua visita.

— Tem o seu endereço?

Por um momento o advogado recobrou o seu ar vago. Depois, com um sorriso victorioso deu meia volta ao pedaço de papel que continuava em sua mão.

— Suas indicações estão aqui. São: Jackson Street, numero 11.

— Em Mayfair?

— Exactamente. Este endereço me lembra, senhora, que deve preparar-se para achar o seu esposo... assim... um tanto mal de saude. Está num hospital.

— Está muito grave?

— Penso que não. Emfim, julgará por si mesma, dentro de meia hora. Atrevo-me a supplicar-lhe que vá vel-o immediatamente.

Eu permaneci sentada e silenciosa, procurando gravar na minha mente todos estes pormenores. Mas o advogado consultou o relogio, impaciente, depois tocou a campainha que estava sobre a mesa.

— Peço-lhe que me desculpe, sra. Morrison, mas tenho justamente apenas o tempo para assistir a uma reunião da Companhia. Meus respeitos ao senhor seu marido e repita-lhe, em meu nome, que estou ás suas ordens.

E como o continuo apparecesse naquelle momento, o senhor Younghusband fez-me um cumprimento cerimonioso, dando assim por terminada a entrevista. Sahi dali um tanto aturdida e ordenei ao chauffeur que me conduzisse a Jackson Street. Uma vez no hospital, fui recebida por uma enfermeira, toda de branco, que, depois de me ouvir, consultou uma lousa pendurada na parede e conduziu-me a um quarto do terceiro andar.

— O sr. Peters vae melhorando — explicou-me pelo caminho, — e o doutor espera dar-lhe alta no fim da semana. Faça o favor de entrar. Agora pode estar ao lado de seu esposo o tempo que quizer — disse, ao mesmo tempo que abriu uma porta. E depois, empurrando-me, accrescentou:

Mister Peters, aqui tem sua senhora.

Fechou a porta e eu avancei até á cabeceira do leito, mas retrocedi logo, soltando uma exclamação. Sem duvida, a enfermeira devia ter-se enganado, pois o homem que estava sentado na cama e me contempava, era para mim completamente estranho. Seu cabello, escuro em outro tempo, era agora de uma côr cinzento-escura, assim como o bigode curto e basto que ostentava e que tornava suas faces mais magras. Estas estavam muito fundas e na esquerda via-se o signal de uma grande cicatriz. Sua fronte parecia tambem mais proeminente que a de meu esposo.

— Miguel! — exclamei, em tom incredulo.

— Demonio! — respondeu. Pareço-me com Jayme Stanfield?

— Absolutamente nada. Mas isto é maravilhoso! E pode saber-se o que tens?

— Nada — respondeu, impaciente. A não ser que ao occupar o logar de um amigo que ia no vapor, tive de passar fome até emmagrecer a este ponto e parecer-me com elle. Que lindo trabalho! O que tenho é uma enfermidade nervosa. Uff!... Precisamente, nunca soube o que é isso.

— Quanto tempo me deixaste só! — disse, em tom de queixa.

— Que queres? E' a luta pela vida. Como não estás a par do nosso jogo, não podes comprehender o que isto significa. Sabe, pois, que me vi embrulhado, mas consegui escapar e não tornaram a pescar-me. Ultimamente dei um grande golpe...; mas as coisas torceram, Janet. Comprehendes o que quero dizer?

Emquanto falava, eu contemplava-o á minha vontade; por certo, recobrava sobre mim o ascendente que sempre tivera, mas, pela primeira vez depois que o conhecia, aquella maneira de falar metteu-me medo.

— Mataste alguem? — sussurrei.

— Não pensava fazel-o. Mas Hartley, o cambista, obrigou-me a trocar uns tiros com elle. Elle ficou ferido e eu tambem; mas depressa curei; mas Hartey, cuja saude era fraca, succumbiu. Felizmente, sahi-me bem deste maldito assumpto. Agora preoccupa-me o futuro.

— Por que não experimentas operar em outra parte do mundo?

— Já pensei no Indostão, na Indo-China, nas ilhas do Sul, em Nova Guiné e nos paizes sul-americanos. Ora! Nenhuma dessas nações me convem.

— E que pensas fazer? Reunir-te commigo? Sou muito conhecida.

— Esse é outro problema que é preciso resolver: sei que é arriscado; no emtanto, á idéa de separar-me de ti, Janet, sinto que uma mão gelada me aperta o coração.

Era a primeira vez que o ouvia falar daquelle modo e, sem saber porque, tornei a estremecer.

— E agora, que queres? Para que precisas de mim?

— Chamei-te para que me ajudes a desembaraçar-me de Norman Greyes.

—

Depois destas palavras ficamos calados algum tempo, durante o qual senti que me estava olhando como se quizesse penetrar com os olhos até o fundo da minha alma; e, embora eu creia que o meu rosto não tenha apresentado a menor alteração, nem que as minhas palpebras tremessem, senti um grande agradecimento pela enfermeira que deixára o recinto na penumbra. Até chegavam os differentes rumores da clinica, o continuo rolar dos vehiculos no exterior e, de vez em quando, o estridente buzinar de um automovel. Nas arvores do jardim gorgeavam passarinhos.

Meu marido proseguiu:

— Todos estes dias tenho pensado muito nesse homem. Aqui estou seguro, seguro contra todos, excepto contra esse perigoso inimigo. Mesmo como estou, agora me reconheceria e no momento em que eu sahir daqui, seguirá meus passos. Agora trata-se da sua vida ou da minha.

— E que achas que posso fazer?

Seus labios diataram-se como se fossem rir.

— Embora Norman Greyes não o perceba, sente a attracção que de ti se desprende. E' homem forte para succumbir a ella; não obstante, é feliz quando está a teu lado. E's muito differente das outras mulheres. Conheço os homens, Janet, e sou raposa velha!

— E as mulheres, Miguel, tambem as conheces?

— Bastante.

— A que te propões?

— Sentou-se em posição mais commoda e depois respondeu:

— Norman Greyes desafia o perigo. Durante estas ultimas semanas, intentei tudo, mas em vão. O mais habil atirador da Inglaterra só consegue furar-lhe o chapéo e elle mesmo, esse homem invulneravel, pode voltar tranquillamente para casa com seu automovel sem direcção. Não obstante, se houvesse permanecido no Devonshire, seria apanhado; mas disseram-me que regressou a Londres.

— Está a poucos passos daqui — respondi. Justamente, vou jantar com elle esta noite.

Por um instante os seus olhos chisparam como o aço ferido pelos raios do sol.

— Encontrei-o esta manhã na rua — disse, como explicação.

— Não te pergunto nada — respondeu Miguel, seccamente. Eu saberei se me és sempre fiel. Agora, Janet, acceita este pequeno presente.

Tirou a mão de sob a almofada e mostrou-me uma caixa de ouro; um objecto curioso e raro, de forma estranha, cuidadosamente cinzelado e incrustado de pequenas figuras de esmalte.

Soltei uma exclamação de alegria. Tocou o diminuto fecho e a caixa se abriu deixando ver um lindissimo arminho que descansava sobre uma camada de pó.

— Toma cuidado, Janet, não vá entrar em tua bocca uma particula deste pó. Uma quantidade insignificante é quanto basta para um prato de sopa ou um copo de agua. Agora, toma a caixa.

Colloquei-a na bolsa de seda que tinha commigo. Lembrei-me então que um dia causára a morte de um homem.

— Esta meia onça de pó — dizia Miguel — custou-me cem libras. Quantos correm o mundo para encontral-a! Pódes segurar o arminho impunemente; o perigo está em ingerir o pó.

— E então?

— Então transforma num desgraçado inutil o ser mais robusto da terra, durante dois annos, pelo menos.

Diz Norman Greyes: Acabei por convencer-me de que para o futuro faria bem em evitar qualquer encontro com Janet Stanfield, embora me interessasse extraordinariamente, por ser a fria ajudante do mestre do crime. Eu já tinha dedicado todo um capitulo do meu futuro livro a analysar o seu car-cter. Agora começo a comprehender, no emtanto, que a mais cruel, a mais endurecida das mulheres, não pode subtrair-se ás fraquezas do seu sexo, e embora até o presente eu sempre tinha visto Janet fria e circumspecta, hontem á noite estava completamente mudada. Formosa como nunca, com uma linda cor rosada nas faces e os olhos brilhantes parecendo haver augmentado de tamanho, minha companheira não só parecia outra, mas eclipsava todas as mulheres bonitas do restaurante Soto, onde occupavamos uma das mesas. Ninguem como a minha companheira chamava a attenção, nem o merecia tanto, para dizer a verdade.

— Acha devéras que estou bem? — perguntou a uma observação minha.

— Não só está bem, mas parece outra.

Ella começou a rir com amargura.

— Talvez a mudança seja interna — continuei. Tavez o seu espirito modifique o seu conceito sobre a vida, sem que a senhora mesma o perceba. Talvez haja acabado por afastar de si os falsos deuses.

— Fui demasiado longe para retroceder — respondeu com voz dura.

— Não sei como foi, mas levantei a vista e os olhos se encontraram. As suas pupillas não reflectiam a dureza da sua voz; ao contrario, pareceu-me ler nellas até o fundo da sua alma. Ali encontrei qualquer coisa que não pude comprehender. Principiou o baile e senti-me mais alliviado, pois reinou o silencio entre nós. Janet dansava com pouco conhecimento das figuras, mas com um maravilhoso instincto de rythmo.

Envergonho-me de confessal-o, mas senti um prazer indescriptivel em comprovar que aquella mulher de aço possuia um corpo suave e humano como o de outra qualquer.

Janet estava naquella noite numa excitação nervosa extraordinaria. Dansamos algum tempo sem descansar; depois, ella quiz voltar á nossa mesa emquanto eu parei a conversar com uns amigos. Quando me reuni a ella estava muito palida e sustentava a caixinha de pó com mão tremula.

— Que tem? — perguntei, inquieto. Sente-se mal? Por acaso a dansa?...

— Não, não. Estou perfeitamente bem.

Não obstante, deixou-se cahir numa cadeira, incapaz de pronunciar uma palavra. Resolvi sahir dali immediatamente e fui tomar o café de um trago. Mas apenas levava a chavena aos labios a mesa oscillou e o cotovello de Janet tocou o meu braço. O café derramou-se na toalha, ficando inservivel. Janet, ao ver aquillo, começou a rir de tal forma, que parecia presa de um violento ataque. Depois, emquanto mudavam a toalha, pareceu recobrar a tranquillidade e me pediu perdão da sua falta de geito.

— Lamento haver causado tal desastre, sir Norman — disse em tom humilde. Vamos, dansemos outra vez, emquanto acabam de pôr a mesa em ordem.

— Mas... que tem?

— Nada, absolutamente.

— Sim, noto-lhe uma estranha pallidez.

— Talvez um pouco de excitação nervosa...

— Devida a que?

— Não me interrogue... Dansemos.

— Bem, vamos lá.

Mas desta vez os seus pés moviam-se com esforço ao compasso da musica e o seu corpo lançava-se pesadamente em meus braços.

— Quem lhe deu essa caixa de pós tão bonita? — perguntei, sem nenhuma curiosidade, para dizer alguma coisa. Uma luz que eu conhecia bem, illuminou-lhe os olhos ao dar-me esta estranha resposta.

— Satanaz. Mas resolvi devolvel-a, pois não me agrada.

— Obrigado — lhe disse.

E estreitei-a com mais força emquanto dansavamos...

Um Grande Dia

(Continuação da pagina 88)

soa ou para a coisa que o interessava, observando-a demoradamente, mas a sua physionomia ficava impassivel. Apenas ás vezes, por uma ligeira contracção do olhar ou por uma expressão um pouco afeminada de cerrar as palpebras, se adivinhava nelle uma impressão de desagrado ou de satisfação.

— E teus estudos, Henrique? — perguntou o avô. — Em que ponto estás? Te interessam. Gostas?

A criança olhou-o friamente e respondeu por meias palavras.

Tinha passado 3 mezes no Lyceu, em Marselha, edepois seguira o curso por correspondencia.

— Teus professores estão satisfeitos? Tens boas notas?

O pequeno contrahiu o rosto aborrecido. Virou a cabeça para o prato que a criada trazia. O avô ia continuar, quando a um gesto de impaciencia de sua mulher, se calou.

— E agora, disse esta, espero que ficarão em Paris. Quaes são os projectos de tua mãe?

— A mamãe gostaria de ficar, mas, diz que brevemente teremos de partir outra vez.

— Verdade! Então ella não póde fazer o que lhe apraz? — perguntou a avó contrariada e ironica. — Quem a impede?

O pequeno, inclinando o rosto para o prato, comia gulosamente e não respondia. A avó recomeçou hesitante:

— E... e teu padrasto, é bom para ti? Tua mãe e elle não brigam?

Elle fez um signal affirmativo. Depois, curvou a cabeça completamente, deixando ver seus cabellos despenteados e estendeu o copo para que o servissem. Ao servil-o, ella reparou na sua mão.

— Como, Riquet, róes as tuas unhas?

Uma expressão de contrariedade estampou-se no olhar da criança. Tentou esconder a extremidade dos seus dedos.

— Oh! como isto me entristece, — disse a avó. — E' muito feio, Riquet... Emfim, — accrescentou com vivacidade — não te quero ralhar.

E para se fazer perdoar por esta observação, acariciou os dedos esfolados do pequeno.

— Meu Deus! que trazes tu' ahi? — recomeçou ella puxando um pedaço de tricot de listas verdes e vermelhas que viu no pulso delle, — é horrivel! Donde vem isto?

— Compraram-mo na Italia. As malas tinham ficado no hotel em Nice, então...

Pareceu embaraçado e não acabou a phrase.

— E' espantoso! — exclamou a avó. — Então não tinhas roupa?

— De regresso, apanhamos novamente as malas.

Ella trocou um longo olhar com seu marido. Que vida! pensavam elles. Fez-se um curto silencio. Então o avô, tomando a palavra, com uma alegria forçada:

— Dize-me, Riquet... qual a melhor recordação da tua viagem? Deves ter feito lindos passeios. E a Italia, que bello paiz! Conta-me um pouco das tuas impressões. O' que te divertiu mais?

A criança, que bebia a grandes tragos, não respondeu logo. Tinha o rosto meio occulto pelo copo e olhava-os a cada um por sua vez.

— Quando representei, — respondeu um momento depois.

— Quando representaste? — exclamou a avó erguendo as mãos surprehendida. — E onde foi isso?

— Num casino... Mas era um verdadeiro theatro e uma verdadeira comedia.

A avó deixou cahir de novo as mãos sobre a mesa. Abriu a bocca e perguntou machinalmente:

— Que comedia?

— Uma comedia muito conhecida em Paris. Meu nome era

Charlie. Eu entrava 3 vezes em scena e na terceira, dizia phrases que provocavam o riso em todos.

A avó murmurou com voz acabrunhada:

— Então tivestes prazer nisso?

A' esta pergunta a creança mudou repentinamente de attitude.

Fez um grande gesto. Covinhas appareceram-lhe nas faces, seus olhos brilharam. Humedeceu os labios. Percebia-se que era incapaz de reter as palavras.

— Ah! certamente. Quando entrei em scena senti alguma coisa engraçada. Estava contente, contente e ao mesmo tempo todo meu corpo tremia. Eu nada via senão as lampadas electricas que estavam collocadas no palco. Felizmente que a moça que na comedia fazia de [illegible] a mãe, segurava-me perto della, senão eu não poderia caminhar direito por causa da luz. Um momento mais, habituei-me e na sala applaudiram-me muito. Depois da representação alguem me disse que, se eu quizesse, mais tarde, poderia ganhar muito dinheiro.

Sua voz tinha tomado um timbre especial. Um rasgo de sinceridade e mesmo uma especie de poesia notava-se em seu semblante. Mas olhando a avó, que parecia consternada, a creança abaixou a cabeça e retomou seu ar sombrio.

— E tua mãe deixou-te fazer isso? — perguntou a avó. — Quando te viu em scena nada disse?

— Ella ficou todo o tempo nos bastidores. Via-a entre os scenarios. Depois do primeiro acto, disse-me que eu estava muito pallido e poz-me carmin nas faces.

O almoço continuou. A avó interrogava a criança sem cessar não só no que lhe dizia respeito, como sobre sua mãe e seu padrasto. Procurava investigar todos os segredos da vida delles. Indagava num tom apressado e ás vezes aspero, e quando a creança respondia, o rosto da velha, crispado pela ansiedade, parecia-se com o de um cégo a quem se descreve o que elle não póde ver.

O avô parecia censurar estas perguntas. De tempos a tempos fazia a sua mulher signaes discretos. Mas ella não obedecia e, de repente, lançou-lhe um olhar enraivecido. Elle abaixou a cabeça acanhado. A criança surprehendeu esta scena mas não o demonstrou, continuando a mastigar lentamente.

— Riquet, — disse o avô quando se levantou da mesa, — queres ir fazer um passeio de barco esta tarde?

— Que idéa. Não o vaes afastar de mim. Não é verdade, Riquet, que não queres abandonar tua avó?

Sentara-se numa cadeira baixa e puxava-o para si como se receiasse perdel-o.

— Sinto-me tão feliz em te ter ao meu lado hoje, meu Riquet! Penso neste momento ha tanto tempo...

A emoção fazia tremer sua voz. Lagrimas corriam de suas faces enrugadas. Ella não as enxugava e parecia sentir uma especie de alegria em que a creança as visse.

— Mas não quero que te aborreças, — accrescentou depressa. — Dize-me o que queres fazer.

A creança abriu os labios e fez um gesto como de quem deseja exprimir algum desejo.

— Não sei, — disse depois.

— Sim, sim, sinto que ha alguma coisa que te divertiria e não ousas dizer.

Elle negou com um lento movimento dos hombros.

— Ora! veremos isso logo, — disse o avô. — Emquanto esperamos, vamos ao jardim ver os meus lilazes.

Desceram ao jardim.

A arvore formava uma moita copada e escondia parte da janella.

— Tua avó queria que eu a podasse porque nos tira um pouco a luz da sala, mas então, explicou o avô — não daria mais tão lindas flores, porque vês, o lilaz nunca fica tão bello como quando o deixamos crescer á vontade.

Curvou um galho e estendeu para o menino um cacho roxo todo aberto. Este aspirou-o e seu olhar voluptuoso reaccendeu-se.

— E aqui? — disse o avô, mostrando orgulhosamente um canteiro guarnecido de flores vermelhas — hein! que dizes do meu jardim?

Segurava o neto pela mão. A avó que os tinha alcançado, collocou-se do outro lado da criança. Ficaram silenciosos, levantando sómente a cabeça para as arvores dum jardim vizinho que ás vezes se agitavam. Se bem que o céo estivesse menos azulado que ao meio dia, era uma bella tarde. No ar aquecido pelo sol, havia perfumes delicados; presentiam-se em torno leves murmurios que faziam scismar. Ouviu-se ao longe um grito de mulher que terminou numa gargalhada. Uma voz de homem correspondeu a este grito por um outro mais estridente e a primeira voz recomeçou a rir mais forte ainda. Era talvez um casal que passeava no rio e o homem divertia-se em assustar sua com-

panheira, simulando virar o barco.

Os dois velhos apreciavam estas coisas socegadamente. Seus rostos inclinados do mesmo modo não demonstravam nenhum desejo. A avó tinha passado o braço á volta do pescoço do neto e não se movia. A criança que recebia a caricia das mesmas brisas e escutava identicos sons permanecia immovel tambem. Mas advinhava-se que varios segredos o agitavam. Seu labio superior contrahiu-se ligeiramente e descobriu duas fileiras de dentes cerrados como se tivessem mordido um fruto verde. Com um leve movimento do pescoço desfez o abraço da avó. Depois pareceu sonhar.

— Peço-te, Riquet, — disse a avó, inquieta — que nos digas o que gostarias de fazer?

Elle manteve-se calado, mas as suas palpebras brilharam.

— E se fossemos ver a casa dos bandidos? — perguntou.

— A casa dos bandidos? O que quer dizer?

— A casa onde um bando de malfeitores se refugiou ha alguns annos. Os agentes cercaram-n'a, mas os outros tinham-se fortificado e fizeram fogo. A policia teve que abater o muro.

— Quem te contou essa historia? — perguntou a avó.

— Foi Clara, no trem, quando vinhamos para cá. Ella disse-me que a casa fica aqui perto, sobre o viaducto e que esteve nella, ha tempos.

— Oh! é insensato, — exclamou a avó a meia voz e accrescentou num tom mais suave:

— Essa casa não existe mais, Riquet, ou antes, foi reconstruida ha muito. Nada verias e depois... terias prazer em ver o local onde se passou tão triste facto?

— Elles resistiram dois dias. Atiravam ás vezes pela janella e outras do telhado. E quando não tiveram mais munições mataram-se mas não se entregaram.

Imitando a pontaria, reproduzia a scena como se nella tivesse pensado muitas vezes.

Os avós seguiam seus gestos, admirados, um tanto amedrontados. Mas o avô lançou um olhar tranquillo para sua mulher e disse:

— Sim! Sim! é natural... Na sua idade só se pensa em arranhões e lutas. Os musculos se desenvolvem e elle quer exercital-os.

— Riquet, — accrescentou, apalpando-lhe o braço, queres jogar a bola?

O rapaz abanou a cabeça affirmativamente.

— E' isto mesmo, — exclamou a avó vendo que o passeio de barco tinha sido posto de lado, — brinquem aqui no gramado.

— No gramado!... — protestou brandamente o avô.

— Oh! o teu gramado!... Parece que o prezas mais do que a Riquet.

Ella foi buscar a bola e veiu sentar-se numa cadeira, na borda do canteiro. As extremidades do gramado foram demarcadas com páos fincados no chão. O avô tirou o casaco e começaram o jogo.

O menino era violento, mas faltava-lhe agilidade. Dava grandes ponta-pés na bola que a faziam girar, mas não a mandava longe. Elle parecia não gostar de correr e esperava a sua devolução em pé, mal firme nas suas pernas rachiticas, nuas até aos joelhos. Em frente, o avô cujos movimentos eram precisos, mostrava-se mais agil. Recuava alguns passos, levantava verticalmente as mãos de cada lado dos olhos para ver com precisão e depois acertava bem o ponta-pé na bola. Entregava-se ao jogo com ardor pueril. Os joelhos meio dobrados, franzindo as sobrancelhas grizalhas, observava attentamente os movimentos da creança, ás vezes adiantava-se para o prevenir do ataque, outras, recuava prudentemente para tomar posição. A avó não tirava os olhos do neto, animando-o e applaudindo-o á cada golpe. Esta attitude parecia provocar em seu marido uma especie de ciumes. Elle redobrava os esforços, via-se que tinha o desejo violento de vencer seu rival.

Por seu lado e á medida que o jogo se animava, a criança tornava-se mais violenta. Seus ponta-pés dados com raiva levantavam a terra. Carregava sobre o avô empurrandoo. A avó que percebia estes modos impacientes, estava inquieta. Por uma contracção do rosto, exprimiu a seu marido:

— "Deixa-o ganhar".

Mas o velho animado com o jogo fingia nada perceber e continuou a defender-se. O rosto da criança contrahia-se pelo despeito. A avó toda nervosa agitava-se na cadeira. De repente teve uma idéa. Quando os dois jogadores estavam batalhando perto do canteiro gritou:

— Antonio, cuidado com as tuas flores.

O avô ergueu a cabeça e parou. Então ella accrescentou depressa:

— Vá, Riquet, empurra a bola!

A criança aproveitando-se desta distracção adeantou-se e conseguiu fazer pasar a bola entre os dois páos.

— Oh!... — disse o avô com um olhar de censura para sua mulher.

— Riquet ganhou... Riquet ganhou... — gritou a avó applaudindo.

— Mas fui enganado — protestou o velho penalizado.

Ella encolheu os hombros e abafou a voz do marido.

— Bravo, Riquet, — disse e agora vem descansar a meu lado.

O avô arfava levemente com a mão no peito, mas ella não via, inclinada para o neto a quem tecia elogios. A criança deixando pendentes os braços e as pernas, apanhava pedras que jogava sem direcção e nada respondia.

— Oh! Oh! — disse o avô depois de algum tempo, — eis um céo que não me diz nada de bom. E isto tambem não, — continuou vendo uma andorinha passar deante delles rastejando pelo gramado.

Uma brisa fresca atravessou o jardim. A avó estremeceu. Logo aconchegou o neto para evitar-lhe o mesmo arrepio. Pouco depois grossas gottas de chuva começaram a cahir. Entraram depressa para a casa. A tempestade cahiu. Era uma tempestade de primavera, cortada por fortes rajadas, granizos e clarões. Primeiro entretiveram-se com adivinhações, mas a creança não gostou, e agora os tres estavam perto da janella olhando tristemente o cahir da chuva. A creança collava a sua face no vidro e cantarolava. Sua respiração embaceava o vidro. A's vezes batia as mãos quando via grandes granizos baterem nas folhas e saltarem tempos a tempos com o mesmo ar preoccupado.

— "Contanto que elle não se aborreça", — pensavam.

— Riquet, queres ler um livro até que a chuva passe? — indagou a avó.

Sem se voltar, apertando os labios contra o vidro, fez um movimento de recusa.

— Posso dar-te bons livros onde se descrevem aventuras, combates... tu' que gostas destas coisas...

A criança amuou-se novamente e disse:

— Não é a mesma coisa, pois as historias dos livros não são verdadeiras.

Poz-se a cantarolar.

Fóra, sem duvida, uma nuvem baixa cobria o céo, pois a janella meio escondida por um muro de lilazes não illuminava o aposento senão por uma luz tenue.

No meio desta subita escuridão o silencio e o desconforto se fizeram sentir mais. A avó franziu o rosto contrariada. Puxou as cortinas para clarear e correu as persianas para provocar movimento ao redor delles.

— Tenho uma idéa, Riquet, — disse ella repentinamente. — Vaes passar revista nas coisas que te pertencem. Estão arrumadas neste armario.

A criança voltou-se e demonstrou que a idéa lhe agradava. Immediatamente a avó dirigiu-se para o movel... abrindo as duas portas.

— Olha Riquet, vê tudo o que é teu.

Era um armario com varias prateleiras. Estava cheio dos presentes que os avós tinham dado ao neto. Viam-se em baixo grandes caixas quadradas, varias bolas, uma espingarda, uma panoplia, em cima, livros de estampas e um album de sellos. Todos os objectos estavam dispostos cuidadosamente, com ordem.

A creança approximou-se. Pozse a examinar o que lhe pertencia com visivel satisfacção. Levantava as tampas. tirava os brinquedos. A avó radiante ajudava-o

— Teu theatro de bonecos está lá em cima desmontado e bem embrulhado para se não estragar. Por detraz está a machina photographica que te demos o anno passado.

Percebia-se que ella mesma tinha disposto as coisas e que frequentemente gostava de lidar com ellas.

— Aqui, — accrescentou, emquanto a criança inspeccionava, — é o meu canto. E' aqui que guardo os objectos preferidos. Neste cofre estão as minhas joias... minha carteira está nesta bolsa vermelha. E este caderno tambem é precioso para mim. Foi um presente que me fizeste. Reconhecel-o? Vê o que está escripto na capa... Desenhos feitos por Riquet aos 8 annos e dados a sua avó.

A alegria tinha voltado ao seu semblante. Ella aconchegou o neto, cujo olhar parecia interessado pelos objectos que ella lhe mostrava. O avô tudo approvando com um sorriso caminhava de um lado para o outro. Parou um instante perto da janella, abriu-a e annunciou alegremen te que não chovia mais.

Então a avó propoz fazer um passeio. Mas a creança recusou.

— Gostaria de distrahir-me com um dos meus brinquedos, disse.

— Toma um brinquedo para o ar livre e vamos para o jardim. Olha o céu está claro agora.

— Não... quero brincar aqui, — disse elle com olhar vago e obstinado.

Apressaram-se em fazer-lhe a vontade. Elle foi ao armario e olhou muito tempo as caixas, apontou uma e disse:

— O theatro.

O avô erguendo-se na ponta dos pés tomou o objecto e entregou-lh'o.

— Vou ajudar-te a armal-o, Riquet.

— Não, não, — respondeu elle logo, — quero eu mesmo fazel-o.

Ajoelhado no chão tirou varias peças do theatro, depois os scenarios e bonecos. Os dois velhos acompanhavam todos os seus movimentos com admiração.

Elle olhava-os de esguelha e não se apressava. Depois levantou-se e approximando-se disse num tom de supplica:

— E se me deixassem sozinho?... Vou arranjar tudo. Quando ficar prompto voltarão e eu darei um espectaculo.

Ao mesmo tempo beijou a avó.

Esta, enternecida pela caricia, apertou-o nos braços.

— Faremos tudo o que quizeres, meu Riquet.

Elle desprendeu-se rapidamente do abraço e como os avós sahiam da sala, disse-lhes levantando um dedo:

— Não venham antes que os chame...

No vestibulo a avó abriu a porta da cozinha. Clotilde estava só e acabava o jantar.

— A criada já foi? — perguntou a avó.

— Ah! creio que sim!... Estava tão apressada...

— Com effeito, tinha permissão para ir vêr sua tia em La Varenne.

— Oh! Ella não irá tão longe — respondeu a rapariga num tom ironico. Seu amigo esperava-a no canto da rua e a estas horas já se terão posto fóra de vista. Ah! não sei se são todas assim em Paris, mas esta é uma desavergonhada...' O que eu ouvi da casa onde trabalha e de seus patrões...

— O que contou ella? — perguntou depressa a avó.

— Que ha brigas frequentes entre o patrão e madame Luiza, e que o dinheiro falta... e que pessoas suspeitas frequentam a casa...

Viu no rosto de sua patroa uma tal expressão de dor, que se quiz desdizer.

— Emfim, só mentiras. Não vale a pena repetil-as á senhora. Sabe-se bem o que uma rapariga má é capaz de inventar de seus patrões.

A avó sahiu da cozinha. Tomou o braço do marido e ambos desceram para o jardim da frente.

Caminhavam calados e a passos lentos, mas sentia-se que estavam consternados com as palavras que acabavam de ouvir. Cerravam os olhos como deante de visões vergonhosas.

Depois de um curto silencio a avó deixou escapar um suspiro.

— Luiza, — disse com uma voz que se erguia no fundo de sua lembrança, — Luiza que era tão orgulhosa!... E que horror pensar que nosso neto vive num meio destes, — continuou, nosso neto que é tão bomzinho, não é?

Voltou o rosto para o marido esperando seu apoio, mas elle contentou-se em abanar a cabeça, voltando de novo o silencio.

Seus pensamentos estavam fixos no neto e emquanto caminhavam todas as scenas que se tinham passado durante o dia, desenrolavam-se deante delles.

Lembravam-se da sua angustia, até ao momento em que, afinal, o avistaram através das grades do portão. Viam-n'o á mesa falando pouco e animando-se repentinamente para contar que tinha representado, depois o viram no jardim, fazendo o gesto de quem traz ao hombro uma espingarda, e ha pouco, na sala apoiando a fronte contra a vidraça.

Estas imagens os trouxeram até ao momento presente e olharam ao redor. Via-se por toda a parte os signaes da tempestade. O gramado parecia remexido. As flores dos canteiros se tinham desfolhado com o granizo, a areia empoçava-se nas aléas enlamaçadas. O avô contemplou seu jardim. Abaixou-se para erguer uma planta cuja flor pousava na lama. Mas o galho estava quebrado. Suspirou, tomou de novo o braço da mulher, fixou o céo e disse, abanando tristemente a cabeça:

— Esperavamos um bello dia:

Então, ella apertou contra o seu, o braço do marido, como para confessar-lhe que tambem tinha tido uma decepção infinda!...

Tinham feito a volta da casa e achavam-se agora no jardim para onde a sala se abria.

— Riquet, deve ter acabado os preparativos, — disse a avó.

Approximaram-se, pé ante pé, e, escondidos pelos lilazes, olharam a sala.

A criança, no fundo da sala tinha as costas voltadas para a janella. Mal se distinguiam os seus movimentos.

— Que faz elle? — perguntou a avó.

— Ah! sim, vejo-o... está procurando qualquer coisa no armario. Agora que sabe onde estão seus brinquedos poderá escolher o que quizer. Meu Deus, como seria bom si o tivessemos sempre ao nosso lado!

O avô olhava tambem. De repente pareceu alarmado e approximou a cabeça, collocando as mãos como anteparos para ver melhor.

— Parece esconder-se... dir-se-ia que nos prepara uma surpresa, — murmurou a avó.

Bruscamente recuou aterrorizada. Seus olhos escancarados, a sua bocca aberta, e as feições

gra perdidas. "*S Bogom*", diziam-se então, na despedida doce e triste da lingua nativa.

* * *

— *S Bogom,* — disse Sebold a Tankovitch, approximando-se da caldeira.

E extendeu a mão ao operario, um operario da velha guarda que queria bem a Belzebuth. Tankovitch comprehendeu e não vacillou: extendeu tambem a mão, para auxilial-o a subir para o bordo da caldeira.

Depois, Old Vrag reiniciou a fundição um momento interrompida. Sebold estava condemnado á loucura, os dois sabiam. E a loucura é peor do que a morte.

* * *

Um anno mais tarde, chegava aos Balkans o ultimo carregamento para a conclusão dos trabalhos da ponte de Krvav.

* * *

E no decimo anniversario do seu casamento Jimmy e Helena fizeram uma viagem — a lua de mel, dizia sorrindo a montenegrina — ao paiz de Ternagosa.

— Jimmy! Nunca pensei que fosse tão bonita, a ponte... E' um... como se diz na sua lingua, Jimmy? Um cenotaphio?

— Querida, é o mais grandioso monumento jamais erigido para recordar a memoria de qualquer homem... E só mesmo a força de vontade de B. L. Sebold o poderia ter construido. Nenhuma mulher a não ser Helena Petrovitch poderia tel-o inspirado. querida.

Beijou-a.

— Depois de dez annos, — continuou, — custo a acreditar que uma tal mulher seja realmente minha.

O sereno olhar ciumento brilhou de reflexos dourados.

— Mas na minha lua de mel, — declarou a esposa de Jimmy Doan, offerecendo os labios, — espero convencer o incredulo!

congestionadas, debatiam-se numa terrivel mudez.

Assim, sem duvida, é o aspecto de um ser que sente faltar-lhe subitamente aquillo que alimentava o seu coração...

A criança segurava a bolsa vermelha e com movimentos inquietos, mas sem tremer, roubava!...

BELZEBUTH!

(Conclusão da pagina 97)

quando afinal o encontraram, arrastava Doan, o marido amado de Jelena...

O medico deu os primeiros cuidados a Jimmy e só depois tratou de Sebold. Era a primeira vez que Jimmy soffria a acção do monoxydo, e Sebold a quarta... não escaparia: a loucura o venceria.

* * *

Louco, mas não tanto que não tivesse consciencia do seu fim.

Dan Tankovitch e Old Vrag tomavam conta da caldeira quando elle se approximou. Viram em seu olhar o brilho caracteristico que o monoxydo provoca.

Ha uma lenda montenegrina que fala de velhos costumes guerreiros: os irmãos de armas liquidavam os feridos, quando julgavam todas as esperanças de salvação para a vida sã e inte-

A FALHA

(Continuação da pagina 100)

se abriu todo num sorriso com um ar de grande amizade.

— Oh! O sr. Maubray! — exclamou ella. — Que surpresa vel-o ahi, com este calor! Ha quantos mezes que o sr. está para fóra!

Luciano d'Arbois ergueu a cabeça e olhou tambem. Não poude reprimir um movimento de contrariedade, que Huguette não deixou de attribuir ao ciume. E apressou-se a fazer as apresentações, de cima para baixo e vice-versa, gentilmente:

— O sr. Maubray, o mais amavel dos visinhos! O meu noivo, sr. d'Arbois!

Os dois homens cumprimentaram-se cordealmente. Em seguida, o sr.. Maubray pediu venia e retirou-se discretamente.

Huguette explicou logo:

— Já te falei delle, não é verdade? Lembras-te? Viaja quasi todo o anno! Por uma ou duas vezes cruzei-me com elle na escada. Notei que me olhava com qualquer especie de emoção onde havia certa tristeza que eu não sabia explicar. Um dia não resistiu, decidiu-se, e disse-me que eu lhe lembrava uma filhinha que elle havia perdido... Depois desta explicação, de tempos a tempos, mandava-me flores. Já vês portanto que não tens nada que te affligir por este conhecimento. Não vae agora fazer beicinho, amuar-te nem dar-te ares importantes commigo, Luciano!

Deante desta explicação, o sorriso reappareceu nos labios rubros e bem traçados do jovem enamorado que se haviam crispado desde o inesperado desta interrupção no seu idilio.

* * *

Nessa noite — como Huguette entrasse nos dois primeiros actos da **Sultana,** logo que sahiu do theatro dirigiu-se directamente á casa, deitando-se immediatamente.

Alguns moradores subiam da rua, turbando-lhe o seu primeiro somno, e, muito embora não tivesse cogitado mais na conversa que tivera na tarde da vespera, teve horriveis pesadelos durante o seu desassocegado somno, onde appareciam homens mascarados que a perseguiam armados de brownings...

De manhã, quando Emilia lhe trouxe o seu chocolate, a creada de quarto, que era uma rapariga alta, forte e corada, vinha alquebrada, abatida, com as feições alteradas denunciando caso...

Logo annunciou, com uma voz entrecortada de susto:

— Ah! senhorita! Não sabe! Aconteceu uma grande desgraça! A velhota que mora ao lado foi encontrada morta esta noite

Um crime, senhorita! Nada menos que um assassinato, segundo parece... E accrescentou, logo:

— A policia esteve lá toda a noite...

Huguette perturbou-se, sem saber porque.

Tinha o jornal na mão, abriu-o, procurou e leu logo o que relatava acerca do caso:

— "Hontem á tarde, a porteira do predio da rua Michel-Ange n. 197, observando que uma das locatarias da casa, Mme. Plan, senhora já idosa e que vivia só, não abria, contra o costume, os seus aposentos, nem descera á rua, decidiu-se a baterlhe á porta para saber se ella precisava dos seus serviços. Como ninguem respondesse, a porteira julgando que a sua inquilina tivesse soffrido algum accidente, requisitou o auxilio da policia para arrombar a porta. Aberta esta, foi encontrada a referida Mme. Plan, estendida no meio da casa, estrangulada por meio de um delgado cordão.

O crime é tanto mais evidente quanto é certo que, todas as gavetas dos moveis appareceram abertas e remexidas.

Sommas importantes (porque Mme. Plan passava por ser avarenta) devem ter sido retiradas, porque não foi encontrado nem dinheiro nem quaesquer valores.

O sr. Felix Cambeau, chefe da secção de investigações da policia, prevenido immediatamente do occorrido, iniciou logo as pesquisas, mas pelas informações que colhemos, faltam quaesquer indicios que orientem a policia.

A' ultima hora soubemos que uma personalidade que não podemos já apontar, mas que todo o mundo em Paris conhece por ter acompanhado innumeras vezes, apaixonadamente, nas suas luminosas investigações policiaes, foi convidado pelo sr. Cambaux, para ajudal-o na tarefa de desvendar o mysterio que encerra este crime".

Neste somenos appareceu Luciano d'Arbois.

— Minha pobre querida, — disse, ainda da porta e dirigindo-se á sua noiva, — como tu deves estar triste e mal impressionada!...

— Oh! Luciano, parece-me que a nossa conversa de hontem trouxe a infelicidade á pobre mulherzinha!

— Cala-te! Não digas tolices! Então querem lá ver? Não te julgava tão supersticiosa como te estás revelando? Desde que Mme. Plan deixou de apparecer á hora habitual, era evidente que alguma coisa acontecera, e portanto, que o crime já se tivesse consumado...

Huguette não respondeu. Estendeu para elle o jornal que ainda tinha nas mãos, apontandolhe o paragrapho relativo ao futuro collaborador do sr. Cambeaux:

— Quem suppões que seja? Octavio Bernac? Não te parece?...

Luciano d'Arbois, disse, com ar de aborrecimento:

— Naturalmente. E' fatal!

E como Huguette olhasse admirada para Luciano, este explicou com modo distrahido:

— Qual! Não podem escolher outro! Está visto! Se é o homem da moda! Está sempre na berlinda! Afinal, em materia de policia, como em outra qualquer, para se estar em evidencia, não é preciso muito. E' uma questão de snobismo, apenas...

Tratava-se do celebre romancista policial que ainda recentemente havia esclarecido a morte enygmatica de Archibaldo Craves, o "Rei do Diamante".

— Ah! A proposito, minha querida. — continuou em tom sarcastico, d'Arbois — e o teu senhor Maubray? Tornaste a vel-o?

Huguette encolheu os hombros, aborrecida com a pergunta intempestiva e não respondeu. No fundo, sentiu uma grande irritação por esta despropositada ironia de seu noivo.

A imagem da morta tornava-se obsidente. Perseguia-a. E, mau grado os seus esforços para se distrahir, para espantar aquella idéa aborrecida, que a contrariava, nada conseguia. Começava a enerval-a aquella obstinação. Por mais que fizesse para se subtrahir aos effeitos daquella intimidade com o caso da visinha, não podia fugir-lhe.

A figura da morta atormentava-a, e, muito embora Luciano procurasse um assumpto para uma conversação differente, ella não podia evital-a. Via-a. Era-lhe impossivel distrahir-se com outro pensamento menos lugubre:

— Lembras-te, Luciano, do bom agrado com que ella te acolhia sempre, como ella se mostrava boa para ti?!

Pobre velhota! Como parecia tua amiga e sorria para ti, para nós ambos!...

Um estremecimento de piedade parecia percorrel-a toda, e punha-se a tremer como um vime.

— Como tu te affliges, minha querida — interrompeu Luciano Isso é extremamente penoso! Talvez não tenha soffrido tanto como tu imaginas! E, nesse caso ainda, é possivel que se venham a descobrir os assassinos... Mas, querida, supplico-te! Deixa de pensar mais nisso! Não fazes senão enervar-te inutilmente! Ora ouve, — disse elle para a distrahir, — vou chamar a tua attenção, para um curioso projecto.

E annunciou-lhe, com palavras enthusiasticas que tinha resolvido fazer uma curta viagem. Que ia a Londres, onde se demoraria quarenta e oito horas, para assistir á disputa da **Taça de Ouro, d'Ascot**, em que advinhava um primeiro premio para o cavallo francez **Ariodant.** Demorarei apenas 8 dias entre ir e voltar.

— Se eu fôr feliz, compro para ti um soberbo e completo serviço de mesa, authentico estylo inglez, como eu sei que gostas...

* * *

Os dias que se seguiram não trouxeram nada de novo sobre o caso da rua Michel-Ange. Nenhuma pista foi descoberta.

Na vespera da partida de Luciano d'Arbois para Londres, os dois noivos almoçaram juntos, em casa de Huguette. Foi uma manhã encantadora aquella. Ambos, lado a lado, sentados no mesmo sofá da pequena e encantadora saleta, toda enfeitada de sedas japonezas, tomaram vagarosamente o seu café, trocando impressões sobre futilidades, pequenos nadas que os faziam rir alegremente.

Inopinadamente o mancebo ergueu-se dirigindo-se á ante-camara, sem dizer palavra, voltando logo com um pacote volumoso. Desembrulhou-o vagarosamente, apparecendo então um pequeno cofre de aço, que mostrou a Huguette. E olhando para ella, disse:

— Escuta, minha querida. Tu vaes guardar-me este cofre. Como não estou em minha casa nestes dias mais proximos, prefiro não o ter na rua Lubeck, confiando-o, portanto, á tua guarda. Esta pequena caixa contém recordações de familia, cartas de meus paes, a minha caderneta militar, o meu diploma de direito, emfim, outras bugigangas familiares, coisas que devo guardar... Estou que te não custará guardares-me este cofre durante a minha ausencia...

E como Huguette não mostrasse grande enthusiasmo pelo deposito nem sequer interesse pelo seu pedido, elle, divertindo-se ruidosamente disse-lhe:

— Oh! Comprehendo! Já vejo que não gostas da incumbencia. Percebo porque... Mas estás enganada, querida... Não ha dentro delle nada que te desagrade ou possas suppor, além do que te disse... Mesmo nenhuma recordação amorosa. Tu sabes que eu não gosto de abusar nem teria para comtigo essa falta de attenção... Quanto á chave, minha filha, perdi-a. Todavia, se duvidas, autoriso-te a mandar fazer por um serralheiro uma e abril-a. Juro-te que não tenho segredos para ti.

Huguette teve um gesto indeciso e erguendo docemente as espaduas:

— Afinal, o que temos ahi? Vejamos!

Sem saber por que, repugnava-lhe este deposito.

Neste momento, appareceu á entrada do vestibulo, Emilia, a creada de quarto, interrompendo os dois noivos, para annunciar que o sr. Maubray, o locatario do andar superior, desejava falar ao senhor e á senhora.

Depois, como Huguette o consultasse com um olhar interrogativos, elle acquiesceu:

— Pois sim! Dize-lhe que entre, Emilia.

Cada um foi tomado por seu pensamento differente; mas não trocaram palavra.

Quando o sr. Maubray appareceu no limiar da porta, estavam ambos a pé, aguardando, silenciosos, a sua entrada.

Elle deu dois passos na saleta e comprimentou cortezmente, esperando, calado, que a creada de quarto sahisse.

Huguette, com um gesto, convidou-o a sentar-se.

O recemchegado tomou uma cadeira. Depois, com uma gravidade que se abria num sorriso de delicadeza:

— Peço desculpa de vir turvar o socego do vosso **home,** porém, o que me traz aqui é tanto mais grave, quanto é certo que me apresento com um nome falso.

E, ao passo que falava, desembaraçava-se do seu bigode postiço, mostrando o seu rosto escanhoado, quasi imberbe, rejuvenescido dez annos.

— Octavio Bernac, — exclamou Huguette, reconhecendo logo o romancista policial que todos os jornaes haviam popularizado como uma figura rude e sympathica.

Luciano d'Arbois, por seu lado, não revellou nenhuma surpreza. Disse somente em tom gracioso:

— Muito feliz em conhecer um escriptor, cujas obras aprecio... e cujas descobertas admiro.

Octavio Bernac, inclinou ligeiramente a cabeça e proseguiu, sem se dirigir em particular nem a um nem a outro dos seus interlocutores:

— A missão que me traz aqui é, além de desagradavel, penosa; porém, faz parte da profissão que escolhi... São os ossos do officio. E' necessario, antes de mais nada, que lhes diga isto: pelas necessidades inherentes á minha profissão, tenho em Paris, diversas moradias. Sim, são indispensaveis a um homem do meu officio. Isto tem-me sido util muitas vezes. Acontece-me agora o que tantas vezes me tem succedido: — julgo ver, depois do assassinato comettido na casa vizinha — crime de que, certamente, já têm pleno conhecimento, porque tem sido muito falado e relatado em todos os jornaes e do qual estou encarregado de descobrir o autor — julgo ver, claro que, dentro do meu papel, o criminoso, em todos as pessoas. E' sempre um julgamento **a priori,** entende-se.

As minhas attenções, antes de se abrirem num sector mais largo, convergem em primeiro logar, directamente e particularmente, para os vizinhos. E', como podem avaliar, um ponto de vista, como outro qualquer.

Ora, ha dias, assisti e ouvi, por acaso, á conversa que ambos tiveram á janella. Percebi o senhor aqui presente fazer uma reflexão — muito judiciosa — sobre o que se póde chamar — **"a theoria mathematica dos crimes".**

Depois disso, foi revelado o roubo da casa vizinha, e, apenas fui encarregado de descobrir o

ladrão e assassino, pude constatar que, salvo a sua simplicidade apparente, elle foi executado com todo o **rigor scientifico**...

Huguette ouvia-o arquejante, mal disposta e incommodada. Procurava não ver nem imaginar o que se ia passar. Ao contrario, Luciano, frio, imperturbavel, sem demonstrar a menor emoção, parecia mostrar-se muito interessado com as palavras de Octavio Bernac, dando signaes de uma intensa curiosidade.

Entretanto, Octavio Bernac, mal respirou, atacando logo o assumpto. E continuou frisando bem as palavras:

— Em consequencia do que, resolvi vigial-o, sr. d'Arbois, e fazer, concomitantemente, algumas investigações acerca da sua vida privada, seus habitos, costumes e meios de fortuna pessoal.

Assim, soube que acaba de soffrer alguns prejuizos nas corridas. Por outro lado, soube que não possue rendas fixas nem tem uma fortuna consolidada em terras e bens urbanos, assim como tem descurado os meios de assegurar a pequena fortuna que herdou, e que lhe dava então uma renda que não excedia de oito mil francos...

Apezar disso, ante-hontem foi depositada no banco, á sua ordem, na sua propria conta já muito reduzida, a quantia de dez mil francos. Tudo isto, claro está, não é sufficiente para que eu o accuse, assacando-lhe a injuria de ser o assassino de Mme. Plan.

Não passa, tudo isto, afinal, de uma ligeira pesquiza, o mesmo acontecendo com a investigação que fiz em sua propria casa... Mas tranquillize-se, senhor, quanto ao que diz respeito á lingua da sua porteira. Foi discreta e não me conheceu, nem me viu entrar nos seus aposentos.

Esta tentativa não deu nenhum resultado para o fim que eu esperava... Todavia, querendo evitar prendel-o á trahição e tambem para não perturbar, senão na medida do impossivel de evitar, a senhorita aqui presente, por quem tenho a maior consideração e sympathia, e ainda, para evitar-lhe tambem em aborrecido apparato official, resolvi vir tratar este assumpto pessoalmente, afim de matar á nascença a suspeita ou materializal-a já, sem demora!

Eis a razão por que, senhor d'Arbois, — disse á queima roupa Octavio Bernac, apontando para o pequeno cofre pousado sobre a bella mesinha da sala — venho pedir-lhe para abrir deante de mim pela caixinha que acaba de trazer para aqui!...

Estas palavras chocaram, como que fustigaram Huguette, fazendo-lhe ver, subitamente uma realidade horrivel: Luciano culpado, Luciano assassino tinha-a escolhido, a ella, sua noiva, para encobridora inconsciente!...

Num gesto de horror, por assim dizer instinctivo e impossivel de dominar, ella, desviou-se do noivo, amparando-se, desfallecida ás costas de uma cadeira..

D'Arbois olhou-a, durante um rapido segundo, com uma expressão de desprezo e de piedade. Em seguida, sem dizer palavra, tomou o cofre e, collocando-o nas mãos de Octavio Bernac, disse-lhe com um sorriso altivo:

— Ahi o tem, senhor. Mas cumpre-me prevenil-o de que me falta a chave.

— Isso não tem importancia para o caso, — replicou o outro muito calmo, sopesando nas suas mãos o objecto.

Tenho sempre comigo o indispensavel para abrir estas coisas...

E, com um safanão, tirando um molho de chaves do bolso das calças, escolheu uma especie de alavanca minuscula, com a qual, sem grande difficuldade fez saltar a tampa.

Huguette avançou como allucinada, para perto do cofre.

A pequena caixa continha cartas, photographias amarellecidas pelo tempo, um pendentif de coral, a carteira militar de Luciano e o diploma por elle mesmo annunciado antes.

D'Arbois, de pé, hirto, de braços cruzados, parecia rir silenciosamente.

Desconcertada e maldizendo-se por causa das suas duvidas, Huguette palpitava, anhelante.

Não ousava agora approximar-se de Luciano. Mas elle foi ter com ella e tomou-lhe a mão

Octavio Bernac, olhava o casal de soslaio, parecendo alliviado de um peso. E logo, retrocedendo com elegancia, esboçando um sorriso amavel:

— Senhor d'Arbois, — disse — bastou-me ve-lo, para o julgar um espirito superior· Mal a primeira suspeita me penetrou, fui direito ao fim, sem temor, certo de cumprir com o meu dever. O senhor, de certo, não me vae querer mal por isto... nem a senhorita...

Luciano d'Arbois pareceu então abrir-se em sinceridade, quando replicou:

— Senhor Bernac, longe de lhe querer mal, aprecio-o, não só pela distincção que se dignou ter para comigo, como ainda, pelo seu procedimento... Na verdade, não se póde agir com maior correcção e lealdade... Se me permitte agora, e afim de esclarecer o seu religioso ponto de vista e curiosidade policial vou dizer-lhe como obtive a somma que, na realidade, puz na minha conta corrente do banco: — Proveio de uma aposta feliz que consegui realizar na ultima reunião da Maison-Laffite. Nada menos de quinhentos francos que joguei no **Pirello** que conseguiu dezoito contra um. Nem sequer toquei no bilhete. Só me lembrei no dia seguinte, na Sociedade sportiva, do caso, como lhe será facil sabel-o, se quizer dar-se ao incomodo de se informar.

Octavio Bernac ouviu sem pestanejar. E, tornando a pôr o seu bigode postiço compondo-se até tornar á primeira forma, approvava, condescendente, com meneios de cabeça. Depois, sem dizem uma palavra, retirou-se.

* * *

Pouco depois Huguette pedia perdão a Luciano, que a desculpava com affectada bonhomia.

— Que queres, minha querida! — dizia-lhe Luciano. — Deante de provas tão convincentes, qualquer outra no teu logar se teria impressionado. Sobretudo e especialmente, perante a affirmação de um homem tão serio como o Bernac, que não costuma enganar-se!

— Qual o quê! Parece incrivel que elle se tenha mostrado tão inconsequente!...

Mas D'Arbois defendia Bernac.

— Deixa-te disso. E' um homem muito fino e elegante. Percebeu, ao contrario dos profissionaes da policia que querem á viva força concretizar as menores suspeitas, que eu estava innocente. Desejou convencer-se de que eu não tinha nada com o triste caso da vizinha. Verificou que eu não era culpado e deixou-me. Outro qualquer no seu logar, á menor desconfiança ter-me-ia prendido logo para averiguações, sem a menor consideração. A sua gentileza não podia ser maior. E tu sabes Huguette, com a policia dá-se o mesmo que se verifica com uma viagem de automovel: sabe-se quando se parte mas nunca se sabe quando se volta. O cofre que viu e abriu deve ter-lhe servido de pedra de toque, apagando-lhe todas as suspeitas...

Depois disso, Luciano aproveitou o primeiro pretexto e retirou-se.

* * *

Decorreu quasi uma semana depois destes acontecimentos.

Logo após o incidente verificado em casa de Huguette Davrelles, Luciano d'Arbois renunciou á sua projectada viagem á Inglaterra.

Uma tarde, preparava-se para vestir o seu **smocking,** quando a campainha da ante-camara soou. Como não tinha creado, foi elle mesmo abrir a porta, vendo-se na presença de Octavio Bernac, que o comprimentou delicadamente. Ao vel-o, teve Luciano um involuntario piscar de olhos. Mas sorriu logo:

— Por aqui? sr. Bernac. Não esperava o senhor!

— Não me admiro disso, — respondeu o visitante, fechando elle mesmo a porta.

Luciano d'Arbois fez entrar o recem-chegado para o pequeno escriptorio contiguo, e offerecen-

do-lhe uma cadeira sentou-se tambem, dizendo-lhe com tranquilla voz:

— Estou prompto, senhor Bernac, para o ouvir.

— E' simples o que vou expôr, meu caro senhor d'Arbois. Começarei por lhe dizer que conclui hoje o inquerito em que me tenho empenhado nestes ultimos dias. Agora, venho dar-lhe parte de alguns pormenores das minhas investigações e... e consultal-o, ouvil-o tambem.

— Consultar-me? Ouvir-me?...

— Sim, consultal-o, ouvil-o... Não é para estranhar. Vae ver. Já tive occasião de lhe dizer, em casa da senhorita Huguette Davrelles, que, debaixo da sua apparencia simples, o crime da rua Michel-Ange foi concebido e executado com um methodo, **uma sciencia** (insisto sobre esta palavra) admiraveis... Na minha carreira já longa de amador policial, tenho tido poucos casos como este — á primeira vista vulgar. Posso mesmo afirmar-lhe que nunca tive occasião de me encontrar em frente de trabalho tão perfeito. A corda que serviu para estrangular a velha senhora, é um cordel vulgar, anonymo, insignificante... Nenhuma impressão quer de sapato quer de mão poude ser verificada. O assassino certamente calçava luvas de borracha e, de borracha deviam ser tambem as solas dos sapatos. Nada, não encontrei nada que fosse um indicio.

Todavia eu não me pude furtar a uma obsessão importuna. Pensava constantemente no meu primeiro ponto de partida, — ponto que de resto não abandonei senão apparentemente, e que não sei porque, se apresentava ao meu raciocinio como um facto possivel, quasi provavel. Assim estabeleci, que fôra um familiar da casa ou pelo menos — visto Mme. Plan não ter, como é notorio, nenhuma especie de relações — alguem que conhecia perfeitamente os moradores da casa e os seus habitos. Mais ainda: que fôra alguem que podia entrar e sahir sem chamar a attenção da porteira...

Interroguei esta ultima com todo o cuidado e conclui que o meu ponto de vista não era errado. Sei muito bem que a porteira da casa gosa da reputação de ser vigilante e eu mesmo tive occasião de verificar este predicado na mulhersita. Portanto, seria difficil passar por ella um qualquer desconhecido, sem lhe despertar as attenções.

Depois outro ponto se me apresentou digno de meditação: segundo o exame feito pelos medicos legistas, o crime foi consumado da parte da manhã e antes do almoço do meio dia.

Sabido isto, facil me foi conjecturar que o assassino escolheu, para se introduzir em casa, a unica hora do dia em que elle sabia o portal sem vigia, isto é, entre as dez e as onze horas, justamente o momento em que a porteira costumava abandonar o seu posto para ir fazer as suas compras.

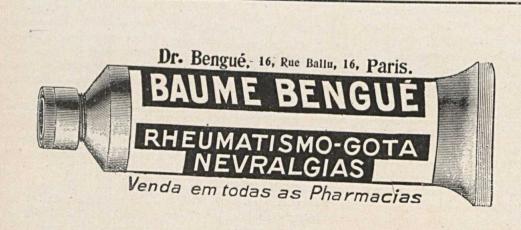
E aqui, saltou-me aos olhos esta suspeita: o criminoso conhecia todos os habitos da casa e sabia ainda deste pormenor. Além disso, a velha Mme. Plan, era muito desconfiada e retrahida; tinha sempre a sua porta fechada com uma corrente de segurança, e, se alguem batia, não fazia mais que entreabrir a porta.

Como a corrente ficou intacta, sem qualquer indicio de ter sido forçada, é evidente que houve a probabilidade de Mme. Plan, **reconhecer a sua visita** e portanto, abrir-lhe confiadamente a porta mandando entrar.

Depois... ella deve ter sido estrangulada por surpreza. Observei bem! O seu rosto não tinha a mais leve expressão de assombro ou de pavor — o que sempre se imprime na face das victimas que se têm **visto** assassinar...

Tendo recebido cordealmente a sua visita, naturalmente ella foi á sua frente afim de a conduzir á sala, seguida pelo recemchegado, sendo então assaltada pelas costas inopinadamente.

A maneira como o laço corrediço foi apertado, prova o meu raciocinio... Tudo isto que ve-

nho expondo tem em vista provar-lhe que ella, a morta, conhecia o visitante. O sr. d'Arbois está acompanhando attentamente a minha exposição, não é verdade?

— Perfeitamente! — affirmou Luciano, mais pallido que habitualmente.

— Pois bem! Accrescentarei agora que, depois do testemunho dos moradores do bairro e ainda das declarações da porteira, conclui que, Mme. Plan, fazia as suas compras e cozinhava sozinha; não recebia visitas; não sahia nunca, a não ser para ir, tres ou quatro vezes por anno, á casa do seu tabellião.

Este ultimo, por seu lado, declarou que Mme. Plan não tinha familia...

Aqui entra, naturalmente, a suspeita de que o visitante da assassinada tivesse sido um **seu vizinho**... O senhor, continua prestando attenção e acompanha sem enfado o meu raciocinio?... Muito bem! Agora ouça com todo o cuidado.

O accento peremptorio, firme, que não admittia replica, da sua voz, naquella tarde, quando expunha as suas curiosas theorias á sacada, em casa de sua noiva, chamaram a minha attenção e não sei porque despertaram a minha curiosidade. Por isso talvez, apurei o ouvido, procurando não perder palavra sobre o seu interessante ponto de vista... Comprehende que no officio de policia, o acaso é na maior parte das vezes um grande elemento e um auxiliar seguro. Desde aquella tarde não o tornei mais a perder de vista: — tratei de o vigiar, meu caro senhor d'Arbois. Fiz tambem algumas investigações ácerca da sua vida privada, esquadrinhando tudo que que lhe dissesse respeito, tanto mais que, o senhor, correspondia perfeitamente á qualificação de **vizinho**.

Além disso eu sabia que Mme. Plan o conhecia, que tinha para comsigo attenções, provas de estima e consideração, fazendo-lhe ás vezes signaes amaveis, emfim, gentilezas denunciadoras de sympathia.

— Sim, — interrompeu Luciano — isso mesmo foi dito naquella tarde por Huguette, quando nos surprehendeu á varanda da sua casa.

— Percebo, meu caro senhor d'Arbois, disse Bernac. Sei mesmo o que quer dizer. Ora, na casa onde morava Mme. Plan ha, por acaso um quarto vasio. Comprehende? Vasio! Isto acaso não lhe diz nada, meu carissimo senhor?

Luciano esforçou-se penosamente por ser ironico. Respondeu com um sorriso forçado.

— Não senhor! Verdade! Não me diz mesmo nada! E' natural, visto que eu não sou feiticeiro, senhor Bernac.

— Muito amavel! — tornou-lhe o outro. Todavia é simples. **Primo** — deste facto que não lhe diz nada, conclui immediatamente que o assassino poude esconder-se no quarto vasio, seja **antes**, seja **depois** do crime, aguardando ali a hora propicia para operar ou para fugir. **Secundo** — não ignora que uma somma enorme desappareceu. O tabellião calcula em cento e cincoenta mil francos, o dinheiro que Mme. Plan, avarenta, não gastando nunca senão o estrictamente indispensavel devia ter enthesou-

rado e aferrolhado de ha mais de vinte e cinco annos a esta parte, dos seus rendimentos vitalicios.

E aqui cabe uma minucia, um ponto por assim dizer capital: Mme. Plan, desde antes da guerra tinha a mania de receber as suas rendas em ouro· Isto tambem lhe não diz nada? Não? Pois bem! A mim diz, e muito!

Sabe acaso o senhor d'Arbois quanto pesam cento e cincoenta mil francos? Calcule! Pesam perto de cincoenta kilogrammas. Pois este ouro desappareceu completamente... O senhor está attento ao que digo, não é verdade?

O assassino não se contentou só em retirar uma parte desse ouro. Não! Carregou com o dinheiro todo! Devia portanto ser vigoroso e atrevido, ao menos que...

— Ao menos que?... cortou Luciano.

— Vou dizel-o immediatamente, — respondeu impassivel Bernac. Como ia dizendo, voltei-me depois para si...

— Para mim? Hom'essa! Não comprehendo!

— Sim! Para si! Ora vejamos. Voltei ás primeiras suspeitas contra si, sobretudo ao que dizia respeito ao seu deposito no Banco. Concentrei-me bem nessa suspeita. Eu sei que o senhor d'Arbois pretende e teima em affirmar que foi feliz e ganhou na **poule que jogou na .Maison Laffite.**

Luciano interrompeu-o com modo violento:

— Como? Eu **pretendo** então?... Affirmo!...

— Não nos enfademos, — disse Bernac em tom paternal. Sim, já que se impacienta e quer saber o resultado eu apresso-me... Lá chegaremos... Está estabelecido, portanto, sem discussão, que o senhor d'Arbois poz quinhentos francos no cavallo **Pirello,** o qual ganhando a corrida rendeu dezoito contra um... Mas o senhor poderia, no intento de dar uma origem acceitavel a uma certa somma, arriscar em todo jogo dessa corrida, isto é, jogar em todos os cavallos que nella participavam.

Foi isso que fez. E teve todo o cuidado em não receber o bilhete premiado senão no dia seguinte, no intuito evidente de bem identificar o deposito de dinheiro feito no Banco, no dia seguinte. Todavia esta tactica chamou a minha attenção. Foi um indicio a mais contra si. Ninguem, nenhum jogador, mesmo o mais indifferente, deixa de verificar logo o seu jogo...

* * *

Pouco a pouco o tom de voz em que Bernac falava, tornou-se, aspero, cortante, brusco. E Luciano d'Arbois, á medida que elle falava, empallidecia. O detective proseguiu:

— Supponhamos por um instante — não é senão uma ligeira supposição — que o senhor é o culpado.

— Muito bem, supponhamos! — consentiu d'Arbois, vincando-se-lhe aos cantos da bocca uma contracção que lh'a torcia.

— Muito bem! Quando um rapaz intelligente como é o senhor d'Arbois, é culpado, reconhece Octavio Bernac, sob os disfarces do sr. Maubray, no proprio momento em que acabava de fazer a apologia — e com que accento! — dos "crimes mathematicos". Este rapaz diz logo com os seus botões: "commetti uma asneira tremenda! Eu falava de vestigio. de **falha.** Eil-a, a **falha,** que me diz respeito... Foi a intemperança da minha lingua... E agora, quando o crime fôr descoberto, seguramente este diabolico Bernac pensará em mim... E eu serei então perseguido e talvez preso".

E com effeito, foi perseguido. Mas isso já não constituiu para si a menor surpreza.

Não se desmanchou e disse comsigo: — "vou agora jogar a ultima cartada; vou propositadamente provocar as suas suspeitas. Saio de casa levando commigo, ostensivamente, um .cofre mal embrulhado, de forma que o seu faro o sinta, e levo-o para casa de minha noiva...

Seguramente procurará ver e saber o que elle tem dentro, e, assim, dum golpe, como não encontrará nelle nada que o interesse, apenas coisas insignificantes, bagatellas e, como por outro lado, não tenho em minha casa nada que me comprometta, logo me deixará em paz". Como se vê, foi muito bem imaginado e ainda melhor representado de fio a pavio.

Sómente o que tambem é muito bem feito e representado é o papel de Octavio Bernac, apparentando sempre uma grande convicção e disfarçando a proposito toda a sua desconfiança; vigiando-o **desageitadamente**, para o fazer com precisão; apparecer com grandes ares de duvida, inspeccionar o cofre lá em cima e, logo após, parecer dar-se por convencido, mostrando ficar **quite** com o mancebo que, dest'arte se convenceu ter-me enganado... Mais ainda: suspender tambem, mas só apparentemente, todo o trabalho e... continuar ao mesmo tempo attento ás obras, como cumpria ao bom vigilante... E foi assim que o laço ficou armado.

E foi então que o ingenuo commetteu a sua segunda falta — a mais grosseira e irreparavel...

O senhor d'Arbois fez mal em desprezar logo o seu adversario... E fez peor ainda, considerando-se ao abrigo de toda a suspeita, logo após ter jogado a primeira cartada...

Bernac frisou todas as syllabas das suas ultimas palavras.

Luciano, sem o interromper, olhava-o com uma fixidez enorme, acompanhando-o mentalmente, e dando pequenos signaes de impaciencia. Ao chegar a este ponto da exposição de Bernac, Luciano interrompeu-o:

— Mas, parece-me, senhor!...

Bernac acalmou de novo a impaciencia de Luciano.

— Não nos enfademos, senhor d'Arbois, que não vale a pena. Eu já vou terminar. Mas onde ia eu afinal? Ah! Sim! Como lhe disse ha instantes, havia um quarto vasio na casa onde foi commettido o crime... Eu vou resumir para não o impacientar mais... Como sabe, eu sou curioso por natureza, e por officio. E assim, não pude evitar estas reflexões: "Por que motivo — perguntei a mim mesmo — o meu homem, aguardando os acontecimentos e para não renunciar á presa integral, não terá achado um meio **elegante** de resolver o problema: — esconder a **bolada** ou uma parte do peculio da victima, para se não maçar a carregar duma só vez com o peso todo?...

Não no quarto de Mme. Plan — o que seria idiota — mas naquelle que está vasio. Quem sabe?

E, na verdade, foi excellente o palpite... Acertei! Tinha razão... Tratei então de esquadrinhar, procurei cautelosamente e, no forno da chaminé — pois vexo do de Mme. Plan — por signal que até lhe faltava a fechadura da porta que descobri no forro da chaminé — pois veja o sr. d'Arbois! — no forro da chaminé, descobri setenta mil francos em boa moeda de ouro antigo em luizes de vinte francos!...

— E depois? perguntou em voz rouca, arquejante Luciano pondo-se de pé, parecendo um animal apanhado na sua toca.

— Depois? — respondeu o imperturbavel Bernac, de maneira firme e categorica. O assassino da velhota, que, passados alguns dias se julgava ao abrigo de todas as suspeitas, facilitou e teve o arrojo de ir de novo ao numero 197 da rua Michel Ange visitar os quartos desoccupados.

Sob um futil pretexto mandou a porteira á rua fazer uns trocos de dinheiro e aproveitou o tempo para retirar ainda uma parte do seu roubo — apenas uns quinze mil francos que estão aqui, meu caro senhor d'Arbois, nesta gaveta...

Num movimento brusco, rapido, insensato, Luciano d'Arbois correu ao quarto vizinho fechando a porta a chave e correndo, por dentro, os ferrolhos.

Octavio Bernac que sabia bem guardadas todas as sahidas, nem se inquietou com esta inesperada reviravolta de Luciano — um jovem intelligente que jamais se desmandava nem perdia a linha de elegancia que tanto o distinguia.

— Um conselho, meu caro senhor d'Arbois, não se sirva da sua browning. E' ainda muito novo para morrer e eu não sou velho para ser morto. Não lucra nada com isso. Acalme-se e venha ouvir o resto...

Mas logo Luciano voltou a abrir a porta, reapparecendo livido, cambaleante e desarmado. Tinha um ar estranho. Balbuciou, olhando vagamente Bernac:

— Póde prender-me agora. Acabo de me envenenar. Tenho alento para dois minutos. Sómente um favor lhe peço... Diga a Huguette que succumbi em virtude da ruptura de um aneurisma. De resto, segundo declarações dos medicos, eu não tinha vida senão para mais seis mezes. Antecipo-me.

— Eu lh'o direi! vá descançado! — articulou Bernac gravemente.

E Luciano d'Arbois tombou desamparado no tapete...

A HONRA SALVA

François Copée

Faz uns trinta annos que os habitantes do pequeno bairro de Saint-Germain e mesmo a alta burguezia de Vaunes estavam de accordo em reconhecer que a senhorita de Saint-Avé era a moça mais bella da sociedade.

Todos faziam reparo na sua grande piedade, seus gestos nobres e caritativos e a devoção com que cuidava da velhice de seu nobre avô, o unico parente que lhe restava.

Orphã aos quatro annos de idade, Branca havia sido educada por seu avô, o barão de Saint-Avé que acabava de attingir os oitenta e dois annos. O venerando gentilhomem e a formosa donzella eram o maior orgulho da pequena cidade bretã. Cada vez que algum habitante mostrava as curiosidades da terra a um forasteiro, não deixava, nunca, de o conduzir até á rua dos Artifices para lhe fazer admirar a antiga mansão dos Saint-Avé, um solar do seculo XV, de tres andares, erguido sobre pilares brazonados e com figuras estranhas esculpidas nos angulos exteriores do telhado; depois, o provinciano ajuntava sempre orgulhosamente:

— Aqui é que mora a senhorita de Saint-Avé, a mais nobre e mais formosa dama da cidade!

A mais nobre? Era certo, porque a familia dos de Saint-Avé tinha a sua arvore genealogica datando de muitos seculos de existencia.

A mais bella? Tambem se póde dizer que era verdade. Quando chegava á igreja á hora da missa principal, pelo braço de seu digno avô, que era um ancião altivo e majestatico, a esbelta e orgulhosa dama de cabellos de oiro, gracil como uma Diana de Jean Goujou, ouvia-se sempre um murmurio de admiração entre os fieis, no templo.

Como, porém, a nobre moça era pobre, não tinha ainda encontrado quem a desposasse apesar dos seus vinte e cinco annos e quantos a pudessem ver mordendo os labios descorados quando ficava só, e pensava nisso, teriam ficado admirados da magua que transparecia em seus olhos negros...

* * *

Em outros tempos, quando o barão trouxera a mochila e esgrimira a arma de voluntario nos exercitos principescos, tinha a seu lado, como serviçal, ou, talvez melhor, como uma especie de escudeiro, um natural do paiz, chamado Loic Huelgoat, que nunca mais o abandonou desde então.

Envelhecido com seu amo, esse servidor, cuja fidelidade era tão solida como uma esculptura de Carnac, perfazia com duas criadas camponias todo o pessoal domestico da casa de Saint-Avé.

Ah! A vida na antiga casa era austera e insipida!

O velho barão e a joven neta viviam ali modestamente com a escassa renda de alguns terrenos explorados por naturaes do paiz. Ninguem visitava a casa, a não ser duas ou tres senhoras idosas e alguns padres tambem velhos.

Quando fazia bom tempo, davam um passeio por debaixo das arvores seculares que cobriam o porto.

Então o barão saudava gravemente algumas pessoas conhecidas, e a senhorita Saint-Avé distribuia varias moedas entre os grumetes enfarruscados e rôtos que sahiam ao encontro dos nobres com os pés nús e gretados da labuta rude do caes e dos serviços de bordo.

Quando chovia, porém, dois ou mais dias seguidos, tinham que se conservar em casa, e emquanto o barão de Saint-Avé, junto do fogão crepitante, acceso tanto de inverno como de verão, no salão humido, dormitava sobre a "Gazeta de França", a senhorita Branca entretinha o seu aborrecimento fazendo rendas de bilro.

E os dias passavam-se assim, monotonos, sem qualqur acontecimento anormal; as horas de chumbo cahiam contadas lugubremente pelo grande relogio da matriz vetusta, e o silencio dominador pisava sobre toda a triste cidade morta, cortado unicamente pelo ruido de algum par de sócos sobre o calçamento das ruas.

Loic Huelgoat, o velho e dedicado servidor do barão, era viuvo e tinha um unico filho, Sulpicio, de que o sr. Saint-Avé e a senhorita Branca tinham sido padrinhos na pia baptismal e que agora, ao completar seus dezoito annos, acabava de deixar o pequeno seminario da cidade.

Quando mais moço, Sulpicio acompanhava a senhorita Sanit-Avé em suas raras visitas de cortezia e nas suas constantes peregrinações pelas casas pobres, como uma especie de pagem, conduzindo debaixo do braço grandes cestos com provisões; e por isso nunca ninguem se admirava agora de que nos domingos, quando o velho barão, já se sentindo com pouca saude, mandasse a neta á igreja acompanhada por aquelle adolescente forte e bello porém modestamente trajado.

— E' o filho do velho Loic — cochichavam as devotas entre si, á entrada do par familiar da missa dominical.

— Está estudando para padre — continuavam murmurando as beatas.

O gentilhomem quizera assim demonstrar o seu reconhecimento pelos longos annos de devotamento de seu antigo servidor.

Sulpicio tinha, portanto, feito demorados estudos custeados pelo barão de Saint-Avé; quando, porém, chegou a occasião de se ordenar, o mancebo declarou que não sentia nenhuma inclinação para o sacerdocio. Foi uma grande decepção, um verdadeiro desgosto para o sr. de Saint-Avé e para o velho Loic Huelgoat.

O pobre homem fez o filho comparecer solennemente perante o nobre senhor que, accommodado no fundo de sua velha poltrona, lhe prégou um longo, ponderoso sermão e o esteve aconselhando pelo espaço de mais de duas horas; Sulpicio, porém, sem desattender ao reconhecimento e respeito que devia ao seu protector, foi persistente e decisivo no seu proposito, renunciando á idéa de professar.

Tiveram os dois velhos de render-se á vontade firme do moço, que afinal demonstrava escrupulos de todo louvaveis nas considerações que fizera, e procuraram-lhe uma collocação como escrevente no unico cartorio da cidade.

Todos os domingos Sulpicio ia jantar na velha mansão da rua dos Artifices, e assentava-se naquella mesa patriarchal onde seu pae era tambem recebido como excepcional deferencia da familia, e á noite o afilhado lia sempre algumas paginas para distrair o barão de Saint-Avé e a senhorita sua neta.

O velho fidalgo não tardava em adormecer, e o joven Sulpicio, á luz da grande lampada de metal lavrado, continuava lendo em voz bastante alta para sobrepujar o barulho dos bilros da renda que a senhorita Saint-Avé, sentada do outro lado da mesa, não cessava de mover entre seus ageis dedos de fada.

Por fim, a nobre donzella dilhe com voz doce e grave:

— Basta por hoje, Sulpicio; deves estar cansado, já.

E elle permanecia ali, quieto, sem dizer uma palavra, todo perturbado ao encontrar-se naquella sombra, naquelle silencio, diante de sua formosa e jovem madrinha, admirando-lhe o rico e puro corpinho, os doirados cabellos crespos, aos quaes a luz da grande lampada emprestava milhares de reflexos, as brancas mãos de marfim que se agitavam continuamente sobre a almofada crivada de alfinetes.

Sulpicio sentia o coração bater desordenadamente e baixava os

olhos quando ella erguia os della até elle.

Porque elle a desejava com todo o ardor dos seus fortes dezoito annos. E' que Sulpicio havia lido tantas e tantas novellas passionaes durante a sua permanencia no seminario, que ainda agora, na pobre agua-furtada que em casa do notario lhe fôra dada como quarto, passava noites em claro, lendo o formidavel livro de Stendhal "Le rouge et le noir".

Ousava pensar nella, elle, o menino educado por caridade; elle, o filho de um criado! Tinha sonhado dar fórma a esse pensamento impossivel! Tinha retido em sua imaginação esse sonho monstruoso e vivia constantemente com essa idéa no cerebro, com uma obsessão que até lhe fazia escrever distraidamente o nome da senhorita Saint-Avé no decorrer de uma acta, por sobre as pautas do papel timbrado do cartorio!

E era um execravel desejo sem ternura, que se irritava e se exaltava cada dia, cada hora, cada minuto mais em seus sentidos e em sua imaginação, o que proporcionava a Sulpicio horas de raiva, nessas horas em que pensava em sua linda madrinha como num feio crime...

* * *

Uma certa noite de primavera em que, conforme seu costume, o barão de Saint-Avé dormia profundamente, submerso na sua ampla poltrona abbacial, a senhorita Branca dissera a Sulpicio que interrompesse a leitura, e o joven, que nunca sentira tão vivo, forte, causticante o seu desejo como naquella hora, não baixou os olhos quando a senhorita sua madrinha, deixando um momento de mover os pequenos e diligentes bilros magicos, levantou repentinamente o olhar para elle.

Ella tambem não desviou os olhos, e o mancebo empallideceu como um espectro quando viu que o olhar de Branca Saint-Avé se cruzava ardentemente com o seu.

Foi para Sulpicio um momento de emoção intensissima, allucinante!

Num apice interpretou todo o tedio que o viver da provincia e o proprio celibato causavam naquella mulher tão orgulhosa, e comprehendeu que, se usasse de audacia, a senhorita de Saint-Avé seria sua.

Ergue-se bruscamente, caminhou para ella e antes que Branca pudesse acabar de dizer: "Sulpicio, o que vae fazer?!", abraçou-a furiosamente e, a dois passos do avô Saint-Avé adormecido, fechou a boca de sua madrinha com um beijo ardente!

* * *

Foram vergonhosos, miseraveis e horriveis os amores de Sulpicio Huelgoat e de Branca Saint-Avé.

Elle se introduzia em casa durante a noite, caminhando a medo na treva como um ladrão, do lado da sombra, quando ia claro o luar; occultando-se nos humbraes das portas quando ouvia passos de algum tresnoitado.

Que redobrada precaução cada vez que rodeava a velha mansão dos Saint-Avé!

Tinha uma chave, sempre cautelosamente azeitada, e penetrava na casa tacteando os degráos com uma das mãos, levando na outra os sapatos. Ganhava o primeiro lance da velha escadaria em trevas, retendo a respiração que procurava soffrear, o que a emoção crescente tornava quasi imposivel, por isso que lhe subiam ao peito ao mesmo tempo suspiros de pavor. Em cima, a mão da senhorita Saint-Avé apertava a sua e guiava-o, subindo com elle, enlaçados, docemente, confundidos na treva e na ardencia com que se procuravam. Depois... era uma hora de voluptuosidade e de angustia, de paixão, desenfreio, e o horror das caricias que o mais subtil ruido interrompia.

E os criminosos amantes se entreolhavam cheios do horror de tudo e de si mesmos!

Miseraveis amorosos que o proprio offegar dos peitos apavorava e a que o bater dos corações punha arrepios de medo!

Ah! um castigo singular como que timbrava, entre as caricias abrasadas, em lembrar a ignominia desses amores, impedindo até a troca das inflammadas juras, que são como que a musica embaladora das paixões febris!

A verdade é que elles não se amavam. Sulpicio, como a senhorita Saint-Avé cedera unicamente aos sentidos, e, por covardia, por vergonha de se reconhecerem tão avultados, cada um e ambos tentavam illudir-se, illudindo! Cada um procurava acreditar no seu cumplice uma paixão verdadeira, desculpando-se de não ser sincero o amor que os reunia cada noite.

E quando separados sentiam-se empolgados pelo horror de seu crime commum que lhes feria os corações — Sulpicio pensando em que deshonrava o seu bemfeitor, Branca de Saint-Avé em que manchava o solar de seus maiores — experimentavam os mais desencontrados e dolorosos sentimentos!

— Se fossemos surprehendidos, — disse-lhe ella, uma noite, ao ouvido, toda tremula, assustada...

— Tenho tambem pensado já nisso, replicou Sulpicio, com voz serena e tranquillizadora. Sei um meio de resolver tudo... Mas, se assim fôr, será horrivel...

E elle recommendou á senhorita que habituasse a gente da casa a ver sobre a mesa de sua cabeceira uma faca qualquer, e que podia ser um certo punhal malaio da panoplia avoenga que o velho Loic conservara com zelo sempre, preservando-o da acção do tempo. A presença do punhal podia ser justificada pela sua utilização como um corta-papel,, para abrir paginas de um livro que recommendou nunca faltasse á cabeceira de Branca...

Ella cuidou que seu amante queria que se matassem os dois,

no caso de serem surprehendidos, e, desgostosa como estava de tudo, obedeceu-lhe e fingia esquecer de guardar a arma que passou a ficar no seu quarto todas as noites...

* * *

Succedeu o que devia succeder... Uma noite, ao entrar para o quarto de Branca Saint-Avé, Sulpicio deu um passo em falso e cahiu, arrastando na quéda uma pesada cadeira de couro, tacheada de cobre e alto espaldar senhorial. Fez um rumor alarmante dentro da noite.

— Estamos perdidos — murmurou Branca num estertor, quasi.

Já a casa toda se enchia de alaridos emquanto a senhorita estrangulava na garganta o seu pavor.

Rapidamente, Branca de Saint-Avé correu a cortina da janella e o luar banhou o quarto, deixando ver Sulpicio empunhando o punhal malaio.

— Vamos nos matar, não é verdade? — gritou-lhe Branca, quasi com alegria, como vendo nisso o unico gesto salvador.

— Não — respondeu-lhe elle em voz alta, dominadora — é preciso que morra eu só!

Mas, nesse momento, Branca ouviu a voz do avô Saint-Avé que viera lá do seu quarto, situado exactamente debaixo do seu. O barão chamava no escuro: "Loic! Loic! A mim, Loic! Ouço uma voz de homem no quarto de minha neta! Anda, anda, Loic, e traze o teu fuzil!"

E a voz do velho Saint-Avé, concluiu:

— Em minha casa acontece uma desgraça ou uma infamia!

Então, Sulpicio agarrou Branca por um braço, falou-lhe, rosto a rosto, peremptoriamente:

— Sou um grande culpado, mas, ao menos, posso salvar a sua honra e a de seu avô!

Quando o barão de Saint-Avé entrar aqui, estarei morto. Dirá que eu entrei para violental-a e que me matou em defesa propria.

E Sulpicio, cravando o punhal no coração, cahiu pesadamente, de bruços. Era tempo. O velho barão abriu a porta e appareceu no humbral, com os longos cabellos brancos alvorotados, uma lanterna empunhada á altura dos olhos, na mão direita uma pistola. Tinha uma expressão inconfundivel de decisão fatal. Loic acompanhava-o, tambem armado e com um ar que ninguem conhecia naquella physionomia repousada de pobre velho.

Ao reconhecer Sulpicio no vulto estendido no chão, no tapete embebido de sangue, cahiu de joelhos, estupefacto, sem comprehender.

Branca de Sain-Avé, que tombava meio desfallecida aos pés do leito, recordou-se então das ultimas palavras de Sulpicio e, ao olhar interrogador de seu avô, apontou o corpo do desgraçado amante e murmurou com as ultimas forças que lhe restavam:

— ... Penetrou aqui, bruscamente, para ultrajar-me... lutei... defendi-me... e matei-o".

O velho gentilhomem teve um grito barbaro, de alegria; todo tremulo, deixou cahir a arma que trouvera, e ainda com a lanterna na mão, correu para Branca e estreitou-a contra o peito, onde a moça occultou o rosto, cheio ainda do horror dos acontecimentos.

— E's uma verdadeira Saint-Avé, — disse o barão. Obrigado, minha querida Branca!

Foi quando ouviram romper no aposento um tão doloroso soluço que Branca levantou a cabeça e o barão estremeceu. Viram então o velho Loic ajoelhado junto ao cadaver de Sulpicio, estendendo as mãos ao velho e á neta numa supplica lancinante, e que quando se viu attendido exclamou:

— Perdão, senhorita!

A honra dos Saint-Avé estava salva!

* * *

Loic Huelgoat morreu de desgosto antes de um mez, e o velho barão de Saint-Avé não resistiu por muitos dias á rudeza das emoções que lhe causaram as peripecias que precederam o triumpho de sua neta, absolvida pelos juizes do tribunal a que compareceu e cujo veredictum foi saudado por exclamações de jubilo de toda a população apinhada nas immediações do palacio do Jury.

* * *

Branca de Saint-Avé tem-se conservado solteira, e entretanto os habitantes da cidade continuam levando os forasteiros até á frente da antiga casa da rua dos Artifices, referindo:

— Ahi é que mora a famosa senhorita de Saint-Avé, que foi em sua mocidade a mais formosa donzella da cidade e que matou o filho de um velho servidor de sua familia que pretendeu ultrajal-a. Soffre agora uma enfermidade do coração, desde que, pela sua honra, teve o grande gesto. Pobre e digna fidalga! Diz-se que talvez não resista ao inverno. E' uma pena, não é verdade? A morte vae levar-nos uma mulher extraordinaria, cujas virtudes todos cultuamos, como um exemplo e como um orgulho de nossa terra!

O Testemunho a força

Lucien Descaves

O rapido que parte da gare de Lyon ás nove e um quarto, levava, aquella noite, pouca gente. Começava-se a voltar de Nice em muito maior numero do que para lá se ia.

Não havia a animação habitual na estação, ao longo dos vagões-leito, vastos appartamentos ambulantes esperando locatarios para uma noite. Alguns cavalheiros fumavam; tres ou quatro familias estrangeiras installavam-se commodamente, soberanamente; os carregadores levando a bagagem nas mãos ou nos hombros, precediam o viajante que desejava reservar-se um canto; um empregado offerecia cobertas e travesseiros empilhados em um carrinho de mão; uma vendedora de jornaes, sem freguezia, estava lá para desencargo de consciencia.

Não se via, em redor das pessoas que se iam, essa affluencia de parentes e amigos, notavel em certas épocas do anno.

Uma velha senhora, corpulenta e incommodada pela asthma, avançava, apoiada ao braço de um homem de uns trinta annos, que não parecia dever acompanhal-a além de seu vagão.

Mostrava-se para ella cheio de affectuosas attenções, diminuindo o passo quando ella respirava com difficuldade e comprazendo-a em tudo.

— Não te afflijas, mamãe! Asseguro-te que irás bem guardada.

— Oh, sei que estou me tornando fastidiosa...

— Mas, não. Tu desejas ser tranquillisada e eu o comprehendo, tanto mais que partilharia tua inquietação se te deixasse.

— Não quero ir para o carro só de senhoras, absolutamente.

— Arriscarias a ficar sosinha, com effeito, o que é preciso evitar.

— Nem para o dos fumantes, bem entendido.

— E se for possivel, onde não haja creanças, pois ellas te impediriam de dormir, se não dormissem.

— Estás gracejando.

— De modo algum. Nunca se tornam sufficientes medidas de cautela, nos tempos que correm.

— E a audacia dos criminosos, dando-se o caso. Em quem se fiar?

— Em mim, querida mamãe. Se minhas occupações me permittissem uma ausencia de alguns dias, eu os teria consagrado a ti, com alegria. Além disso não estou livre, mas espero ainda que minha tia exaggere a gravidade de seu estado, chamando-te immediatamente para perto della e que teu afastamento seja por pouco tempo.

Detiveram-se em frente ao vagão do meio e o bom filho:

— Lá... Vou á procura. Espera-me.

E saltando no estribo, entrou no corredor de accesso aos compartimentos e explorou-os um após outro.

Quando voltou para perto de sua mãe:

— Arranjei teu negocio, disse alegremente. Imagina que viajarás com... adivinha? Com dois recem-casados! O mais a lamentar dos tres, não és tu. E' provavel que irás estorval-os um pouco ou mesmo muito. Mas poderás fingir que dormes.

A mãe não acolheu, a principio, esta proposição com grande enthusiasmo.

— Recem-casados? Como sabes? E' pura supposição de tua parte.

— Sim. Quando passei por seus compartimentos, estavam ternamente enlaçados. Mas suas effusões não são, em summa, preferiveis á correcção de um quidam que poria uma mascara logo que te percebesse dormindo? Com elles ao menos estarás advertida.

— Sim, é verdade, mas eu tenho escrupulos de perturbar...

— Ora, vamos! Permitte-me ser egoista e de olhar antes de tudo pela tua tranquillidade e para a minha.

Ella não hesitou mais. Elle ajudou-a a subir no vagão e conduziu-a para o compartimento escolhido, no fim do corredor, perto da porta.

Os jovens não occupavam senão dois logares, perto da porta, mas no natural e costumeiro desejo de fazer suppor que os outros estavam tomados, tinham estendido em frente delles uma valise, um sacco, um cobertor e um indicador.

A intrusa, para chegar ao canto opposto, excusou-se de interromper o par, que, ao ruido, se separou e, sem embaraço nem impaciencia, continuou a conversar em voz baixa; emquanto mãe e filho trocavam entre si algumas palavras antes de se deixarem.

— Se tu fores importuna para elles, sabes o que receio, mamãe? E' que elles abandonem este compartimento por um outro. Não perceberiam absolutamente a contrariedade que teriamos.

Mas os dois namorados, absortos na sua fascinação, não pensavam de modo algum em se pôrem á procura de outra solidão. Os empregados fechavam as portinholas; o filho e a mãe abraçaram-se uma ultima vez e se separaram emfim.

* * *

Um apito. O trem partiu

A velha senhora reparava ás furtadellas, os dois companheiros de viagem aos quaes sua presença era manifestamente indifferente.

Elle, grande, robusto, muito moreno, apparentava uns vinte e oito annos e o ar de um official á paisana, cabellos á escovinha e o olhar firme. Ella, ao contrario, pequena, fragil, branca e loura, devia ter dezeseis ou dezesete annos; mas o brilho febril de seus olhos azues e uma

certa desordem estampada nos traços finos, por outros sentimentos além da impaciencia da felicidade, faziam-na parecer mais idosa.

Viagem de nupcias? Provavelmente. Não era esse o caminho da Côte d'Azur e da Italia, Florença, Veneza, Napoles... retiros de amor estabelecidos pelo uso...

Quarenta annos antes a velha dama de hoje, tinha tambem feito esta peregrinação...; e, olhos semi-fechados, lembrava-se e dizia para comsigo mesmo:

"Ainda se vae para ahi!... Como são sympathicos. Fazem mal em se incommodarem por minha causa! Não deveria ter ouvido a Henrique: o malfeitor, sou eu que me intrometti nos seus sonhos... Portanto, não posso encorajal-os melhor que fechando os olhos e esquecendo que estou aqui! Elles me maldizem e têm razão de sobra, coitados..."

Cochichavam, é verdade, após terem olhado furtivamente sua visinha; mas nada em sua attitude indicava intenções de represalia.

Em Laroche o trem parou cinco minutos.

Elles levantaram-se e sahiram juntos no corredor, onde proseguiram, em pé, a conversação, quando o rapido recomeçou a viagem.

"E' para me dar tempo de dormir, pensou a perseguidora. Ah! vou lhes conceder de boa vontade essa satisfação. Que tenho a temer desses pombinhos?

E começou a cochilar, quando elles entraram e tomaram disposições para a noite. Elle fechou a porta cuidadosamente e correu as cortinas, emquanto sua companheira, encolhida a um canto, estendia em seus joelhos o cobertor desdobrado.

"Vamos, chegou o momento de pol-os á vontade"...

E a velha senhora elevando um pouco a voz e fingindo acordar, disse:

— O senhor póde ter a bondade de correr a cortina por essa lampada incommodativa... pelos menos do meu lado? Infelizmente não tenho geito para fazel-o por mim mesmo. Peço-lhe desculpa...

Elle saudou cortezmente; mas em vez de cumprir o desejo da velha senhora, assentou-se deante della e respondeu:

— Sou eu... somos nós, minha senhora, que vamos justamente lhe pedir perdão, na mais rigorosa accepção dessa formula de polidez, pois o acaso a trouxe para desempenhar, na nossa vida, um papel de que nós de boa vontade quereriamos poupar-lhe as attribulações...

— Não comprehendo.

— Preste-me alguns instantes de attenção, madame, e comprehenderá. Somos, a senhorita que me acompanha, e eu o que parecemos ser: recemcasados; mas nossa viagem de nupcias é singular: é que partimos com a certeza de não chegar... vivos, ao destino.

* * *

Falava tão seriamente que sua confidente, um pouco desconcertada por este preambulo, esperou a continuação para tomar uma attitude.

Elle continuou:

— Permitta primeiro que nos apresentemos. Chamo-me Fernand Bressier. Sou segundo tenente da Marinha em Toulon e torno a voltar para meu posto.

Mlle. Alice Gueret é a filha do grande manufactureiro Gueret. Encontrei-a no inverno passado, em casa de amigos communs. Amámo-nos... Obtive licença para pedir sua mão a seus paes. Recusaram. Sou pobre, ella rica. Minha licença expira amanhã de manhã... Poderiamos fugir e impor como condição de nossa volta, o consentimento dos paes de Alice para o nosso casamento. Esta chantage é-nos odiosa. Mais vale partirmos juntos para o paiz de onde não se volta mais. Eis, pois, minha senhora, o serviço que exigimos de si... um pouco despoticamente, sem duvida, mas não obedecemos a circumstancias por si imperiosas?...

"Estarei lidando com um louco?" perguntava-se surpresa a velha senhora escutando admirada essa fala. E, para se convencer, olhava para a moça, que com os olhos faiscantes, apoiava com um movimento de cabeça, a declaração do marido... ou amante.

No emtanto era preciso responder alguma coisa...

— Não percebo bem, disse a dama, que papel poderei cumprir nesse pequeno romance de que tão bem expoz o assumpto. Em todo caso declino....

O official interrompeu-a:

— Teremos pois, madame, o pesar de passar por sobre sua resistencia.

— Sim, o pesar... corroborou a moça, cujos olhares brilhavam num rosto doloroso.

O outro continuou:

— Pensamos no suicidio certificado por uma carta que seria encontrada perto de nós. Mas precedentes desagradaveis dissuadiram-me de recorrer a este meio.

De dois amantes decididos a morrer juntos, acontece com effeito, que um mata o outro, e se pouca em seguida, o que é ridiculo e se presta ás peores supposições.

Como não se sabe nunca, por falta de testemunhas, o que se passou exactamente, o sobrevivente, por melhor que seja sua boa fé, parece annunciar um projecto de que não executou senão a metade.

Emquanto que uma deposição sincera e real, como será a sua, madame, mostrará as coisas como ellas se deram, se a mais insigne inepcia, trahir nossas intenções.

Desta vez a velha julgou comprehender e conservando todo o sangue frio, disse sorrindo:

— Vocês dois são muito espirituosos e eu mereço a pequena licção que me dão. Convenho de facto, que um terceiro deve, esta noite, parecer-lhe incommodo; como não quero ser por mais tempo um desmancha-prazeres, tenha a bondade de me ajudar a passar para um compartimento visinho, e eu os abandonarei de bom grado neste, onde me introduzi indiscretamente.

Os dois conjuges olharam-se em silencio, depois a moça, de seu logar, e sempre polidamente, disse:

— A senhora se engana acerca do caracter de nossa confidencia. Se preferimos este vagão a um quarto de hotel, é justamente por causa da facilidade de controle que nos offerecia a presença de uma testemunha. Mais uma vez, sentimos muito sacrificar sua tranquillidade em nosso proveito; mas nos é realmente impossivel proceder de outro modo.

Minha fuga já está notada... Quem sabe se em Dijon, o commissario não está avisado de nossa passagem... Não temos mais tempo a perder.

Ella curvou-se para a frente, pegou no sacco de viagem e abrindo-o tirou um revolver, uma pequena arma brilhante que depoz no regaço.

Logo a velha senhora mudou de tom.

— Acabemos, peço-lhes. A brincadeira prolongando-se tornar-se-ia de mau gosto. Verei, chegando em Dijon, o que devo fazer.

O official levantou-se e inclinou-se:

— Desculpe, minha senhora, ter-lhe inflingido explicações um pouco longas, mas o acto que vae se seguir tornou-as indispensaveis.

Convencida de que não estavam gracejando, a velha dama não respondeu; mas o revolver nas mãos da outra, seu ar estranho, a polidez mascarada de ironia dos dois mystificadores, começavam a inquietal-a. "São, talvez, loucos, pensou; tão perigosos quanto malfeitores. Em Dijon procurarei outro compartimento. Assim mesmo, se continuarem a divagar..."

Mediu com a vista a distancia que a separava da campainha de alarme. Para a attingir não tinha que dar senão um passo. Mas sem duvida não teria que chegar a este extremo...

Os dois jovens, sentados frente a frente reencetaram a conversação e pareciam não se occuparem de outra coisa.

— E' bem isto, pensou ella. Quizeram divertir-se á minha custa; mas comprehenderam a inconveniencia da brincadeira para com uma pessoa de minha idade e terei socego agora.

* * *

Consultou o relogio. Breve chegar-se-ia em Dijon. Afastou lateralmente a cortina; o trem corria através um descampado semeado de raras luzes; de vez em quando luzia uma pequena estação de sentinella ao longo da estrada e guardando uma aldeia que se estendia mais ao longe, na sombra, como um campo disposto em redor da bandeira na sua orla negra: o campanario....

De repente, o ruido apagado de uma detonação lhe fez crer que acabavam de atirar, atrás della.

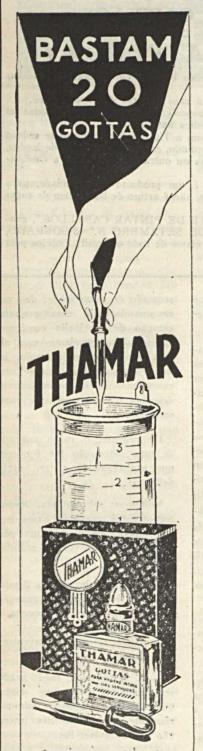
Voltou-se sobresaltada, levantou-se e foi jogada no banco por um balanço. A moça loura não se movera, ficara com os grandes olhos abertos...

Mas o corpinho estava desalinhado, o braço sobre o coração e ainda segurava a pequena e mortifera arma.

O official retirou-se suavemente e depois:

— E' testemunha, mau grado seu, madame, disse, que minha querida Alice matou-se voluntariamente e que não tive intenção de sobreviver-lhe.

E dirigindo o revolver contra o peito puxou o gatilho.

Vencendo o estupor, a velha senhora, louca de terror, conseguiu puxar a campainha de alarme! O trem correu ainda uma centena de metros e parou em pleno campo...

A Intransigente

René Boylesve

A sra. de Varennes, acompanhava o filho á estação do Norte, depois de uma estada de tres mezes no hospital, e uma longa licença de convalescença concedida ao moço capitão para que se refizesse de uma ferida grave.

José estava agora de perfeita saude, e, entretanto, ia-se embora com menos enthusiasmo que das outras vezes. Dir-se-ia que, durante aquelle semestre vivido em Paris, tinha recebido alguma ferida secreta que pudesse passar inadvertida a todo mundo, menos á sua mãe.

Esta suspeitava alguma coisa sem saber o que pudesse ser, porque José era em tudo, e especialmente nos seus assumptos intimos, de uma discreção de sepultura.

E por isso, porque o sabia entristecido, e dissimulando a sua tristeza, a sra. de Varennes soffria duplamente com aquella partida.

Na "gare" da estação amontoava-se uma porção de officiaes e soldados, que haviam chegado sem pressa, com essa estoica resignação do militar, que faz tremer a quem a sabe comprehender.

A mãe e o filho tinham chegado muito cedo e passeavam tranquillamente. Elle olhando a ver se descobria algum companheiro. Ella, pendente do rosto do seu José.

Mas, alguma coisa que chamou a attenção, pela expressão dolorosa do rosto, a attitude de infinito desespero, que demonstrava.

Era uma joven loura, muito linda, vestida com simplicidade mas com gosto. Desde muito tempo que a sra. de Varennes a estava vendo, no mesmo logar, perto do escriptorio das bagagens.

E em qualquer momento que a senhora olhasse, encontrava sempre aquelles olhos, aos quaes a magua emprestava um encanto singular.

A sua primeira idéa foi a de dizer "aquillo" ao filho, mas logo raciocinou e os seus ciumes de mãe lho impediram. Sem saber por que, imaginou que aquella mulher bella e triste estava ali

por causa delle, e a persistencia dos olhares confirmava o que ella suppunha.

A unica coisa que a enchia de assombro era que seu filho não olhasse nunca. E estava certa disso, porque o vigiava incessantemente.

— Se eu aqui não estivesse — pensou ella, talvez já se houvessem reunido.

Sabia que José era de uma correcção impeccavel, e que era incapaz de abandonar sua mãe para se approximar da mulher que amava. Mas, que nem sequer fizesse um signal áquella infeliz, era o cumulo do dissimulo.

Pretextando que ia comprar um jornal, ou uma revista qualquer, afastou-se. O capitão, porém, foi com ella, sem sahir do seu lado, e pagou o "magazine" que ella escolheu ao acaso.

Então, a mãe falou:

— José... Ali adiante está uma moça linda que, me parece, não tira de ti os olhos.

Viu que o rosto do filho se punha vermelho, com esse rubor da adolescencia um pouco timida.

Ella tinha dito "ali adiante", sem precisar o logar, e os olhos do capitão tinham se dirigido immediatamente para a moça, mas apenas um segundo.

— Ora! — responde elle encolhendo os hombros. Bobagens, mamãe!

E tinha começado a caminhar de novo pela "gare".

A hora da partida approximou-se.

A sra. de Varennes unia ao drama do seu proprio coração, aquelle outro drama que ella imaginava por detraz dos humildes olhos azues, de expressão inolvidavel e tragica.

O capitão abraçou bruscamente sua mãe, dizendo:

— Adeus, mamãe... Tem coragem.

— Filho, meu querido!... Meu filho!

O capitão afastou-se. Ella seguiu-o com os olhos. José passou junto á moça, que agitou dissimuladamente um lenço. Mas, o capitão nem sequer se voltou.

E, então, a anciã começou a chorar, não sabendo se a sua dor era unicamente pessoal, ou se chorava, tambem, pela pena daquella moça, em quem havia adivinhado amor por José.

Quando acabou de enxugar os olhos, a joven tinha desapparecido.

* * *

Alguns mezes mais tarde, a sra. de Varennes, ao experimentar um par de luvas em um commerciante da rua Daunon, foi attendida por uma empregada a quem não havia visto nunca, e perguntou-lhe:

— A senhorita é nova aqui na casa, não é?

— Sou sim, minha senhora. Estava empregada em uma outra casa, mas como adoeci, procuraram-me substituta.

— E'... Ainda está muito pallida, minha filha. E' preciso tratar-se. Na sua idade são perigosos os descuidos, por causa das recahidas...

E indicou á vendedora um remedio que ella considerava excellente contra as consequencias da grippe, bronchite, etc.

Por que se enternecia perante a sorte daquella pequena que lhe experimentava as luvas com uma delicadeza digna de ser tomada em consideração?... Era por ser bôa vendedora? Não o poderia dizer. Encontrava-lhe parecenças com uma pessoa de quem não conseguia recordar-se.

E admirou-se de que, ao sahir da loja, ainda perguntasse a si propria, insistisse em se recordar onde havia visto aquella pequena, de distincto aspecto e rosto pouco commum.

Essa idéa obsessionou-a tanto, que voltou á rua Daunon com o pretexto de que uma das luvas estava descozida. Esse dia, sentia-se mal, inquieta, porque o filho, o moço capitão José, estava no Somme. Havia dois correios que não lhe chegava á mão carta delle, e ella confiava as suas maguas á primeira pessoa que se lhe apresentava:

Quando se lhe approximou uma vendedora, fez-lhe saber que queria que a attendesse a mesma que a havia attendido da outra vez.

— Como se chama a senhorita? — perguntou á caixeira, quando esta se lhe approximou.

— Joanna, minha senhora.

— E como está da sua saude?... Parece que está hoje com melhor cara... Comprehenderá certamente que eu não vim aqui hoje só por causa das luvas. O que mais fez que eu viesse aqui foi o interesse pela sua saude. A senhorita interessa-me muito...

— A senhora é muito bôa, estou vendo. Quando o espirito está alegre, tudo caminha bem.

— A quem a senhora o está dizendo! Eu sou agora a que está dizendo! Eu sou agora a que está passando mal... Tenho o meu unico filho no Somme, e ha dez dias que não recebo noticias delle.

Joanna, discreta, continuava a calçar-lhe suavemente as luvas, com cara de caso... Quantas clientes se lhe queixavam da mesma coisa!

Entretanto, olhou a anciã attentamente..

— No Somme? — perguntou por fim.

— Sim... E' capitão... Ha dez dias, senhorita, que eu não recebo noticias! Não sei como não tenho morrido de angustia...

E a sua mão tremia entre as de Joanna. Subito, esta se poz tambem a tremer... Acabava de reconhecer a mãe de seu adorado. Por ella, o capitão José, tão apaixonado, tão carinhoso, se tinha mostrado tão cruelmente indifferente na estação. E o homem que durante varios mezes sómente parecia viver para aquelle amor, nem sequer a havia olhado ao partir para a "frente".

Um sentimento mixto de rancor e de lastima, despertava no peito de Joanna, unindo-se ao esquisito da sua situação perante aquella mãe.

As cartas do capitão, explicada a attitude que adoptara na estação, estavam cheias de louca ternura, e aquella mesma manhã Joanna tinha recebido uma, apaixonadissima.

Deixar soffrer aquella pobre mãe, quando com uma palavra podia consolal-a! Isto a transtornava a tal ponto que a sra. de Varennes notando a perturbação della, a olhou bem... E, de repente, reconheceu nella a joven afflicta que tinha visto na estação do Norte.

Joanna corou, mas, continuou cumprindo a sua missão de vendedora. Embrulhou as luvas e acompanhou a cliente até á porta. Ahi, qualquer coisa mais forte que ella a impelliu a dizer:

— Em breve terá noticias, minha senhora.

A anciã tremia de emoção, e apenas poude balbuciar:

— De quando datam as suas?

— As ultimas, desta manhã. Bôas, muito boas, minha senhora.

A vendedora recebeu um olhar e um "adeus, senhorita", como nunca o havia recebido em sua vida.

No auto que a levava para sua casa, a sra. de Varennes reflexionou sobre o raro e incorrecto daquella cumplicidade, perguntando a si propria se o seu adeus carinhoso estava de acordo com as conveniencias.

E ao ler a carta de Joanna, affirmou-se nella a idéa de que aquillo estava fóra dos limites da decencia.

Necessitando outro par de luvas, hesitou em ir á rua Daunon, reparando em que a sua hesitação vinha não tanto do temor de se ver em contacto com a querida do seu filho, como do desejo immoderado de a tornar a ver.

Sahiu resolvida a não entrar na luvaria, mas um impulso invencivel a levou até ali.

Como na casa sabiam que ella só desejava ser attendida por Joanna, fizeram-na esperar um momento até que a vendedora ficou livre. Então, a caixeira approximou-se com a caixa das luvas.

— Como de costume, minha senhora?

A sra. de Varennes começou a experimentar luvas sobre luvas, e não se informou da saude de Joanna, cuja cara, entretanto, estava muito pallida e triste.

As duas mulheres não diziam nada. Deixavam falar os seus corações.

Quando Joanna embrulhou as luvas, a anciã olhou-a, e perguntou inquieta:

— Teve más noticias, senhorita?

— Nem bôas nem más, minha senhora — respondeu a moça com voz que denotava uma funda pena.

— Recebo-as com regularidade, eu, senhorita — disse a mãe do capitão José. Posso dizer-lhe que são boas, muito boas.

As faces da vendedora coloriram-se um pouco.

— Eu já me tranquillizara, quando a vi, minha senhora, — disse ella.

— Coitada! Alegre-se, minha filha!

— Oh! Minha senhora... Para mim acabou-se tudo... Já sei o que é... Como não tenho segredos, contei-lhe tudo.

— Tudo?! Que, pobre menina!

— Que a senhora vinha por aqui... as noticias que davamos uma á outra para nos tranquillizarmos... E isso lhe pareceu tão mal que não voltou a escrever-me.

Joanna tinha os olhos cheios de lagrimas. E, como a chamassem para attender a outra cliente, a anciã despediu-se com um banal "adeus, senhorita". Uma vez no passeio, examinando finamente o assumpto, comprehendeu que seu filho tinha razão.

* * *

A sra. de Varennes conteve longo tempo os impulsos do seu coração e até fez uma pequena traição á luvaria da rua Daunon, comprando um par de luvas em outra parte. Mas, os acontecimentos da guerra fulminaram-na, e um dia teve que encommendar a roupa de luto.

Uma tarde em que arrastava a sua angustia pelas ruas de Paris, não poude conter-se e entrou na luvaria.

Joanna não pareceu surprehender-se ao vel-a envolta em crepes e approximou della a caixa das luvas de camurça preta. Nenhuma das mulheres pronunciou palavra. Pensavam talvez que qualquer phrase iria offender a sombra do morto querido?...

Os dedos tremulos da enamorada acariciavam suavemente os da mãe. E, de subito, esta apertou as mãos da vendedora com tanta e prolongada ternura que a compra das luvas ficou interrompida por alguns minutos, e as duas desditosas se olharam com os olhos cheios de lagrimas.

A Canção

Charles Poley

Desde que correu o boato em Laval que Mme. de Gracigny ia obter perdão, os camponezes, a quem confiara sua filhinha, tornaram a levar-lh'a, e ella ficou autorizada, até a sua libertação, a conserval-a comsigo na prisão. Marianna era uma creança agradavel. A desgraça desenvolvera extraordinariamente sua intelligencia e sensibilidade; si desvanecera o brilho de sua tez de flor de botão, emprestara a seu olhar, o seu sorriso, a todos os seus gestos, uma graça timida, resignada e tocante. Nada era mais lindo do que vel-a ajoelhar-se entre nós, erguer seu rosto puro, e juntar suas mãosinhas delicadas para a oração da noite. Nós nos calavamos muitas vezes para surprehender as palavras de sincero fervor que ella mesma juntava ás orações. Sua voz, gracil ainda, encantava-nos por sua harmonia e meiga doçura. E nós enchiamos nossas horas de tristeza ensinando-lhe nossas canções da Vendéa e nossos mais bellos canticos. Ella os recordava maravilhosamente e nol-os repetia, com uma expressão de candura e de fé tão profundas, que nos olhos mais seccos ainda se encontrariam lagrimas.

Sua idade dava-lhe toda a liberdade que se póde possuir numa prisão. Por meio della, podiamos communicar-nos com os outros detentos, obter novidades e noticias preciosas para nossa miseria. Se bem, que se incommodasse bastante por ver sua filhinha atravessar incessantemente as alamedas e o pateoo da prisão, Mme. de Gracigny não ousava recusar-nos este auxilio inesperado. Durante estas ausencias, a pobre mãe, não só receava que a creança estivesse exposta ás familiaridades dos carcereiros e dos soldados da guarda, como tambem temia que estas canções, severamente prohibidas fossem ter aos ouvidos de nossos perseguidores.

Ah! com que alma febril Mme. de Gracigny esperava o perdão! Marianna, sob as apparencias de obrigação e submissão, escondia a astucia e a perspicacia. Acontecia-lhe, entretanto, não poder escapar sempre aos guardas e ás sentinellas.

Muitas vezes, por impertinencia, elles lhe impediam a passagem ou fechavam a porta, exigindo uma canção em pagamento. Nestas occasiões perigosas, a creança mostrava-se possuidora dum tacto realmente acima de

sua idade, recorrendo a mil artificios gentis para desviar o convite e, para que sem cantar, a passagem ficasse livre e a porta se abrisse. Só um carcereiro, chamado Souchse, mostrava-se menos accessivel. Um dia até, elle tomou os dois pulsos de Marianna na sua mão grosseira e, tirando o cachimbo da bocca, resmungou:

— Já que me recusas, sou eu que vou cantar. Ouve lá:

Sobre o throno que cáe e se esborôa,
ponhamos teu barrete, ó Liberdade.
Funda-se em taça a estupida corôa,
para beber, irmãos, á Humanidade..
Que os canhões, tantos annos encra-
[vados,
gravem no céu em letras immortaes,,
contra os senhores maus, desapiedados:
Somos todos irmãos, somos iguaes!!

Elle sabia outras estrophes peores que esta e Marianna era obrigada a ouvil-as até ao fim, porque Souche não lhe largava os pulsos. O peor foi que elle mandou-a repetir a canção. Ella esforçou-se então para tomar a physionomia duma menina preguiçosa e estouvada:

— E' muito grande e muito difficil. Depois se me demoro, mamãe reprehender-me-á.

Ella poude soltar-se. Mas desde então, cada vez mais tenaz, presentindo a repugnancia que causava, Souche parava-a a cada encontro, agarrava-a pelos pulsos e recitava sua canção. A pobre Marianna, não podendo collocar as mãos captivas sobre os ouvidos, escutava a melodia e as palavras, contra a vontade· Na volta, perturbada, confessava a Mme. de Gracigny:

— Oh! mamãe, este malvado Souche cantou-me ainda sua terrivel canção. Por mais que me segure pelos pulsos, não a repetirei, pódes estar certa... Sómente, á força de ouvil-a, ella me persegue, entra-me na cabeça, **creio que a sei!** E, portanto, eu te juro, querida mamãe, que não é por minha culpa!

Nós a consolavamos da melhor maneira. Depois de tantos sustos corajosamente affrontados, esta frivola dor de creança dilacerava-nos o coração e nunca, tambem nós, desejaramos mais ardentemente a vinda do perdão..

Uma manhã, Mme. de Gracigny recebeu um aviso officioso e anonymo que a exhortava a reclamar seus papeis o mais depressa possivel. Os acontecimentos tragicos, imminentes em Paris, podiam, por desgraça e dum momento para outro, acarretar a revogação do perdão. Este bilhete alarmou ainda mais a infeliz mulher porque ella não sabia como enviar sua reclamação ao tribunal. Neste mortal embaraço, a mulher do carcereiro, que nos havia testemunhado alguma sympatria, offereceu-se, no mesmo dia, para conduzir até lá, Marianna munida de uma carta de sua mãe.

Não havia outro recurso.

Emquanto Mme. de Gracigny explicava a questão a Marianna e lhe recommendava que não se perturbasse perante o tribunal, nós a vestiamos ás pressas. Uma enfiava-lhe sua saia recentemente engommada, outra endireitava-lhe o chalezinho de musselina, uma terceira prendia-lhe os cabellos com a fita menos desbotada que pudemos encontrar. Nós a fizemos tão bonita quanto foi possivel, o que não era aliás muito difficil. Ella partiu, tão cheia de conselhos e injuncções que qualquer outra creança em seu logar, sentir-se-ia atrapalhada.

Até seu regresso, nós nos conservámos angustiados á janella gradeada que dava para o pateo.

O portão abriu-se emfim, e Marianna appareceu.

Ao vel-a voltar com a cabeça tão baixa, uma terrivel apprehensão dominou-nos. Ella o adivinhou sem duvida, porque, levantando para nós o rostinho pallido, agitou no ar os papeis libertadores. Mas, contra seu costume, atravessou o pateo em passo lento e pareceu-nos que parou varias vezes no corredor. Assim que attingiu o limiar da porta nós nos precipitámos:

— A ordem de perdão, Marianna?

Ella a extendeu a Mme. de Gracigny com um gesto vagaroso e, emquanto que esta a lia avidamente, com o olhar desolado evitando nossos olhos, a creança aproximou-se do pequeno enxergão que lhe servia de leito e ahi deixou-se cahir.

Inquietas com esse procedimento, algumas de nós nos approximámos della. Então, como se fosse dormir, ella estendeu-se na cama e, arisca, escondeu a linda cabeça em seus braços dobrados. Olhamo-nos desconcertados. Mme. de Gracigny, refeita de sua primeira alegria, notou por sua vez a estranha attitude de Marianna.

— Queridinha, sou eu, tua mamãe!

Sem descobrir o rosto, Marianna soltou um surdo gemido. Mme. de Gracigny acariciou-lhe o pescoço com a mão e, sentindo-lhe a pelle ardente, inclinou-se, procurando fazer escorregar a filhinha para seus braços. Mas Marianna resistiu. Então, sua mãe alarmou-se:

— Tu me assustas, querida... Olha-me... Responde-me... Fala-me com a tua linda voz de que nós tanto gostamos!

A estas palavras, Marianna começou a soluçar:

— Oh! mamãe, mamãezinha, não me fale de minha voz. Isto me afflige tanto!

— Creancice singular! Agora não é hora para afflicções, Marianna; o bom Deus acaba de restituir-me a liberdade: é preciso agradecer-lhe junto commigo.

Mme. de Gracigny pronunciou estas palavras com uma voz tão firme que sua filha não resistiu

mais. Poz-se de joelhos ao lado de sua mãe, e, em torno dellas, com um fervor unanime, rezamos acções de graças. Percebemos que Marianna tremia, e que nenhum movimento agitava seus labios fechados.

Mme. de Gracigny interrompeu a oração e perguntou num tom zangado:

— Que é que isto significa? — Soluços mais profundos sacudiram a pobre Marianna.

— Oh! mamãe, não me atrevo... não quero que a prece se profane em meus labios. Se soubesses, mamãe, o que disseram meus labios! Ah! se o soubesses!

Ella mesma, desta vez, atirou-se nos braços de sua mãe e, escondendo ainda seu rosto, com a cabeça baixa e a voz desolada, ella contou a dor que a opprimia:

— Quando cheguei á sala do tribunal, a mulher do carcereiro parou na porta e me empurrou para a mesa onde estavam os tres juizes. Cumprimentei-os tão gentilmente quanto pude e entreguei-lhes tua carta. Elles a leram um após o outro e dois destes senhores me sorriram. Mas o terceiro franziu o sobronho:

— "Tenho, com effeito, na minha pasta, disse elle, as cartas de perdão da cidadã de Gracigny, mas estou tardando a entregal-os porque tenho razões para suspeitar do seu patriotismo.

"Elle pronunciou a palavra **fanatismo** e muitas outras palavras que me eram desconhecidas. Julgo portanto comprehender que elle se referia a nossos lindos e queridos canticos. Elles discutiram ali por tanto tempo que tornei a approximar-me, fiz de novo minha reverencia e pedi muito delicadamente:

— "Senhores, dêem-me o perdão de minha mamãe; eu o peço de todo o coração.

" — Dê, disseram os que me tinham sorrido, dê-lhe os papeis. Ella os pede com uma voz tocante demais para não ser attendida.

"— Sim, tornou o mau juiz, ella tem a voz tocante, tão tocante que é até utilizada indignamente para excitar o mau espirito dos detentos. Os senhores mesmo podem julgal-a: pedi a esta creança para cantar-vos as canções que lhe ensinaram.

"E jogou as preciosas cartas deante delles com um riso tão mau que adivinhei que elle me preparava uma armadilha. Da porta, a mulher do carcereiro, branca de medo, fazia-me signaes para que não obedecesse. Eu pensava: "Se não cantar, elles recusarão o perdão e nós não deixaremos mais esta maldita prisão. Se cantar, meus canticos lançarão a desgraça sobre todos os prisioneiros". E eu estava com o coração tão agitado que não podia mais reter as lagrimas em meus olhos. Ah! mamãezinha, como estava afflicta! O mau juiz já ia collocar de novo as cartas na pasta. Então, — oh! sem o querer, mamãe, juro-te! — lembrei-me de repente da horrivel canção, a canção de Souche. Pensei que o mau juiz ficaria bastante logrado, e Eouchou, seu espião, ainda mais. E immediatamente, muito depressa, sem reflectir, sem ouvir-me cantei-a.

"Os dois bons juizes riram-se bastante e deram-me as cartas, emquanto que o mau fazia uma cara feia. Escapei-me, apertando os papeis na mão como se os transeuntes m'os fossem arrancar. Foi só deante da porta da prisão que me lembrei do que acabara de fazer. Tive tanta vergonha, oh! tanta, tanta vergonha..."

Ella escondeu novamente seu rosto puro em suas pobres mãos delicadas e gemeu numa torrente de lagrimas:

— Queria tanto que me perdoasses, mamãe! Perdôa-me: não comprehendi no momento que era uma covardia para uma vendeana! Ah! agora, não poderei nunca mais ficar orgulhosa de minha vez!...

E, até á partida de Mme. de Gracigny, lhe prodigalizámos todas as nossas palavras, todos os nossos beijos, sem poder apagar o escrupulo delicado deste coraçãozinho desolado...

O Amoroso Obstinado

GABRIEL TIMMORY

John Kennox acabava de ser promovido a auxiliar de polidor dos focinhos de porco, em uma usina de Chicago, quando encontrou Edith Westerbound que trabalhava na qualidade de dactylographa nos escriptorios da mesma usina. Edith tinha os cabellos de ouro, uma compleixão delgada e um andar gracioso. Ella agradou. Infelizmente, elle não lhe produziu a mesma impressão: apreciava, apenas, nelle qualidades de seriedade, uma actividade infatigavel, um modo de julgar acertado, um coração leal; mas ella não se podia acostumar á rusticidade de suas maneiras e os seus modos desastrados de portar-se.

Assim, quando, depois de um flirt de algumas semanas, elle lhe exprimiu o desejo de esposa-la, ella respondeu de forma a convence-lo que a sua pretenção era descabida.

— Sei — disse elle — o que a impede de me satisfazer. Sou pobre como a senhora e, por isso tem medo de unir a sua miseria á minha. Mas, não precisa inquietar-se: o amor duplicará minha energia e tornar-me-hei rico.

— John, você está completamente enganado. O que me afasta de si, não é uma questão de dinheiro. Receio que não chegarei a ama-lo como merece. E é por isso que eu prefiro não me tornar sua mulher.

— Sei bem que o consentiria — exclamou elle, — se eu possuisse somente a metade da fortuna de Rockfeller.

— O duplo que você tivesse— retornou Edith, sempre com doçura e firmeza, — não me faria mudar de resolução. Você me conhece muito mal, John. Sou americana. Quero aquillo que quero. Prometto-lhe que jamais será meu marido.

— Edith — declarou, elle, — você, tambem, me conhece muito mal. Prometto-lhe que acabarei obtendo a sua mão.

— Veremos ! — Murmurou Edith.

John Kennox se poz a trabalhar furiosamente: de auxiliar de polidor tornou-se chefe dos polidores de focinhos de porco; depois foi nomeado inspector geral da escolha das sedas. Foi então que tendo encontrado uma tarde, numa rua de Chicago, um capitalista alcoolico em estado de embriaguez, fe-lo seu associado numa grande empreza de pasta contra a carie dentaria. Separou-se delle um anno depois para se atirar em um importante negocio de bolhas de sabão inquebraveis, para crianças desastradas, onde ganhou uma fortuna. Mas sossobrou nos oleos para conquistar, em seguida, uma brilhante situação no melaço. Possuia trezentos milhões de dollares. Tinha chegado o momento de procurar Edith, que havia perdido de vista. Descobriu-a, casada com um professor de esgrima com guarda-chuva.

— Está vendo como não me desposaria ?

Elle respondeu friamente.

— Não vele a pena desesperar de nada. Poderá divorciar-se.

— Nunca!

— Então, ha de ficar viuva!

E, com effeito, ficou. Quando John se lhe apresentou, ella recusou novamente a sua pretenção

* * *

Edith se poz a viajar. Elle a seguiu.

No Pão de Assucar, no Rio de Janeiro; no porto de Antuerpia; á beira de diversos canaes em Hollanda; no Egypto, deante das pyramides e dos seus quarenta seculos, John, obstinado, lhe tornava a pedir a mão que ella recusava em toda a parte com uma incansavel pertinacia.

Elle nunca se sentiu desencorajado. Persistia em seguil-a. Um dia, o "steamer", onde se encontravam juntos, naufragou. Não longe da costa, John, que se havia refugiado num bote, avistou Edith, debatendo-se no meio das vagas.

Lançou-se nagua e nadou vigorosamente em seu auxilio.

— Dê-me sua mão! — disse-lhe elle ao chegar proximo do local onde ella se encontrava.

Edith recusou e se deixou afundar.

Elle a segurou pelos cabellos e salvou-a, desmaiada.

Quando voltou a si (e não a elle), ella o felicitou pelo seu heroismo sem comtudo deixar de o despersuadir.

Cançada de suas assiduidades, ella conseguiu escapar-lhe . John lançou em sua pista todos os detectives da policia particular, sem chegar a saber onde morava.

Estava em Paris. Passou ahi alguns mezes calmos, desembaraçada do seu pretendente e muito feliz, até a tarde, em que fôra atropelada, no boulevard Haussmann, por um "tramway".

Tinha o ante-braço direito esphacelado. No hospital trataram de fazer, com toda a urgencia, a amputação.

A operação ainda não tinha terminado, quando um auto, que vinha correndo com uma velocidade prohibida, seguido por uma turma de Motocycles da Inspectoria, parou á porta do hospital. Um homem desceu precipitadamente; alguns minutos mais tarde, tornava a entrar no carro, conduzindo comsigo uma caixa contendo o membro cortado, que elle havia comprado das enfermeiras a peso de ouro.

Era John Kennox, o amoroso obstinado. Assim que chegou ao hotel, elle tratou de informar immediatamente a Edith de sua acquisição, por uma carta que terminava com esta phrase, de uma ironia feroz:

"Eu bem que lhe tinha dito que acabaria obtendo a sua mão!"

BIBLIOTECA DAS MOÇAS
Os livros não foram feitos para servir de adorno: contudo não ha nada que embeleze tanto um lar como êles. Embeleze o seu lar com uma biblioteca de autores consagrados no mundo inteiro, em traduções feitas por escritores brasileiros de renome:
LOUISA MAY ALCOTT:
1 — Boas Esposas — Trad. de Genolino Amado
CHARLOTTE M. BRAME:
2 — Louco Amor — Trad. revista por Luiz Amaral
20 — A Aliança Partida — Trad. revista por Manuel Bandeira
CECIL ADAIR:
3 — Francesca — Trad. de Godofredo Rangel
GUY WIRTA:
4 — Nina Rosa — Trad. revista por Luiz Amaral
GUY FOWLER:
5 — O Amor Nunca Morre — Trad. de Azevedo Amaral
FLORENCE L. BARCLAY:
6 — Um Nobre Amor — Trad. de Luiz Amaral
28 — O Rosario
ELINOR GLYN:
7 — Por Que? — Trad. de Paulo de Fretias
8 — O Grande Momento — Trad. de Ruth A. de Mello
17 — Seis Dias de Amor
29 — O Diario de Evangeline — Trad. de Tatti A. de Mello
CONCORDIA MERREL:
9 — O Casamento de Anna — Trad. de Azevedo Amaral
11 — Casamento de Experiencia — Trad. de Oliveira Ribeiro Netto
W. HEIMBURG:
01 — Vendida! — Trad. revista por Godofredo Rangel
GUY DE CHANTEPLEURE:
12 — Noiva
13 — Beijo ao Luar
MARIE BELLOC LOWNDES:
14 — Paixão e Sangue — Trad. de Azevedo Amaral
25 — Redimida — Trad. de Azevedo Amaral
HENRI ARDEL:
15 — Filha e Rival — Trad. revista por Godofredo Rangel
27 — Abandonada
MARION FORRESTER:
16 — Primeiro Amor — Trad. de Oliveira Ribeiro Netto
DYVONNE:
18 — O Rapto de Jadette — Trad. de Sara Pinto de Almeida
T. TRILBY:
19 — Uma Moça de Hoje
EMMA SOUTHWORTH:
21 — A Sogra — Trad. de Oliveira Ribeiro Netto
M. DELLY:
22 — Elfrida
26 — Escrava... ou Rainha? — Trad. de Paulo de Freitas
ACTON DAVIES:
23 — O Perfume do Passado — Trad. de Flavio de Campos
EVELINE LE MAIRE:
24 — O Noivo Desconhecido — Trad. revista por Manuel Bandeira
EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES 118 — S. PAULO

Oforeno
Ao OFORENO devo o viço das
rosas de minha face
OFORENO é o regulador por excel-
lencia do cyclo menstrual
Formula do Prof. Fernando Magalhães
Associação opotherapica de effeito
rapido e seguro
DEPOSITARIOS:
Araujo Freitas & Cia.
RIO DE JANEIRO
OFORENO
OFORENO
REGULADOR HORMONICO
DO CYCLO MENSTRUAL
SÃO PAULO